



SUPPLEMENTO
A'
CONSTITUIÇÃO MORAL.

CONTENDO A EXPOSIÇÃO
DAS
PRINCIPAES VIRTUDES E PAIXÕES;

E
APPENDICE
DAS
MAXIMAS DE LA ROCHEFOUCALD,
E
DOUTRINAS DO CHRISTIANISMO.

POR
JOSE DA SILVA LISBOA.



RIO DE JANEIRO.
NA TYPOGRAFIA NACIONAL. 1825.

V
170
C385
SCMD
1825

BIBLIOTECA
MUSEU
1825
de 385
etc

SUPPLEMENTO

CONSTITUÇÃO FEDERAL

CONTENDO A EXPOSIÇÃO

DAS

PRINCIPAIS VIRTUDES E PAIXÕES

E

APPÊNDICE

DAS

MAXIMAS DE LA ROCHFOUCAULD

E

DOCTRINAS DO CRISTIANISMO

PODE

SER EM ÚTIL APLICAÇÃO

RIO DE JANEIRO

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 1349

do ano de 1946

SUPPLEMENTO

A

CONSTITUIÇÃO MORAL,

CAPITULO I.

Das Virtudes, e Paixões; e das Boas, Más, e Equivocas Qualidades Moraes.

NA Parte II. desta Obra Cap. X. e seguintes dei idéa da *Virtude Natural*; e na Parte III. expuz os *Deveres Moraes*, os mais communs da Humanidade, indispensaveis a formar o *Perfeito Character* do homem *probo*, e *virtuoso*, quanto he compativel com o decadente estado de sua primordial Constituição. Reservei para este Supplemento fazer a *Synopse dos Deveres Christãos*, que annunciei no fim do Cap. I. da dita Parte III., afim de completar o emprehendido proposito, sendo impossivel fazer abstracção metaphysica das luzes da Revelação. Antes de cumprir esse annuncio, convém amplificar o exposto com doutrinas interessantes; a fim de se ter adequada idéa das *Virtudes, e Paixões*, e das *Qualidades Moraes* de certas acções humanas, que tem com ellas analogia e afinidade, e de que grande (se não a maior) parte das pessoas não tem noções claras.

CAPITULO II.

Da Diferença entre Probidade e Virtude.

O Escriptor da *Moral Universal* — define a *Virtude* — a vontade habitual de contribuir á felicidade dos entes com quem vivemos na sociedade. — Diz que amar a virtude he interessar-se pelas acções uteis ao Governo Humano; que a virtude he a recompensa de si mesma; que deve ser fundada na experiencia, reflexão, e verdade; — que não consiste na renuncia dos individuos á todo o amor de si, nem em o cruel sacrificio de todo o interesse; que toda a virtude, levada á excesso, degenera em loucura &c. Por vezes tenho nesta obra citado a esse Escriptor, precacionando os Leitores contra as suas inexactas, paradoxaes, e frequentemente capciosas e sophisticas doutrinas. Ella não declara o ponto em que a virtude tem excesso, e passa á demencia. Farei por tanto as seguintes explanações necessarias.

Virtude e *Probidade*, no sentido ordinario, se entende ser a mesma cousa; mas realmente se distinguem.

Probo, he o que exerce os Deveres Moraes no curso commum da vida, seja quaes forem os motivos de suas acções.

Virtuoso, he o que exerce os Deveres Moraes com perseverança e heroicidade em qualquer circumstancia e transe, sómente pelos motivos de obediencia á Vontade de Deos, e esperanza da recompensa na vida futura.

A *Probidade* se póde exercer por *bom natural*, boa educação, bons hábitos, inte-

resse bem entendido; pela insensível força dos bons exemplos; e da boa companhia em que se vive; pelo indirecto, mas eficaz, influxo de *respeitos humanos*; pelo receio de descredito, e de odio de seus semelhantes; ou finalmente por temor de castigo.

A *Virtude* presuppõe *esforço de espirito*, que vence tentações e difficuldades, e se priva de prazeres illegitimos, pura e simplesmente pelo motivo da observancia da Vontade Divina, de que ha certeza, sem alguma attenção aos interesses do mundo, com firme resolução de qualquer sacrificio, ainda da propria vida, sendo necessario. Os exemplos dos martyrios que tem havido pela causa da Religião, da Patria, e da Virtude, á que de todo o coração e valerosamente se submetterão ainda individuos das classes inferiores, constantes da historia, são provas desta verdade.

O Juizo do Genero Humano até dá aos Virtuosos heroicos o *character* de *santidade*, que os constitue Padrões e Modelos aos contemporaneos e vindouros; e tal he a saudavel impressão que faz em todos os espiritos, ainda do vulgo, a leitura, ou recita de suas esplendidas acções, que ella excita a mais viva e perenne emoção de *admiração* e *veneração*: então os leitores e ouvintes, ainda os mais zelosos no cumprimento de seus *deveres moraes*, fazem a devida justiça ao merito transcendente, reconhecendo, que a propria probidade está mui abaixo de tão acrisolada virtude. Por isso o Poeta Moralista *Horacio* dá o preceito aos Escriptores de Composições Dramaticas, que, para agradarem aos Espectadores no Theatro, e adquirirem

credito, bem olhem para esses *Exemplares da Vida e dos bons costumes.* *

Tem-se feito volumes de Dictionarios, e de Biographias de *Homens Illustres*; mas nelas tem *inglobadamente* entrado sabios, artistas, Reis, e Nobres, que tem, mais ou menos, contribuido para o bem do Genero Humano, incluindo-se tambem de envolta os que tem ainda mais cooperado para a sua desmoralisação, e ruina. Ainda he — *Desideratum* — na Republica das Letras huma *Encyclopédia Biographica*, só contendo a descripção da vida e heroicidade dos virtuosos da primeira ordem, que tem dado os melhores exemplos de pura virtude. Tal obra muito extenderia a sãa Moral Publica.

C A P I T U L O III.

Classificação das Virtudes Humanas.

ALguns Moralistas tem reduzido todas as virtudes Humanas á duas classes, *Justiça*, e *Benevolencia*, considerando virtuosa toda a pessoa, que não obra mal, e faz todo o bem que lhe he possivel á seus semelhantes. Outros as reduzem á *Prudencia* e *Temperança*. Porém estas classificações são incompletas, por não comprehenderem os deveres do homem á Deos, e á si mesmo.

Outros Moralistas tem feito longos catalogos das virtudes e dos vicios oppostos. Isso exigiria prolixa exposição. Aqui só exporei com alguma analyse as principaes Vir-

* Respicere exemplar vitæ morum que jubebo.— Hor. Art. Poet.

túdes e Paixões, enumerando nos seguintes breves capitulos as Boas, Más, ou Equivocas Qualidades Moraes, que distinguem os ordinarios ou mixtos caracteres dos homens. Farei breve explicação de algumas, que são ou synonymas, ou menos obvias.

C A P I T U L O IV.

Da Influencia da Constituição Physica do Homem na sua Constituição Moral.

Ainda que seja verdade trivial, que o homem, pela Constituição Physica, he composto de tres naturezas, *material, animal, e espiritual*, comtudo, ella se mostra importante, quando se considera a influencia daquella Constituição na Constituição Moral, pelos seus effeitos na energia, bondade, ou injustiça das acções humanas.

A Escripтура declara, que, depois de creado o Mundo, Deos disse, que todas as cousas creadas erão *muito boas*. (Genes. Cap. I. # 31). Sendo o homem a preeminente creatura da Terra, está claro, que as duas qualidades inferiores que entrarão na composição de sua essencia, estavam subordinadas á Potencia Intellectual Predominante. Porém, aindaque essa subordinação regular se pervertesse pela fatal ruina, que sobreveio á original Constituição *, comtudo

* Cada pessoa tem em si o testemunho da propria Consciencia que S. Paulo de si dá: — sinto nos meus membros huma lei que repugna a lei do meu espirito, e que me sujeita ao peccado: o que vejo ser bom, não faço; o que reconheço ser máo, isso obro. — Ep. ad Rom. Cap. VII.

não se destruiu inteiramente, e se pôde muito restabelecer pela Religião, e cultura do entendimento. Isto exige analyse.

O homem, *pela parte material* do seu corpo, he sujeito á *Cosmologica Lei da Inercia*, em virtude da qual, tudo que he materia, resiste á *força matriz*, ou á qualquer nova direcção de movimento, e tende ao descanso; e tãobem, por essa parte, he suceptivel do influxo dos entes materiaes, que o cercão, e cujas accões e reacções estão ligadas com o systema do Universo.

A bondade desta parte da Constituição do homem se manifesta pela necessidade do repouso, em justa proporção do trabalho preciso a procurar os bens da vida. Tambem serve: 1.º de obstar á destemperada actividade de alguns individuos, e perturbadores publicos, que seriam capazes de fazer grandes males; 2.º de resistir á precipitadas e perniciosas innovações nos Estabelecimentos civis, religiosos, e economicos, para dar firmeza, e duração ás cousas, e, em quaesquer mudanças, e crises, ter lugar a serena e circumspecta consideração dos genuinos Interesses da Nação, e, em consequencia, o se poderem prevenir violentas reformas, e atrabilarias revoluções nos Estados, com o pretexto de melhoramentos, que muitas vezes são visionarios, contra a experiencia dos seculos, os quaes assaz tem mostrado, que esses expedientes centuplicão as desordens que se tentavão remediar. Porisso não deixão de ser, quanto para esse effeito, uteis as Ordens e Communidades de varias sortes, pela sua machinal resistencia á novidades perigosas, oppondo-lhes o que se diz — *espirito de corpo*.

— Todavía esta *força de Inercia* he huma das maiores causas do atrazo da civilisação, e do cumulo de miserias da Humanidade; pois, em razão do pezo do corpo, a indolencia, e preguiça são vicios de universal influxo.

Se todos os individuos se submettessem á certa porção de *trabalho regular*, e *escolhido* conforme o seu genio, ou natural talento, sobejaria muito tempo para honesto descanso, e util estudo; e, em consequencia, a Geral Industria seria a mais bem dirigida e productiva, afim do maior possivel supprimento de todas as classes, conforme á sua cooperação á Tarefa Social; muito mais se as Nações Cultas adoptassem o Liberal Systema de Commercio Franco e Legitimo.

Porém, no quasi geral juizo, o *summo bem* he *fazer nada*. Eis a primitiva e incessante causa, e origem da guerra, escravidão, miseria! Eis porque ainda se persevera no trafico de sangue humano do Commercio d'Africa, sem que alias os Europeos tenham o menor pretexto de allegar injuria ou provocação dos Povos Africanos! E se dizem *homens*, e Christãos, não obedecendo á sentença do Creador — *Comerás o pão com o suor de teu rosto!* (Genes. Cap. III. v. 19)

O homem, pela *parte animal*, recebeo do Creador varios *Principios activos*, adequados a vencer a inercia da materia, para exercitar as industrias uteis á sua aprazivel existencia. Tem além disto o *dote da sensibilidade*, pelo qual soffre dor, e tem prazer, conforme certas sensações lhe são desagradaveis, ou agradaveis, e, em consequencia, quanto póde, evita aquellas, e procura estas. Desta

sensibilidade resulta o *resentimento*, que he o escudo contra o aggressor de sua pessoa, e vida, com que instantaneamente rebate qualquer ataque.

Tem-se distinguido o *resentimento* em *instinctivo* e *deliberativo*. Aquelle opéra no homem exactamente como nos mais baxos animaes: parece evidentemente destinado pelo Creator para nos guardar contra subita violencia, nos casos em que a razão viria muito tarde para nossa assistencia. Esta especie de *resentimento* cessa, logo que nos convençemos de que o ataque foi de encontro casual, ou sem animo de offensa. O *resentimento* deliberado he excitado sómente quando ha injuria intencional da parte do offensor: elle envolve o sentimento de justiça que cada hum deve á si mesmo. Toda a pessoa de razão deixa de mais resentir-se, quando se lhe dá justa satisfação, e reparação do damno. O *resentimento* prolongado produz o vicio da vingança, que muitas vezes dá impulso á crimes.

Os *Principios activos* da Constituição physica do homem, e que são communs aos irrecionaes, vem a ser os appetites da comida, da bebida, da sociedade, do sexo: os dous primeiros são destinados á preservação do individuo, e os dous ultimos á continuação da Especie, e reciproca ajuda. Sobre estes principios activos, o amor da prole ainda mais dá excitamento animal para industria activa.

Eis os constantes estimulos para o trabalho necessario, e o complemento da população do Globo; e, ao mesmo tempo os penhores da virtude, harmonia, e prosperidade geral: elles tãobem são os mananciaes

dos gozos da vida, que se renovão com perenne e innocente satisfação, quando se limitão a preencher o destino da Natureza. Se taes principios não operassem, no geral, com intensidade competente, toda a sociedade seria triste scena de torpor, e horror, qual se vê no estado salvagem.

Porém o homem, pela decadencia de sua constituição, quasi se transformou em *animal ferino*; e, imitando muitas vezes na cohera, violencia, e crueza os dragões, e tigres, se tem, em todos os seculos, paizes, e grãos de civilisação, mostrado o *Destroidor* da propria raça; o que não se vê ainda nos brutos mais carneiros. Desta metamorphose se originarão as *paixões* mais indignas e atrozes.

O homem, *pela parte espirital*, tem em si a *Imagem Divina*, que se eclipsou, mas não se extinguiu, com a decadencia da constituição. O *dom do entendimento*, (que ainda he grande, e ampliavel) he o *Principio Rector*, que lhe foi concedido pelo Creator, como o Poder Moderador para dirigir as operações machinaes e animaes do corpo, afim de que sejam sem excesso, nem defeito, e tenha o *maximo* dos bens, e o *minimo* dos males physicos, quanto he compativel com a ordem cosmologica.

Para esse effeito, o mesmo Creator infundio em todo o homem o instincto de curiosidade, e o desejo de conhecimento, de estima, e emulação de excellencia e primazia nas habilidades intellectuaes, e qualidades moraes. Deste instincto e desejo se deriva o *amor da sciencia e virtude*, pela qual os bons aspirão a se distinguirem em superioridade de luzes, e de facultades de bemfazer a

Humanidade, preenchendo dignamente o seu assignado posto no Theatro da existencia.

Tambem para altos destinos o benigno Creador inspirou em todos os animos ancia de melhorar de condição, esperança de boa fortuna, insaciabilidade de bens terrestres.

Finalmente o espirito do homem he susceptivel de affectos benevolos, e malevolos. *Affectos benevolos* são o amor conjugal, paternal, filial, fraternal, parental; a amizade; o patriotismo; a gratidão; a compaixão; a philanthropia. *Affectos malevolos*, são o odio, ciume, inveja, vingança, mysanthropia. A bondade do Creador fez que todos os affectos benevolos produzão sensações agradaveis em quem os manifesta; e os affectos malevolos sejão fontes de dôr, inquietação, perigo, insomnios, susto, mortificação. Que tormentos de espirito não soffre o invejoso, o ambicioso, o odiento!

Os affectos, quando são excessivos, se dizem *paixões*, porque reduzem o espirito quasi á estado *passivo*, e incapaz de acção deliberada, ou prudente: então muitas vezes degenerão em vicios e crimes.

CAPITULO V.

Das Paixões.

P*aixão* he a forte emoção do espirito, que o excita para alguma acção externa, por impulso dos naturaes instinctos, sentimentos, e appetites do homem. Ha paixões racionais, e animaes, regulares, ou violentas. Quando são regidas pela razão, e não transpassão os fins da Natureza, são necessarias,

rectas, e de bons effeitos; quando se rebelião contra a razão, e exorbitão dos objectos destinados pelo Creator que as deo, são impetuosas, maleficas, e causão os horridos males moraes, que consternão a Humanidade. Então se denominão *paixões desordenadas*.

As *Paixões* tem sido postas em contraste com as *Virtudes*. Na verdade, onde as *Paixões* violentas predominão, as *Virtudes* se afracão; mas onde as *Virtudes* prevalecem, ellas comprimem, ainda que não exterminem, essas *Paixões*. Por desgraça da Humanidade, nem a Politica, nem a Philosophia, e nem ainda a Religião, tem podido completamente disciplinar e regular as *paixões* contrarias ás *Virtudes*.

Os Moralistas tem reduzido á duas classes as causas das *paixões* irrationaes e violentas, e são, *Malicia*, e *Ignorancia*.

Na verdade, attenta a innegavel decadencia da priméva constituição do homem, que foi (como se diz na Escriptura) creado *recto*, e pouco menos do predicamento dos Anjos, os vicios e crimes da maior parte dos homens procedem mais da *Malicia*, do que da *Ignorancia*. Aquella malicia se nota ainda nos meninos, que são rixosos com seus companheiros, se batem com impetuosidade, e se comprazem das malignidades e cruezas que commettem, especialmente com animaes, e os que são mais fracos. Onde ha escravos, os filhos dos senhores são pequenos tyranos, que marcão as feições da colera de seus pais contra os servos que sevicião, e os imitão na violencia. A crueldade que he tão geral nos povos, sejam salvagens, sejam civilizados, demonstra aquella radical e inextinguivel

malicia: esta ainda mais se evidencia pela continuação da guerra, escravidão, tortura, calúnia, falsidade de tantas sortes; e de assassinio, suicidio, roubo, duelo, calabouços, patibulos de tantos horrores.

Tambem he incontestavel, que a ignorancia dos homens muito alarga o imperio das paixões, e os seus resultados. Se cada facto immoral tivesse logo a pena de immediata de dôr ou morte, a evidencia do mal peremptorio e inevitavel, impossibilitaria a reincidencia na culpa. O que se queimou no fogo, bebeu veneno, cahio ao mar, se he salvo, não torna a expor-se ao perigo.

Mas isso não acontece em multidão, de outros casos, cujos máos e mortiferos finaes resultados só apparecem em série de remotas consequencias. Ha gozos presentes que por fim produzem desgostos, dores, e misérias: porém a experiencia tambem mostra, que muitos máos e voluptuosos tiverão longa carreira de vida, e até morrerão saturados de riquezas, honras, e dignidades. Eis a razão de tão geral illusão dos que se precipitão á crimes, e se engolfão em prazeres immo-dicos, e injustos, fataes á si, e á seus semelhantes.

Quanto os homens mais se instruem, tanto menos são sujeitos ás paixões; de dia em dia experimentando os funestos resultados, que, no geral, não deixão de se manifestar por força da Ordem Moral da Constituição do Mundo, que se expoz na Parte II. Cap. II. e III. desta Obra. Porisso, quando se refere de alguem acreditado por instruido algum grave vicio, e delicto, he instantanea a negativa, e presume-se haver calúnia de intrigante e

maledico no relatorio; e, ainda com evidencia de prova, causa espanto pela inverosimilhança. Isto convence a importancia da diffusão da instrucção util no povo.

As paixões desordenadas, em ultima analyse, se pôdem considerar ter por causa unica o *excesso do amor-proprio*, pelo qual cada individuo desejaria, se possivel fosse, fazer a sua vontade, sem resistencia, subtrahir-se á Lei do trabalho, e adquirir superioridade sobre os outros homens para dispor de suas pessoas, e dos fructos da respectiva industria.

As paixões irracionaes e violentos procedem de excesso e abuso de instinctos sentimentos, appetites, e desejos da natureza humana, que aliás são necessarios, e uteis para a conservação e prosperidade dos individuos, e da propagação e melhora da Especie. Por exemplo.

O *appetite da comida, e bebida* degenera em canibalismo, glotanaria, e embriaguez. O *appetite do sexo*, degenera em lascivia, *venus vaga*, e brutalidade.

O *desejo de gozo* degenera em ataque dos bens alheios, para os desfructar sem o custo do trabalho necessario, e ainda para dissipar os productos da propria industria, sem calculo das consequencias, e até pela má conta de não economizar, por intemperança, os prazeres actuaes, com perda de futuros e mais perennes gozos.

O *instincto da curiosidade* degenerou em pesquisa de objectos que estão fóra da esphéra do entendimento humano, e assim se forjou falsa, e perniciosa sciencia, que assoberba os presumidos de sabios, e com que tanto se

tem perturbado, e destruido a Humanidade; chegando ao extremo de se arrogarem a *infallibilidade*, e porisso perseguindo aos de contrarias opiniões.

Os innatos esforços de melhorar de condição, com a esperança da boa fortuna, e emulação de excellencia; o *amor da estima, honra, fama, e gloria*, tem degenerado em ambição de dominar, em abarcamento de bens, e em vil inveja, as quaes tem occasionado os furores de guerras, os reinos de terror, e os horridos systemas de cativo e despotismo.

O *amor do deseanço* degenera em inercia, que resiste á industria regular; sendo por isso immensa a difficuldade de attrahir os salvagens ao estado civilisado; e, ainda neste, he geral a ancia e porfia de todos os individuos o trabalharem o menos possivel; e, em proporção da propria intelligencia e astucia, lançarem sobre os hombros dos outros os mais penosos trabalhos.

C A P I T U L O VI.

Das Paixões desordenadas.

HA *paixões ordenadas, e desordenadas.*

Paixões ordenadas, são as que procedem de affectos doces, como a paixão do amor da amizade, da patria, da sciencia, da fama *, honra, e gloria: ellas são beneficicas, monstrando-se conveniente reguladas pela Razão e Religião, bem que sejam susceptiveis

(*) *Tacito* disse com razão — desprezada a fama, desprezão-se as virtudes.

de abuso pelo excesso além do seu natural objecto.

Paixões desordenadas são as que exorbitam da boa Ordem Moral, e tendem a damno e maleficio; e se podem reduzir á amor proprio excessivo, odio, medo, inercia, lascivia, gelosia, gula, inveja, vaidade, desesperação, superstição, fanatismo, soberba, cubica de bens, e mandos.

Toda a paixão desordenada he violenta, ainda que artificiosamente se concentre, occulte, e dissimule a inquietação do espirito, e turbação do corpo. Ella rompe em excessos de actos externos impetuosos e mortiferos, ora iastantaneamente, ora por intervallos. Ella presuppõe ardencia de imaginação, e ignorancia, ou cegueira de entendimento, que impede ver a verdade, deliberar com circumspecção; e porisso se diz, que não se póde obrar bem na força e *fogo das paixões* *, e que o *apaixonado* está *fóra de si*, e se desatina á actos de demencia como louco rematado e phrenetico.

Os temperamentos dos homens são susceptiveis de varios grãos de paixões desordenadas. Ha *paixões dominantes*, que muito assomão e prevalecem nos caracteres dos individuos. Quando alguma (ou algumas dellas) toma o ascendente, vem a predominar no curso da vida, e quasi supplanta as outras. O lascivo he pouco sensivel ás honras e riquezas; o epicureo e glotão só estima comezana: o avaro mal olha ao interesse; o

(*) S. Paulo na Epistola aos Romanos Cap. VII. vers. 5. — Em quanto estavamos na carne, *as paixões do peccado* obravão em nossos membros, para darem fructos á morte.

ambicioso unicamente, ou principalmente, aspira ao mando. * Os que tem ostentado luciferina ambição, tem reunido tambem a cubiça da riqueza; mas he pela razão de ser este o mais seguro instrumento de potencia politica, e estabilidade da dominação, liberalizando-a com os partidistas. †

De todas as paixões desordenadas, as mais universaes e terriveis são a cubiça de riqueza e dominação. Ellas tem sido as causas das mais sanguinarias Hostilidades, Tyrannias, Revoluções.

He notavel, que paixões, e as mais violentas, como a da sêde d'oiro, e do fanatismo, tenham sido os mais agudos estimulantes de Extraordinarias Emprezas, taes como a das Descobertas das incognitas Partes de Terra! A Benigna Providencia, á despeito da malicia humana, que occasionou com taes Descobertas tanta desgraça e miseria n' Africa, Asia, e America, tem já assaz mostrado á Humanidade a Divina Arte, com que sabe extrahir o bem do mal; pois que ora vê-se o portentoso resultado de se estenderem os beneficios da Revelação, e Civilisação, pela vas-

(*) Os Romanos, os mais ambiciosos povos do Mundo, tinham o furor das conquistas de todos os paizes, fossem ricos ou pobres: o seu alvo era o *imperio*, e, depois fazerm *solitão*, pelas devastações da guerra, davão á ruina o titulo de paz, com falsos nomes, tendo igual paixão pela *opulencia* ou *Indigencia*, segundo Tacito bem nota — *Opes et inopiam pari affectu concupiscunt: auferre, trucidare, rapere, falsis nominibus — imperium — ; et postquam solitudinem fecere, — pacem appellant.*

(†) Bonaparte dizia, que Poder e dinheiro erão tudo, e que tudo o mais era nada. Porém a Orbita Politica logo torneou com subito e vertiginoso impeto, e elle se reduzio á menos que nada, Grande Lição Moral!

tidão do Commercio, e incommensuravel correspondencia da Humanidade, de que ha menos de seculo não se tinha idéa, e não se considerava possível, ou praticavel.

Nos antigos governos populares se reconheceo o perigo de excitar paixões no povo. Em Athenas era prohibido aos Oradores *moverem affectos*; porque pelos artificios oratorios, e magia da eloquencia, ainda nos racionaveis affectos da compaixão aos opprimidos, e indignação contra os oppressores, na demonstração do direito de cada hum, se afogueava a phantasia dos que devião decidir as causas, impossibilitava a serenidade na Deliberação, a regularidade da Justiça, e a imparcialidade dos Juizes, que devem ser *impassiveis* como a Lei.

Os governos modernos bem á sua custa tem experimentado os pessimos effectos da liberdade de falla e escripta, com que Novadores, e Demagogos excitarão as paixões do vulgo contra reis, padres, nobres, e ricos, e ainda sabios e artistas eminentes, affectando commiseração do indigente corpo dos trabalhadores mechanicos, attribuindo a sua miseria, e desigualdade de condição, á Administração, promettendo-lhes imaginaria felicidade de *Optimismo Politico*. *

Hum dos maiores maleficios das Revoluções he o soltar dos laços da subordinação, e do dever do trabalho, regular e paciente, as classes industriosas, dando aos individuos

(*) A historia da Grecia e Roma dá instructivos documentos á esse respeito. Pisistrato em Athenas, e Antonio em Roma, com ficções e declamações ao povo se apoderarão do leme do governo.

ousadias insolentes para exorbitarem da propria esphera *, e de, em lugar de cada obreiro ter a justa emulação de rivalisar em barateza e perfeição d'obra na sua arte entre os seus iguaes em mestér, e (por assim dizer) conseguir excellencia a alteza da mestrança e principado na respectiva classe, pela preeminencia de sua habilidade e destreza; se arroçam temerarios ao vacuo cahotico de ambição desordenada de soberania politica, mais desevoltos e desorientados que os atomos de Epicureo na immensidade do espaço, ou das moleculas d'agoa do salitre reduzidas á vapôr pela explosão da polvora.

Bacon bem reflectio, que ha tres especies de ambição nos homens: huma he a de estender, por força ou fraude, o imperio de sua vontade sobre os Concidadãos; o que he appetite tyrannico, e, quasi sempre, destructivo do projectista: a 2.^a he a de estender o seu imperio despotico aos paizes estranhos; o que he appetite irregular e deshumano, que acha encontro no odio do Genero Humano contra os Devastadores, no amor da Patria e da Independencia de todos os povos cultos, e no Ciume e Interesse dos Potentados estabelecidos: a 3.^a, a mais natural e innocente, he a de estender o *Imperio da Intelligencia* sobre a Natureza, e o da *Virtude* sobre a Sociedade: sendo porém esta a mais honesta e sublime ambição, poucos a tem, e todavia ella he, depois da Religião, a principal causa da prosperidade temporal,

(*) *Mirabeau*, hum dos mais atrabilarios Coryphêos da Cabala Revolucionaria da França, apregou, que se devião castigar nos ricos os crimes dos pobres, como causas delles.

de que os homens são capazes no seu presente estado.

As *Constituições Estadísticas* tem sido excogitadas para conter em justos limites as ditas duas mais refractarias e incompressíveis paixões da *cubiça de dominação*, e a *de riqueza*, tanto de Cabeça como dos Membros, do Corpo Politico. *Equilibrio de Poderes!* Eis o difficil Problema. Onde se achará, *ouro fio*, a Balança de Astrea? Contentemo-nos com a aproximação.

Concluirei com as reflexões dos Principes dos Poetas Lusitanos, que bem descreve os maleficios das paixões da cubiça de riqueza e dominação nas suas *Lusiadas* Cant. IV. Est. 95. e Cant. VIII. Est. 96.

Oh gloria de mandar! Oh vã cubiça
 Desta vaidade, a quem chamamos fama!
 Oh fraudulento gosto, que se atiça
 Co' huma aura popular, que honra se chama!
 Que castigo tamanho, e que justiça
 Fazes no peito vão que muito te ama!
 Que mortes! Que perigos! Que tormentas!
 Que crueldades nelles experimentas!

Veja agora o juizo curioso,
 Quanto no rico, assi como no pobre,
 Póde o vil interesse, e sede imiga
 Do dinheiro, que à tudo nos obriga.

A Polydoro mata o Rei Threicio,
 Só por ficar senhor do grão thesouro:
 Entra pelo fortissimo edificio
 Com a filha de Acrisio a chuva de ouro:
 Pode tanto em Tarpeia avaro vício,
 Que, a troco do metal luzente, e louro,

Entrega aos inimigos a alta Torre,
 Do qual quasi affogada em pago morre.
 Este rende munidas fortalezas,
 Faz tredores e falsos os amigos:
 Este aos mais nobres faz fazer vilezas,
 E entrega Capitães aos inimigos:
 Este corrompe virginaes purezas,
 Sem temer de honra ou fama alguns perigos:
 Este deprava ás vezes as sciencias,
 Os juizos cegando, e as consciencias.
 Este interpreta mais que subtilmente
 Os textos: este faz, e desfaz leis:
 Este causa os perjurios entre a gente,
 E mil vezes tyrannos torna os Reis.
 Até os que só á Deos Omnipotente
 Se dedicam, mil vezes ouvireis,
 Que corrompe este encantador, e illude;
 Mas não sem côr com tudo de virtude.

C A P I T U L O VIII.

Da Perversidade Moral.

HE superfluo ennumerar os vicios e crimes que resultão das paixões desordenadas, e que formão o *caracter perverso*.

Não se póde fazer mais breve descripção da *perversidade moral*, do que apresentando-se a que se acha na Epistola do Apostolo das Gentes aos Romanos Cap. I. e II.

“A Justiça de Deos se manifesta do Ceo contra toda a impiedade e injustiça daquelles homens que retém na injustiça a verdade de Deos, o qual por isso os entregou á *paixões de ignominia, e senso reprobado*; — cheios

de toda a iniquidade, malícia, lascívia, avareza, maldade, e cheios de homicídios, de contendas, de engano, de malignidade, mexeriqueiros — murmuradores, contumeliosos, soberbos, altivos, inventores de males, desobedientes á seus pais, insipientes, immodestos, sem benevolencia, sem palavra, sem misericórdia, — aborrecidos de Deos: os quaes, tendo conhecido a justiça de Deos, não comprehendirão, que os que fazem semelhantes cousas, são dignos de morte; e não sómente os que estas cousas fazem, senão tambem os que consentem aos que as fazem. — E tu, ó homem, que julgas aquelles que fazem taes cousas, e executas as mesmas, entendes que escaparás do juizo de Deos? — Acaso desprezas as riquezas da sua Bondade, Paciencia, Longanimidade? Ignoras que a Benignidade de Deos te convida á penitencia? — Mas pela tua dureza, e coração impenitente, entesouras para ti ira no *dia da ira*, e da revelação do justo juizo de Deos, que hade retribuir á cada hum segundo as suas obras; com a vida eterna por certo aos que, *perseverando em fazer obras boas*, buscão gloria, honra, immortalidade; mas com ira e indignação aos que não se rendem á verdade, mas que obedecem á injustiça.

C A P I T U L O IX.

Das Virtudes Fundamentaes.

HA *Bons Qualidades Moraes*, de que adiante se dará a enumeração, e que constituem o *Bom Character* dos homens em todos os paizes, qualquer que seja a sua Religião Po-

sitiva, e Constituição Política: ellas se podem denominar *virtudes* em sentido lato: mas são dignas de especial attenção, as seguintes — *Piedade* — *Veracidade* — *Senhorio de si* — *Tolerancia*. — Podem-se apellidar — *Virtudes Fundamentaes* —; porque, sem ellas, todas as boas qualidades não se sustentão, e, com ellas, adquirem realce e brilho. Porisso aqui adianto a sua explanação mais explicita: bem entendido porém, que, para formar o caracter do Christão, se devem tambem reunir as que a Igreja intitula *Virtudes Cardeaes*.

C A P I T U L O X.

Da Piedade.

TEM-SE confundido a virtude da *Piedade* com a *compaixão* nos individuos, e a *clemencia* nos Soberanos; mas he realmente distincta destes actos, que são impulsos da humanidade, e não sentimentos de religião. *

Piedade he a virtude de quem não só constantemente guarda os seus *deveres á Deos*, indicados na Parte III. cap. IV., mas além disto tem o *habito de devoção* ao mesmo Deos, procurando em todas as acções observar a sua vontade, e não incorrer no seu desagrado. Tal he o caracter da pessoa verdadeiramente pia. Unir moralidade com piedade, boas obras com dedicação do espirito ao Creador, são os requisitos necessarios a constituir o *homem religioso*. Isso he o maior preservativo de todas as virtudes.

* Blair — Serm. Vol. I. Serm. I.

A Escriptura nos trasmittio hum exemplo admiravel na conducta de José do Egypto. Sendo escravo de hum dos Grandes Senhores da Corte de Pharaó, foi assaltado pela impudica mulher do mesmo no seu aposento para violação da castidade. Mas o virtuoso mancebo resistio ao assalto, não allegando razões subalternas do dever á seu amo, mas instantaneamente dizendo — *como posso fazer este mal, e peccar contra o meu Deos?*

Hum Moralista, que por vezes tenho citado *, explana bem este assumpto. Elle diz: “Muitos homens do mundo ha, que reclamão o ser *homens de honra*, e que considerão a *virtude* como nome respeitavel, mas fazem tenue conceito da *piedade*. Elles se prezão de sua humanidade, probidade, verdade, e de seu espirito publico; elles se arrogão todas as activas e varonis virtudes; mas tratão com desdem os deveres religiosos, e o devoto affecto ao Ente Supremo, como fundado em conceitos enthusiasticos, só capazes de empregar a attenção de espiritos fracos e supersticiosos. Porém taes pessoas podem ser arguidas de depravação dos espiritos, e de fazerem irregular desempenho dos deveres da moralidade; pois tal modo de pensar prova hum coração frio, e duro. „

“A primeira impressão, que todo o homem chegado ao uso da razão vivamente recebe da Natureza, he o *senso de religião*. Logo que principia a observar e reflectir, tambem discerne innumeraveis signaes de seu estado

* Tambem se diz *piedade filial* a pratica dos deveres dos filhos aos pais, a quem, depois de Deos, devam a existencia.

dependente de huma *Potencia Invisivel*, cuja sabedoria e bondade se manifestão de todas as partes. A magnificencia, a belleza, e a ordem do immenso *Theatro visivel*, o excitão para o admirar e adorar. Sentindo os effeitos da *Mão Omnipotente* que opéra tantas maravilhas, tem a impressão da reverencia. Recebendo beneficios que não pôde deixar de attribuir á Divina Bondade, he incitado á gratidão. As expressões destes affectos, de baixo das varias formas de culto religioso, são as naturaes effusões do coração humano. A ignorancia pôde extraviar o espirito, e a superstição pôde corrompello; mas a sua origem he derivada destes habituaes sentimentos, que são essenciaes á Constituição da Humanidade. He-lhe portanto impossivel não elevar muitas vezes o pensamento ao Ceo, para render homenagem ao Ente Supremo, em ardentes votos orando frequentemente a sua Infinita Magestade, como a seu Primeiro Pai, o mais excelso Soberano, e o maior Bemfeitor. Pelo que só coração insensivel, e corrupto, pôde deixar de ter a virtude da devoção á Deos; e nisso consiste a genuina *Piedade*.

O propheta Rei dizia — *Tenho sempre a Deos em vista* — *. A necessidade de cuidarem os homens das cousas da *vida*, constitue impraticavel esse tão sublime grão de virtude, excepto em poucos espiritos privilegiados de *vida contemplativa*, que tem quasi sempre a alma elevada na adoração do Ente Supremo. Porém he do dever de todos os homens ter o *habitual*, (se não o actual)

* *Providebam Deum in conspectu meo semper* — *Psalmo*.

sentimento da Divina Omnipresença, e da infallível responsabilidade final á sua indefectível Justiça pelas boas ou más obras.

Toda a pessoa, ainda do mais rude entendimento, he capaz deste religioso sentimento; e posto que o seu modo de vida o distraia da meditação de objectos espirituaes, e do interesse da salvação eterna, com tudo bem póde e deve imitar ao soldado, que, recebendo ordem para a batalha, olhou aos Ceos dizendo: *Oh meu Deus! Se na hora da peleja, eu não me lembrar de Vós, lembrai-Vos, oh Senhor, de mim!*

C A P I T U L O . X I .

Da Veracidade.

Veracidade he a habitual prática de dizer a pura verdade. Esta virtude he da mais transcendente influencia ao bem da Sociedade: ella he a primeira que apparece ainda antes do uso da razão nos meninos *, e dá a amostra da original dignidade da natureza humana. Sem tal virtude, frustrar-se-hia o fim para que o Creador deo aos homens a faculdade da falla: tambem sem ella se perderião as oportunidades de adquirirmos os conhecimentos que resultão da communicação com os nossos semelhantes por voz ou escriptura. Toda a pessoa, a não estar preve-

* Quando os de tenra idade deixão de ser candidos, e começão a não fallar a verdade, ou são esquivos em dizel-a, dão signal de perda da innocencia.

nida e certa do máo character de outra, põe confiança nas asserções que lhe faz, na boa fé de que falla a verdade. Sem a confiança de serem os homens, no geral, verdadeiros, cada individuo apenas teria o conhecimento limitado dos objectos da experiencia propria.

Os Moralistas tem notado, que, por força deste original *principio instinctivo* de veracidade, todo o homem tem duas inclinações ou tendencias; huma he dizer a verdade, e outra de acreditar nos ditos alheios. Esse principio faz parte da Constituição da Humanidade, que nos impelle ao trato social, e ao mesmo tempo nos induz a ser sinceros em as nossas mutuas communicações.

A *verdade* he sempre a natural e espontanea expressão dos nossos sentimentos; por isso até passa em proverbio, já citado em outro lugar, que a *verdade vai sempre para a boca*; ao contrario, a *falsidade* traz consigo sensível violencia á nossa natureza, e bem manifesta haver influxo de algum motivo de fazer *acção má*, que somos anciosos em occultar. Em consequencia daquelle principio instinctivo, toda a pessoa dá fé ao testemunho de outra. Sem esta predisposição, seria impraticavel o Expediente das Inquirições, e Provas nos Juizos e Tribunaes, e nada nos instruiria a Historia.

A regularidade da Administração Civil e Militar se funda no presuppuesto, que, ao menos em todas as Informações officiaes, se diz a verdade ao Governo, e aos seus Delegados; e, pela presumpção da geral veracidade, se expedem as ordens, se fazem as promoções, e se dão as sentenças, à prol do Publico, e

das Partes. A *Fé do Officio* he a Mola Real para Justiça e Graça. *

Habitual disposição á mentira e fraude, ainda nos objectos de tenue monta, he o infalível symptoma de má indole, pessimo character, e vicio radical de quem a manifesta, e ainda mais se não tem vergonha de ser comprehendido em mentira. As pessoas que tem este habito e descaramento, são, na geral opinião, desprezados: a sua natural e menor pena he o não serem cridos, ainda quando dizem a verdade.

Alem da utilidade que resulta da veracidade, approvamos, reverenciamos, e amamos as pessoas, que tem o habito e timbre de fallar verdade, e só por isso lhe attribuimso as melhores qualidades moraes: ao contrario, desapprovamos, aborrecemos, e execramos aos mentirosos, e até, sem juizo temerario, os suppomos incapazes de probidade.

Por isso os que aspirão á reputação de *integridade*, devem ter a mais escrupulosa consciencia á esse respeito, imitando ao celebre *Epaminandas*, General Thebano, e Salvador de sua patria, que a Historia elogia por ser *tão amante da verdade, que nem por graciosidade mentia.*

* Os Secretarios e Notarios Publicos tem por isso grande confiança no povo. A Ordenação do Reino de Portugal, pela qual ainda se regula o Brasil, dá a maior fé as declarações dos Instrumentos, porque - o *Tabellião o disse*. Mas, em caso de *falsidade*, lhe impõe pena de morte, e com a clausula preventiva, e inhibitoria, que, ainda no caso de apresentar Provisão de Perdão do Soberano, os Tribunaes a não camprão, havendo-a o Legislador por obrepticia e subrepticia.

CAPITULO XII.

Do Senhorio de si.

Senhorio de si, ou Poderio intellectual, he virtude mui preciosa, e rara, da pessoa que se diz *senhor de si*, ou *senhor de suas paixões*: ella manifesta o que se chama — *força de espirito*, — *firmeza de character* — *constancia de rectidão* —. Que dom da Natureza! Que effeito de boa Educação! Que beneficio de habito de reger os appetites, e domar vicios! Que prodigio dos Thaumaturgos da Religião, constantes do Martyrologio Ecclesiastico!

Esta virtude he o complexo ou compendio da — *fortuleza*, — *prudencia*, — *temperança*, — *serenidade*, — *castidade*; e presuppõe o habito de fallar e obrar pura e simplesmente segundo o dictame do Dever; e não por impeto animal, estimulo da concupiscencia, enthusiasmo da phantasia.

Esta virtude he verdadeira *heroicidade*, quando he praticada pelos Potentados do mundo, que, ambicionando serem senhores dos homens, não se mostram igualmente senhores de si; antes, ao contrario, pelo habito de exercerem impunemente *prepotencias*, perdem muito do poder sobre as proprias deliberações e acções, desorte que procedem mais por impulso irracional, que por motivo de razão. *

Bem disse o Principe dos Oradores de

(*) Frederico II. Rei da Prussia dizia, que estava pela definição que os Philosophos dão do homem, — *animal racional*, com tanto que concedessem, que a parte animal preponderava á racional.

Roma elogiando a Julio Cesar na sua Oração gratulatoria pela graça da vida e honra feita á Marcello, seu poderoso inimigo, sectario do vencido Pompeo: “ *Hoje venceste a ti mesmo*, cohibindo a ira, e moderando a victoria &c. Quem assim obra, o julgo mui semelhante á Deos. ,,

A pessoa que não he senhor de si, he escravo de suas paixões, e de seus vicios, e he capaz dos maiores desatinos e attentados, ainda contra os maiores amigos, e melhores cidadãos. O iroso, o arrebatado, o violento, o lascivo, são verdadeiramente fracos de espirito, ainda que se presumão fortes de corpo. Nos actos de colera, e grandes perigos na paz e na guerra, se vê o quanto póde o *senhorio de si*, que dá *presença de espirito*, ao Principe, Estadista, Capitão, para ver claro as cousas, e resolver com acerto.

O Moralista *Stewart*, faz as seguintes reflexões: “ Quando avançamos em annos, á porporção que as nossas potencias animaes perdem a sua actividade e vigor, gradualmente almejamos extender a nossa influencia sobre os outros, ou pela superioridade de fortuna e situação, ou pela, ainda mais aprazível, superioridade de dotes intellectuaes; pela *força do nosso entendimento*; pela extensão de nossa instrução; pela arte da persuasão. *Idéa do Poder* he a que agrada ao orador, que, pela sua eloquencia, e superior intelligencia, faz callar a razão dos outros, dirige aos propios fins os seus desejos e paixões, e, sem ajuda de força, ou de esplendor de nascimento, vem a ser o arbitro do fado das Nações. ,,

“ *A idéa do poder*, he tambem, em algum

gráo, o fundamento do *prazer da Virtude*. Amamos o ter a liberdade de seguir as nossas inclinações, sem sermos sujeitos ao freio do superior: porém isto só não he sufficiente para a nossa felicidade. Quando por viciosos habitos, por força das paixões, somos arrebatados a fazer o que a razão desaprova, logo sentimos a mortificação de sermos sujeitos aos principios inferiores da nossa natureza, e reconhecemos a nossa fraqueza, e pequenez. Ao contrario, o senso de liberdade, independencia, elevação de espirito, e timbre de virtude, são os naturaes sentimentos do homem, que tem a consciencia da propria fortaleza, para em todos os tempos, acalmar os tumultos das paixões, e obedecer serenas intimações do dever, e da honra. ,,

C A P I T U L O. XIII.

Da Tolerancia.

Tolerancia he huma das virtudes da maior efficacia para a paz da sociedade, e ao mesmo tempo huma das mais difficeis, e menos praticadas, pela soberba, injustiça, e ignorancia dos homens, que se presumem immaculados, impecaveis, e infalliveis. Ainda os que reconhecem os proprios erros e defeitos, todavia não dão à respeito dos outros os devidos descontos á fraqueza e fragilidade da commum natureza; e porisso tambem não soffrem nem tolerão discordia de opiniões politicas e religiosas. Dahi se originou, e ainda muito persevera, o *espirito pessimo*, que tem deshumanado a Humanidade com

violencias, perseguições, e crueldades, de que estão cheias as Historias.

A *Tolerancia* he *Indulgencia Philosophica*, filha da Equidade Natural, e Caridade Christãa. Como he possivel, que, ainda no presente, que muitos blazonão de ser, *seculo de luzes*, não se reconheção os bons effeitos do seu benigno influxo na Concordia Social?

As razões da *Tolerancia* das seitas dissidentes da Religião Catholica se podem reduzir á: 1.^a *Bondade, Clemencia, e Misericordia Divina*, que no Evangelho bem se declara ser tão grande, que Deos faz chover tambem sobre os ingratos, e que tem á si reservado o Juizo e o Castigo dos infieis e malignos; só Elle podendo perscrutar os corações, e os penetraes do entendimento, e conhecer, se o procedimento, e a obstinação, he de malicia e ignorancia culposa, e bem pezar a força da tentação, e a possibilidade da resistencia: 2.^a a impossibilidade de compellir os espiritos á convicção do que não comprehendem, não tendo todos os homens o mesmo gráo de illuminação, ou inspiração. 3.^a o lento progresso da verdade, ainda nos conhecimentos naturaes, e o complicado, e quasi irresistivel, influxo das *associações das idéus*, formadas pela Educação, Constituição, e Policia de cada Paiz.

Consciencia erronea tem sido a principal causa da Intolerancia: ella tem causado diluvio de sangue em todas as seitas, espencialmente quando o *Braço secular* das *Potestades da Terra* se tem arrogado a vingança da que dizem ser a *Causa de Deos*. Os que se persuadião estar na verdadeira Religião, e que os que a não seguião, erão inimigos do

seu Creador, e danados á supplicios eternos, por logica endemoniada tirarão a deshumana e impia conclusão, que, em destroirem, com todo o genero de tormentos, a taes dissidentes, nada mais fazião do que, como Ministros do Altissimo, antecipar alguns dias, mezes, ou annos, a sentença final, que deve ser executada pelos espiritos infernaes. Com este sophisma diabolico a *Intolerancia Reciproca* de Religionistas, tem, á tormento, ferro, e fogo, exercido horrores, como se fossem convencidos de odio ao Genero Humano.

Nero em Roma mandou queimar os Christãos nos seus jardins, por milhares, para os illuminar com taes archotes: Francisco I. Rei da França imitou o horrido exemplo contra os herejes, e até os foi ver passeando á cavallo, que recuou com os gritos dos incendiados.

Hum dos maiores Luminares da Igreja Catholica, S. Agostinho, que, antes da sua conversão seguia a herezia dos Manichêos, bem (mas debalde) arguiu a deshumanidade dos perseguidores das seitas heterodoxas, dizendo: = A crueldade praticada contra os que não são catholicos só póde ser exercida pelos ignorantes, que não sabem, com quanto trabalho se descobre a verdade; com quanta difficuldade se allumia o olho do homem interior, e se evitão os erros; com quantos suspiros e gemidos se póde adquirir, ainda em mui pequena parte, o conhecimento de Deos. *

* Illi in vos sæviant qui nesciunt cum quo labore verum inveniatur, et quam difficile caveantur errores; — qui nesciunt cum quanta difficultate sanetur oculus interioris hominis; — qui nesciunt, quibus suspiriis et gemitibus fiat, ut ex quantalacumque parte possit intelligi Deus. — August. contra Ep. Fund. n. 2. 3

O espirito da *Tolerancia* não deve ser confundido com o orgulho da *Indifferença*, com que os renegados de todas as Religiões affectão soberano desdem por todos os Credos Symbolos, e Cultos; e muito menos he compativel com a arrogancia dos que, requerendo tolerancia absoluta para si, seguem as maximas dos que na Revolução da França, vangloriando-se de philosophia incredula, se mostrarão *intolerantissimos* da Religião Catholica, e commetterão sacrilegios e horrores contra os Templos, Altares, e Ecclesiasticos. A taes scelerados esconjuro com as seguintes reflexões do Antagonista dos Revolucionarios de todos os paizes, *Edmund Burke*:

“ Os que procedem no *verdadeiro* espirito de tolerancia, soffrem os sectarios de todas as Religiões, que não perturbão o Estado, porque venerão e amão o *Grande Principio*, em que todas concordão, e o *Grande objecto* á que todas se dirigem: elles discernem, que nós todos temos huma *Causa Commum.* „

“ Os revolucionarios preferirão o atheismo á qualquer fórma de religião; e o *atheismo triumphante os destruiu*. Ainda os fanaticos de qualque seita não se esquecem de todo, que justiça e misericordia fazem partes substanciaes da religião. Os impios, para fazerem proselytos, jámais se recommendarão pelas iniquidades e cruezas que praticarão no fim do seculo decimo oitavo com os seus semelhantes, affectando chamallos *livres e iguaes*, para os tratar como *escravos e brutos.* „

“ He cousa espantosa vêr aos novos *Mestres da razão* continuamente jactando-se de seu espirito de tolerancia! Não ha nisso ma-

teria de merecimento para as pessoas que tolerão todas as opiniões religiosas, em razão de pensarem, que nenhuma he digna de estimação. Hum desprezo igual de todas as opiniões e seitas não vem a ser huma candura imparcial. A especie de benevolencia, que nasce do desprezo, não he verdadeira caridade. „

“ A Base da verdadeira religião consiste, em estar o corpo do povo sempre seguro na idéa e prática da obediencia á Vontade do Eterno Soberano do Mundo, ter confiança nas suas revelações, e aspirar á imitação de suas perfeições. Os homens sabios não são violentos em condemnar a fraqueza do entender humano. *A sabedoria não he o mais severo censor da ignorancia. As loucuras rivaes são as que se fazem mutuamente implacavel guerra; e a que chega a predominar, logo se prevalece de suas vantagens para pôr no partido de suas querélas os espiritos vulgares. Ao contrario, a prudencia he hum mediador neutro. „*

Finalmente cumpre advertir, que não admittem tolerancia as cousas absolutamente intoleraveis, isto he, *publica irreligião, publica apostazia, publica immoralidade.* Taes escandalos são de pessimos effeitos, transcendentés á toda communidade; e, pelo seu contagioso exemplo, tem a qualidade do fermento venenoso, que, ainda que pouco, *corrompe toda a massa.* Os que assim violão e desprezão a Moral Publica, são peiores que *Exco-mundados vitandos.*

Ainda assim, devemos tomar o Conselho do Apostolo das Gentes. * — „ Se alguém não

(*) S. Paulo Ep. II. aos Thessallonicenses Cap. III. V.14 15.

obedece ao que ordenamos pela nossa Carta notai-o, e não vos mistureis com elle, afim de que se envergonhe. — Todavia não o considereis como inimigo, mas adverti-o como vosso irmão. ,,

O que tenho dito, he só como Moralista: não sou Estadista para entrar na Esphéra da Politica: só discordo dos que desejão impunidade de impiedade, inculcando a sua *Moral dos Interesses* contra os *Interesses da Moral*.

C A P I T U L O . X I V .

Da Excellencia Moral.

Ninguem he bom senão Deos: elle he a Summa Bondade, e a Sempiterna Virtude. Assim o dictão a razão, e a Revelação.

Todavia he hum dos deveres do homem aspirar á *Excellencia Moral* pela cultura do espirito, dia a dia progredindo de virtude em virtude, imitando a Divina Perfeição, e emulando ao que he melhor na conducta dos que, mais real e extensamente, tem cooperado ao *Bem da Sociedade*; no que consiste a obediencia á vontade de Deos. Assim o homem, que foi creado na justiça, e santidade da verdade *, supposto decahisse muito do seu original estado, comtudo ainda pôde adquirir a exercer as *Boas Qualidades*, que constituem o *Bom Character*.

Digo *Bom Character*, e não *Perfeito Character*, que excede a faculdade e fortaleza

* S. Paulo Ep. aos Espheios Cap. I. e IV. aos Philipenses Cap. IV.

humana, sujeitas á quéda, quando vem a *hora da tentação*.

O Apostolo das Gentes nos deu as seguintes regras:

„ Sêde imitadores de Deos— Ninguem vos seduza com discursos vãos: porque por estas cousas vem a ira de Deos sobre os *filhos da incredulidade*. — Andai como *filhos da luz*; porque o fructo da luz consiste em bondade, em justiça, em verdade. — Não sejais imprudentes, mas entendei qual he a vontade de Deos. — O fructo do espirito he a caridade, o gozo, a paciencia, a benignidade, a bondade, a longanimidade, a mansidão, a fidelidade, a modestia, a continencia, a castidade. — Não nos façamos cubiçosos da vanglória, provocando huns aos outros, tendo inveja huns dos outros. „

“ Irmãos, se algum, como homem, for surpreendido em algum delicto, vós que sois espirituaes, admoestai-o em espirito de mansidão: considere cada hum não seja tambem tentado. — O Deos de gloria, o Pai de nosso Senhor Jesus Christo, vos dê o Espirito de sabedoria e de luz, para o conhecerdes: para que elle vos esclareça, e os olhos do vosso coração, em a ordem á que conheceas qual he a esperanza á que elle vos chamou, e quaes as riquezas e a gloria da herança, que elle prepara aos Santos; e qual he a suprema grandeza do poder que elle exercita em nós, os que cremos pela força toda poderosa de sua operação. „

“ Requeiro que não andeis já como andão tambem os gentios, na *vaidade do seu sentido*, tendo o entendimento obscurecido de trevas, alienados da vida de Deos, pela

ignorancia que ha nelles, pela cegueira do coração dos mesmos, que, desesperando, se entregarão á dissolução, e á obra de toda a impureza, e avareza. — Renunciando á mentira, cada hum falle á seu proximo a verdade, pois sois como membros huns dos outros. — Nenhuma palavra má saia da vossa bocca. „

“ Toda a amargura, ira, indignação, gritaria, blasphemia, com toda a malicia, seja desterrada. — Sêde reciprocamente benignos, misericordiosos, perdoando mutuamente, como Deos em Christo nos perdoou. — Tudo o que he verdadeiro, tudo o que he honesto, tudo o que he justo, tudo o que he santo, tudo que he de *boa fama*, se ha alguma fortuna, se ha algum louvor de costumes, isto seja o que occupe os vossos pensamentos. „

O Apostolo Santiago na sua Epistola Catholica * tambem deo as seguintes regras :

“ A sabedoria que vem de cima, he na verdade casta, pacifica, moderada, docil, susceptivel de todo o bem, cheia de misericordia, e de bons fructos, não julga, não he dissimulada.

Bemaventurado he o homem que soffre com paciencia a tentação; porque, depois que elle tiver sido provado, receberá a Coroa da vida, que Deos tem promettido aos que o amão. „

Toda a dadiua optima, todo o dom perfeito, vem lá de cima, e desce do *Pai das luzes*.

“ O que contemplar na Lei perfeita, que he a da liberdade (da culpa) e perseverar nella, sendo, não ouvinte esquecedico,

(*) Cap. III. Cap. IV. Cap. V.

mas *fazedor de obra*, este será bemaventurado em seu feito ,,

“ Se algum cuida que tem religião, não refreando a sua lingua, mas seduzindo o seu coração, a sua religião he vã.

“ Quem he entre vós outros sabio e instruido, mostre pela boa conversação as suas obras em *mansidão de sabedoria*. Mas se tendes hum *zelo amargo*, e reinarem contentas em vossos corações, não vos glorieis, nem sejais mentirosos: porque esta não he a sabedoria que vem lá do alto; mas he huma *sabedoria terrena, animal, diabolica*.

“ Ora o *fructo da justiça se semeia em paz por aquelles que fazem obras de paz.* ,,

“ *Deos resiste aos soberbos, e dá a sua graça aos humildes.* ,,

“ Não vos resintaes, Irmãos, huns contra os outros, para que não sejais julgados. Olhai que o Juiz está diante da porta. — O Senhor he Misericordioso e Compassivo.

“ Meus Irmãos, se algum d'entre vós se extraviar da verdade, e algum outro o metter a caminho, deve saber, que aquelle que fizer converter a hum peccador do erro do seu descaminho, salvará a sua alma da morte, e cubrirá a multidão dos peccados. ,,

C A P I T U L O. XV.

Da Reforma dos Costumes.

FOI sempre queixa dos Moralistas a *corrupção dos costumes*, e a *incorrigivel depravação* dos povos, ainda os mais civilizados. Quando Augusto Cesar fundou o Imperio Romano, era tão grande a perversidade em

todas as classes *, que o seu amigo Horacio em poesias populares tomou a liberdade de dizer, que a geração presente era peor que a dos pais e avoengos, e que logo daria *progenie mais viciosa* †.

O Fundador do Christianismo veio então como *Luz do Mundo*, e proclamou a *Constituição Evangelica*, e *Lei da Graça*, para a *Regeneração da Humanidade*.

Eis a *Constituição das Constituições!* Sem a sua observancia, debalde se espere *reforma de costumes*, e em vão se proclama, com especiosa parodia, *Regeneração Política*.

Além disto he impossivel que no Corpo dos povos haja reforma de costumes, sem que os Governos bem estudem, e admittão o liberal Systema Economico, que substitue convenção á violencia; promovão a instrucção; e deixem á cada individuo pôr o seu engenho e braço em competencia com qualquer outro individuo, e ordem de pessoas, sendo livre á quem não offende as leis da justiça, exercer a sua honesta industria no que melhor souber e poder, e trocar em boa fé o fructo de seu trabalho. Só por este expediente he que póde haver abundancia dos necessarios e commodos da vida, que (no geral) são os mais efficazes sedativos das paixões desordenadas. Com extrema desigualdade de condições, e esquallida indigencia, he inextermínavel a corruptéla e malfeitoria.

(*) Veja-se a horrida descripção dos pessimos costumes dos Romanos, que S. Paulo faz no Cap. I. da sua Epistola a este povo.

(†) Peior ætas parentum
Tulit avis nos nequiores,
Mox daturus progeniem vitiosorem.

Assim o liberal Economista (depois dos Ministros da Religião) he o melhor auxiliar do Moralista.

Nos paizes onde, por desgraça da Humanidade, existe a lei do cativo, a sua gradual abolição, com circumspecto preparatorio da educação religiosa e civil dos escravos, he impreterivel para a reforma dos costumes. Sobre tão difficil e delicado assumpto não he prudente assoalhar a immoralidade notoria, que irremediavelmente resulta deste *mal terrivel*, introduzido pelos fundadores das colonias d'America. Ao Governo pertence dar o justo patrocínio aos de condição servil, contra os enormes abusos dos máos senhores, cuja authoridade lhes he confiada só a fim da applicação dos servos ao trabalho indispensavel, e moderado, e para a sua disciplina correccional, e não tyrannica. Os Governos Britannico e Americano já estão dando o exemplo da equitativa policia á este respeito. Com taes precusores, tambem os Brasileiros, sendo genuinos Christãos e Constitucionaes, podem ser bons reformadores, e apagar á nodoa da crueldades, de que já em publico Sermão, accusou aos nossos antepassados o bem intitulado *Apostolo do Brasil*. *

(*) O celebrado Pregador Regio o Padre *Antonio Vieira*. O Historiador da Historia do Brasil, *Roberto Southey*, transcreveo, para censura e ignominia dos senhores cruéis, a descripção da tyrannia dos que o dito Vieira appellida *Regulos do Reconcao da Bahia*. Eis o triste quadro, que aqui copio para se evitarem taes scenas, e que se vê no Tom. II, da dita Historia nas Netas pag. 709.

“ Nas outras terras, do que crião os homens, e do que fã e tecem as mulheres, se fazem os Commercios: naquella, o que gerão os pais, e o que crião á seus peitos as

Finalmente a reforma dos costumes não se póde effectuar sem o bom exemplo dos pais de familia. Esta reflexão, que parece trivial, de facto he essencial á pureza e extensão da Moral Publica. Peço venia aos Leitores para lhes offerecer o seguinte instructivo apologo de hum Philosopho de grande nomeada do seculo passado.

C A P I T U L O XVI.

Lôbo Moralista.

HUum lôbo quiz dar lições de moral á seu filho, e gravar-lhe na memoria bellos e bons conselhos, para que fosse hum lôbo honesto. Meu filho, lhe disse elle, neste deserto salvagem, á sombra das matarias passareis os vossos dias: podereis com tudo com os pequenos ursos gostar dos prazeres que se permitem á vossa idade: contentai-vos do pouco, que eu vos colho: nada de roubo; passai huma vida innocente: nada de má companhia. Escolhei por amigos os mais

mães, he o que se vende e compra. Oh trato deshumano, em que a mercancia são homens! Oh *mercancia diabolica*, em que os interesses se tirão das almas alheias, e os riscos são das proprias! „ — Serm. Vieir. tom. VI.

“ Que Theologia ha, ou póde haver, que justifique a deshumanidade e sévicia dos *exorbitantes castigos*, com que os escravos são maltratados! *Maltratados* disse; mas he mui curta esta palavra á significação do que encerra, ou encobre; *Tyrannizados* devera dizer; porque serem os miseraveis *pingados, lacerados, retalhados, salmourados*, e os outros excessos maiores que callo, mais merecem nome de martyrios que de castigos.... E horrivel he, que redobram e carregão mais os flagellos, quando á cada açoite pedem misericordia, e clamão — JESUS JESUS. — „

honestos lóbos. Não vos desmintaes: sêde sempre os mesmos. Não satisfaçais á vossos appetites de glotonaria. Meu filho: antes jejuar, do que beber o sangue dos infelizes carneiros. Não commettais tal barbaridade. Que delicto commetterão os innocentes cordeiros? E demais: corre-se nisso perigo de vida. Enormes cães de fila defendem os rebanhos. Triste lembrança! Recordo-me, que hum dia vosso avô, para satisfazer a sua fome, entrou em hum curral: assim que foi visto, gritou-se em redor: fera carniceira! Alli está hum lóbo! Armão-se logo os rusticos, huas eom varapáos, outros eom chuços; e meu pai, por mais que se esforçasse, deixou alli a sua pelle. Tal foi o premio de sua temeridade! Sêde pois prudentes com esse desastre, segui sómente a virtude. *Não façais mal pelo medo de soffreres mal.* Se me amais, detestai o crime que abomino.

O lobinho, quando o pai fallava, violhe na guélla lãa e sangue, que elle ainda saboreava, e quasi arreventou de rizo. Então disse-lhe o lóbo em colera: come e porque, velhaquete, te ris do conselho que te dá teu pai! Agoiro já que terás máo fim. Assim se mofa de tão saudavel ensino? O matreiro filho respondeo-lhe rindo-se á gargalhadas: — *meu pai, eu farei o que vos vejo fazer: — o vosso exemplo he o meu padrão.*

C A P I T U L O XVII.

Dos Caracteres.

DOus Escriptores se tem distinguido na descripção dos *Caracteres dos Homens*: — *Theo-*

phrasto na Grecia antiga — e *La Bruyere* na Franca moderna.

Hum dos meritos que bem caracterizão os Historiadores, he a exacta delineação do caracter das Personagens, que mais tem figurado no Theatro do Mundo. Os Poetas Dramaticos só adquirem celebridade, quando sabem excitar os espiritos, fazendo o justo quadro dos Heróes da Scena, que sobresa-hirão em vicios ou virtudes, conforme ao especial caracter das respectivas paixões dominantes. Como pintores da Natureza, devem para isso conhecer os variados caracteres dos individuos do Genero Humano. Sendo este objecto não menos da provincia do Moralista, elle he de util instrucção á todos os individuos, que são postos entre influxos e conflictos dos differentes caracteres. Para complemento deste Compendio de Moral Publica, apresento aqui a miniatura do Painél da Vida Humana.

Os Caracteres se formão e fixão, parte pelos temperamentos, e parte pelos habitos.

Diz-se, que he *sem caracter* a pessoa, que não mostra hum theor constante nos seus procedimentos, e negocios da vida; taes são os homens que se notão por inconsequentes, versateis, voluveis. A mesma *leveza*, versatilidade, volubilidade, tambem constitue o particular *caracter* de quem se distingue em tal defeito.

Tem-se tambem attribuido particular e distinctivo caracter ás Nações, que, (salvas as excepções) se verifica da maior ou grande parte dos individuos das mesmas Nações. Assim se attribue *inconstancia* aos Francezes, *orgulho* aos Inglezes, *avareza* aos Batavos, *jactancia* aos Castelhanos.

Os Caracteres dos homens são bons, máos, ou mixtos; elles se manifestão por correspondentes *Qualidades Moraes*, que também são boas, más, ou equivocac, que passo a enumerar nas *Tabellas* seguintes. Só farei succinta exposição de algumas, sendo mais explicita nas que precisão de elucidar-se.

He arduo formar o bom character dos individuos: muito mais he formar o dos Povos. Os Americanos do Norte ainda são arguidos de não terem *Character Nacional*. O Escriptor da *Obra = Conta Estadistica e Politica dos Estados Unidos =* de Mr. *Warden* de 1819, se esforça por obviar essa censura na *Introdução* pag. LXII. O Imperio do Brasil tem a vantagem da identidade de Religião, Lingua, e Lei. O Character Brasileiro, para figurar com lustre no *Cruzeiro do Sul*, e no *Theathro da Civilisação*, (depois da pureza da Religião) deve especialmente distinguir-se nas boas qualidades da Fidelidade — Contentamento. — Continencia, — Pudicicia — Candura, — Sinceridade, — Honra, — Industria, — Humanidade, — Literatura.

C A P I T U L O. XVIII.

Da Fidelidade.

A *Fidelidade* he huma das boas qualidades, do mais transcendente effeito á Ordem e Harmonia Social, e não menos á paz e felicidade domestica. Ella he huma disposição a mais natural e commum á toda a *Especie Humana*; com especialidade também se observa no animal familiar o mais amigo do homem, e o seu mais constante e vigilante

guarda. Por ser de pratica instinctiva, a fidelidade mostra-se virtude sem difficuldade, como a verdade; quem falta á ella, sente esforço e violencia á propria natureza, como quem diz mentira. Póde-se com razão dizer, que a *fidelidade* he ramo da veracidade, e a *verdade em acção*: diz-se vulgarmente, que *o fiel não se desmente*.

A *Fidelidade* considera-se a principal virtude dos conjuges, dos amigos, dos servos, dos cidadãos; e por isso se dizem *fieis* com emphase os esposos amigos, servos, subditos.

Dá-se o nome de *lealdade* á fidelidade de cada pessoa do povo ao Governo do respectivo paiz, porque deriva da *obediencia legal*, que, pelo bem da Ordem, he devida ao Chefe do Estado, seja bom, ou seja dycolo. Não ha hum instante da vida, em que, accordado ou dormindo, todo o individuo não sinta a benigna influencia da habitual fidelidade dos homens: todos, por assim dizer, *descanção nos braços da fidelidade*.

Se predominasse, e prevalecesse a infidelidade na vida civil, os homens hirião de rôjo para os antros da salvajaria.

Póde-se acrescentar, que a fidelidade he a joia diamantina, que dá o mais solido penhor da afeição dos consortes, da legitimidade dos filhos, do credito dos Estados, da concordia dos Principes. Por ella he que nos Estados de boa constituição se vê o aprazivel espectaculo da reciproca e perenne confiança, e do mutuo e immovel amor, entre o Soberano e o Povo. Porisso he universal a detestação da infidelidade e aleivosia de qualquer sorte, e o odio e horror ao rebelde e traidor á seu Governo e Paiz.

Alguns Moralistas classificão a fidelidade não como ramo de Veracidade, mas de Justiça; pois (dizem) quem não he fiel á sua palavra, firme na sua promessa, pontual na sua execução, commette hum acto injusto, offensivo, e prejudicial, violando o direito adquirido da pessoa com quem contrahio o empenho, mallogrando esta a natural expectação do cumprimento do trato.

Na verdade, quando alguém promette sem intento de executar o promettido, he culpado de complicação de injustiça e de falsidade: faz portanto injuria á parte lesada, e he obrigado em consciencia a cumprir-lhe o ajuste, e compor o damno.

A *Fidelidade por excellencia*, deve ser o Timbre dos Empregados, e dos Soldados, pelo seu especial *Juramento de Officio, e de Bandeiras*, que dá ao Soberano o *seguro*, de que póde contar com a sua Probidade Civil, e Virtude Militar, sem que he impossivel administrar justiça, e cumprir o seu *Dever de Defensor do Estado*.

Ha Nações que tem adquirido insigne *credito de fidelidade*. Hespanha e Portugal, antes da Revolução deste seculo, sobresahião nessa boa qualidade civica. A Suissa foi preeminente na fidelidade ainda á Principes estrangeiros, quando o seu Governo permittia aos subditos o tomarem com estes Serviço Militar. A confidencia do especial serviço realçava o merito aos Regimentos Suissos, que fazião o serviço no Paço, e constituíão a *Guarda de Corpos*.

O Character da Corte, e a Opinião do Exercito, * forão sempre objectos melindrosos

* Quis status urbis, quæ mens Exercituum. — Tacitus.

da attenção dos Politicos. Só por abôrto revolucionario da França, no fim do seculo passado se vio o monstruoso exemplo da *Defecção*, quasi geral, dos Homens Publicos, e de Tropas Regulares, que, em vez de Honra, ostentarão deslealdade á seu Soberano, pon-do (como alli se dizia) a *traição á ordem do dia*.

No curso do infausto seculo passado a Infidelidade em Religião, de mãos dadas com a Immoralidade das Cortes, occasionarão a Infidelidade Politica, de que não ha exemplo em tão vasta extensão de Paizes civilisados. Sem duvida a catastrophe foi accelerada pela Pertinacia dos Estadistas em não fazerem graduas reformas dos mais prominentes abusos de Governo, e de costumes depravados, que erão de geral escandalo, e de justa censura de todos os pios zeladores da Moral Publica. Então o Ceo choveo laços sobre os iniquos, e os povos rebeldes tambem soffrerão o Flagello de Escorpiões.

Pareceria até objecto de censura a insistencia em tão pura e clara doutrina moral, se, por desgraça, havendo-se em varios paizes tentado a *Decomposição da Sociedade*, não se tivesse tanto abalado no corpo do povo os *principios da fidelidade*, á impulsos dos *principios de rebeldia*. Em tão delicado assumpto valer-me-hei da lição de Burke nas suas Reflexões contra Revolução da França: *Leis transtornadas; Tribunues subvertidos; industria sem vigor; commercio expirante; renda publica abatida; o povo mais indigente; a Igreja espoliada; o Estado em ruina todas as cousas divinas e humanas sacrificadas. &c.*

“ Taes espectaculos nos dão melancolicos

sentimentos sobre a incerta condição da prosperidade mortal, e tremenda inconstancia das grandezas humanas. Assim aprendemos grandes lições. „

“ Em successos tão espantosos como temos visto, até as nossas paixões instruem a nossa razão; pois, quando os Reis são derribados de seus thronos pelo Supremo Director deste grande drama, e vem a ser objecto de insulto aos de vís sentimentos, e de piedade aos bons, olhamos para taes desastres no mundo moral, como se vissemos hum transtorno na ordem physica. Somos logo assustados para fazer reflexão; e os nossos espiritos, com o nosso orgulhoso e fraco entender, se humilham debaixo das dispensações da mysteriosa Divina Sabedoria. Mas as lagrimas rebentão dos olhos, como aconteceria á cada espectador cheio de sensibilidade, se a scena se representasse em hum theatro. Só espiritos pervertidos poderiam exultar nella. „

“ Os Authores e espectadores da Tragedia politica devião bem pezar os crimes da nova democracia com os do que appellidavão *antigo despotismo*. Elles verião, que, logo que se tolerão modos criminosos para atalhar este mal, esses meios são sempre os preferidos, como o mais curto caminho, e que não haverá mais parcimonia na despeza de traição e sangue. Justificando-se perfidia e assassinato para beneficio publico, logo o beneficio publico será o pretexto á porfida e assassinato; até que a rapacidade, malicia, vingança, e o medo, ainda mais mortifero que a vingança, cheguem a fartar os insaciaveis appetites dos malvados. As consequen-

eias serão perder-se todo o senso natural do justo e recto, no esplendor dos triumphos dos falsos direitos do homem.

Felizmente, pela Restauração das Monarquias da Europa nas suas Legítimas Dynastias, a Nação Franceza tornou á seus sentidos, resuscitando o antigo *Espirito de Honra*, de sorte, que o seu Soberano Luiz XVIII., dando ao Povo Liberal Constituição na Lei de 15 de Março de 1815 fez esta Authentica declaração — “ O deposito da Carta Constitucional, e da Liberdade Publica he confiado á *Fidelidade*, e á *coragem* do Exército de Linha, das Guardas Nacionaes, e de todos os Cidadãos. — ”

C A P I T U L O . X I X .

Do Contentamento.

Querela foi sempre continua dos Moralistas sobre a mui geral falta de contentamento dos homens com a sua sorte, ainda havendo tido a escolha da propria profissão. Em todas as classes, e em todos os estados e modos de vida, quasi ninguem he contente de sua condição, e a maior parte dos individuos faz incessante comparação da differença ou superioridade de fortuna, e consideração, dos que se achão em maior gráo de elevação na ordem civil, e se irrita da relativa desigualdade; e isto só olhando aos que estão acima, e não aos que estão abaixo na estructura do Edificio Civil.

Os Politicos temem com razão o progresso deste mal. Quando se manifesta descontentamento popular em vasta multidão, o

povo se desmoralisa, e a revolução está já á porta. As classes inferiores, como estando, e (não podendo deixar de estar) na base da Pyramide da Monarchia, indispensavelmente devem carregar com os mais aturados e *penosos trabalhos da Sociedade*; o livre tem o direito da escolha do trabalho, quanto he compativel nas circumstancias do paiz, e a segurança da justa partilha do producto da respectiva industria, quando coopera com o proprietario da terra, e com o capitalista, que lhe adianta os fundos de subsistencia, materiaes da obra, e instrumentos da tarefa.

He do Dever Moral do Governo dar com especialidade ás classes laboriosas o auxilio possivel, quando lhes falte occupação regular, e o patrocínio legal contra a prepotencia dos individuos e Corpos poderosos. Porém não esteve jamais, e nunca poderá estar, na alçada dos Governos, ainda da melhor Constituição, o *igualar cousas desiguaes*, e destruir as ordens do Estado, que, natural e inevitavelmente, se organisão em as *Nações formadas*; nem, pela mesma causa, lhes he dado operar o prodigio, contra a natureza, razão, e experiencia, de fazer que todos os individuos habeis tenham a mesma idoneidade á tão variados Empregos da Geral Industria, e muito menos do Serviço Nacional, e, em consequencia, tenham a mesma capacidade e possibilidade em meritos e serviços para igual gozo dos bens da vida, e das Honras do Estado.

Por isso em todo o Governo de boa Administração se tem estabelecido as que se chamão Carreiras, Repartições, e Escalas, para graduaes accessos dos aspirantes e cau-

didatos aos Officios Publicos; e nellas só os que se mostram habilitados, exercidos, fieis, e distinctos servidores, por senso commum, e estilo congruente, tem direito á Estação, e Superioridade competente, só com as honorificas excepções de talentos e meritos extraordinarios.

He verdade que a Natureza deo á cada individuo o instincto, e não interrompido esforço, de *melhorar de condição*. Este vivo e continuo impulso he o que (depois do descahimento da Original Constituição Humana) tem feito sahir os homens do estado salvagem, é estar em incessante progresso, e ascenso na indefinida Orbita da Civilisação. Por tanto não viola, antes cumpre, dever moral, quem mostra louvavel emulação, e virtuosa poifia, em assoalhar primor e excellencia na sua honesta industria de qualques sorte que seja.

A cubiça, vaidade, presumpção, soberba, ambição, inveja, são as causas dos descontentamentos populares. Commumente o corpo do povo he soffredor, e submisso, pela lei do habito, e imminente perigo de ruina, se algum individuo se desatina á tumultos e motias, com a vã tentativa de ultrapassar da sua esphera. Taes descontentamentos commença pelas classes medias, naturalmente mais aspirantes a subirem com rapidez ás classes superiores, mais conspicuas e condecoradas com hereditaria riqueza e nobreza, que representam como a Corpos de aristocratas inertes, orgulhosos, despoticos, e abarcadores dos lugares de honra e emulumento do Estado. Se nestas classes insurgem turbulentos Novadores, elles irritão as paixões dos que mal vivem dos salarios do seu traba-

lho, promettendo-lhes imaginarias felicidades, e até imunidades das fadigas da industria onerosa, figurando-lhes vistoso Plano de *Imperio da Liberdade e Igualdade*. Eis o motivo das maiores Revoluções, que a Historia attesta.

He dever dos Ministros da Religião, para atalhar o descontentamento popular, instruir a todas as classes na *Doutrina das Vocações*; e he não menos o dever dos Moralistas, explanar-lhes a *Doutrina das Compensações*. — Concluirei com *Burke*:

“Boa ordem he o fundamento de todas as boas cousas. O verdadeiro politico, na reforma dos Estados, deve sempre ter em vista fazer, que o povo, sem ser servil, seja sempre tractavel, e obediente. Jámais se deve por arte desarraigiar dos seus espiritos, os essenciaes principios da subordinação civil. Deve-se habituallo a respeitar as propriedades de que não pôdem participar. Deve-se-lhe permittir, que alcancem, por meio de seu trabalho, tudo que se pôde obter pela energia da industria honesta; mas deve-se-lhe sempre ensinar o religioso sentimento, de que achando (como he mais common) os seus esforços desproporcionados a conseguir melhor sorte, esperem para consolação de suas fadigas o obterem na vida futura as proporções compensatorias da Divina Justiça. Os que privão o povo destas consolações, não fazem senão amortecer a sua industria, e cortão pela raiz os meios legitimos de toda a aquisição, e de toda a conservação. O que assim pratica, he o mais cruel oppressor, e immisericordioso inimigo dos pobres e miseraveis; e ao mesmo tem-

po expõe os fructos da industria feliz, e as accumulações da fortuna, aos ataques dos individuos indigentes e desditosos, que malograrão os seus projectos de melhorarem de condição. „

CAPITULO XX.

Da Continencia.

A Lei da Natureza que provêo á multiplicação da Especie Humana, deo tão forte impulso á todos os individuos depois da idade da puberdade para o amor do sexo, desenvolvendo então os orgãos da geração, e capacitando-os pelas forças physicas ao trabalho necessario á mais que á propria existencia; que raras são as pessoas que dahi em diante não aspirem ao estado conjugal.

Porém, no progresso da civilisação, não se proporcionando á grande (ou á maior) parte dos homens, os meios faceis de subsistencia decente, segundo as necessidades, reaes, ou facticias, de paiz, he de summa importancia a virtude da *Continencia*; afim de se evitar o vicio da libertinagem, que produz a corrupção dos costumes, e não menos a *flicação abusiva*, que mal nasce para ser victima da fome, e miseria.

Nada direi da polygamia, concubinagem, e de outras lascivias ainda mais desnaturadas: a offensa da Natureza he mui evidente em taes desordens, com especialidade trazendo injuria e ignominia ao bello sexo.

Restringir-me-hei aqui á *Questão da Moralidade*, que no principio deste seculo propoz o famoso Professor de Economia politica de Inglaterra — Malthus —, que attribue as

maiores miserias, e ainda as revoluções, pestes, e guerras da sociedade, á *população excessiva*, bem que nascida de *Casamento legitimo*. Toquei neste ponto na Parte III. cap. XV. desta obra: agora farei as seguintes observações.

Os Estadistas até o presente consideram como certa *Maxima Politica*, que a *População faz a força dos Estados*. Mas actualmente os cordatos reconhecem, que esta *Maxima* se deve limitar á *população robusta, industriosa, morigerada, intelligente*, e não á população proletaria †, fraca, mendiga, dissoluta, e desproporcionada aos fundos de subsistencia e de emprego do trabalho do paiz. Já na Escritura Sagrada se arguiu a hum Soberano: *Multiplias-te o povo, mas não lhe engrandeces-te a prosperidade.* *

Nos paizes onde os homens propagão a sua raça por mero appetite animal, sem terem meios de sustentar os filhos, até os pais se deshumanão á ponto de *expor as crianças* nas ruas, para quasi certa morte. A Religião Christãa tem mitigado esse horror com a Pia Fundação dos *Hospitales de Expostos*. Mas ainda assim, que espectaculo de angustias, talvez irremediaveis, ahi se notão?

Por tanto mostra-se, pelo menos, problematico, se he, ou não, *acto immoral* o cazamento de pessoas, que não tem meios de sustentar os filhos com o seu trabalho, conforme ao estado do paiz. Os pobres, que se ca-

† Gente que só produz *prole*, isto he, multidão de filhos que não pôde manter.

* *Multiplicastis gentem, non magnificastis latitiam*, Prov. IV. 28. Isaias. IX. 3.

zão sem esta consideração, depois com blasfemia e injustiça accusação ao Ceo, e ao Governo, pela culpa da propria incontinencia, e improvidencia; e se Novadores, e Demagogos irritão as suas paixões, promettendo-lhes felicidades visionarias de phantastico *Optimismo Politico*, elles se precipitão á sedições e Revoluções. Eis sobre este assumpto as judiciosas reflexões do sobredito Economista no Livro IV. Cap. IX. do seu *Ensaio sobre o Principio da População*.

“As Leis da Natureza dizem com S. Paulo = *quem não trabalhar, não coma* =. Ellas tambem dizem, que não devemos temerariamente confiar na Providencia. Taes Leis na verdade parecem ser constantes e uniformes para o expresso proposito de dizerem ao pobre, que, se cazar sem ter posses para manter familia, deve esperar severa mingoa. Pela Constituição da natureza humana parecem ser necessarias taes intimações, que tem a mais benefica tendencia.

Se na direcção da nossa Caridade publica ou particular, dissermos, que o homem que não trabalhar, comerá; e que quem cazar sem ter posses de manter familia, comtudo os seus filhos que lhes nascerem, serão sustentados; he evidente, que não só nos esforçamos assim por mitigar os males parciaes que se originão das Leis geraes, mas tambem regular, e systematicamente contrariar, os beneficos effeitos de taes leis.

He da maior importancia, que se doutrine aos pobres, que, casando, elles não devem olhar para caridade publica e particular como o certo e principal fundo de sua mantença, mas sim para a propria ineançavel

industria, e previdencia do futuro, afim de não se involverem em difficuldades, e serem opprimidos de miserias, só imputaveis á sua incontinencia e imprudencia, que os reduzem ao ultimo gráo na escala da civilisação.

Muitas vezes se ouve arguir a bondade de Deos pela sentença que se acha no Decalogo, que — elle visitará os peccados dos pais sobre os filhos. Mas, sem huma completa e fundamental mudança na Constituição da natureza humana; sem se fazer do homem hum anjo, ou, ao menos, alguma cousa em tudo differente do que existe; parece absolutamente necessario que tal lei prevaleça. Seria preciso hum milagre perpetuo para se prevenir que a conducta dos pais não tivesse influencia na condição moral e civil dos filhos. Que pessoa ha que não esteja gozando algum bem pelas virtudes, ou soffrendo algum mal pelos vicios, de seus pais; e que, no seu character moral, não tenha sido elevado em algum gráo, pela sua prudencia, justiça, benevolencia, temperança, ou deprimido pelos vicios contrarios; que na sua condição civil, não tenha sido exaltado pela sua reputação, previdencia, industria, boa fortuna, ou decahido por sua falta de character, imprudencia, indolencia, adversidade? E quanto o conhecimento desta transmissão de vantagens e desvantagens contribue a exercitar e vigorar os nossos virtuosos esforços?

Os animaes seguem o impulso do instincto sexual sem considerarem os resultados, sendo meramente regulados pela natureza: porém nós os homens, como entes racionais, temos as mais fortes obrigações de prever as consequencias: e se procurarmos a mera

satisfação dos appetites sensuaes, o mal que dahi resultar á nós, e aos nossos filhos, deve ser olhado como o sinal de que a indulgencia á taes paixões não he conforme á vontade de Deos. Examinando pois bem as consequências das bossas paixões naturaes, só devemos satisfazellas no modo que sejamos certos de que dellas não resulte mal, antes claramente accrescentemos a somma da felicidade humana, e preenchemos o ostensivo fim do Creador.

He aprazivel confirmação da verdade e divindade da religião christãa, e de ser ella adaptada á melhor estado da Sociedade civil, o estabelecer deveres a respeito do casamento e da criação dos filhos em ponto de luz differente do que antes se via. — O casamento he recto, quando elle não está em conflicto com deveres superiores; mas, se os contraria, não he recto. Conforme aos genuinos principios da *Sciencia Moral*. “ O methodo de “ conhecer a vontade de Deos pela luz da “ natureza, he inquirir a tendencia da acção “ em promover a geral felicidade. „ Ora talvez ha poucas acções que tendão tão directamente a diminuir a geral felicidade, como a de cazar sem ter os meios de sustentar os filhos. Por tanto quem commette tal acto, claramente offende a vontade de Deos; e vindo a ser hum fardo ao Estado onde vive, degrada a si e a sua familia para huma situação, em que os habitos virtuosos são preservados com mais difficuldade que em qualquer outra; e nisso parece ter violado os deveres que deve á si mesmo, e á seus proximos, mostrando ter attendido á voz da paixão, em opposição á obrigações mais altas.

CAPITULO XXI.

Da Pudicicia.

A *Pudicicia* he a Boa Qualidade que realça todas as virtudes do Bello Sexo; he, o effeito do *Pudor Natural*, que a Natureza ostensivamente faz demonstrar nas faces á que o sangue corre e colora, assim que a delicadeza femiñil he offendida pela indiscrição ou licenciosidade de algum impudico e libertino.

Desta virtude nasce a cástidade e a modestia, que nas mulheres forão sempre, e em todos os paizes, consideradãs por especiaes virtudes dessa amavel metade do Genero Humano, á quem o Creador confiou o mysterio da sua reproducção, e perpetuidade. Por unanime juizo dos povos cultos, não menos a confiança e tranquillidade reciproca, que a mutua estima e honra dos homens, são inseparavelmente annexas á taes virtudes.

Montesquieu na sua obra do *Espirito das Leis* faz com delicada pena as seguintes observações no Liv. XVI. Cap. XII.

“Todas as Nações tem igualmente concordado em annexar desprezo á incontinencia das mulheres. Isto mostra que a Natureza fallou á todas as Nações. Elle estabeleceo a defeza e o ataque *; e tendo posto em hum e outro sexo os desejos, poz em hum a temeridade, e no outro a vergonha. Ella

* *Hume* em sua Historia da Inglaterra refere na vida de Henrique VIII., que, supposto a Nação Ingleza ao principio odiasse a Anna Bolona, de quem o Rei se enamorara, e porisso tão iniquamente procurara o divorcio de sua legitima Esposa, contudo depois a estimara pela sua virtude

deo aos individuos longos espaços de tempo para se conservarem; mas só lhes deo momentos para se perpetuarem. ,,

“ Portanto não he verdade que a incontinencia siga as leis da Natureza: ao contrario, ella as viola. A modestia e o recato são as que seguem taes leis. ,,

“ Além disto he da natureza dos entes intelligentes o sentirem as suas imperfeições: a natureza poz em nós o péjo, isto he, a vergonha das nossas imperfeições. ,,

“ Quando pois a potencia physica de certos climas viola a lei natural dos dois sexos, e a dos entes intelligentes, o Legislador deve fazer leis civis que forcem a natureza do clima, e restabeleção as leis primitivas. ,,

Na Especie Humana a maneira de pensar, o character, as paixões, as phantasias, os caprichos, a idéa de conservar a sua belleza, o embaraço da gravidação, o receio de ter numerosa familia, perturbão a propagação de mil maneiras ,, As raparigas são assás inclinadas ao cazamento; aos rapazes he que se deve animar para elle.

Até aqui he excellente a doutrina do citado Escriptor, não menos egregio Politico, que solido Moralista; mas em outros lugares da sua obra muito desmerece por outras menos exactas, senão contradictorias reflexões.

“ He huma regra tirada da natureza, que, quanto mais diminue o numero dos ca-

virginal, visto que por fim mostrou ter resistido aos ataques do despota, em quanto não dissolveo o primeiro matrimonio, e celebrou com ella solemnemente o segundo; pois só precisamente no termo dos nove mezes do casamento he que lhes nasceo huma criança.

zamentos que se poderião fazer, tanto mais se corrompem os que se achão feitos; quanto ha menos gente cazada, tanto menos ha fidelidade nos cazamentos; como onde ha mais ladrões, tambem ha mais furtos. „

“ Os Regulamentos sobre o numero dos cidadãos dependem muito das circunstancias. Ha paizes onde a Natureza tem feito tudo, e o Legislador nada tem a fazer. A' que proposito se promove pelas leis a propagação, quando a fecundidade do clima dá abundante população? Algumas vezes o clima he mais favoravel que o terreno: nelle *o povo se multiplica, e a fome os destroe*: este he o caso em que se acha a China, onde o pai vende as filhas, e engeita os filhos. As mesmas causas operão os mesmos effeitos em outros paizes. „

“ Em todo a parte onde se acha hum lugar em que duas pessoas de hum e outro sexo podem viver commodamente, faz-se hum cazamento. A Natureza assaz o impelle, *quando não he retida pela difficuldade da subsistencia.* „

“ Os povos nascentes se multiplicão e crescem muito. Seria entre elles grande incommodo o viverem em celibato: então não lhes he penoso o terem muitos filhos. *O contrario acontece quando a Nação está formada.* „

No Liv. XXVI. Cap. XIV., diz “ Tem sido sempre natural aos pais o vigiarem sobre e pudor de seus filhos. Estando á seu cargo o dar-lhes estabelecimento, devem cuidar na sua preservação, zelando que o seu corpo seja o mais perfeito, e a sua alma a menos corrupta, e que tenham tudo o que lhes pode inspirar honestos desejos, e o que

he mais proprio a dar-lhes ternura. Sempre occupados na pureza dos costumes de seus filhos, devem ter hum afastamento natural á tudo que os pode corromper. „

He bem notavel o que diz no Cap. XI. A dureza do governo pode ir até á destruir os sentimentos naturaes pelos mesmos sentimentos naturaes. *As mulheres d' America se fazião abortar, para que os seus filhos não tivessem senhores tão crueis.*

Platão quer que se regule o numero dos cazamentos, de maneira que o *povo se repare, sem que o Estado se sobrecarregue.*

Os costumes, que começarão a se corromper em Roma, contribuirão muito a^r desgostar os cidadãos do cazamento, que só tem penas para os que só não tem sentidos para os prazeres da innocencia.

A corrupção dos costumes destruiu a censura, que havia sido estabelecida para destruir a corrupção dos costumes; mas quando a corrupção foi geral, a censura não teve mais força.

A seitas da philosophia introduzirão no Imperio Romano hum espirito de afastamento pelos negocios. — Dahi veio a *idéa de perfeição*, ligada á tudo que conduz á vida especulativa; dahi procedeo o afastamento pelos cuidados e embaraços de familia. A Religião Christãa, vindo depois da Philosophia firmou ás idéas que esta havia preparado.

No Liv. XXIII. Cap. I. e seguintes, historiando sobre a população, depois da censura ironica de hum antigo Historiador Ecclesiastico, o qual era de opinião, que “ a multiplicação da especie humana não podia ser o effeito de nossos cuidados, e que o seu numero

crescia ou diminuia segundo a ordem da Providencia ,, diz o seguinte:

“ Os principios da Religião tem extremamente influido sobre a propagação da especie humana. ,,

“ Não se cessou de pregar por toda a parte a *Continencia*, isto he, a virtude que he a mais perfeita; porque, pela sua natureza, deve ser praticada por poucas pessoas ,,

“ A mesma razão de espiritualidade que tinha feito permittir o celibato, logo impoz a necessidade do mesmo celibato, que a religião tem adoptado. Mas quem poderá calar-se contra aquelle celibato, que a libertagem tem formado, e em que os dois sexos, corrompendo-se pelos mesmos sentimentos naturaes, fogem de huma união que os deve fazer melhores, para viverem na que os fazem sempre peiores! ,,

No Cap. XXVI. Diz: He necessario concluir que a Europa ainda presentemente está no risco de ter necessidade de leis que favoreçam a propagação da Especie Humana.

Contra estas ultimas reflexões opponho a doutrina de *Malthus* no Cap. XX. Os Governos Europeos hoje trepidão da respectiva supernumerariã população, causa principal das Revoluções do passado e presente seculo, por falta de lucrativos empregos das classes inferiores. Talvez a Providencia, por seus imperscrutaveis conselhos, tenha permittido a Independencia Politica d'America para facilitar a emigração da innumeravel gente que vive em descontentamento, e quasi desesperada na Europa, onde já *Franklin*, quando foi Embaixador á Paris, notou o, *muito cheio*.

O mesmo *Montesquieu* tem toda a razão no que diz no Liv. VI. Cap. VIII.

“ Ha tantas imperfeições annexas á perda da virtude da pudicicia nas mulheres, e toda a sua alma he, por falta della, tão fortemente degradada, que, sendo tirado esse apoio principal, cahem todas as outras virtudes. ,,

“ Portanto póde-se considerar, que em hum Estado popular a Incontinencia publica he a ultima das infelicidades, a a certeza da mudança na Constituição. ,,

“ Por esta causa todos os bons Legisladores tem exigido das mulheres a gravidade dos costumes. Elles tem proscripto nos seus Estados, não só o vicio, mas tambem a apparencia do mesmo vicio: até banirão o commercio do namoramento, que produz a ociosidade, e he causa de que as mulheres corrompão ainda antes de serem corrompidas.

Pelo que deve-se concluir, que no paiz onde a Moral Publica seja inexoravel Censura da impudicicia do bello sexo, nem os homens serão dissolutos, achando resistencia na virtude feminiil, nem o celibato nos que não poderem sustentâr os encargos do matrimonio, produzirá os vicios, e roubos da honra das familias, antes fará á todas as ellasses mais respeitadas e respeitaveis, não causando por cazamentos de mendigos maior extensão da miseria publica, procurando cada individuo antes subir que descer na esphéra da sua condição.

CAPITULO XXII.

Da Honestidade Publica

ENtende-se por *Honestidade Publica* a habitual reverencia de todas as classes de pessoas á Moral Universal, isto he, á *pureza dos costumes* na conducta, palavra, escripturação. Manifesta-se essa honestidade em hum e outro sexo no respeito que todo o individuo, em seus actos e discursos, mostrar á boa ordem da Sociedade, e ás leis da virtude, e da verdadeira honra, que he inseparavel della.

Offende-se a *Honestidade publica* por toda acção e graçola licenciosa e obscena; por toda a pintura indecente e deshonestas; por toda a poezia e novella impudica; por toda a anecdota diffamatoria e lasciva, da que se diz *Chronica escandalosa*; por toda a dança e cantilena que corrómpe a innocencia, excita sensualidade, inflamma paixões nefandas. Com especialidade se attaca a *Honestidade Publica* nas scenas de Theatro, que, devendo ser *Escolas de Moralidade*, são, ao contrario, frequentemente *Aulas de impudencia*. Onde a Policia he indifferente e passaculpa em taes desaforos, com que se insulta o Decoro Nacional, e a honra das familias, pode-se dizer — *está perdido o paiz*.

A devassidão, com que, por abuso da liberdade do Commercio, e da immuniidade de censura, se tem notoriamente introduzido neste Imperio, quadros e livros corruptores dos costumes, e até collecções de estampas as mais impudicas, que desenfreão as vis phantasias da libertinagem, convém se re-

prima por legislação adequada á resistir á torrente dos vicios de que he victima a Honestidade Publica. A experiencia tem mostrado a insufficiencia e inefficacia da lei existente da Assembleia Constituinte de 2 de Outubro de 1823 Artigo X: “ Quem abusar da liberdade da Imprensa contra a Moral Christãa, ou bons costumes, será condemnado em seis mezes de prisão, e 50\$ rs.

C A P I T U L O . XXIII.

Do Reciproco Auxilio da Moral e Legislação.

NA Parte III. cap. XXXVIII. desta obra já indiquei o importancia e superioridade das *Garantias Moraes* a respeito das *Garantias Legaes* para a boa ordem da sociedade: agora addirei a doutrina do mais abalisado Jurisconsulto deste seculo, *Jeremias Bentham*, no seu *Tratado da Legislação* tom. III. cap. XII., em que assim expõe os *Limites* que *separão a Moral da Legislação*, e o como esta pode ajudar aquella. Diz elle.

A Moral, em geral, he a arte de dirigir as acções dos homens, em maneira que produza a maior somma possivel de felicidade.

A Legislação deve ter exactamente o mesmo objecto.

Mas ainda que estas duas sciencias tenham o mesmo fim, com tudo muito differem quanto a sua extensão. Todas as acções, sejam publicas, sejam particulares, são da alçada da Moral: esta he huma guia, que, em todas as particularidades da vida, pode conduzir

o individuo, como pela mão, em todas as suas relações com os seus semelhantes.

A Legislação não o pode fazer; e se o pudesse, não deveria exercer huma intervenção continua e directa sobre a conducta dos homens. A Moral ordena á cada individuo fazer tudo o que he de vantagem á Commuidade, *comprehendendo nella a sua vantagem pessoal*; mas ha muitos actos uteis á Commuidade, que a Legislação não deve ordenar: actos nocivos ha que ella não deve prohibir, ainda que a Moral os prohiba. Em huma palavra: a Legislação tem o mesmo centro que a Moral, mas não tem a mesma circumferencia.

Ha para isto duas razões de differença. A Legislação não pode influir directamente na conducta dos homens senão pelas penas; ora penas são outros tantos males, que só se justificão, se dellas resulta maior somma de bens. Em muitos casos em que o Legislador quizesse reforçar algum preceito moral por alguma pena, o mal da falta seria menor que o mal da pena; e os meios necessarios para se fazer executar a lei, seriam de natureza tal, que lançaria na Commuidade hum gráo de susto mais nocivo que o mal que se quereria prevenir.

A Legislação muitas vezes he retida pelo perigo de involver o innocente procurando-se castigar o culpado. Este perigo vem da difficuldade de definir o delicto, e de dar delle huma idéa elara e precisa. Por exemplo: a dureza, a ingratiidão, a perfidia, e outros vicios, que a *sancção popular* condemna, não podem ser postos debaixo da alçada da lei, visto que esta não póde dar delles hu-

ma definição tão exacta, como a do furto, homicidio, perjuro.

Mas, para melhor distinguir os limites da Moral e da Legislação, deve-se recordar a mais ordinaria classificação dos deveres moraes.

A Moral regula as acções dos homens, seja na parte da sua conducta, em que só elle he interessado, seja na que póde implicar com os interesses dos outros individuos. O que interessa sómente á elle, compõe a classe de acções, que se appellidão (talvez impropriamente) *deveres para com sigo mesmo*, e a qualidade manifestada pelo cumprimento destes deveres, vem á receber o nome de *prudencia*. A parte da sua conducta relativa aos outros compõe huma classe de acções, que se intitulão *deveres para com os outros*. Ora ha duas maneiras de consultar a felicidade dos outros; huma *negativa*, abstendo-se de diminuilha, e outra *positiva*, procurando augmentalla: a primeira constitue a *probidade*, a segunda a *beneficencia*.

A Moral, nestes tres pontos, tem necessidade do socorro das leis, mas não no mesmo gráo, nem do mesmo modo.

As regras da prudencia bastaráõ, quasi sempre, para os homens cumprirem os deveres para com sigo mesmos. Se alguém obra contra os proprios interesses, a falta não he da sua vontade, mas da sua intelligencia: se faz mal, he só por erro. O temor de fazer mal á si mesmo he hum motivo reprimente assaz forte; seria inutil accrescentar o temor de huma pena artificial.

Objecta-se o mostrar a experiencia os excessos do jogo, da intemperança, da com-

municação illicita dos sexos, muitas vezes acompanhada de mui graves perigos: isto prova, que nem sempre os individuos tem prudencia para se absterem do que lhes he nocivo.

A' isto se responde. Na maior parte dos casos, a pena que fosse muito facil de se illudir, seria inefficaz, e o mal produzido pela lei penal seria muito asima do *mal da falta*.

Por exemplo. Supponha-se que hum Legislador se persuadissem ter boa razão para querer extirpar, por leis directas, a embriaguez, e a libertinagem. Seria presiso comear por huma multidão de regulamentos. Eis já *complicações de leis*, primeiro inconveniente muito grave. Quanto mais facilmente os vicios se podessem occultar, tanto mais duramente se deverião impor penas severas, a fim de pelo terror dos castigos se contrabalançar a esperanza, sempre renascente, da impunidade. Eis *rigor excessivo das leis*, segundo inconveniente não menos grave. A difficuldade de segurar as provas seria tal, que seria neccessario animar denunciantes, e salariar exercito de malsins. Eis *necessidade de espionagem*, terceiro inconveniente, peor que os dous anteriores.

Comparem-se agora os effectos do bem e do mal. Os delictos da natureza dita, se he que se podem qualificar de crimes, sendo antes *imprudencias*, não produzem susto; mas o pertendido remedio da Lei penal causaria universal pavor; cada pessoa, innocente ou culpada, temeria por si, ou pelos seus; as suspeitas, as denunciaes farião a companhia perigosa; fugir-se-hia de sociedades; procurar-se-hião ajuntamentos mysteriosos; temer-

se-hia a communicacão dos corações. A consequencia seria, que a lei, em lugar de supprimir hum vicio, semearia novos, e mais perigosos.

He verdade que os máos exemplos podem fazer contagiosos certos excessos; e que hum mal que seria como imperceptivel em hum pequeno numero de individuos, poderia ser mui sensivel pela sua extensão. Tudo o que póde fazer o Legislador, relativamente á delictos desta especie, he o impor-lhes alguma pena leve no caso de notoriedade escandalosa.

Regra Geral: Deixe-se aos individuos a maior latitude possivel em todos os casos, em que elles não pódem fazer mal senão á si mesmos; pois que são os melhores juizes de seus interesses. Se se envergonhão, he de presumir, que logo que advertirem no erro, não persistão nelle. Não convém que o poder da lei intervenha senão para impedir que fação mal aos outros. Nestes casos as leis penaes são necessarias, e a applicação das penas realmente util, pois que *o rigor exercido sobre hum só, vem a ser a segurança de todos.*

He verdade que ha natural ligacão entre a prudencia e a probidade, isto he, que o nosso interesse bem entendido não nos deixará jámais sem motivo para nos abster-nos de fazer mal á nossos semelhantes.

Mas convém considerar, que, independentemente da Religião, e das Leis, temos sempre alguns *motivos naturaes*, isto he, tirados dos *nossos interesses* *, para consultar-

* Devia acrescentar, dos *instinctos communs da Humanidade*. Os interesses são resultados necessarios, mas *secundarios*, que se derivão de seguirmos impulsos des-sesinstinctos.

mos á felicidade dos outros homens: 1.º O motivo de pura benevolencia, sentimento doce e sereno, que nos aprazemos de experimentar, e que inspira *repugnancia a fazer mal*. 2.º O motivo de afeições particulares, que exercem o seu imperio na vida domestica, e no circulo especial de nossos parentes e amigos: 3.º O desejo de boa reputação, e o temor de censura. Isto he huma especie de calculo, e de commercio — pagar para ter credito — ser verdadeiro para obter confiança — servir para ser servido. Por estas considerações hum homem de espirito dizia, que, se a probidade não existisse, seria necessario inventalla, como o meio de se fazer fortuna.

Quanto a Beneficencia, a Lei póde-se estender assaz longe para objectos geraes, taes como o cuidado dos pobres &c.: mas, quanto as maneiras particulares de bem fazer, deve-se confiar da moral individual, A Beneficencia tem seus mysterios, e se exerce sobre males tão imprevistos, ou tão secretos, que a Lei não póde ter alçada sobre taes actos. Além de que, a energia da beneficencia deriva a sua efficacia da livre vontade do individuo: se taes actos fossem objectos de ordem, e compulsoria, logo deixarião de ser *beneficios*, e perderião a sua essencia, e o seu attractivo. A Moral, e, sobre tudo, a RELIGIÃO, são as que formão o complemento necessario da Legislação, e o mais doce laço da Humanidade,

Com tudo os Legisladores não terião feito assaz para o auxilio da Moral, se não qualificassem de crime a repugnancia, ou ommissão, de hum *serviço de humanidade*, quando he facil prestallo, se da resistencia ou ne-

glicencia resultasse alguma infelicidade: por exemplo: o deixar em desamparo huma pessoa ferida em estrada solitaria, ou lugar ermo, sem lhe procurar soccorro; não advertir do perigo á quem está manejando substancias venenosas; — não dar a mão á quem cahio em fosso. Nestes, e outros casos semelhantes, não se poderia condenar a Lei que impozesse huma pena limitada, expondo o delinquente á certa grande vergonha, e fazendo-o pelos proprios bens responsavel do mal que poderia prevenir.

Tambem poderia declarar ser delicto as *crueldades* commettidas contra os animaes uteis; como hum meio de cultivar o sentimento geral de benevolencia á todo o ente sensivel e prestadio, e fazer os komens mais doces; ou, pelo menos, prevenir a *depravação brutal* dos que se habituão a atormentar os animaes, o que lhes dá o recrescente gosto de tambem se comprazerem das *dores humanas*.

Toda a pessoa esclarecida sobre o seu interesse não se deve permittir crime occulto; tanto pelo temor de contrahir hum habito vergonhoso, que, mais tarde ou cedo, o trahiria; como porque os segredos que cuidamos subtrahir aos penetrantes olhos dos homens, deixão no coração hum fundo de inquietação, que corrompe todos os prazeres. A satisfação sensual, que poderia ter á custa da seguridade de sua consciencia, não equivaleria á tal perda; e quem he apreciador da estima dos homens, sente, que o melhor fiador que possa ter della, he a sua propria estimação.

Mas, para que algum individuo sinta a ligação entre o interesse dos outros e o seu,

he preciso ter hum espirito esclarecido, e hum coração livre de paixões seductoras. Porém a maior parte dos homens não tem as luzes sufficientes, nem a conveniente *força d'alma*, e *sensibilidade moral*, para que a sua probidade não precise do auxilio das Leis. O Legislador deve supprir á fraqueza deste *interesse natural*, accrescentando hum *interesse artificial* mais sensivel, e mais constante.

Accresce, que em muitos casos a Moral deriva a sua existencia da Lei, isto he, para se decidir, se huma acção he moralmente boa, ou má, he preciso saber-se, se he permittida ou prohibida pelas leis. Taes são as relativas á propriedade. Tal maneira de vender e de adquirir bens he contraria á probidade em hum paiz, que seria irreprehensivel em outro. O mesmo se verifica á respeito dos crimes contra o Estado. O Estado não existe senão pela Legislação. Portanto não se podem estabelecer os deveres da Moral, senão depois de ter conhecido ás Instituições do Legislador. Por exemplo: em tal paiz he crime o se alistar hum cidadão no serviço de Potencia estrangeira, e em outro paiz tal serviço he legitimo, e honrado.

CAPITULO XXIV.

Do Regimen Moral dos Prezos.

A Moral Publica reclama, que, na Reforma dos Costumes, se considere e execute a *Reforma das Cadéas*, não menos para *Melhoramento dos Prezos*, e *Beneficio dos Soltos*, que para exercicio da Caridade, e Sau-

de do Povo. Este he hum dos grandes objectos em que a Legislação muito póde, e deve, prestar auxilio á Moralidade.

Blakston no seu commentario das Leis de Inglaterra bem diz: Nenhuma condição humana, por mais alta que seja, nenhuma integridade na conducta moral de qualquer pessoa a mais exacta no cumprimento dos seus deveres, lhe póde dar o direito de pensar, que em alguma occasião não haja de participar dos bons effectos do Melhoramento das Cadeas. A fragilidade dos melhores homens, as paixões dos malvados, a pouca firmeza das cousas humanas, e imprevistos successos, pódem conduzir a qualquer pessoa á Cadea quando menos o cuide.,

Póde-se accrescentar, que o Melhoramento Physico das Prizões he de Beneficio Commum e Geral Interesse; pois que as Enxovias nas Cidades são causas de febres malinas, que espalhão a sua infecção dentro e fóra sobre culpados e innocentes.

A Europa nos seus mais cultos Estados he obrigada a reconhecer os assignalados serviços, que o Philanthropo Inglez, o celebrado *Howards*, tem feito á Causa da Justiça e da Humanidade, chamando a attenção dos Legisladores á tão importante Repartição da Policia. Esse insigne Viajante examinou o estado das Prizões em varios paizes, e expoz ao Mundo Literario os horridos males, physicos e moraes, á que erão sujeitos os prézos, indicando alguns meios de seu alivio.

O Jurisconsulto *Bentham*, na sua obra do principio deste seculo, citada no Cap. antecedente, he tambem mui benemerito, por

haver á esse respeito ampliado os estudos da Jurisprudencia, e proposto engenhosos expedientes de melhorar a sorte dos encarcerados, offerecendo o seu Plano de Edificio de Cadêa, á que deo o titulo de *Panoptico*, por dever ser construido em forma, que de todos os lados se possam ver os presos em aposentos bem arejados, e facilitar-se a sua Inspeção Official, afim de seu passadio saudavel, e bom Regimen Moral.

Mr. *Danjou* publicou em Paris em 1821 a excellente obra do *Regimen das Prizões*, e dos *Meios de as Melhorar*: elle mostra, que o Governo do Reino Christianismo procura distinguir-se em *Obras de Misericordia*, e, quanto em si está, a enchugar as *Lagrimas da Humanidade*. Menciona a Nova *Instituição da Sociedade Real*, de que he Presidente o Duque d'Angouleme, intitulado *Filho da França*, destinada á Melhoramento das Cadêas.

Este Escriptor mui methodicamente classifica os presos, e diversifica o seu regimen moral conforme a idade, sexo, qualidade de crimes, custodia, e detenção, antes e depois de sentença, com outras particularidades bem circumstanciadas. Hum dos seus principaes empenhos he, depois de instrucção religiosa e civil nos mais importantes pontos, o fazer-lhes contrahir o *habito do trabalho*, o grande preservativo da virtude.

Para dar aos leitores idéa deste meritorio trabalho literario, transcrevo as seguintes passagens. No Tit. V. Cap. III. Art. II. pag. 261 diz:

“ Converter hum criminoso em homem util, fazer de hum ladrão hum bom cidadão, he o *Problema* que interessa resolver. Ainda

que a empresa he immensa, e cercada de difficuldades, e até pareça temeridade o propolla, com tudo, as lições da Moral, ajudadas dos soccorros de huma religião persuasiva, podem entrar no coração dos homens pervertidos pela corrupção. — He a desejar, que se componha para o uso especial das Cadêas o livro de instrucção religiosa, cujo Plano foi proposto pela *Sociedade Real*, para servir de habitual leitura aos prezos. As lições serão extrahidas do Evangelho, e compostas de exemplos da Escriptura &c. „

Na Secção II. do dito Art. II. pag. 316, cita a seguinte passagem de *Filangieri* (*Sciencia da Legislação*) “ Por pouco que se reflecta sobre o character geral dos homens, vê-se-ha, que, se a consciencia de huma boa reputação eleva a alma, e a sustenta, e prepara cada dia á novos actos de justiça e de virtude, a consciencia de huma má reputação, degrada, amortece, e extingue todo o sentimento de honestidade. „

“ Esta observação (diz o Escriptor), tão justa como profunda, he huma lição importante para quem empreehender corrigir as más inclinações dos prezos. Antes de os pôr no caminho da virtude, deve animallos a marchar nelle pela esperanza de alcançar o fim á que o empreehendedor se proposer, isto he, a *consideração*, que acompanha sempre a huma conducta irreprehensivel. He preciso dar aos corações abatidos pela culpa a coragem e energia da virtude, para terem a força de supportar os saerificios que ella ordena. O coração do homem se prepara para receber as lições da virtude, reconciliando-se com a idéa da honra. „

Não he possivel aqui dar extractos substanciaes das doutrinas desta obra. Possa ella ser estudada como Manual de Preparação na Reforma da Legislação Penal, de que tanto se ha mister no Imperio do Brasil, e cujo Codigo se acha destinado na Constituição Imperial!

Sua Magestade Imperial já Deo Publico Testemunho de sua Clemencia, e do Reconhecimento do escandaloso Regimen dos Prêzos no Governo antecedente, com a seguinte humana disposição do Decreto de 26 de Novembro de 1822, que he boa Lição de Moral, e Justiça Criminal: “ Sendo-Me presente o grande numero de Réos incursos em pena ultima, que ha largo tempo se achão prêzos nas Cadêas desta Corte e Imperio, soffrendo a miseria, privações, e horrores inseparaveis de tão desgraçada situação: e Attendendo á que muito se alteraria a devida proporção entre as penas e os crimes, se, depois de tantos soffrimentos, estes miseraveis houvessem ainda de expiar os seus delictos com a morte, quando esta, pelo grande lapso do tempo, e pelos tormentos já soffridos, em vez de prôduzir o sondavel horror do delicto, excita mais piedade pela miseravel sorte dos Réos — Hei por bem, por effeitos de Minha Imperial Commiseração, Fazer até aos desgraçados participantes da geral alegria, e applausos dos Faustissimos dias da Minha Imperial Acclamação, e Coroação, e Perdoar a pena de mortê natural, para que lhes sejam commutadas nas immediatas queforem justas &c. Possão daqui em diante as Cadêas do Imperio não serem *sepulturas dos vivos!* ”

CAPITULO. XXV.

Da Influencia da Industria na Moralidade.

Industria he o contrario da *Inercia*, e supõe activa diligencia em procurar-se occupação honesta, para se adquirir o necessario e commodo à vida. Ordinariamente se applica este termo com especialidade á habilitade de se fazerem *manufacturas engenhosas*. Os Economistas politicos hoje com razão generalisam esse termo, comprehendendo toda a especie de tarefa, classificando a de *industria de Campo, e industria da Cidade*.

Geral occupação do povo em variados ramos de industria, he o grande objecto dos Governos regulares, para cada individuo ter o seu *ganha pão*, e em consequencia poder viver socegado, contente, e capaz de manter familia. He de certa experiencia ser esse hum dos meios mais efficazes para geral moralidade. Faltando geral e util occupação, a necessidade que não tem lei, e a inercia que produz ociosidade, são causas ou occasiões dos vicios e crimes que infestam as Nações, e obstam ao progresso de sua civilisação e prosperidade. *Habitos de industria, e constancia de emprego*, são os fiadores solidarios da Ordem dos Estados.

Preguiça do Brasil he o baldão com que os Portuguezes diffamam os Brasileiros. Porém he invectiva, que se retorque contra os seus authores, por ser *obra sua* a inactividade, e indolencia que tem sido imputada aos naturaes do Novo Imperio; visto que o Governo de Portugal, por erro ou machiavel-

lismo, realmente alli *Organisou a Inercia.*

Como podia, haver geral, recta, activa, e intelligente industria no Brasil com o Systema Colonial, que reduzio á escravidão os Indigenas; introduzio o Trafico de negros d'Africa; perpetuou o cativoeiro domestico; authorisou Estancos e Monopolios; prohibio a liberdade do Commercio, e estabelecimento de industriosos estrangeiros; não consentio fabricas e manufacturas ainda de obras para que o rico territorio dava as mais preciosas *materias primarias*, e féculas de tinturarias? Em fim cruelmente se mandarão destruir com salvajaria até poucos teares que a energia e vivacidade de algumas pessoas engenhosas começavão a levantar para supprimento domestico.

O Governo despotico pertendeo o absurdo de restringir toda a industria do Brasil ao rude trabalho da criação de gados, culturas de terras, e minas; como se fosse possível formar hum povo civilisado só de Pastores, Lavradores, Mineiros, e Artistas ordinarios e Comerciantes e Navegantes de hum trafico mesquinho, e por tantos modos agri-lhoado.

Accresce, que, onde ha o Systema da Escravatura, a maior parte dos empregos nas artes e traficos communs se acha preocupada, por escravos, e os livres tem mui pequena esphéra de industria.

Pela benignidade da Providencia, todo o terreno lavradio, e que vale a pena de ser cultivado, dá, pelo menos, o dobro do producto necessario ao supprimento dos nelle immediatamente empregados. Necessariamente pois devem haver variadas, e indefinidas *divisões e subdivisões do trabalho*, para o exer-

cicio da industria, e certeza da subsistencia dos que não precisão, nem podem ser, occupados no campo. Quanto os terrenos são mais férteis, e a cultura feita com maior intelligencia, e ajuda de machinas, tanto proporcionalmente cresce o producto, e diminue a necessidade dos braços para o trabalho das terras: em consequencia, se augmenta o numero dos que, ou se devem empregar nas artes, manufacturas, letras, e armas, ou multidão de gente ficará sem obra, e será inerte. A alternativa he inevitavel.

Demais: a activa e extensa industria se proporciona aos capitaes do paiz. Mas, onde se véda a liberdade do commercio, os capitaes não crescem, como crescerião pelo natural effeito da mesma liberdade, comprando-se mais barato aos estrangeiros, e vendendo-lhes pelo maior valor possivel os productos da terra, effeito necessario da Lei da Concurrencia. Além de que a continua *sacca de moeda* do Brasil para Portugal, tanto por força do Governo, como pelos interesses dos particulares, e dependencias da Metropole, impossibilitavão a accumulção dos fundos para alimento da industria.

Além de que a industria he mais energica, diversificada, e productiva, onde he mais bem dirigida pela intelligencia, tanto dos que empregão fundos, como dos cooperadores á manobra. Isso só se acha, e póde haver, nos Estados em que mais se protege e cultiva a Literatura. O Governo de Portugal nunca protegeo, antes desanimou por muitos modos o estudo das sciencias no Brasil.

Sobre as varias causas da impossibilidade da industria activa, ramificada, e intelli-

gente dos Brasileiros em consequencia do Systema do Governo, no principio do seculo decimo oitavo veio outra mui obstativa da *real riqueza*, pelo descubrimto das ricas minas de ouro e diamantes. Então se experimentou grande retrocesso da agricultura, não só nos portos de mar, como no interior do paiz, e em consequencia proporcionalmente se diminuirão os ordinarios fructos da terra, que fomentavão o progresso da população, e do Commercio. O Governo animou a Mineração dos Districtos auríferos, como a principal fonte da Riqueza Nacional, e monopolizou para a Corôa os Districtos Diamantinos, esperando tirar Grande Renda do Estanco.

O Escriptor Bahiano da *America Portuguesa* (*Rocha Pitta*), levado da commum illusão, se extasiou com a Descoberta das Minas á ponto de appellidar aquelle seculo a *Idade d'ouro do Brasil*; mas ella se mostrou inda peor que a *Idade de Ferro*, pelo frenetico furor, com que se entregarão, até os povos de *beira mar*, quasi com exclusiva preferencia, á Industria Mineira, abandonando a mais certa e perennemente lucrativa Industria Rural e Fabril. Na obra impressa em Lisboa em 1711, intitulada *Riqueza do Brasil*, se enumerão os males mortiferos, que aos negros e brancos, escravos e livres, causou esse Erro Economico. A Policia do Governo occasionou, com o indirectamente forçado arranco de braços e capitaes para Minas, taes arbitrariedades e violencias, que o celebrado Pregador Regio, o Padre Antonio Vieira, assim com a sua inimitavel penna, e vivamente

descreve, a geral oppressão, ostentando Es-
pirito Apostolico na Cadeira da verdade. *

“ Quantos Ministros Reacs, e quantos
Officiaes de Justiça, de Fazenda, de Guer-
ra, vos parece, que devião ser man-
dados cá para a extracção, segurança,
e remessa deste ouro ou prata? Se hum
só destes poderosos tendes experimentado
tantas vezes, que bastou para assolar o Es-
tado, que farião tantos? Não sabeis o nome
do Serviço Real (contra a tenção dos mes-
mos Reis) quanto se estende cá ao loage,
e quanto violento he e insupportavel. Quan-
tos Administradores, quantos Provedores,
quantos Thesoureiros, quantos Almoxarifes,
quantos Escrivães, quantos Contadores, quan-
tos Guardas no mar e na terra, e quantos
outros officios de nomes, e jurisdiccões no-
vas, se havião de criar, ou de fundir, com
estas minas, para vos confundir, e sepultar
nellas? Que tendes, que possuis, que la-
vrais, que trabalhais, que não houvesse si-
do necessario para serviço d’ElRei, ou *dos*
que se fazem mais que Reis com este espe-
cioso pretexto? No mesmo dia haveis de co-
meçar e ser Feitores, e não Senhores de to-
da a vossa fazenda. Não havia de ser vosso
o vesso escravo, nem vossa a vossa cama,
nem vesso o vosso carro, e o vosso boi,
senão para o manter e servir com elle. A
roça havião vo-la de embargar para os man-
timentos das minas: a casa havião vo-la de
tomar de aposentadoria: o canaveal havia de
ficar em mato, porque os que as cultivassem ha-
vião de ir para as minas; e vós mesmo não ha-

(*) *Sermões* Vol. 4. pag. 410.

veis de ser vosso, porque vos havião de apenar para o que tivesses, ou não tivesses prestimo; e só os vossos Eugentos havião de ter muito que moer, porque vós e os vossos filhos havião de ser os moídos. „

Portugal apenas teve ephemera opulencia. O Brasil se empobreceo, e as Nações industriosas da Europa se enriquecerão, e apotentarão com os metaes preciosos d'America, e adquirirão preeminencia na Industria Manufactureira, Nautica, e Mercantil, e as suas Colonias florecerão, e supplantarão o Brasil nos Mercados Geraes.

O mal não cessou com a vinda da Corte ao Brasil, não obstante a concedida Liberdade dos Portos, e Franqueza da Industria. Sem perfeita Immunidade da Industria, e completa Abolição de Estaneos da Corôa, e Monopolios de qualquer sorte, não pôde haver a possível animação do povo, e energia do Geral Trabalho, nem a maior produção e melhor distribuição dos bens, para todos os individuos terem a justa partilha dos necessarios e commodos da existencia, proportional á quota de sua cooperação ao *Monte Nôr* da Riqueza Nacional. Sem a superabundancia desses bens, (sempre sujeitos á causas destroidoras, e mingos das esterilidades, das más estações) não pôde haver constancia de convinhavel geral supprimento, nem plena observancia da Moral Publica.

Accrescião finalmente a irregular administração da justiça, a falta de segurança das pessoas, e propriedades, os impunidos peccatos dos Empregados Publicos, e as violencias feitas com a *mão da authoridade*, que, á pretextos palliados, extorquião, e não

indemnisavão, os bens apenados para o serviço do Estado; cujo abuso de poder felizmente o nosso Augusto Imperador, logo que entrou na Regencia do Brasil, abrindo varias fontes da industria, tambem vigorosamente reprimio pelo Decreto de 21 de Maio de 1821, cujos energicos termos transcrevo para Memorial da começada Reforma da Moral Politica.

“ Sendo huma das principaes Bazes do Pacto Social entre os homens a segurança de seus bens; e Constando-Me, que, com horrenda infracção do Sagrado Direito de Propriedade, se commettem os attentados de tomar-se, á pretexto de necessidades do Estado, e Real Fazenda, effeitos de Particulares contra a vontade destes, e muitas vezes para se locupletarem aquelles, que os mandão violentamente tomar; e levando sua atrocidade á ponto de negar-se qualquerTitulo para poder requerer a devida indemnisação: Determino, que, da data deste em diante, á ninguem possa tomar-se contra sua vontade cousa alguma de que for possuidor, ou proprietario, sejam quaesquer que forem as necessidades do Estado, sem que primeiro de commum accordo se ajuste o preço, que lhe deve por a Real Fazenda ser pago no momento da entrega: e porque pôde acontecer, que alguma vez faltem meios proporcionados á tão promptos pagamentos: Ordeno, neste caso, que ao vendedor se entregue Titulo aparelhado, para em tempo competente haver sua indemnisação, quando elle sem constrangimento consinta em lhe ser tirada a cousa necessaria ao Estado, e aceite aquelle modo de pagamento. Os quo

o contrario fizerem, incorrerão na pena do dobro do valor, á beneficio dos offendidos. ,,

CAPITULO XXV.

Dos Sentimentos de Honra, e de sua influencia no Character Nacional.

DEos plantou no coração dos homens tão vigorosas e fructiferas sementes da virtude, e diffundio, tão geral e vivamente, em todos os entendimentos a idéa da justiça, e estima de certos actos conducentes ao Bem Commum da Humanidade, que raras são as pessoas que vivem em paiz de consideravel gráo de civilisação, que não prestem cordial reverencia á virtude, e não temão o ser desestimadas, e odiosas á seus semelhantes, por convencidas, ou ainda só suspeitas, de haverem commettido cousas reprovadas no geral juizo. Taes pessoas se dizem ter *sentimentos de honra*, e prezarem o seu *bom nome*.

Quem não tem sentimentos de honra, he desprezado e desprezivel. Os que tem estes nobres sentimentos, e constantemente obrão por *principio de honra*, temem a ignominia ainda mais que a morte; e sentem, como atroz injuria, ainda a duvida de seu character, quando se presume ser capaz de fazer o que a commum honra prohibe. Então o natural pudôr dá rubôr ao rosto, e, sendo verdadeira a censura, a vergonha e confusão se manifestão no abatimento do animo; e se he falsa, logo subita indignação afoguêa o espirito, e excita perduravel resentimento do vilipendio. Bem diz o Escriptor da Moral Universal, que *a impudencia he o orgulho do vicio*, e

insolente desprezo da estima e opinião publica, que se deve respeitar.

Honra he palavra que exprime diversas idéas, e se tem definido em varios sentidos.

Em geral significa a *Probidade*; a qual consiste na rigida pratica das *Virtudes socias*, e, com especialidade, da pessoa de fé incorrupta, de verdade núa, e de integridade de vida, que se esmera mais em ser do que em parecer bom.

Entende-se tambem nas mulheres, pela pureza virginal, e inviolabilidade do dever conjugal; e nos homens, pelo brio e timbre de não mentirem; não attentarem á virtude das pessoas confiadas á sua guarda; não fazerem outra acção indigna na opinião publica.

O *espirito de cavalleria*, que tanto contribuiu á civilisação da moderna Europa, constituiu particular *ponto d'honra* em zelar e defender a reputação do bello sexo, e ser leal ao Soberano, que se considera a *Fonte da honra*. Porisso toda a pessoa de sentimentos delicados ostenta firmeza de lealdade e (segundo a phrase de *Burke*) *castidade de honra*, que á esse respeito sente a mais leve nodoa, como ferida mortal na sua virtude civil, e credito patriotico.

O caracter do *Honrador* he em si honorifico, e denota grandeza d'alma; e porisso he vulgar proverbio, que *a honra he de quem a dá*.

Mas não se deve confundir a justa honra da pessoa com a honra da dignidade, e distincção, que he conferida á alguém pelo Chefe do Estado (que pôde ser prevenido, e mal informado) e nem com o sinal exter-

no de estima e consideração, que lhe he prestada por qualquer cidadão. Esta honra póde ser dada á deshonra, isto he, á pessoa que a não mereça, ou seja indigna della, por capricho da fortuna, ou por mero obsequio de formalidade, sem reverencia do coração, que presuppõe real excellencia, e a verdadeira honra.

Montesquieu no — espirito das leis — Liv. VIII. Cap. VII. sobre este assumpto faz as seguintes reflexões. „ O principio da Monarchia se corrompe, quando as primeiras Dignidades são as marcas da primeira servidão; quando se tira aos Grandes o respeito dos povos, e quando esses se reduzem á servis instrumentos do poder arbitrario. — Corrompe-se ainda mais, quando a honra se põe em contradicção com as honras, e póde alguém ser ao mesmo tempo cuberto de infamia e de dignidade. „

O nosso Salvador deo no Evangelho a regra civil das graduações que acompanhão as Honras e Dignidades, que caracterizão as pessoas de maior predicamento, e authoridade, á quem se deve prestar signal de respeito, e reconhecimento de superior distincção na ordem Politica. Esta regra se acha na parabola em que reprova o arrogante, que, sendo convidado á Banquete, toma lugar superior e assento que compete á pessoa mais honrada e authorizada; concluindo com a Lição Moral = Quem se humilha, será exaltado; e quem se exalta, será humilhado = (S. Luc. Cap. XII. vers. 8 a 11).

CAPITULO. XXVII.

Da Ajuda da Literatura á Moralidade.

HE actualmente reconhecido nas mais cultas Nações o quanto a sãa Literatura presta ajuda á Moralidade Nacional, estende o Imperio da Intelligencia dos homens instruidos sobre a Natureza, para se aproveitarem de suas forças em Bem commum, e para se generalisar melhor ordem no systema social.

He de Complacencia da Nação Brasileira, que o nosso Augusto Imperador, o Senhor D. Pedro I., logo que entrou na Regencia do Brasil, Manifestou o seu Espirito Religioso, e Liberal, pelo Magnifico Decreto de 19 de Maio de 1821, em que Restaurou o Pio Estabelecimento do Seminario de S. Joaquim desta Corte, convertido (quem o creeria!) pelo Ministerio do Governo anterior em Barracamento de Soldados, tendo sido de Fundação Episcopal, e de Publicos Bemfeitores, havia hum seculo, destinado para Asylo e Ensino de *Meninos Expostos, Orfãos, e Polres.*

Não posso deixar de aqui transcrever os affectuosos termos do Preambulo daquelle Decreto, em que o então Principe Real Fez Honra á Si, e aos Moradores desta Capital do Imperio:

“ Tendo-me sido presente as supplicas
 „ de varios Moradores desta Cidade, que,
 „ conduzidos por *sentimentos de caridade, e*
 „ *puro zelo*, em beneficio dos orfãos, instão
 „ pelo restabelecimento do Seminario de S.
 „ Joaquim, por não se poderem cabalmente

„ preencher pelas disposições do Decreto de
 „ 5 de Janeiro de 1818 os louvaveis fins,
 „ que tiverão em vista seus pios Instituidores,
 „ e outros Bemfeitores, que o dotarão com
 „ legados, e esmolas: E não podendo de-
 „ xar de merecerem a Minha Real e espe-
 „ cial Consideração, reclamações tão justas,
 „ e mui conformes aos *Desejos que Tenho de*
 „ *Promover e Auxiliar, quanto for possível,*
 „ *a Educação da Mocidade,* principalmente da
 „ classe daquelles, que, privados pela sua or-
 „ fãndade de abrigo e cuidado paterno, ou
 „ por indigencia lhes faltão os meios de
 „ adquirirem a instrucção precisa, para que,
 „ chegados á maioridade, possam ser uteis
 „ á si, á Igreja, e ao *Estado,* cuja pros-
 „ peridade em grande parte depende da
 „ Moral, Costumes, e Instrucção Publica &c.

O mesmo *Pai da Patria* ainda mais cabal-
 balmente Ostentou o Seu *verdadcira mente*
Imperial Entendimento no principio do *Mani-*
festo da Independencia Nacional aos povos
 deste Imperio, do 1.º de Agosto de 1822.

„ Brasileiros! *Está acabado o tempo de*
 „ *enganar os homens.* Os Governos que ainda
 „ querem fundar o seu poder sobre a per-
 „ tendida ignoraneia dos Povos, ou sobre
 „ antigos erros e abusos, tem de ver o col-
 „ losso de sua grandeza tombar da fragil
 „ base, sobre que se erguera outr'ora.

Cousa Singular! O Espirito da Honra
 Brasileira se exasperou com a maior indig-
 nação contra as Cortes de Lisboa (em que
 alias antes haviam mostrado tão cordial con-
 fiança, quando em sua nativa ingenuidade se
 capacitou, sem sombra de suspeita em con-
 trario, que na proclamada Regeneração Po-

litica ellas em boa fé destinavão communicar a *Igualdade de Direitos* aos Co-Irmãos) logo que ordenarão a extincção da Academia da Marinha da Capital do Brasil.

O nosso Augusto Imperador tem estabelecido nesta Corte a Escola central do *Ensino Mutuo das Primeiras Letras*. Pode-se bem dizer com hum dos sabios da Academia da Franca, o Conde *Alexandre de La Borde* no seu Commentario ao Methodo Lancaesteriano:

“ Não he isto hum beneficio da Providencia, que se deve aproveitar com ardor? Que importa de que forma se apresentem a Religião, a Virtude, a Sciencia? As suas luzes não brillão sempre com o mesmo esplendor? Antigamente os velhos forão os que levarão a palavra de Deos aos povos salvagens, e aos palacios dos Imperadores; hoje os *meninos são os missionarios da moral, e da verdade*. Honra á idade da innocencia, que póde substituir á da sabedoria para felicidade dos homens! ,,

Tambem em Inglaterra tem havido *obscurantes*, pregoeiros da *ignorancia do povo*, e que ainda mal adoptão o desacreditado *Jesuitismo* de *conspiração contra o progresso do espirito humano*, só requerendo sciencia em poucas cabeças de orgulhosos pretensores ao *monopolio da Governança* *. Sem haver muitos illustrados cooperadores ao Bem commun, não póde haver recta Legislação e

* Estes sectarios dos Phariseôs, tem a reprova do nosso Salvador, que no Evangelho argue a taes falsos Mestres, que, apoderando-se da *Chave da Sciencia*, nem entrarão para o seu Santuario, nem deixarão aos outros entrar (S. Luc. cap. XI. vers. 52).

Administração. ElRei George III. já nada tanto almejava do que ter vida para ver ao Corpo do povo sabendo ler e escrever, para ao menos cada pai de familia poder *ler á seus filhos a Biblia.*

Em todos os seculos e paizes se tem experimentado, que a sãa Literatura tem o certo effeito de amansar os barbaros, e obstar á fereza de costumes *.

Quanto huma Nação he mais literata, tanto mais extensamente sobresahe, predomina, ou infue na prosperidade social. As maiores Revoluções sempre se tem originado, ou aggravado, pela supina ignorancia das classes inferiores, as quaes são facilmente seduzidas por impostores, que lhes promettem melhoramentos de condição, impossiveis de se realizarem; afim de que, derribado o governo estabelecido, os demagogos possuão de salto exorbitar da propria esphera, e, usurpando o poder politico, exercerem o mais tyrannico despotismo, qual se vio na França, e outros Estados, que seguirão o *pessimo espirito* dos superficiaes Anarchistas, que levantarão o seu septro de ferro sobre miseros povos, sem lhes deixarem a consolação de serem opprimidos sem serem deshonorados.

* *Ingenuas didicisse fideliter artes,
Emollit mores, nec sinit esse feros. — Ovid.*

C A P I T U L O XXVIII.

Indicação das Boas Qualidades Moraes.

A *Bnegação* — Qualidade Moral da pessoa que aspira á perfeição evangelica, e que consiste na renuncia á propria vontade, e no desapego dos bens do mundo, e de tudo que não he serviço de Deos.

Accio — Limpeza no trato da pessoa em casa, meza, escripta, roupa. Distingue-se da *mundicia* e *pureza*, que se entende especialmente da limpeza de corpo, e da alma.

Accessibilidade — Qualidade da pessoa *accessivel*, isto he, de facil accesso, franqueando a recepção e falla á amigos e estranhos. Ella especialmente se requer nos homens publicos para audiencia das partes.

Actividade — Qualidade de ser activo, e ter presteza, vivacidade, energia, em qualquer obra e empreza. Sem ella, nada se pôde fazer, ainda do que he ordinario, com a possível perfeição, e brevidade: deve ser regulada pela justiça, e prudencia, para não degenerar na precipitação e impetuosidade do estouvado, indiscreto, temerario, violento, que só tem *actividade destemperada*, e destructiva.

Acolhimento — Benigno recebimento de alguma pessoa em palavra, e hospedagem.

Affabilidade — Maneira attenciosa de falar, especialmente das pessoas constituídas em dignidade á seus subordinados, para attrahir cordial respeito.

Affago — Bom agasalhado, acção carinhosa, mimo com que se trata a alguém.

Affeição — Affecto amoroso, ou propensão amigavel, e benevola.

Agasalho — Acolhimento decente ao hospede.

Agrado — Qualidade da pessoa que nos excita sensações gratas, e aprazíveis.

Alacridade — Promptidão de animo, viveza, e energia para fazer cousa ardua, ariscada, penosa, ou ainda qualquer serviço: he huma das prendas da actividade.

Alegria — Manifestação de jubilo d'alma, que remove a tristeza, e mitiga a tribulação propria e alheia, e communica felicidade. O Rei Psalmista a conta por dote divino — déstes alegria no meu coração —: elle tambem dá o conselho — servi ao Senhor em alegria. —

Amabilidade — Qualidade da pessoa amavel pela sua virtude, sciencia, prendas, e boas maneiras.

Amizade — Especial benevolencia que sentimos á favor de alguem.

Amnistia — Esquecimento de aggravos. Este nome grego particularmente expressa o Acto de Geral Clemencia e Perdão do Soberano á criminosos do motim, sedição, rebelião.

Amor — Não se entende do appetite libidinoso dos sexos, e meramente animal; mas o Amor da Ordem, e Desejo do Bem Publico, da estima, sciencia, fama *, e gloria. — He Movimento dos Grandes Melhoramentos Sociaes, e o fomento das virtudes civis. Elle comprehende tambem o Amor — conjugal, paternal, maternal, filial, fraternal, parental.

* Tacito bem disse, que, *desprezada a fama*, desprezão-se as virtudes, e que a ambição da gloria he a ultima prenda que se enterra com o homem de altos pensamentos.

Animação — Vivacidade de espirito.

Beneficencia — A virtude habitual de fazer bem, de qualquer sorte, á nossos semelhantes.

Benevolencia — Geral Philanthropia, ou Amor da Humanidade.

Benignidade — Qualidade de ser benigno, officioso, e prompto á favor, auxilio, patrocinio.

Boa fé — Singeleza e pontualidade no ajuste, e cumprimento dos contratos.

Bondade — Indole feliz, e o que se diz *bom natural*, que manifesta o espontaneo e constante desejo e gosto de agradar, e bemfazer.

Brandura — Mansidão e suavidade de genio e temperamento.

Brio — Elevação de sentimentos: apreço e zelo de honra, estima, reputação, fama, lance da espirito de quem préza o ter credito de probidade, liberalidade, valor.

Candura — Ramo da *Veracidade*.

Capacidade — Vasta comprehensão de quem tem genio e talento não commum. — Diz-se até no vulgo — he *pessoa de capacidade* — *homem capaz*, por elogio de seu bom saber, e character moral.

Character — Uniforme procedimento moral das pessoas que tem boas qualidades, e que porisso adquirem credito de probidade, e reputação de virtude e honra, dando confiança á todos para com ellas tratarem.

Caridade — Rainha das Virtudes Christãs, que se exerce em todas que se dizem — *obras de misericordia*.

Castidade — Abstinencia de união conjugal, e de toda sensualidade, ainda sendo cazado.

Cautella — Consideração prudencial para prevenir, precaver, e obviar algum mal.

Certeza — Qualidade do homem certo e de bom character com que se póde contar — He proverbio — o amigo certo se vê no tempo incerto.

Civilidade — Acção e qualidade do homem civil, cortez, urbano.

Circunspecção — Exame attento de qualquer cousa por todos os lados, como de quem olha tudo em redor, considerando circumstancias e consequencias. He socia da Prudencia.

Clemencia — Qualidade mais propria dos Soberanos de natural bondade, indulgencia, e inclinação á perdoar. Nos particulares se diz — *Indulgencia*.

Comedimento — Qualidade da pessoa *comedida*; isto, he que tem comportamento circunscripto ás regras dos deveres, e dos decouros usuaes, sem jámais ultrapassar dos limites da propria esphéra, ou condição.

Communicabilidade — Qualidade da pessoa tratavel, e communicavel; he contraria á *reserva*, e esquivança de communicar alguém aos outros os seus pensamentos, e conhecimentos.

Compaixão — Disposição de homem compassivo para se condoer das infelicidades, padecimentos, e miserias de nossos semelhantes, e lhes dar prompto e cordial soccorro, e remedio, ou a consolação, que está em nossas possibilidades. He ramo da Benevolencia e Sympathia, de que assaz se tem tratado nesta Obra.

Complacencia — He a disposição habitual de se conformar ás vontades justas, e gostos racionaveis dos outros, ou ainda aos caprichos em cousas indifferentes.

Complacencia — Delicia que os bons sentem com a prosperidade dos outros.

Conciliação — Prenda de alliciar e attrahir a benevolencia dos outros, e ser o conciliador, para congraçar amigos, e desavindos, emulos, e rivaes.

Concordia — Habilidade de Arbitro e Mediador para obter união de vontades, e ajuste de concordatas e compromissos, de que resulta boa harmonia e paz entre dissidentes.

Confiança — Segurança de animo, e firme esperança com que se faz alguma cousa.

Confidencia — Fé e confiança que se faz de alguma pessoa, entregando-lhe bens e segredos, pela boa opinião de sua probidade, e firmeza de character. Deve ser regulada pela prudencia: he compativel com a *reserva*, por ser perigosa a confiança indiscriminada nos outros, e até excessiva, posto que de pessoas de estabelecido credito.

Conselho — Qualidade do judicioso e prudente, que nada obra sem consultar á boa razão, e tomar, em caso difficil, o conselho, e seguir o arbitrio do bom varão. Tambem se entende pelo assento e proposito deliberado e resolutivo: Neste sentido se diz que, em nova, ou melhor, razão — *he do sabio mudar de conselho.*

Constancia — Qualidade de quem he firme no proposito, immudavel na resolução, aturado na tarefa.

Conta — Qualidade do homem *calculador*, que tudo obra, como se diz, *em conta, pezo, medida.*

Continencia — Abstinencia de satisfazer paixões desordenadas, ou a moderação nos prazeres licitos e honestos. Tambem significa a

reserva prudencial de não casar sem meios de sustentar os onus do Matrimónio : desta se tratou amplamente no Cap. XX.

Coragem — Potencia do animo, e força de corpo para defeza e ataque, em repulsa ou aggressão de inimigo; e tambem para não esmorecer nem descorçoar no perigo, desastre, e infortunio.

Cortezia — Civilidade, urbanidade, e polidez em falla, obra, escripta, usando-se das attentões, e reverencias, que nas Côrtes se praticão, para reciproco respeito e affecto dos superiores e inferiores. Distingue-se da *cortezania*, que he *qualidade equivoca*, e que frequentemente se confunde com a lisonja e simulação usual nos Cortezãos.

Credito — Estima e Confiança de Publico, pelo conceito e opinião das boas qualidades de alguém. Com especialidade se entende do *Credito Mercantil*.

Curiosidade — Instincto que impelle á investigação das obras da Natureza e da Sociedade. Ella he a que desenvolve a que parece ser dada ao homem, *indefinida perfectilidade de intelligencia*. Não se deve confundir com a inquisição dos malignos curiosos, que fazem devaça dos negocios dos outros.

Dadiva — Acção e qualidade do homem dadivoso, amigo de fazer presentes, e (como se diz) *mimosear*.

Decencia — Honestidade no procedimento exterior, e no vestido, conforme ao estado de cada pessoa.

Decóro — Ajustamento das acções e exterioridades das pessoas ao respectivo character, sexo, estado, idade, emprego, dignidade; e tambem exprime o especial respeito e trata-

mento, que se tributa ás pessoas, conforme ao seu nascimento, predicamento, e elevação na Ordem Política.

Delicadeza — Acção e qualidade de pessoa delicada, e polida, que tem sentimentos nobres, e elevados, e de consciencia escrupulosa; e tudo exprime e obra em termos e modos finos e gratos.

Delicadeza — Finura na polidez; attenção escrupulosa em obsequiar, e de, nem por allusão, ou sombra, offender.

Denodo — Qualidade de pessoa de valor, e ardimento.

Dignidade — Qualidade da pessoa digna de honra, e que procede de maneira congruente á sua graduação e condecoração, não desluzindo o seu nascimento, predicamento, e Emprego, com indecentes maneiras.

Diligencia — Porfia no que he á cargo de alguém com escolha dos meios mais adequados ao fim do empenho á que se propoz, para não se mallograr o intento.

Discrição — Claro discernimento, juizo prudencial, e solido.

Docilidade — Boa disposição para attender e receber sãs doutrinas, e bons conselhos de avisados e prudentes.

Doçura — Maneira insinuante, e graça na falla, que manifesta boa indole, e que muitas vezes desarma o violento, e aplaca inimigos. Ella tem direito sobre todos os corações; ainda os máos lhe rendem homenagem; tem o effeito da unção sagrada dos que bem sabem pregar a *palavra de Deos*.

Desinteresse — Habito de fazer o seu dever, e de bemfazer, sem intento e olho no lucro, e equivalente retribuição.

Desvelo — Cuidado de quem vela no estudo, e cumprimento do seu dever.

Devoção — Qualidade da pessoa devota, que faz os actos de religiosa piedade e culto divino com assiduidade, compostura, e elevação d'alma á Deos.

Economia — Regularidade na despesa, para que não exceda a renda, e se faça com judiciosa escolha nos objectos.

Quem vive sem conta, morre sem honra.

Elevação — Grandeza d'alma, que exalta o espirito, para só se dar valor á grandes cousas, e se emprehenderem projectos extraordinarios, não tendo-se por insuperaveis quaesquer obstaculos e difficuldades. Esta elevação he distincta da *altivez*, que se assemelha á *soberba*.

Equidade — Indulgencia e tolerancia dos defeitos e erros dos homens; e tambem o habito de não usar de rigor ainda no que he devido de Justiça.

Energia — Actividade, e força d'alma para vencer difficuldades nas emprehendidas obras.

Engenho — Agudeza de entendimento; talento e genio comprehensivo, e inventor.

Eternecimento — Qualidade de quem tem ternura, e commiseração dos infelizes, e doentes.

Equabilidade — Maneira de obrar uniforme, e sempre igual.

Equanimidade — Igualdade de animo nos perigos, infortunios, e contratempos.

Espirito-Publico — Character do Patriota heroico, que só tem por motivo de acção o desinteressado amor do Bem Publico, e está prompto á todo o sacrificio pela Salvação e Honra Nacional.

Estimação — Acção e Qualidade da pessoa estimavel, e que tambem préza a estima dos virtuosos e sabios, e ambiciona merecer o juizo e conceito favoravel dos seus concidadãos, e do Governo.

Estudo — Desvelo do Estudioso das Sciencias, e Artes liberaes.

Exacção — Qualidade de quem tem o timbre de ser exacto no que diz, obra, e escreve; e na observancia de seus deveres, especialmente na fidelidade, e pontualidade em suas promessas.

Fama — Desejo de *bom nome*, e credito immaculado. — Reputação e celebridade adquirida de virtude, sciencia, e acções dignas de louvor. — He a maior riqueza e defeza dos homens. — *Cria bou famu, e deita-te a dormir.*

Firmeza — Estabilidade nas asserções, acções, resoluções, e emprezas.

Fidelidade — Inviolabilidade da fé dada: particularmente se applica aos espozos e amigos. — V. Cap. XVIII.

Favor — Boa obra, que se faz sem obrigação de justiça, e só por obsequio.

Fortaleza — Valentia de animo para fazer o seu dever com intrepidez, e não desmaiar com a adversidade, nem succumbir á desgraça: He qualidade affim da *coragem*.

Franqueza — Abertura de coração, e liberalidade discreta em manifestar os sentimentos.

Frugalidade — Moderação e simplicidade na comida e bebida.

Generosidade — Beneficencia com profusão, ainda com sacrificio da propria vida para salvação dos nossos semelhantes, e até de inimigos.

Gratidão — Reconhecimento dos benefícios, com veneração e obsequio ao bemfeitor.

Graça — Enunciação agradável e affectuosa, que attrahe, e concilia os ouvintes.

Graciosidade — Qualidade de ser jovial e gracioso, por saber dizer e contar, com decencia e graça, cousas e historietas agradaveis á boa companhia.

Gravidade — Attenção á si proprio no comportamento, para não fazer por inadvertencia o que pareça leve, pueril, e ridiculo. Sendo porém affectada, e austera, tem a apparencia de orgulho.

Heroicidade — Disposição á virtude sublime, e façanha extraordinaria, e até de sacrificio de vida.

Honestidade — Habitual conducta que reúne a pudicicia, modestia, honra.

Honra — Delicadeza de sentimento em nada fazer contra a justiça, equidade, verdade, lealdade, estimação, virtude. Ter *espírito de honra* he ter a mais escrupulosa consciencia em não faltar á seus deveres civis. Veja-se o Cap. XXIV.

Hospitalidade — Accolhimento e brinde em nossa casa, ou terra, de nacionaes e estrangeiros.

Humanidade — Affeição que se tem aos outros homens, fundada sobre a homogeneidade de Especie, e sobre a benigna equidade, que nos impelle á beneficencia, e venia das fragilidades humanas.

Humildade. — Reconhecimento da tenuidade da nossa intelligencia e virtude, com submissão á authoridade dos superiores em dignidade e sabedoria, e resignação ás mysteriosas Disposições do Ente Supremo em tu-

do em que não podemos entender as vias de sua Provideocia.

Independencia — O brio de fazer esforço de não depender para a sua decente subsistencia da mercê dos individuos, tendo confiança na propria industria.

Incorruptibilidade — Força de animo para não se deixar seduzir e corrompér por dinheiro, interesse de qualquer sorte, ou respeito humanos, favores de poderosos, empregos do Governo, para deixar de fazer o seu dever.

Indulgencia — Inclinação a relevar e dar venia aos erros, e ainda aos insultos e ataques, á nossas pessoas e propriedades.

Industria — Habilidade e destreza de saber com efficacia, e fazer com energia, cousas uteis á Economia Social. Sem *espírito de industria*, nem os individuos, nem os Estados se podem multiplicar e enriquecer. Ella he huma das garantias das Virtudes domesticas.

Imparcialidade — Rectidão de julgar em conformidade á justiça, sem inclinação á parte alguma interessada na decisão.

Imperturbabilidade — Os Escriptores de Ethica a intitulação — *Aturaxia*, nome grego, que exprime a serenidade de espirito que não se turba com qualquer accidente infausto.

Ingenuidade — Singeleza de animo de quem não he dobre, disfarçado, dissimulado, retrahido, refochado. He Socia da Candura e Sinceridade.

Inteireza — Pureza de vida, delicadeza de rectidão: especialmente se applica á inteireza e imparcialidade do Juiz. O Cantor das Lusíadas qualifica o hypocrita

Simulando justiça e Integridade.

Integridade — Probidade acrisolada, que sempre se manifesta com inteira isenção de culpa, em quem cumpre exactamente os seus deveres.

Intrepidez — Ousadia do sem-pavor, que não se acobarda por medo, não se aterra com a face do inimigo, e imminencia do perigo. — He qualidade socia da Coragem e Fortaleza.

Lealdade — Fidelidade ao Governo, para em nada se intentar e attentar contra a Vida e Honra da Authoridade Suprema, nem contra a Ordem estabelecida.

Liberalidade — Judiciosa beneficencia, regulada pela prudencia, e dirigida a favor dos carecidos, e dignos. Ella consiste em justo meio entre a mesquinhez e a prodigalidade.

Limpeza — *Limpeza de mãos*: Entre nós se usa com emphase desta expressão para designar a integridade dos Empregados Publicos, que não recebem peitas, nem fazem extorções, e prevaricações por venalidade. Neste sentido se diz, como elogio, ainda em Diplomas, ser hum Magistrado digno, e justo, por *limpo de mãos*; louvor que mais parece satyra, e prova da corrupção da Moral Publica, por considerar-se singular virtude a trivial obrigação do officio.

Lisura — Absencia de reholho e dissimulação no trato civil.

Longanimidade — Firmeza de animo com que em desgraça prolongada se espera melhoria de sorte, e prosperidade futura.

Magnanimidade — Grandeza d'alma na liberalidade; e paciencia nos infortunios e

contratempos ; e especialmente se mostra na força d'alma em perdoar offensas, e congraçar-se com adversarios.

Magnificencia — Grandeza de animo para fazer obras com esplendor.

Mansidão — Brandura de genio de quem não he rixoso, nem facil de irar-se.

Meiguice — Qualidade de quem he meigo, brando, e carinhoso na conversação.

Merito — *Merecimento*. — Aptidão, que dá titulo e direito á emprego e premio do Estado, por cultivação de talentos, e obras uteis.

Mimo — Delicadeza de quem he melindroso, e não obra nem tolera rudezas e grosserias.

Misericordia — Propensão do animo para alliviar as miserias dos outros, e perdoar aos que contra nós commetterão erros ou crimes.

Moderação — Comedimento em palavras e acções, e principalmente na defeza de nossos direitos, e no uso da authoridade legitima.

Modestia — Moderação e discrição em falar de si.

Mundicia — He propria da pureza corporal.

Munificencia — Largueza na liberalidade.

Obsequio — Habito de grangear amizades por modos urbanos, e offerecimentos de serviço honesto, não deforme. Diz-se homem obsequioso o que he prestativo.

Ordem — Espirito de ordem, de quem faz tudo com regularidade.

(*) Horacio descreve o seu *vardo probro* — inteiro de vida, e puro de maldade.

Paciencia — Disposição a soffrer dores, e tolerar os trabalhos, afflicções, angustias, e calamidades da vida, sem ser importuno aos amigos e domesticos, nem ser quérulo contra a Providencia, tendo resignação á Divina Vontade. Passa em proverbio — *a paciencia de Job* —; porém ainda he mais memoravel a reprimenda, que sua mulher lhe fez por queixar-se da Divindade — *recebestes os bens das mãos de Deos; porque tambem dellas não recebereis os males?* — Alguns dizem que os pacientes *fazem da necessidade virtude*. Mas, de facto, he virtude não commum; e os impacientes, ou insoffridos, chegam ao excesso de blasphemos, desesperados, suicidas.

Parcimonia.... Habito de *viver do pouco*. — Quem he o mais parco e poupado possivel na despeza ordinaria, não tendo excessiva parcimonia, que degenera em avareza, mesquinharia, e sordidez, tem em si grande fiança da independência, saude, e longevidade.

Patrocínio — Timbre e Brazão do *Vale-dor*, que ostenta nobreza de animo, e se apraz de valer, patrocinar, dar auxilio e favor.

Patriotismo — *Virtude do Espirito-Publico*.

Pêjo — Demonstração de sentimento de vergonha em ouvir torpe conto, ou ser convencido de acto indigno. Nas mulheres este sentimento se diz *pu-dór*. A Natureza até fez visivel orgão especial para manifesto de tal sentimento d'alma, pelo rubor que assoma ao rosto. Onde elle existe, mostra-se ainda haverem vivas sementes das virtudes, e que o coração não está inteiramente corrupto.

Penetração.

Perspicacia — Agudeza de sentimento.

Perseverança — Constancia no desempenho dos deveres, e no plano de vida.

Philanthropia — Amor do Genero Humano: desejo do Bem Commum, Civilisação, e Prosperidade de todos os homens.

Philharmonia — Amor da Musica. — Os Gregos consideravão o ensino, conhecimento, uso, gosto da Musica, como parte essencial da Boa Educação, e do Bom Character.

Piedade — Expoz-se no Cap. X.

Placabilidade — Qualidade da pessoa placida, e placavel, que facilmente se aplaca, mitigando e enfreado ira e a colera, ainda tendo sido com razão irritado.

Polidez — Boas maneiras; cultura e decencia em falla, escrita, obra; urbanidade do cortezaõ.

Ponderação — Reflexão, attenção, meditação, para não se decidir e obrar com temeridade, e precipitação.

Pondonór — Disposição de quem tem brio e timbre de resentir-se do que offende o que se diz *ponto d'honra* — He proverbio — quem não sente aggravo, não aprecia fineza.

Pontualidade — Qualidade de ser pontual, e ter perfeita exactidão em cumprir a palavra, desempenhando a fé dada.

Precaução — Cautela antecipada para prevenir e remover algum damno, inconveniente, difficuldade, obstaculo.

Presença de espirito — Tranquillidade e segurança de animo, para, no maior perigo, obrar (como se diz) á *sangue frio*, considerando as cousas sem turbação, nem paixão, mas no seu claro e verdadeiro ponto de vista.

Prestimo — Qualidade da pessoa que tem

boas partes, e prendas, e que mostra promptidão e gosto de ser officioso, e prestativo.

Providencia — Perspicacia e fertilidade de espirito em descobrir e applicar adequados meios, recursos, e remedios de effectuar algum bem, e evitar, ou sanar algum mal.

Providencia — Habitual provisão ao futuro em qualquer acto e projecto, considerando-se as provaveis consequencias. Sobre isto he vulgar o proverbio — quem adiante não olha, atraz se fica.

Primor — Excellencia e delicadeza em falla, escrita, obra.

Probidade — Bondade moral, bons costumes, honestidade de proceder.

Prudencia — Judiciosa e circumspecta consideração das cousas para o acerto nas resoluções, calculando-se os meios proporcionados aos fins, e ás vezes escolhendo-se entre os males o menor. He conselho economico — *não trovar de repente*. He grande virtude, e o melhor antidoto contra a precipitação e temeridade.

Pudicicia — Expoz-se no Cap. XXIV.

Pudór — He o pêjo nas mulheres honestas; sentimento natural, que nellas subita, e vivamente se mostra na roza da face, quando, por palavra, ou nefandas acções, se offende a sua delicadeza, honra, pudicicia, ou virginal pureza.

Pureza — Limpeza moral, e innocencia de costumes: tambem se entende no sentido mais ordinario a *limpeza physica*, que he sombra da puridade d'alma: ella, além dos bens da saude particular e publica, manifesta *espirito de ordem*, e *desejo de agradar*; pois

não ha cousa que mais desagrade, e nausêe, do que a *falta de accio*.

Quietação — Synonimo de Tranquillidade, e socego; qualidade de quem não he inquieto, desacocegado, perturbador, revoltoso.

Recato — Cautela prudencial para evitar damno: com especialidade se applica este termo ao recolhimento da mulher honesta para segurar a sua reputação.

Rectidão — He o mesmo que a *Integridade*.

Reparação — Effectiva indemnisação do damno ou mal, feito de accintê, ou por accidente.

Reserva — Qualidade da pessoa que se diz *reservada*, isto he, circumspecta, e discreta, que não falla o que he prudente calar. Distingue-se da dissimulação de quem he *refolhado* e *retrahido*.

Resignação — Disposição religiosa a se conformar ás dispensações da Providencia nas attribuições da vida.

Respeito — Veneração, attenção, consideração, contemplação.

Retractação — Acto de retractar e desaprovear expressamente o que foi affirmado, escrito, decidido. Attribue-se especialmente aos Escriptores: chama-se *Abjuração*, quando se renuncia á erros e Symbolos em Religião.

Reverencia — Acatamento aos Superiores.

Revogação — He a retractação que os Juizes fazem das suas sentenças.

Resipiscencia — Facilidade de tornar á razão, e emendar o erro.

Resolução — Capacidade habitual de determinar, e executar com efficacia e certeza o proposito e conselho deliberado.

Satisfação — Vontade prompta de satisfazer á qualquer pessoa por offensa intencional, ou casual, dando a reparação competente.

Segredo — O Habito de concentrar no peito o que em confidencia se communicou. He qualidade rara, a não ser o segredo de summa importancia: poucos ha que possam até com o pezo do proprio segredo, que quasi tem a natureza do feto no utero, que forcêja por sahir á luz,

Segurança — Constancia, intrepidez, firmeza de animo.

Senhorio de si — Expoz-se no Cap. XII.

Sensibilidade — Qualidade da pessoa sentimental, e compassiva dos padecimentos e males alheios, e tambem da mui sensivel á offensas da propria honra, pela delicadeza dos sentimentos moraes,

Serenidade — Compostura inalteravel no semblante, que dá mostra de espirito não turbado de paixão, ou remorso, e ainda de innocencia da consciencia.

Sericidade — He especialmente a gravidade no aspecto e gesto.

Serviço — Bom officio, e obsequio honesto,

Sinceridade — Ingenuidade, lhaneza, lisura no fallar, ou obrar, sem dobreza, refolho, dissimulação. — He irmã da *Candura*; mas esta distingue-se daquella, como se exporá no Cap. XXX.

Singeleza — Naturalidade da falla, escripta, e obra, sem enfeite, nem disfarce; o que indica a pureza da verdade. Não se deve confundir com *Rudeza*.

Simplicidade — Maneira de falla, escripta, e obra de quem procede com ingenuidade, e sem dobreza, nem grosseria. Não he *simpleza* e *sandice*.

Siso — Juizo prudencial.

Sisudesa — Synonimo de *seriedade*: qualidade da pessoa de siso.

Sobriedade — Moderação no alimento, especialmente no uso de liquores espirituosos.

Soffrimento — *Paciencia* da pessoa *soffrida*, que, padecendo dores, molestias, e angustias, as tolera com resignação, sem queixa, nem importunidade.

Ternura — Qualidade do coração amoroso, e misericordioso, especialmente dos innocentes, desvalidos, e opprimidos.

Tolerancia — Expoz-se-há no Cap. XIII.

Tractabilidade — Qualidade da pessoa de boas maneiras, com quem se pôde fallar, e tratar, sem receio de rudeza, grosseria, rispidez, e *más palavras*.

Temperança — Regulação dos appetites, desejos, e paixões desordenadas.

Valor — Esforço do animo de quem arrosta os maiores perigos. — Elle com especialidade se applica ao que se diz *Denodo Militar*. — Distingue-se da *Valentia*, que consiste mais na robustez de membros, bruta força corporal, e estolida ferocidade, do que em mental energia, e prudente audacia. Valoroso e valentão são mui differentes, e até oppostos, entes.

Vergonha — Qualidade de quem tem vivo natural sentimento do pudor, e da honra, quando a consciencia lhe faz exprobração de acto indigno, e o certifica da desestima e desprezo em que tem incorrido no juizo do Genero Humano.

Veracidade — Expoz-se no Cap. XI.

CAPITULO XXVIII.

Technologia Ethica.

TOda a Sciencia tem a que se diz sua *Technologia*, ou *Nomenclatura*, isto he, a competente *Linguagem*, composta dos que se intitulão *termos technicos*, ou *facultativos*, proprios do uso scientifico, ou commum, da respectiva Faculdade, Arte, Repartição Literaria.

Tambem a Sciencia da *Ethica* tem mui variados termos para expressar os Actos, Habitos, Caracteres, Defeitos, Vicios, Indoles, Qualidades boas, ou más dos Homens, como Agentes Moraes. A' esse respeito he assaz copiosa a *Nomenclatura Vulgar*. — *Elenchos Synopticos*, em ordem alphabetica, darão idéa clara das differentes maneiras de obrar na vida civil. Alguns termos são synonymos, e outros denotão qualidades physicas de espirito e corpo, que se implicão com disposições, acções, e imputações Moraes, e que os leitores obviamente discernirão. Considerarei, que assim, em hum golpe de vista, comprehenderão o epilogo do bem que podem fazer, e do mal que devem evitar, para ser respeitado o character individual e Nacional. O complexo das Boas Qualidades he o que contitue o Grande Character. Reservei para o fim as *Tabellas*.

Este Supplemento seria prolixo, se nelle definisse cada Qualidade e Character: porisso limitei-me á breve exposição das *Boas Qualidades*: só farei explanação de algumas que são de summa importancia, mas raras, e de difficil perfeição e reunião nas mesmas.

peçoas: taes são a Prudencia, Moderação, Candura, Sinceridade, Integridade, Fortaleza, Tambem exporei as *Más Qualidades* da Mentira, Hypocrisia, Inveja, Vaidade, Soberba, Descontentamento; por serem mui communs, e das mais corruptoras da Moralidade Publica, sendo este ultimo o precursor das Revoluções dos Estados. Concluirei com Reflexões sobre a fallibilidade da intelligencia, e fragilidade da Virtude Humana, que só se pôde sustentar pela Graça Divina.

Sobre as *Qualidades Equivocas*, bastará aqui notar os seguintes exemplos.

Ambição he boa qualidade em quem aspira á melhora de condição por honesta industria, e cultura das prendas naturaes, como he necessario para obter dignidade, consideração, e fortuna, e em consequencia elevar-se á estado de ser util, e bem servir á Patria, e á Humanidade. Mas pôde degenerar em soberba, se tem por fim a dominação, e oppressão dos homens.

Arrependimento he boa qualidade, quando he acto de *Resipiscencia*, e *Penitencia*, pelo qual o que reconbece o seu erro em alguma resolução, ou acção, tem pezar, e se arrepende por cordial contrição, e não prosegue no máo proposito, antes repara, quanto he possível, o damno, não sendo teimoso e obstinado por contumacia, e má vergonha. Porém he *má qualidade* sendo effeito de inconstancia, e versatilidade nos contratos, e outros empenhos da vida. *

(*) A Historia da Grecia nos transmittio a seguinte anedocta moral. O celebrado Principe dos Oradores de Athe-

Emulação he boa qualidade, em quanto he simples *amiga de excellencia*, para o emulador não se deixar vencer em merito pelo concurrente no mesmo estudo e officio; porém póde degenerar no vil sentimento da *inveja*.

Ressentimento, he qualidade natural, e em si util, e he hum dos principios da Constituição humana, dado pelo Author da Natureza, como o escudo contra a violencia ou injuria do aggressor. Porém, quando degenera em rancor para implacavel vingança, he pessima qualidade, e causa odios e guerras.

Os Caracteres dos homens muito differenciam. Em alguns, são tão *predominantes* varias boas, ou más qualidades, que lhes marcão o distinctivo *character*: em outras ellas se reúnem e mixturão em modo, que o seu character he duvidoso, e faz perplexo e suspenso o juizo dos prudentes, sobre se o devem louvar ou censurar.

Os *caracteres imperfeitos* são os mais communs: a maior parte das pessoas tem defeitos no seu character. Raros são os caracteres absolutamente máos, e incorrigiveis: rarissimos porém são as de *character perfeito*, e de virtude immaculada.

Em fim ha pessoas cujo *character* he *não ter character*.

nas, Demosthenes, cahindo em tentação de lascivia, procurou a huma famosa mulher publica; e exigindo-lhe esta forte somma, respondeo-lhe = não compro por tanto o arrependimento.

CAPITULO XXIX.

Da Candura.

A *Veracidade* acima exposta no Cap. XI. tem, por assim dizer, tres filhas legítimas — *Candura* — *Sinceridade* — *Integridade*.

Candura he a qualidade da pessoa candida, e de probidade firme, que tem o habito de dizer a *verdade pura*, quando julga dos talentos, actos, intentos, e meritos dos outros, ainda sendo de rivaes e inimigos. He huma das virtudes raras, que mais demonstrão o Bom Character de quem a pratica.

O predominio da amor proprio, e a consequente parcialidade que cada qual tem á si proprio, impede aos homens communs o ver claro, e com prazer, o que he louvavel, distincto, e recto, nos outros, e por isso são esquivos a *fazer-lhes justiça* perfeita, e muito mais se he adversario, ou emulo. He signal de ter genio extraordinario, optima indole, e virtude acrisolada, quem nisso se mostra superior ao uso ordinario, principalmente, quando faz juizo favoravel, e dá o louvor devido, á pessoa de merecimento que eclipsa o proprio.

A *Candura* se manifesta na ingenuidade, singeleza, franqueza, lhanza da falla, e escripta, em que não apparece affectação, hyperbele, sophisteria, lisonja; e igualmente na boa fé dos contratos, como de pessoa em que não ha dolo, nem fraudulenta occultação de circumstancias essenciaes ao valor das cousas.

He digno de notar-se, que a *candura* do Escriptor mui particularmente se mostra na simplicidade de seu estilo, a qual alias

não só he compativel com a energia de elocução, senão que até he hum dos constituintes do *verdadeiro sublime*, e demonstrativo do solido juizo, e bom credito do mesmo Escriptor. Ella fórma parte do que se diz *evidencia interna* da verdade da sua historia, e da razão de sua doutrina. Estilo empollado, hyperbolico, declamatorio, em recto criterio, além de ser prova de *máo gosto*, he symptoma de falta de veracidade, ou, pelo menos, de falta de exactidão ou de affectação e ambição.

A Candura he de grande uso em todo o estado e condição de vida; e com especialidade he neccessaria no trato com os amigos, e ainda mais no regimen da familia. Não póde haver continuação d'amizade, nem harmonia e felicidade domestica, sem fazermos candidos descontos dos erros e defeitos de todos com que vivemos. He absurdo e iniquo esperar perfeição idéal nos outros, quando temos a consciencia das nossas muitas e frequentes faltas. He intoleravel soberba requerer dos mais hum gráo de rectidão, e tão estreita conta de vida, de que estremeceiríamos, se o Juiz Supremo a exigisse de nós mesmos, sem esperanza de divina misericordia, e perdão das multifarias culpas. Devemos sempre ter em vista a fragiidade da natureza humana, e bem considerarmos a força do influxo das antigas associações de idéas; os máos habitos formados desde a infancia; os erros de que fomos imbuidos desde a educação; a fatal ascendencia dos máos exemplos; e as variadas circumstancias, que occorrem diariamente no curso da vida, que nos dão falsos conceitos das cousas, e nos desencaminhão da estrada da rectidão.

CAPITULO XXX.

Da Sinceridade.

A *Sinceridade* he a segunda filha da Veracidade: a candura he, por assim dizer, a sua primogenita, e suppõe pureza d'alma, quasi igual ao do estado da innocencia, e tão candida como na idade infantil, em que a verdade sahe espontaneamente, e sem disfarce, do coração.

A *Sinceridade* he a prática de dizer a verdade nua e pura, sem exaggeração, mutilação, e dissimulação do facto, e de suas circumstancias; e de manifestar os nossos pensamentos, juizos, e affectos, como realmente os temos, sem hypocrisia, reserva, ou restricção mental; de sorte que a pessoa que lê ou ouve, tenha informação certa e cabal do objecto, e não seja induzida á erro, ou engano.

O Dever Moral da veracidade nos dicta a sinceridade, não só no uso da falla, e escripta, mas tambem em toda a apparencia da nossa conducta externa, não se destinando illudir os outros, e dar-lhes falsa informação. Igualmente prohibe todo o intencional sophisma em argumento, e toda a falsa representação do facto. Este dever, tão necessario ao commercio do mundo, he não menos impreterivel em as nossas investigações philosophicas. O dote da curiosidade, que nos foi dado pelo Author da Natureza, só deve ser applicado e desenvolvido para o descobrimento das verdades uteis aos homens: e como ha connexão entre erro e mal, verdade e felicidade, que cada vez mais se manifesta á proporção que ulteriormente se aug-

mentão as nossas investigações, commette enorme culpa, até com descredito da literatura, todo o escriptor insincero, que publica as suas doutrinas sem destino de verdade, e só com espirito de vaidade, e (o que he ainda peor) com espirito de partido, com pena venal, com olbo d'ambição, forjando imposturas sobre os contemporaneos e vindouros, sem respeito á Divindade, e humanidade, fazendo o que se diz — *obras de circumstancias*.

He triste dizer, que os Estadistas são os que dão pessimos exemplos de falta de sinceridade; e quasi he já corrente a opinião, que a Politica he Hypocrisia Systematica na Diplomacia, Legislação, Governança.

No presente imperfeito estado, em que a virtude dos homens, ainda os melhores, he limitada e fraca, a *sinceridade* se póde considerar como huma das qualidades essenciaes á relativa *perfeição humana*, e só se póde achar em pessoas do mais completo *bom character*. He desdouro do actual estado de civilização, que a insinceridade seja tão extensa, ainda nas classes superiores, que a candura he havida por simpleza, e o sincero he reputado nescio, e destituido de conhecimento do mundo.

A visivel ordem da Providencia manifesta, que a segurança do Genero Humano, e a paz da sociedade, não podem ser mantidas sem prevalecer a sinceridade entre os homens. A experiencia mostra, que, em todos os tempos e paizes, onde esta virtude he menos praticada, o Estado se aproxima á dissolução.

Quando estamos certos de que alguma pessoa uniformemente procede com boa in-

tenção, e constante sinceridade, somos também dispostos a olhar com candura para os seus erros, e lançar hum véo sobre os seus *fracos*, pois ninguém ha que os não tenha.

Portanto a pessoa que deseja segurar para si a estima do Mundo, e as vantagens que resultão da *boa opinião* dos outros, em lugar de praticar as artes da fraude, dissimulação, e impostura; em vez de se valer dos ardis da lisonja, servilidade, baixeza, vilania, deve sempre *fallar a verdade do seu coração*.

A *Sinceridade* descobre a natural dignidade, e intrinseca excellencia, de quem a pratica habitualmente. He virtude de facil execução. Ao contrario, a *duplicidade*, e hypocrisia, sua inseparavel companheira, tem vias tortuosas, he exposta á quedas de perigo, e á descobertas ignominiosas do falso character, que todos abominão. Quem não tem sinceridade, por mais que destramente se encubra em seus projectos sinistros, logo manifesta a sua dobreza e impostura em qualquer passo de imprudencia e desatenção: as pessoas de penetração, e ainda de mediana intelligencia, com facilidade reconhecem no disfarçado e refalsado o *real homem*, e d'elle todos fogem como de *excommungado vitando*.

Verdade, Simplicidade, Fidelidade, Honra, são os adornos com que a Sinceridade se reveste. Quem tem a alma assim adornada, tem o coração aberto, franco, e sem reserva. Como não tem crime a occultar, não teme que o seu Character seja exposto á vista publica; e, a fim de ter credito firme de ser justo, honesto, benevolo, pio, cuida em o ser realmente. Elle nos trata com os seus

irmãos, ostenta sempre espirito de equidade, e generosidade, e eleva-se superior á todos os baixos expedientes de velhacaria, e de sordido egoismo. Quanto aos meios de que tão frequentemente se usa pelos homens triviaes para comprarem honras, e terem riquezas e gozos, elle julga que o seu custo he *mui caro*, havendo perda da probidade. Porisso falla sempre a Linguagem da verdade.

A *Sinceridade* todavia não exclue, antes reclama, para o seu recto uso, a *Discrição e Prudencia*. O Sincero, à pretexto de dizer a verdade, não he intruso, severo, e violento censor de amigos, e menos de estranhos, e muito menos quando imperioso dever não ordena esse officio penoso, e mortificante.

C A P I T U L O XXXI.

Da Integridade.

I*ntegridade* significa o mesmo que *Rectidão*, e *Probidade*. Alguns Moralistas a considerão como hum ramo de *Justiça*. Porém com especialidade se applica para designar a Inteireza e Imparcialidade do Juiz, que não só dá á cada hum o que seu, sentenciando conforme a Lei Natural e civil, mas ainda profere a decisão contra o proprio e grande interesse, e contra o das pessoas de sua consanguinidade, amizade, e de outras fortes relações, e até com perigo da propria vida, estando sob a influencia e prepotencia de poder, ou partido violento.

Raros são os espiritos de tal fortaleza,

que possam dizer com o Poeta de Augusto — faça-se justiça — caia o Ceo. As Leis por isso, reconhecendo a ordinaria fraqueza dos homens, os ha por suspeitos, e prohibe julgar em causa propria, e de pais, consanguineos, e ainda de amigos intimos. Quando o interesse milita, por Direito não se presume imparcialidade. Por esta causa o Publico não tem confiança em Decisões influidas pelo que se diz — *Espirito de Corpo*.

Com razão se considera a Integridade como filha da Veracidade; pois, o que não faz a justiça descripta, pode-se dizer, que he *falso á si mesmo*, e mente á propria consciencia; visto que, reconhecendo o direito da parte, lh'o contradiz, e nega por motivos egoisticos, faltando á verdade, que deve á todo o mundo, ainda à proprio custo, e sacrificio. Está no mesmo caso do Juiz o Conselheiro de Estado, e todo o Membro de algum Senado, e todo o Homem Publico, que deve dar de officio seu Voto ou Informe; sendo todos obrigados a dizer o que sabem, ou entendem, com a mais escrupulosa adherencia á verdade.

A Integridade he requerida mui particularmente no Historiador; e a observancia da Imparcialidade he huma das fundamentaes Leis da Historia.

Ninguem ha que não se jacte de *imparcialidade*, e todavia não ha qualidade mais rara na Legislação, Diplomacia, Magistratura, Literatura. Ademira-se a hum Legislador, Diplomata, Magistrado, e Literato *imparcial*, isto he, que não tenha *accepção de pessoas*, e não seja influido por considerações de *particular interesse*, e *espirito de*

partido: vê-se-lhes predilecção e pendôr em seu juizo, e empenho, não ao que he de exacta verdade, e perfeita justiça, mas ao que envolve conveniencia de seu governo, e paiz, ou se conforma á seus gostos, prejuizos, habitos, e desejos.

Quem he o imparcial? O Juiz? Elle tem suas opiniões particulares, seus orgulhos privativos, suas formalidades, e preoccupações, á que he afferrado. O Historiador? Elle he de algum Paiz, e de alguma Seita. O Viajante? Elle vê os territorios à pressa, e com o olho de prevenção, ou com prurito da exaggeração. O Novellista? Elle está sempre tomando o pulso ao Publico, e espiando as opiniões do Poder dominante. Examinando-se todos os estados da vida, e havendo-se consideração á idade, emprego, character, paixões, saude, molestias, usos, gostos, estações, climas, e ao concurso de multidão de outras causas physicas e moraes, que influem sobre o nosso juizo, deve-se reconhecer, que a absoluta integridade, e a imparcialidade, sua fiel companheira, são qualidades que mui poucas pessoas possam reclamar.

C A P I T U L O XXXII.

Da Fortaleza.

F*ortaleza* he o vigor de espirito de quem obra sem pusillanidade; tem firmeza nas resoluções justas; cumpre as suas obrigações sem olhar as consequencias; supporta com magnanimidade as tribulações e desgraças. He, e deve ser, o digno objecto e empenho dos heróes de virtude.

Os que aspirão ao credito de Bom Character, convem ter a rara Qualidade de *Fortaleza*, e, em consequencia, o evitar a ignominiosa censura de *Fraqueza*, que he grande doença de espirito, e cobardia moral. Pode alguem ter grande força de corpo, e ainda egregio valor marcial, e todavia manifestar, no perigo e no desastre, pequenheza d'alma, por se confundir, desmaiar, e abater com a adversidade, não ostentando coragem para fazer o seu dever, cedendo á considerações de interesses, e respeitos humanos.

O Mundo * he theatro de perigos, onde nenhuma pessoa goza de perfeita segurança, ainda em tempo de tranquillidade, e no melhor systema de governo. Imprevistos accidentes occasionão, que a mais robusta saude em hum momento se altere, a mais florentê familia em hum instante se separe, e a maior fortuna de subito se transtorne. O que se lisongeia de ter felicidade immovel, bem se póde jactar, que vive no *paraizo dos nescios*.

Sem fortaleza, não póde haver prosperidade. Quem he de espirito fraco, e timido, vive em perpetuo susto; imagina futuras calamidades, que podem não sobrevir; treme de cada remoto perigo; explora as regiões das possibilidades para descobrir riscos incertos; cria em sua phantasia males visionarios, e exaggera os reaes; parece-lhe continuamente ver espectros que o aterrão; perde o livre gozo ainda do mais feliz estado. Ao primeiro embate do contratempo, descorçoa; e, em vez de lançar mão dos recursos, que tem em seu poder, não faz esforço de resistir ao im-

* Blair — Serm. Vol. III S. VII.

peto do infortunio, e abate o espirito com o mais abjecto medo.

Com *fortaleza*, tem-se força de animo, que he a base da tranquillidade da vida. Prevendo a pessoa forte os accidentes sinistros, calcula em tempo, e com serenidade, os perigos; e quando se aproximão os males ameaçados, arrosta impavido a tormenta, não cahe em desesperação, e mostra *senhorio de si*, para resistir com energia ao mal, ou soffrello com resignação, nada fazendo, ou dizendo, indigno de alma grande. Onde os outros só tem confusão, anciedade, pavor, ella manifesta espirito de ordem, impassibilidade, intrepidez. Em toda a parte acha recursos de vida, e até de restauração da fortuna. Por isso bem disse o cantor dos *Lusiadas*:

Toda a terra he patria para o forte.

A *Fortaleza* — he huma das Qualidades mais necessarias aos Soberanos, Governadores, Generaes, e Capitães de Navios, para não descorçoarem nas Calamidades e Commoções do Estado, derrotas em batalhas, perigos de naufragio. A Historia civil, militar, e naval, está cheia de exemplos, quasi miraculosos, de *Salvação*, pela *Fortaleza dos Commandantes*.

A *fortaleza* tambem he essencial ao desempenho dos nossos deveres. O que he fraco de espirito, se reduz a ser o escravo do mundo. As opiniões e modas dos tempos são as guias de suas esperanças e empresas. Tendo servil consideração á sua segurança e vantagem pessoal, he incapaz de conceber e executar algum grande projecto. Elle he como o Catavento, que gira á todos os rumos, con-

forme as irregulares ventanias da estação, seja que aspire ao favor do povo, ou se submeta ao capricho dos que exercem poder no Estado. Só pergunta — *quem vive* — quem manda — *quem tem força* — quem tem fortuna. — Mostra-se destituído de fixos principios de virtude e honra: o seu unico principio, ou directorio de vida e de conducta, he o *interesse do dia*, — *a potencia e força predominante* — *a Conveniencia temporaria*.

Quem se préza de *fortaleza*, segue unicamente os dictames do seu coração: estando resoluta a só fazer o que entende ser recto, sustenta-se pela boa consciencia, e nobre idéa da interior dignidade. Mas esta Qualidade Moral presuppõe virtude constante, e solida. O que a não tem, póde dar ao mundo sombras de intrepidez; mas treme dentro em si mesmo, e faz esforços de occultar a sua fraqueza, que elle mesmo reconhece. Assim está em continuo susto de que o olho perspicaz da integridade lance hum raio que penetre-lhe o coração, e o encha de terror.

Não póde haver genuina fortaleza, e perenne coragem, sem constancia na rectidão. Havendo esta, ainda que a calumnia dardêje, a intriga desacredite, a inveja caballe, a tyrania assassine; o homem forte se escuda com a propria virtude, olha para o Omnipotente como seu Protector e Remunerador, e se resigna, como Job, dizendo = a minha testemunha está no Ceo; o meu memorial está no alto = (Job Cap XVI. 19).

Attenta a infirmitade da virtude humana, para se adquirir o habito da fortaleza, he necessario fazer exacta conta e balança dos bens da vida. A principal causa da nossa

fraqueza e pusillaninidade, he o exaggerado e illusorio conceito que fazemos da riqueza, dignidade, e ainda da vida, como se fossem os nossos ultimos bens. A pureza da consciencia, a paz do espirito, a esperanza da immortalidade feliz depois da morte, são as columnas da *Fortaleza*, e que, na hora critica da *prova da virtude*, sustentarão a heroicidade dos Martyres da Religião, e ainda dos virtuosos da Gentilidade, que forão victimas da tyrannia.

C A P I T U L O XXXIII.

Da Prudencia.

OS antigos Moralistas contão a *Prudencia* como huma das quatro virtudes cardeaes. Elles a definem o *habito de espirito de sempre obrar conforme aos principios da razão, proporcionando os meios adequados á bom fim nos negocios da vida.*

S. Thomaz fez hum *Quadro analytico* desta *Boa Qualidade*. Elle distingue a *Prudencia* em *geral*, e *particular* — *verdadeira*, e *falsa*; e aquella em *perfeita*, ou *imperfeita*.

A *prudencia perfeita* he a que constantemente predomina em todos os actos da vida; e *imperfeita* a que só se manifesta em certas occasiões. Rarissimos são os, habitual e perfeitamente, prudentes: ainda as pessoas as mais distinctas por prudencia, tem sido notadas de actos de enorme, e prejudicilissima imprudencia, á si, e aos outros.

Prudencia particular he a que todo o individuo racional, de qualquer classe e condição que seja, deve mostrar na direcção de suas palavras, acções, emprezas, e ainda

omissões. Esta se subdivide em *prudencia economica*, necessaria á todo o pai de familia, tutor, prelado, mestre; e *prudencia politica*, qual a dos Soberanos, Estadistas, Generaes, e Homens Publicos.

Conforme a doutrina do mesmo Escriptor, as partes integrantes da prudencia são — *memoria*, — *docilidade*, — *intelligencia*, — *sagacidade*, — *previdencia*, — *circunspecção*.

No Cap. XII. deste Supplemento já indiquei ser a *prudencia* huma *virtude subordinada* á do *Senhorio de si*. Porém como tem sido objecto de especial analyse na Sciencia Moral, e o nosso Salvador deo a Regra = Sêde candidos como as pombas, e *prudentes* como as *serpentes* =, farei alguns additamentos.

O objecto da prudencia he: 1.º discernir a verdade, a fim de certificar o que he interessante e bom, e fugir do que he inutil, e pernicioso: 2.º Calcular se os meios são proporcionados ao fim.

Os actos do homem prudente são: 1.º Examinar escrupulosamente tudo o que deve fazer: 2.º Executar fielmente, e á proposito, isto he, em tempo e modo opportuno. No exame convem evitar a *precipitação*, e *inconsideração*; e, na execução, a *inconstancia*, e *negligencia*.

Como muitas vezes ha *inecluctavel urgencia*, e dura *necessidade* de obrar, ou *soffrer*, a prudencia dicta calcular as differenças do bem e mal physico, para se submeter ao menor mal possivel, ou ao que se considera ser o menos nocivo expediente.

Na Mythologia se representava a *Prudencia* em figura de dous lados, como a de

Jano (Deos da Paz); em hum, mostrando-se a face de *Donzella*, e no outro, a de *Velha*; designando-se por esta allegoria symbolica, que o prudente deve ter o olho e entendimento no passado, no presente, e no porvir. Os antigos Egypcios figuravão a Prudencia como *Serpente* de tres cabeças, de *cão*, *leão*, e *lobo*; para significar, que o homem prudente deve ás vezes dar brado, como o ladro do cão, fazer o ataque, como o assalto do leão, e ceder como o lobo em retirada, quando a resistencia he impossivel, e a difficuldade insuperavel.

Quatro são as principaes regras da Prudencia, e á que cumpre attender em cada negocio.

1.^a Propormo-nos hum fim digno, e fixo, não vacillando no objecto, nem sendo indecisos, irresolutos, e inconstantes no seu proseguimento.

2.^a Calcular a probabilidade do bom successo, ponderando se os meios empregados são efficazes e adequados ao desempenho da empreza, para não procedermos com temeridade, e vãa esperança.

3.^a Prever e prevenir os perigos, preparando cautellas e recursos contra os fataes accidentes, que a experiencia tem mostrado ser frequentes em semelhantes projectos, e que tem feito mallograr os planos mais plausiveis, e mais circunspectamente combinados.

4.^a Fazer incessante e intensa applicação ao proposito; reconhecendo todavia a possibilidade de engano nos expedientes, pondo freio ao nosso orgulho, não ostentando demaziada confiança na propria energia e sagacidade; afim de não termos o desprazer

de ver confundida a nossa presumpção pelo máo exito, e sentirmos a mortificação da soberba cahida, e demonstrada ao publico.

Especialmente os aventureiros, Revolucionarios, e Reformadores, tem sido victimas de seus extravagantes projectos, por havem desattendido á estas regras.

Os que violão as regras da Prudencia, não só são tachados de imprudentes, e temerarios, mas até, succedendo-lhes desgraças, não excitão commiseração e dó, antes, ainda no juizo do vulgo, são havidos por inconsiderados e dementes, achando-se justa a natural pena de mallograrem o intento, em cima dizendo-se — he bem feito que assim succedesse—.

Prudencia he às vezes, no juizo dos neccios, havida por *Cobardia*, *timidez*, *pusillanidade*; porém o prudente mostra, não só *moderação*, mas também *sabedoria*, em obrar com firmeza e serenidade, o que entende ser dever, dando espaço ao furor dos homens e dos tempos, e sendo valente em desprezar rumores do vulgo, vãos conceitos dos presumidos, e desmerecidos opprobrios dos maldizentes. Politicos * e Jurisconsultos † da primeira ordem tem louvado a magnanimidade dos melhores Imperadores Romanos, que prescindião de dieterios, e até perdoavão affrontas. A esse respeito he instructivo o adagio Portuguez — *El Rei tem costas*.

(*) *Carmina Bibaculi et Catulli referta contumeliis Caesarum leguntur. Sed et divus Julius, et divus Augustus, et tulere ista, et reliquere; hand facilè dixerim moderatione magis an sapientià: nam spreta, exolescunt; si irascaris, agnita videntur. — Tacitus.*

(†) *L. Un. Cod. De his qui Imperatori male dixerit.*

CAPITULO XXXIV.

Da Moderação.

A Vossa Moderação seja conhecida á todos os homens — (S. Paul. aos Philip IV.). Esta doutrina do Apostolo das Gentes he de summa importancia, e deve ser de universal observancia.

Moderação he a virtude que consiste no prudente governo de nossas paixões e prazeres, e que obsta a cahirmos em extremos de qualquer sorte. Ella se manifesta em certa *mediania na conducta*, que evita excessos, e dá, por assim dizer, *igual balança d'alma* na prática da rectidão. Distingue-se da *Paciencia*, que he a equanimidade e resignação de espirito no estado adverso; a *Moderação* he a temperança no estado prospero: identifica-se com a *Modestia*.

São proverbios antigos: — Em tudo, *deve haver modo nas cousas* — Não queiraes ser justos em demazia — Na verdade aos individuos rigor na justiça he excessão injurioso, e prejudicial á Humanidade.

O espirito activo do homem, raras vezes he contente e satisfeito com a sua condição, por mais prospera que seja; e sempre aspira á melhoramento, e superior esphéra de gozos, considerando a actual fortuna como estreita para seus meritos. Dahi procede a incessante inquietação e insaciabilidade de bens do Genero Humano. Isso sem duvida, alem de servir de constante estímulo de acção, para se preencher o fim de sua creação, e prevenir inercia, he prova da original grandeza do homem, e que fôra destinado para

mais altos objectos e gozos do que he possível ter neste valle de peregrinação: porém, não sendo esse desejo de melhoramento restricto pela razão e religião, degenera em ambição desordenada, que he a mais ardente e incompressivel de todas as paixões, e a terrivel causa das maiores desgraças da sociedade, e, quasi sempre, dos mesmos homens destituídos de moderação.

A falta de moderação procede da illusão da phantasia, que forma extravagantes quadros de felicidade, que excitão admiração, e estimulão com violencia os altivos á projectos desmedidos, ou mui desproporcionados ás suas faculdades e circumstancias. Os entusiastas e immoderados no seu plano de vida, olhão para a riqueza, dignidade, fortuna, fama, e até a realeza, como se fossem os centros de felicidade pura, e sem misturarem sombra de mal. Com tudo sobre as Estações eminentes he que mais vezes recahem as maiores calamidades; bem como sobre as montanhas e torres he que vem os raios, e tufões, entretanto que nos valles correm com serenidade os rios, e brandos zephyros, que refrescão a atmosphaera, e dão alegria ao lavrador.

Os homens de moderação são geralmente estimados e amados; e ainda tendo eminencia de capacidade, e grandeza de fortuna, são menos perseguidos da inveja; porque sabem encubrir a sua superioridade, e gozão de suas vantagens sem offender a ninguem.

Os que sentem se com talentos e meios para subirem ás Honras do Estado, sendo moderados, com facilidade vencem os obstaculos, e naturalmente alcanção os objectos

á que aspirão, por gradual ascenso, e não por salto, e violenta carreira. Rarissimos são os que tem feito rapida fortuna começando com temerarias emprezas, e impetuosidade de character: estes, quasi sempre, se mostram como os meteoros luminosos da noite, que illuminão de subito, e por pouco tempo, a atmosphaera; ou quaes cometas excentricos, que assombrão os observadores pela sua vasta cauda brilhante, mas que em breve desaparecem do Empyreo.

A moderação dicta o sermos limitados em as nossas esperanças de grandes adiantamentos na vida, para não sentirmos com intensa dor os revezes da fortuna, e a mallogração dos nossos desejos. Os que não tem moderação, ostentão presumpçosas expectativas, que os precipitão á temeridade na conducta, e lhes fazem desprezar as precauções contra os perigos que os ameaçao: por esta vaidade e arrogancia provocão odio, e incorrem em desprezo, sentindo a agonia da mortificação.

A moderação, ainda nos prazeres licitos, he essencial á felicidade. He invariavel lei da Natureza em a nossa presente condição, que qualquer prazer, gozado com excesso, se converte em veneno. Assim o que era destinado á conforto da vida, transforma-se, por falta de moderação, em verdugo para morte. Todo o prazer em justo limite dá satisfação; sendo excessivo, traz logo tédio, dor, e abatimento. Póde-se em verdade dizer, que os sepulchros tem sido cheios de *victimas da intemperança*, mais que de quaesquer outras causas de mortalidade. Comezania, lascivia, embriaguez, sensualidade, são Parcas mais destroidoras, que guerras e pes-

tes. Os *martyres da iniquidade* são incomparavelmente mais numerosos, que os *martyres da virtude*.

A moderação nos Principes em suas pertencções e guerras tem sempre mais contribuido para o proprio real interesse, engrandecimento do Estado, e paz honrosa, do que a arrogancia de ambição desmedida, e a temeridade de emprezas desproporcionadas á sua potencia, que occasiona Ligas de inimigos que lhes abatem a soberba.

A moderação nos Governos he a maior Garantia da sua estabilidade. Por isso, em quasi geral opinião, as que se dizem *Monarchias moderadas* são as mais proprias á felicidade dos povos, tendo boas Leis Fundamentaes, e Codigos Fixos.

A moderação nos Povos ainda he mais necessaria, para não terem pertencções altanadas de vã liberdade e prosperidade, sendo perfeição incompativel com a decahida constituição da Humanidade, e ainda melhora notavel, se as circumstancias do paiz não são favoraveis.

C A P I T U L O XXXV.

Da Mentira.

Mentira * he realmente quebra de promessa: porque toda a pessoa que dirige falla á outro, tacitamente promette fallar a verdade; pois que está certo, que d'elle se espera a mesma verdade.

O dever da *veracidade* se deduz das más consequencias, que da mentira resultão á ge-

* A substancia desta doutrina he do Moralista *Paley*.

ral felicidade. Estas consequencias consistem, ou na injuria e injustiça feita á alguns individuos, ou na *destruição da confiança* de homem á homem tão necessaria na vida. Quando a mentira, e falsidade intencional, não produzisse damno immediato e visivel, bastava, para ser malefica e detestavel, a sua natural e infallivel tendencia a operar este pessimo effeito.

Não obstante as reconhecidas vantagens da *Veracidade*, o amor da verdade, e o odio á mentira, são virtudes que se não achão em grande parte dos homens. Não só a falta de candura e sinceridade he mui commum, mas tambem a falsidade, fraude, dobreza, entrão, mais ou menos, no character dos individuos das classes inferiores. A prova disso he, que a Legislação de todos os paizes mostra tão leve confiança na veracidade do corpo do povo, que em Juizo, e em todas as Repartições da Administração Publica, não se contenta com a affirmativa dos Litigantes e Empregados em seus Depoimentos e Serviços, mas requer o Juramento de bem e fielmente dizerem a verdade, e cumprirem as suas obrigações. Esta universal precaução dos Legisladores, se, por huma parte, manifesta, que tem confidencia na religião dos individuos, por outra parte convence, que nenhum credito dão á sua moralidade.

Porém nisso mesmo cahio-se no extremo opposto, e com maior escandalo da Humanidade, e ignominia da Civilisação; pois a prodigalidade dos juramentos occasionou a vilania dos perjúrios; em modo que tem sido objecto de censura dos Moralistas, e de graciosidade de satyricos, que qualificão os

juramentos como expedientes de formalidade, e de nullo vinculo religioso. Em Inglaterra ainda ha resto de *espírito de verdade*, que influio na Legislação, a qual deo aos Pares o Privilegio de não soffierem a Compulsoria do Juramento, e terem Credito do que depõem, só sob a fé da sua *Palavra d'Honra*.

Até a Philosophia tem desdourado a Humanidade com a Doutrina da Logica, que se intitula — *Critica*, que dá as regras do *critério da verdade*, para se distinguir o *falso* do *veridico*, — o *espurio* do *genuino*; — o *authentic* do *apocrypho*; — o *simulado* do *sincero*; — o *interpolado* do *original*; — o *exaggerado* do *exacto*; — o *apaixonado* do *racional*; — o *adulatorio* do *candido*; — o *maravilhoso* do *natural*; — a *pia fraude* da *fé pura*; — as *causas apparentes* das *molas reaes* dos *sucessos*.

Especialmente nas historias escriptas por contemporaneos, entre confictos de partidos, odios predominantes, e torrentes de opiniões, bem se póde dizer, que a *verdade jaz no poço*, e não vé a luz do dia. Parece que á porfia luttão a Mentira, Lisonja, Hypocrisia, Superstição, Despotismo, e Fanatismo, a quem mais assombre, mutile, e escureça os Annaes Historicos.

Bacon nota, que no relatorio de factos extraordinarios, que se apresentam como prodigios, ha no vulgo huma *voracidade* insaciavel. Os Escriptores, que affectão popularidade, recheião porisso as suas historias com as mais extravagantes e monstruosas imposturas, que nutrem a credulidade publica, e que são accollidas sem prova, nem contradicção; sobre tudo se lisongêão a Vaidade

Nacional, ou são do interesse dos Regedores do Estado.

Decoro Politico obriga á prudente reserva sobre os factos, alias bem notorios, dos Regulamentos Legislativos, e Manifestos Diplomaticos, que, em grande parte, bem que attestem o respeito que tem á verdade os Legisladores e Soberanos, visto o seu cuidado em dar os mais especiosos fundamentos ás suas Resoluções, todavia, em quasi Geral Juizo, se considerão conter mais *pretextos*, que razões, e antes sinistro designio, que intento candido de decretar a justiça, e sustentar o Direito.

Ha varias especies de mentiras, mais ou menos prejudiciaes pelas suas consequencias. — *Dobreza, Lisonja, Sophisteria.* A Cavillação, restricção mental, dissimulação, são realmente mentiras, porque contrarião á verdade; bem conhece quem faz taes actos, que tende a illudir a pessoa á quem se dirige, para ter falsa idéa das cousas. Elle *fallu o que não sente.*

Ha tambem a que se chama *mentira officiosa*, quando se faz cumprimento de mero obsequio e respeito á alguma pessoa. O uso do mundo authoriza taes cumprimentos, que são toleraveis, se não traspassão as raias da urbanidade para os da adulação. Tratamentos e protestos de mera cortezia e moda em cartas, não fraudão a ninguem, e a mutua confidencia não he destroida.

Quando alguma falsidade ou ficção não he destinada á engano, nem produz esse effeito, não tem o character de mentira. Taes são as parabolás, fabulas, novellas, historietas, jocosidades, farças, cujo author não tem intenção de illudir, mas antes instruir, ou só divertir.

Tambem não he *mentira criminosa* a falsa declaração feita ao louco, ladrão, assassino, quando he para beneficio, tanto delles, como da pessoa que a faz, afim de os desviarem de commetter algum mal.

Na guerra são permittidos as espionagens, e os estratagemas, para illudir e repellir o inimigo, e desfazer os seus planos hostis com o menor possivel sacrificio de vidas. Por isso tambem no mar he permittido aos Belligerantes usar de Bandeiras de diversas Nações, para prêza, ou escapula.

Ha signaes consagrados pelo Direito das Gentes, e uso dos Povos civilizados, só tendentes a manifestar intenção de Tregoa, Capitulação, e Paz. Taes são as Trombetas, e Bandeiras Parlamentarias. Destes signaes se devem usar unicamente para o fim á que são destinados, e geralmente estabelecidos: seria a mais monstruosa mentira publica, e traição nefanda, usar com animo hostil, e perfida intenção, para illudir e attrahir o inimigo á certa ruina. Nisso se frustraria, com horriveis consequencias, a confidencia da Humanidade.

Tambem no mar entre Nações cultas se usa do *Signal de Perigo*, que annuncia fogo, naufragio, levante, falta de viveres, ou outro accidente de semelhante risco de vida. Deste signal jámais se deve usar na *guerra maritima* para enganar o inimigo, que vai dar socorro por impulso de sentimentos humanos. Desta enormidade tem havido poucos exemplos: se fossem mais frequentes, perder-se-hia a virtude e honra mais nobre do *Caracter do Mareante*, qual he o dar prompta salvação, e até com risco de generoso sacri-

ficio, ás vidas e fazendas no curso da Navegação. O vil artificio, e dolo diabolico, he reprovado pela commum indignação do Genero Humano.

Pias fraudes se appellidão certas imposturas, que, em todos os seculos e paizes, se tem feito com positiva falsidade por Estadistas, Fanaticos, e charlatães, que só tiverão em vista interesses proprios, ou pretextos de promover a Causa da Religião. Fundadores de Estados e Seitas tem recorrido á taes *expedientes*, fingindo inspirações e aparições de Espiritos celestes, milagres, e codigos de Poder sobrehumano. Muitas destas mentiras tem produzido permanentes effeitos; mas o tempo em fim desmascara os impostores, e confirma os Juizos da Natureza, e as Verdades da Revelação, fazendo discriminar o joio do trigo.

C A P I T U L O. XXXVI.

Da Hypocrisia.

A *Hypocrisia* he a *ficção de virtude*; bem se pôde dizer *mentira habitual na conducta*: ella he destinada a parecer o hypocrita o que em realidade não he.

O malvado manifesto he menos perigoso e abominavel, do que o hypocrita refalsado e perfido, que toma a capa da virtude para illudir aos incautos; daquelle, todo o mundo se resguarda; e deste ninguem se acautella. Toda a pessoa de boa fé, não suspeitando a malicia disfarçada do hypocrita, facilmente se entrega com toda a candura e cordialidade á quem toma a farça de virtu-

oso. Contra estes impostores não ha garantia. A hypocrisia do fementido patriota *Senão*, conforme a Historia Heroica, foi causa da sincera admissão da antiga celebrada Machina do Armado *Cavallo de Troia*, que trouxe a ruina do Imperio da Persia por astucia dos Gregos. O mesmo fez na Arabia e Inglaterra *Mahometh* e *Cromwel* com a sua intitulada *Sociedade dos Santos*.

A aleivosia e traição são actos de hypocrisia; pois que o aleivoso é traidor, sob mostrança de amizade e lealdade, e abusando da confidencia que se põe na sua veracidade, e apparente virtude, commette à seu salvo perfidia contra a honra, fazenda, e vida, daquelles á quem deve affeição e fidelidade.

A hypocrisia mais danada é a que se emprega para seducção da innocencia, especialmente nos que se revestem do character de Directores da Consciencia, Mestres da Vida, Instructores da Mocidade; Guias do Povo, e Luzes do Mundo. Os Athêos, Heresiarchas, e Demagogos, são os maiores Hypocritas da Sociedade.

Taes grandes impostores, quando são conhecidos, mostrão-se objectos da execração publica, sublevão todos os espiritos, e excitão a geral indignação, ainda nos Theatros e Povos, que não são Licêos, nem Modêlos de Moralidade.

A famosa Comedia do *Tartufo* de *Moliere* muito contribuiu para o descredito e extermínio do Jesuitismo, e dos falsos devotos.

Ciladas e embuscadas sem duvida são hypocrisias tambem communs no estado selvagem: porém no estado civilisado ha espe-

cies de hypocrisia não menos malinas e mortíferas, e de extensão incalculavel, que faz a vida civil *geral pantomima*, em que predomina ficção, insinceridade, e o que hoje correntemente se diz *machiavellismo*; sendo já vulgar o proverbio Italiano de *Machiavello* — quem não sabe dissimular, não sabe reinar — quem não sabe fingir, não sabe viver. He phrase franceza. — *Savoir faire* (saber fazer.)

Tem-se dito por censores ou satyricos da Civilisação moderna, que nos Estados mais famosos pela sua urbanidade, e polidez, a cortezia, ou cortezania, he *organizada hypocrisia*.

Ainda em Inglaterra, em que ha tanta jactancia de liberdade e sinceridade, e que, na opinião publica, e maximas do Governo, parece muito apreciar-se a verdade e integridade, he quasi devassa a crença, que até o *Partido da Opposição* no Parlamento he *mero Espectro para illudir o Povo*, afim de capacita-lo, que ahi ha na realidade *Espirito Publico*, que propugna pelos direitos Nacionaes contra o Gabinete, Miniterio, e Partido Aristocratico, que porfia no Estabelecimento do Despotismo.

Quanto as Nações são mais conspicuas pelos maiores grãos de conhecimentos, tanto os individuos interesseiros e aspirantes mais altanadamente ostentão pertencções de amor da Virtude, da Humanidade, e da Religião, affectando exterior conformidade ao systema do Governo e Culto na Hierarchia Civil e Ecclesiastica, tendo alias a convicção ou crença contraria á Politica e Liturgia estabelecida. Pode-se em verdade dizer, que os princi-

paes Figurões do Estado, quando se encontram, tem igual razão de gracejarem sobre a sua prosopopeia, como os Senadores Romanos, que mutuamente se rião concorrendo nos Actos e Solemnidades como Augures e Aurspices. Tão extensa he a *Hypocrisia Systematica*!

Os pretensores á Perfeição Ideal na Sociedade Civil, tem inculcado por *Panacéa* para cura da Hypocrisia a absoluta Liberdade Politica e Religiosa.

Na Gram Bretanha *Bentham* na sua moderna Obra, que intitidou *Igreja de Inglaterra* (*Church of Englandism*) muito censura o Estabelecimento Ecclesiastico do Paiz, dizendo, que ahi tudo he sombra, e não realidade; e que todo o theor do proceder dos individuos desmente a promessa feita em seu nome pelos padrinhos no baptismo de — *renunciar ao mundo, e ás suas pompas.*

Na França em 1822, Mr. *Danou* na sua especiosa obra do *Ensaio sobre as Garantias Individuaes* diz no Cap. V. — “ Ainda não se tem acabado o immenso e lamentavel calculo do numero das victimas sacrificadas pela Intolerancia nas quatro partes do mundo. Só por isso os espiritos rectos, e corações sensiveis, não deverião ter necessidade de outra lição para respeitarem todas as crenças, e todas as incredulidades... Os homens religiosos, que tem luzes de espirito, rectidão, e bondade de coração, sabem, que não ha utilidade nem justiça para se exigir de quem não crê, huma lingoagem hypocrita, e habitos mentirosos: elles sabem, que toda a impostura he irreligiosa; que o disfarce he aviltador; que, se o erro e a incredulida-

de são infelicidades ou ignorancias, o procrevellas por devoção he phrenesia, e o perseguir com ira he o summo da perversidade: sabem á que perigos se expõe huma Nação, quando se quer que tudo seja astucia, ficção, simulacro, nos costumes das classes instruidas; e que as faces sejam mascaras, as opiniões affectações, e os colloquios laços. „

Como o triumpho da Espada sobre a Persuasão he quasi sempre certo e decisivo, he vão esperar só por meio humano, sem o Auxilio Divino, a queda do *Reino da hypocrisia*.

Deixando considerações politicas, e restringindo-me á ponderações moraes; não posso deixar de addir aqui a doutrina de hum insigne Moralista Inglez *, que tambem mostrou o quanto a corrupção humana tem levado a insinceridade e hypocrisia ao excesso (que parece paradoxo, mas he mui verdadeiro) de pertendermos até illudir a nós mesmos, que temos o testemunho da consciencia, e a Deos, que perscruta os corações. Assim diz o insigne Professor no tom. II. *Leitura XLVIII*.

“ Astutos velhacos, e subtis hypocritas, para obterem algum máo fim, usão de muitas artes para imporem á Deos, aos homens, e aos seus proprios corações. O vicioso e malvado, que não tem de todo exterminado o sentimento de vergonha, e toda a esperança de favor divino, affecta dividir-se entre o seu Creador e os seus appetites, dando á

(*) Estlin — *Familiar Lectures of Moral Philosophy*. London 1816.

Deos alguns externos signaes de respeito, e aos seus desejos depravados o inteiro coração. Elle, se fosse possível, teria os seus máos ganhos e prazeres de malicia refinada, sem parecer máo no seu proprio juizo, ou no juizo dos outros; para esse effeito excogita argumentos, afim de se persuadir, que taes actos não são culposos como geralmente se suppõem, e dá *falsos nomes* á varios vicios, como se tal artificio alterasse a natureza das cousas. Assim, por exemplo, o que he habituado á embriaguez, mentira, lascivia, esforça-se em impor silencio á voz da consciencia, desculpando taes actos com os *pretextos*, de que os pratica em leve gráo; que outros individuos do seu conhecimento os commettem com maior devassidão; que os exerce occultamente, e portanto o seu exemplo não he pernicioso, por não dar escandalo. Depois, endurecendo-se na culpa, e sendo menos timorato dos seus effeitos, procura convencer-se, que a tentação he maior que a faculdade de resistencia; que as paixões são parte da nossa natureza, e que forão dadas para seguirem-se os seus impulsos; que não são em si peccaminosas; que os Padres e os Politicos forão por seus interesses os authores da moral austera, que he impraticavel. Continuando hum passo mais em taes sophismas para illudir a si mesmos, logo tentão e chegão a destruir toda a *obrigação moral*, e a immutavel differença do *justo* e *injusto*, e porfim a suffocar e expellir os pensamentos de Deos e da Religião, affectando a impiedade dos que se dizem *espiritos fortes*, que se arrogão izenção de prejuizos, exercicio dos naturaes direitos, e a

verdadeira liberalidade do homem independente, e emancipado das supersticiosas crenças do vulgo. Desta arte vem a ser insincero e hypocrita ao seu coração, e adormenta a consciencia com fatal seguridade. Proseguindo neste systema de interna hypocrisia, e de palliativo de vicios, chama a *Intemperança* — *Convivencia*, e gozo das dadas da Divindade; a *Soberba* — *Altivez de espirito*, e ostentação da honra; — a *Cobiça* — *Economia*, e *Prudencia* &c. &c. Com este falso caracter he injusto aos seus semelhantes, sendo indulgente á si, e severo censor das faltas alheias, que exaggera, e á que não dá excusa.

Este seculo, que se tem intitulado a *Idade da Razão*, e que antes se tem mostrado a Idade de Ficções, Imposturas, Infidelidades, e Revoluções, apresenta os mais escandalosos exemplos de Hypocrisia Religiosa e Politica, pelas frequentes mudanças e compulsorias de Juramento de Constituições contradictorias, como se fosse possível impor á Deos, que requer ser adorado em *espirito e verdade*. O mesmo Salvador bem doutrinou—quando orardes, *não sejais como os hypocritas*. &c.

Ay de vós hypocritas! He o anathema frequentemente repetido pelo mesmo Salvador no Evangelho.

CAPITULO XXXVII.

Da Inveja.

Inveja he huma sensação de incommodo e desasocego, que os homens sentem, sem outro motivo mais, que a dôr secreta das superiores, e ainda das iguaes, vantagens, que os outros possuem. Esta *má qualidade* he acompanhada de *malignidade de coração*, e de *má vontade* contra os que possuem taes vantagens: vai ao excesso de induzir aos invejosos a se angustiarem, e remorderem, ainda quando as vantagens alheias em nada prejudicão as proprias. Funda-se na presumpção de terem superior merito, e exclusivo direito aos bens da vida.

A *Inveja* he huma das enfermidades da corrupta natureza humana, que prevalece nas sociedades civilisadas com muita extensão, e em maior ou menor gráo de virulencia, occulta, ou manifesta.

A *Inveja* he huma das mais negras, e iniquas paixões. Neste mundo todos dependemos huns dos outros, para mutua ajuda, e utilidade. Os instinctos de compaixão e benignidade, que são elementos da nossa Constituição, bem mostrão, que o designio de Creador foi o vivermos em amizade. Se alguem infringe esta Grande Lei da Natureza, e nos attaca fazendo acto hostil, excita o ressentimento, que foi o escudo que elle nos deo pura resistir ao aggressor. Porém o termos inveja, e malevolencia á quem não nos offende, nem nos fez injuria, ou diminuição de propriedade, e honra, só porque he, ou

se reputa ser, mais prospero do que nós em bens da fortuna; mostramos nisso disposição desnatural, e máo character, que participa do rancor de espirito malino.

Porisso o invejoso conhecido he geralmente odioso: elle mesmo se julga tão hediondo, que faz todo o possivel esforço por occultar essa vileza. Em honra da natureza humana, cumpre dizer, que a *inveja* não he do character commum; e ainda nas pessoas em que mais visivelmente se descobre, rara he a que a tenha como paixão dominante, e em plena força. Ao contrario, ha muitas pessoas de forte emulação á rivaes na mesma arte, profissão, e carreira de vida, que ostentão generosidade, não desluzindo, antes louvando, os emulos e competidores de igual ou superior merito.

Os objectos ou motivos da inveja se podem reduzir á — dotes de espirito — vantagens das riquezas e dignidades — fortuna nas empresas da vida.

Bacon diz, que a *Inveja he o cancro da Honra*. Na verdade ella he mais continua e furiosa contra as pessoas a quem o Merito elevou ás Honras do Estado. A fama de sciencia ou celebridade literaria tambem excita forte e extensa inveja; porque nem nobreza, nem riqueza, nem valia dos Principes, a podem dar com permanente effeito na opinião publica. Aquelle Moralista cita o Evangelho, que bem nota ao invejoso o *m'olho*, e o compara na malicia ao inimigo do Genero Humano, que de noite semea de joio o campo de trigo, como destruidor do que bom, e o mais substancial á mantença da vida.

Nas antigas Republicas a Lei do *Ostracismo*, com que se exterminavão da Patria os varões mais eminentes pelas suas heroicas façanhas, e victorias, foi o effeito da Inveja Publica. O povo de Athenas era nessa parte tão ciumento e invejoso, que hum camponez deo o seu voto de *Exterminio* contra o seu virtuoso Magistrado *Aristides*, á quem alli se dera o titulo de *Justo*: e sendo perguntado pela causa de tal sentença, respondeu, que *já não podia ouvir fallar tanto de sua virtude*. Até Soberanos, tem dado máos exemplos de vil inveja, quando são ambiciosos. Devendo ser as Fontes da Honra, pois que estão no cume da Dignidade Humana, são na Historia arguidos de invejosos dos outros que tem Estados florentes, ou augmentados ainda só por heranças. Assim he já vulgar a phrase de *intriga politica*, para exprimir a arte subtil, mas ignobil, de machinações, clandestinas dos Gabinetes que invejão, e procurão com Ligas destruir a prosperidade e grandeza dos outros Estados. A rivalidade das Nações funda-se na inveja de suas preeminentes vantagens, ainda que resultem de mais activa e illustrada industria.

O Historiador Portuguez da Historia dos Descobrimentos do Brasil, João de Barros, resguardou o instructivo exemplo dos pessimos effeitos da *Inveja*, pela calumnia que em Portugal se fez á Diogo de Botelho, natural da India, filho de Pai Portuguez, e insigne Cosmographo do tempo d'ElRei D. João III, o qual veio de Goa á Lisboa em hum *Fusta* (Embarcação só de 22 palmos de pôpa á proa) para desmentir o aleive de que pertendia desservir á ElRei,

e ir-se á França. Aquelle Escriptor (que alias era ardente patriota) se mostrou imparcial, quando na sua Historia Decada IV. Liv. 6. Cap. 13. assim diz. “ Em Portugal sempre houve *boa novidade* de homens invejosos, que a todos os bons espiritos e utiles á republica procurão acanhar, e estorvar-lhes o bem e melhoramento, aos quaes parece doer mais o bem alheio, que o mal proprio. ,,

Isto, mais que nunca, se manifestou no Conflictio Politico, em que, por inveja do feliz prospecto da Prosperidade dos seus proprios filhos do Brasil, tanto porfiou, com guerra fratricida; para não só espoliallos da *Igualdade de Direitos*, mas até reduzillos ao Jugo do Systema Colonial, de que. Sua Magestade Fidelissima o Sr. D. João VI. os Havia Libertado com a sua Vinda ao Novo Imperio, que Declarou Vir Crear, e Creou, com Liberaes Instituições.

C A P I T U L O XXXVIII.

Da Vaidade.

A *Vaidade* he como varios outras Qualidades Moraes, que melhor se sentem do que se definem.

O Escriptor da Moral Universal diz, que a Vaidade he hum orgulho fundado sobre vantagens que não tem alguma utilidade para a sociedade. Outros dizem ser a *gloria das almas pequenas*. Porisso se diz *vangloria* a infatuação de quem ostenta distincção e superioridade por cousas frivolas, futcis, indifferentes, inuteis, ou que não procedem de real e consideravel merito proprio. Assira

reputa-se mera vaidade o *orgulho do nascimento*; o *pondonôr do poder*.

As ostentações com que alguns assoalhão a riqueza em vestido, enfeite, perfume, equipagem, casa, meza, &c., são signaes de vaidade; isso mostra o desejo de consideração dos homens por cousas que não são de interesse publico, e que, quasi sempre, são caprichos da fortuna, e effeitos de viciosos Institutos que desviam o espirito de dar valor ao que he solido, authorizam monopollos de bens e Empregos, e promovem a *extremosa desigualdade* das fortunas, perenne causa das maiores desordens da Sociedade. Toda a ostentação he consequencia do *desejo da distincção*, e de mostrar excellencia e superioridade em algum objecto. Sem duvida tal desejo he innato, e indestructivvel; só precisa de ser regulado, e bem dirigido: elle he o elemento e estimulo dos feitos heroicos, e dos meritos de todas as sortes.

He tambem vaidade o excessivo amor de louvor, que muitas vezes he causa de sacrificio do dever. He ridicula vaidade, e até (conforme ao vulgar proverbio) real vituperio, o *louvor de si mesmo*.

He não só desprezivel, mas prejudicial, a vaidade dos poderosos e riacos, que prodigalizão os seus bens com parasitos e adulaadores, para lhes pagarem os desperdicios com lisonjarias.

Ha pessoas que fazem Obras Publicas, e Pias por *vaidade*, afim de viverem na *memoria dos homens*. Nisso recéberão a sua paga. A Humanidade he com elles indulgente, pelo real beneficio que de taes obras resultão aos contemporaneos e vindouros.

Alguns confundem a vaidade com a *philautia*, ou *estima de si*, e tambem com a *presumpção*.

A natureza deo-nos o instincto da estima da dignidade propria, e da attenção alheia: este se manifesta ainda na meninice. Daqui se originou o proverbio — *ruim he quem em ruim conta se tem*. A pessoa que não tem respeito á si, he capaz de cahir não só em defeitos contra o decoro, mas tambem contra o dever.

Os verdadeiros virtuosos são os que sem vaidade fazem o *bem pelo bem*, e por amor puro á Deos, e aos homens. Mas, ainda que sejam raros os virtuosos que não se mostrem vaidosos, comtudo são dignos de respeito e até de louvor, para se não desanimarem os espiritos fracos de sempre bemfazerem. Dizia hum *bello espirito* a quem tratava de *arteiros* a taes bemfeitores; — sim muitos fazem o bem por motivo de vaidade: mas, senhor, *dai-nos sempre d'esses velhacos*.

Algum gráo, e não inconsideravel, de *presumpção* na propria habilidade e fortuna he necessario para os homens sabirem do estado salvagem, e se adiantarem na carreira da *Civilisação*, e até para se transporem além da esphera ordinaria dos industriosos communs, a fim de emphehenderem o que he arduo, e vencerem as difficuldades. Sem isso, não teria a Sociedade tirado tantas vantagens das empresas, descobertas, e victorias, dos projectistas, aventureiros, inventores, sabios, heróes. Quando a *vaidade* he excessiva, e não regulada pela prudencia, degenera em *fatuidade*.

Tem-se tambem confundido a vaidade com

o orgulho, — altivez, e — timbre de independencia. Orgulho he a opinião presumpçosa, mas exaggerada, ou falsa, que alguém tem de seu talento e merito, com desejo e habito de negar e abater o real e superior merito dos outros. Altivez he o brio de não fazer acção baixa. O timbre da independencia he o valor de animo para adquirir o necessario e comodo á vida pela propria honesta industria, sem mendigar a mercê dos outros. A vaidade he pequenheza de espirito, o orgulho quasi sempre he vicio; a altivez he coragem d'alma, que sente a dignidade da natureza humana; o timbre da independencia he o escudo da virtude, e o estimulo de esforço pessoal para o Trabalho Necessario á Sociedade.

O vaidoso he menos máo que o orgulhoso: este he hum arrogante que insulta a todos os homens, presumindo-se ser-lhes superior; aquelle he hum infatuado, mas de alguma sorte condescendente, respeitador, e ainda submisso aos outros; porque aspira á ser por elles bem conceituado e estimado, olhando-os como seus juizes, e ambicionando o seu favoravel voto, e louvor.

A vaidade dos que *extremosamente* aspirão á Honra, Fama, e Gloria, tem sido em todos os tempos objecto de censura dos Moralistas: Porisso o mais sabio dos antigos Reis bem intitidou as emprezas dos Infatuados do Mundo — *Vuidade das Vuidades — Tudo Vuidade.*

CAPITULO. XXXIX.

Da Soberba.

Soberba! Eis a Causa Original da decadencia da Constituição Humana. A Escrip-tura attribue á ella a queda que o primeiro homem teve da sua dignidade primitiva, por ter a orgulhosa altivez, não só de desobede-der á ordem do seu Creador, mas até de aspirar á igualdade de sciencia ao mesmo Creador.

Quando esta triste Verdade não nos fosse tão expressamente revelada no Primeiro o mais authentico Livro do Mundo, toda a sociedade civil daria a mais experimental demonstraçoão della na habitual insolencia dos homens salvagens, barbaros civilizados, poderosos, ricos, indigentes, que em toda a parte e idade ostentão luciferina soberba, com que não só desprezão huns aos outros, mas até, logo que se fião na força propria, reduzem á escravidão a seus semelhantes, para desfructarem sem custo o fructo do trabalho alheio, e ostentão vingança implacavel, se encontram resistencia á sua vontade, e não a extinguem às vezes ainda depois de machinarem tortura, ruina e morte. Esta soberba he visivel ainda nas classes infimas: e até mendigos às vezes manifestão orgulho insupportavel, não recebendo auxilio da caridade, e por isso o vulgo os chama *pobres soberbos*.

A Escripura nos revelou tambem, que *Deos resiste aos soberbos, e dá graça aos humildes*. A historia da sociedade o confirma com muitos exemplos. Os conquistadores tem sido os maiores soberbões do Mundo; e os

que forão tão altanados, que até quizerão ser adorados como Deos, forão derribados na scena da vida com tremendas catastrophes, Alexandre Magno, depois de chorar por não haver mais terras que conquistasse, morreo miseravelmente na flor dos annos, e até desesperado com soberba, não querendo nomear successor do Imperio immenso, só dizendo *dê-se ao mais digno*, phantassando que ninguem o igualava, até perdeu o seu pequeno reino de Macedonia. O seu emulo moderno, o Corso Napoleão, á quem não saciavão a Europa e America, veio acabar roido de interno cancro em huma Ilha a mais remota de todos os Continentes. As Nações que mais sobresahirão em soberba no Theathro Politico com violencias e conquistas, em fim cahirão com *pena eterna* demais não se levantarem.

A Grecia e Italia, apezar de esforços reiterados, não poderão mais alçar cabeça. Isso seria, como diz o Grande Politico *Burke*, *contra a Gravitação Moral*.

C A P I T U L O. XL.

Do Descontentamento.

TEndo no Cap. XIX. indicado as vantagens do contentamento dos individuos com a sua sorte, sem excluir o natural e não interrompido esforço, que, por commum instincto e impulso da Constituição Humana, cada pessoa faz, e deve fazer, para gradual melhoramento de condição, (principio este poderosissimo, e indestructivel em todos os estados da sociedade, e que tem dado continuo adiantamento aos povos na carreira da

civilização); convem fazer algumas ponderações sobre os máos effeitos, e graves perigos, que resultão do Descontentamento dos Povos, que ora he tão geral no antigo e novo Mundo; cada individuo e Estado tentando fazer salto mortal da sua esphera, sem calculo de tempo, lugar, recursos, e circumstancias

He notavel, que este Descontentamento não tem por causa o desejo de melhora da moralidade, mas só da mudança de regencia, para se ter (como he phrase do dia) *Systema Constitucional*; como se isso só fosse o Balsamo Catholico para cura dos Erros ou Cancros chronicos da Economia e Politica das Nações. Visões de impossivel *igualdade de fortunas*, e chimeras de Liberdade indefinida, tem dado vertiginoso movimento retrogrado em riqueza, virtude, e prosperidade, aos povos de hum e outro Hemispherio; e as illusões ainda não se dissiparão.

O insigne Moralista *Blair*, que por vezes tenho citado bem diz: "O descontentamento envolve occulto desejo de rebellião contra o Ente Supremo, que assignou á cada individuo o seu posto no mundo. O ter pezar da nossa sorte, denota juizo temerario, com que o descontente accusa a Deos de injustiça e parcialidade, por conferir favores da fortuna á outros, que presumimos indignos, ou menos benemeritos. Tratando com desdem os beneficios que nos tem feito, impiamente consideramos, que não lhe devemos graças por elles; e nisso ha secreta blasfemia ao Omnipotente ,,"

"Além desta impiedade, o descontentamento traz comsigo, como inseparaveis com-

panheiras, as paixões peccaminosas da presumpção, soberba, inveja, e desordenada cobiça e ambição, que indicão maliguidade de temperamento. O descontente descarrega o seu veneno sobre todos que se lhe avizinhão: estando em continuo queixume e azedume, he verdugo de si mesmo, e importuno aos outros; elle seduz a muitos com seu máo exemplo, e peor conselho, pervertendo-lhes o espirito para conspirações contra o Governo. „

“ A experiencia mil vezes nos ensina, que Deos julga melhor para nós, do que nós mesmos o fazemos muitas vezes; depois de vermos mallogrados os nossos planos, reconhecemos, que foi misericordiosa providencia o não termos conseguido o que antes anciosamente ambicionavamos.

Sem duvida, se os estudos de Economia politica fossem mais geraes, ha razão de esperar, que o corpo do povo podesse ter mais livres, vastas, lucrativas, e menos penosas occupações de honesta industria, e mais certeza de abundante subsistencia, e decencia da vida. Porém esperar radical melhoramento de condição só com as *Antiphonas do Seculo*, que nos ultimos tempos destruirão milhões de vidas, e arruinarão á tão florentes Estados, não se pode deixar de reconhecer delirio no Descontentamento, que tanto prevalece. He elle estranho no Imperio do Brasil, onde alias, só com a Legal Franqueza do Commercio e Industria, se poz a Base do mais Liberal Systema Economico e Politico, por Mercê da Providencia, sem força nem injuria de Nação alguma.

He certo que, no actual complicado estado da Sociedade, em que persiste tão grande desi-

gualdade de fortunas e condições, e não produzindo a Natureza senão com essa mão certas delicias da vida, de valor real ou imaginario, nunca o corpo do Povo pode ter igual partilha nellas, e sempre haverá mimosos da fortuna, que se arroguem o seu exclusivo desfructo.

Ha razão para geral contentamento, se o Governo por boas leis, e vigilante escolha de Empregados Publicos, facilita á todas as classes o ter por sua honesta e energica industria os necessarios á existencia, e alguns confortos da vida, com a segurança da pessoa, e certeza da justiça.

O progresso da Geral e Inteligente Industria pelas Invenções em Machinas, Novos Processos, e melhor direcção do trabalho, está continuamente multiplicando productos da Natureza e Arte, especialmente das manufacturas, que pela sua, já assombrosa, copia barateão ao mercado, em modo, que o seu gozo está ao alcance até dos mendigos. Porisso vê-se o aprazivel e admiravel phenomeno moral, que actualmente nos paizes de commercio mais franco, até os escravos são melhor vestidos que antes os senhores. O Brasil dá á esse respeito hum prospecto immensuravel de prosperidade. Que justa materia pois ha para descontentamento?

He immoral mostrar-nos ingratos aos beneficios da Providencia.

Não se póde dissimular, que, supposto a grande maioridade cordata da Gente Brasileira não se deixe illudir pela feroz Demagogia, que esteve a precipitalla ao Cháos da Anarchia Gallica, comtudo, ainda restão acoutadas cohortes dos que se intitlão Fi-

dhos da Luz, que lamentão o fado da defunta *Confederação do Equador*, obra da Facção atrabilaria, suffocada ao nascedôro, que fez a insana e vil tentativa de destruir a Unidade do Imperio do Brasil, acclamada tão repetidas vezes pela Vontade Nacional. Espiritos inquietos não se escarmentão com a catastrophe das Peninsulas da Italia e Hespanha, e reclamão para o Brasil o Systema e Constituição da Confederação Americana, sendo aliás os respectivos paizes tão differentemente circumstanciados. Imaginão ser facil achar Turmas de Legisladores (tendo sempre sido raros em todos os paizes os *Solons e Numas*) e onde a Instrução Publica se acha em lamentavel atrazo. *

Phenomeno moral prodigioso se apresenta no contraste do *Contentamento* dos Povos dos Estados da Santa Sé, e do *Gram Ducado da Toscana*, de Governo Paternal, com o *descontentamento* dos Reinos de Napoles e Piemonte, que arvorarão a Bandeira da Insurreição, seguindo o Movimento Revolucionario da Peninsula de Hespanha, adoptando

* Não posso deixar de transcrever aqui a seguinte passagem de hum Escriptor dos Estados Unidos d'America do Norte, *Daniel Raymond*, que verosimilmente allude aos Legisladores Americanos. Na sua obra dos *Elementos de Economia Politica*, II Edição de 1823 em Baltimore, assim diz no tom. I cap. IX § ultimo.

“ It seem almost to have grown into a maxim, that when a man is fit for nothing else, he is fit for a legislator. — that neither talents, education, or experience are at all necessary to qualify a man to take charge of nation interets. „ — Parece quasi ter se erigido em regra, que quem não serve para nada, he proprio para legislador; e que talentos, estudos, experiencia, não se necessitão para qualificar a huma pessoa digna de se encarregar dos interesses de sua Nação.

á carga cerrada, com espantosa cegueira, a sua Nova Constituição Democratica.

O Gabinete do Vaticano não precisou, nem oppoz, como a França, *Cordão Sanitario*, ao contagio da Anarchia, mais mortifero que a peste do Levante; por ter confiança na reverencia patriarchal de todas as classes de subditos ao Cabeça da Igreja Catholica; cuja Corte se mostrou, depois da Paz Geral, como antigamente foi Roma, o Porto de todas as Nações, e o Asylo do Universo, não obstante ter sido o Territorio Pontificio por tantas vias e maneiras descomposto, mutilado, e opprimido, pelos inimigos do Genero Humano.

Peço licença aos leitores para submitter ao seu bom senso as seguintes reflexões do judicioso *Marquez de Salvo*, que na sua obra — *Reflexões sobre as ultimas Revoluções da Europa* (tradução de Londres de 1824) assim dá *Grande Lição Moral*. A Epigraphe que lhe poz de *Montaigne*, he tambem applicavel á America — O Mundo he inepto para se curar. Elle he tão impaciente do que soffre, que só cuida em libertar-se do padecimento sem olhar á que preço. Vemos por mil exemplos, que ordinariamente ninguem se cura senão á sua custa. Mas o descarrêgo do mal não he curativo, se, no geral, não ha melhoramento de condição.

Na pag. 203 diz. “A metamorphose de huma Nação, que pertende passar do systema de passiva obediencia á de hum Governo Representativo, he a mais difficultosa obra do espirito humano. Não se póde effectuar senão por grãos; sem estarem preparados todos os elementos que se requerem para huma Re-

apresentação Nacional, não haverá resultado senão a Desorganisação do Estado, e o afoqueamento de todas as paixões, que se voltarão com furia por toda a Nação, quando não estiver sufficientemente madura para lhes dar benefica direcção. „

“ Systema democratico, pelo qual alguns tanto bradão, não tem outra razão mais do que o aspirar cada individuo a ser aristocrata; ou, em outras palavras, o desejar elevar-se á igualdade dos que lhes estão acima. Altas queixas se fazem dos *abusos*, sem alguma razão mais do que o serem commettidos pelos outros. Quanto maior for a civilisação e sciencia, tanto mais ardente será a porfia para se ter opulencia, poder, e desigualdade de predicamentos, ainda independente do effeito produzido sobre a moral publica: pois he sobre toda a duvida, que em tempos menos civilizados, a immoralidade e malfetoria erão encerradas em huma só classe; mas no tempo presente, em que o povo goza de todas as vantagens de huma civilisação extensa, todas as classes apresentam espectáculo de vicios, e a *equalisação de crimes*. Antigamente a ignorancia era illudida; actualmente cada pessoa tem hum preço que se offerece pelo seu voto: agora recorre-se á geral corrupção; a *impericia foi succedida pela immoralidade*. Em taes circumstancias, he mais que loucura, he o cume do ridiculo, o sonhar de systema republicano. „

“ O retorno ao systema da Unidade Monarchica foi o necessario resultado da serie de desordens, crimes, sacrificios, e calamidades.... Não são os homens os mesmos? Tem-se porventura tornado capazes de

bem guiarem as suas paixões, fazendo-as servir aos dictames da razão? Prevalece na realidade o systema de philanthropia, que reprima todo o sentimento de ambição, e sustente a causa da Humanidade com exclusiva de todo o interesse pessoal? Suppondo-se que o unico objecto que os descontentes tem em vista he a defeza da Causa da Humanidade, póde-se negar, que hum ingrediente de grande depravidade he infundido nos altos grãos da civilisação, e que incalculavel augmento de precisões he sentido em todas as elevadas classes de huma Nação illustrada? Todos os designios ambiciosos não se originão na necessidade de satisfazer a novos desejos? Os absurdos sonhos de systema republicano não são creados por estes designios? Neste ponto de vista he claro, que não existe outra differença entre o actual e o precedente estado das Nações, senão que as odiosas paixões da ambição, vaidade, e inveja, e a sêde de poder e de riqueza, que antes erão da partilha ou posse de certas classes, se tem feito de universal predominio. „

No Cap. III. pag. 63 diz. “ Os Estados Romanos e Toscanos não desejão mudar da condição em que estão postos. Que viajante, a ter residido em Roma, não admira a liberdade de que ahi goza toda a pessoa, e a segurança politica e individual da Cidade? Todos os que não são tolerados pelos outros Governos, todos que são molestados, ameaçados, proscriptos, achão seguro refugio na Capital do Mundo Christão: ahi o odio perde o furor, a perseguição esconde o braço, os partidos desaparecem, as inimizades cessão. Reis dethronizados, Principes abdicados, Ministros

desgraçados, homens desditosos, se encontram em Roma. Alli está o verdadeiro templo de Jano fechado para vantagem do Genero Humano. Quem ha que onse perseguir a qualquer pessoa que veio procurar asylo na Cidade Maternal da nossa Religião? „

“ No Governo de Sua Santidade a palavra *Absolute Poder* não tem existencia: a ordem e tranquillidade demonstrão, que todos vivem sob lei doce e igual. Isto faz, que a Capital seja huma sorte de *Sanctuario Politico*. Porisso os Romanos não tomão parte das Revoluções da Peninsula Italiana. O mesmo praticão os Toscanos, cujo Principe rege os seus subditos como Pai a seus filhos. „

A Divina Providencia Conceda aos Brasileiros igual Contentamento de sua sorte, com justo regimen da Suprema Authority Tutelar do seu Augusto Imperador, que se tem mostrado GENIO D' HARMONIA, e feito ás Nações e Potencias o Manifesto Philanthropico, de que a Felicidade do Imperio he o Unico Voto do seu Magnanimo Coração.

C A P I T U L O . X L I .

Da Felicidade.

Não temos aqui Cidade permanente, mas inquirimos a futura. (S. Paul. Ep. aos Hebr. Cap. XIII. vers. 14.)

E Sta Grande Verdade do Apostolo das Gentes, devião ter em vista os Projectistas de Regeneração Politica, desde que começou a se desorganisar-se a sociedade com a mania de Revoluções. Os Demagogos não tem cessado de prometter aos povos *felicidade em*

todas as mudanças que se tem visto no regimen das Nações; mas a experiencia não tem correspondido á expectativa.

Sobre este objecto tem-se cahido em dous escolhos; hum he o dos Estadistas ferrenhos, que são adversos á todo o melhoramento, alias praticavel no governo civil, sendo feito gradual e circumspectamente, sem nada perder-se do ganhado nos bons institutos da civilisação: e outro he o dos Enthusiastos visionarios, que annuncião felicidades que o systema do Mundo visivel não admite, e que o Codigo da Christandade declara impossivel; porque a real bemaventurança só existe na immortal vida futura, para os que perseverarem na justiça até o fim de sua existencia. O Salvador disse, *sempre haverá pobres.*

Não convem todavia desesperar de grande progresso de prosperidade ainda neste valle de peregrinação, se se universalisar a Doutrina do Evangelho em sua original pureza, e se introduzir hum Liberal Systema de Economia Politica, em que se effeitue, em modo e tempo, a Abolição da Eseravatura, e do Monopolio (causas de extrema desigualdade de condições, que impossibilitão a paz), e todos os espiritos se convenção da intuitiva evidencia, e transcendente justiça, do seguinte

POSTULADO.

Pede-se, como cousa possivel, que se deixe á cada individuo, que não offende aos outros, instruir-se, e trabalhar no que melhor souber e poder, e trocar em boa fé o fructo de sua honesta industria; sem outras restricções do commercio, se não as absolutamente

necessarias á Moralidade Publica, Segurança do Estado, Saude do Povo, Renda do Governo precisa á Protecção Geral, e Estabelecimentos Uteis, que não podem ser do interesse, ou das faculdades dos cidadãos fundar e manter.

Concluirei com as seguintes reflexões do Archi-Antagonista dos Revolucionarios de todos os Paizes *Edmund Burke*.

A felicidade só se acha por meio da virtude de todas as condições de pessoas; e nisso consiste a verdadeira igualdade moral do Genero Humano, e não em a monstruosa ficção dos revolucionarios, que, inspirando idéas falsas, e vãs esperanças, aos individuos destinados a passar pela escura estrada de huma vida de trabalhos, serve sómente de muito aggravar, e ainda mais extender, a real desigualdade, que não se póde jámais remover, e que a ordem da vida civil estabelece, tanto para beneficio daquelles a quem a fortuna deixa em hum estado humilde, como tambem para o dos que tem exaltado á huma sorte mais esplendida, ainda que não mais feliz.

Os que tentão nivellar as classes dos individuos, jámais as igualizão. Em todas as Sociedades, compostas de varias descrições de pessoas, algumas sempre serão superiores, e preeminentes. Os nivelladores pois só mudão e pervertem a natural ordem das cousas: elles sobrecarregão o edificio da Sociedade, pondo nos ares o que a solidez da estrutura requer que esteja no chão. Associações de officiaes mechanicos não podem ser adequadas á situações altas do Estado, em que se intenta collocallos, pela peor

de todas as usurpações, a *usurpação das prerrogativas da natureza*.

Toda a corja dos illuminados, não faz attenção á sabedoria dos nossos antepassados, e só tem a mais presumida confiança no seu proprio juizo. Para elles, basta ser qualquer coisa *velha*, para se julgarem com direito e boa razão de destrui-la. Quanto as suas *obras novas*, elles tambem não tem cuidado em que durem. O edificio foi feito á pressa; só a mudança, e não a duração, foi o seu objecto. Elles, por systema, pensão, que são prejudiciaes todas as cousas que trazem perpetuidade, e por tanto estão em guerra eterna com todos os Estabelecimentos. Pensão que governos podem variar como as modas de vestidos; e portanto não adoptão principio algum de affecto duravel, que nos vincule á Constituição do Estado: só applaudem as idéas de conveniencia do momento. Elles fallão de *Contracto Sociul*, suppondo que ha huma absurda especie de convenção entre elles e os seus magistrados, que aliás só liga aos mesmos magistrados, mas que nada tem de reciproco no ajuste; pois que sempre a *magestade do povo* tem direito de dissolvella, sem outra razão mais que a sua vontade.

O degenerado appetite de fazer tudo em pouco tempo, com enganosas facilidades, e (como dizem os Francezes) *golpes de mão*, tem sido em muitas partes a causa de se crearem no mundo governos de poder arbitrario. Então as faltas de sabedoria são suppridas pela plenitude de força, e os povos nada ganhão na mudança. Começando taes reformadores os seus trabalhos por principio

de preguiça (que não medita, nem combina) tem a fortuna commum da gente preguiçosa. As difficuldades, que elles mais illudirão do que resolverão, tornão a apparecer no curso do edificio, sendo envolvidos em labyrintho de confuso manejo, e em huma industria estouvada, e sem direcção. Assim fazem a sua obra viciosa, e sem seguridade.

Em geral he huma verdade, que os habituados a não verem, senão as faltas dos outros, são incapazes da obra da reforma; pois que os seus espiritos não estão bastante suppridos com padrões do bom e bello, e só se delectão na contemplação da malicia; e por isso odião os homens. Dahi nasce a maliciosa propensão que taes reformadores tem de destruir tudo com a sua actividade quadrimania. Elles intentarão reformar tudo pelos paradoxos de entusiastas eloquentes e loucos, como *Rousseau*, o qual todavia, ainda, nos seus lucidos intervallos, se espantaria da rematada loucura dos seus estudantes, e servís imitadores, que se lembrarão de applicar á Sociedade extravagancias, que só forão escriptas para excitar as phantasias com idéas maravilhosas, em lugar dos antigos romances de magicos, e fadas; descobrindo taes discipulos assim fé implicita, ainda na sua incredulidade.

Não obremos jámais como os Francezes, que, presumindo-se de superiormente illuminados, procederão a fazer reparações do Estado, sem ter por *principios rectoros* a *cantela politica*, a *circunspecção philosophica*, e a *timidez moral*, procedendo sem a devida e forte convicção da ignorancia e fallibilidade do Genero Humano, Accrescentemos novos

hens, se for possível; mas conservemos o solido que gozamos, sobre a constante e firme base da Constituição Nacional; e não sigamos os desesperados vôos dos aeronatas da França. Do contrario, passaremos (como diz hum dos nossos Poetas) por grande variedades de cousas não experimentadas, as quaes, em todas as suas transmigrações, só serão depois purificadas por *fogo e sangue*.

NOMENCLATURA VULGAR.

DAS

BOAS, MA'S, EQUIVOCAS, ACÇÕES E
QUALIDADES MORAES.

E DOS

CRACTERES BONS, MA'OS,
EQUIVOCOS.

ARTIGO. I.

Das Boas Acções Qualidades Moraes.

A bnegação.	Brandura.
Accio.	Brio.
Acolhimento.	Candura.
Afago.	Character.
Actividade.	Caridade.
Affabilidade.	Castidade.
Affeição.	Cautela.
Agasalho.	Certeza.
Agrado.	Civilidade.
Alegria.	Circunspecção.
Alacridade.	Clemencia.
Amabilidade.	Comedimento.
Amizade.	Communicabilidade.
Amor.	Compaixão.
Amnistia.	Complacencia.
Animação.	Compostura.
Beneficencia.	Conciliação.
Benevolencia.	Concordia.
Boa fé.	Confiança.
Bondade.	Confidencia.

Conselho.	Firmeza.
Constancia.	Fortaleza.
Contentamento.	Franqueza.
Conta.	Frugalidade.
Continencia.	Generosidade.
Coragem.	Gratidão.
Cordialidade.	Gravidade.
Cortezia.	Heroicidade.
Curiosidade.	Honestidade.
Dadiva.	Honra.
Decencia.	Hospitalidade.
Decoro.	Humanidade.
Delicadeza.	Humildade.
Denodo.	Imparcialidade.
Desinteresse.	Imperturbabilidade.
Desvelo.	Independencia.
Devoção.	Indulgencia.
Dignidade.	Industria.
Diligencia.	Inflexibilidade.
Discrição.	Ingenuidade.
Docilidade.	Instrucção.
Doçura.	Integridade.
Economia.	Inteireza.
Elevação.	Intrepidez.
Energia.	Lealdade.
Engenho.	Liberalidade.
Enterneçamento.	Limpeza.
Equabilidade.	Lisura.
Equanimidade.	Magnanimidade.
Equidade.	Magnificencia.
Espirito Publico.	Munificencia.
Estimação.	Mansidão.
Estudo.	Meiguice.
Exacção.	Merito.
Fama.	Merecimento.
Favor.	Mimo.
Fidelidade.	Misericordia.

Moderação.	Resipiscencia.
Modestia.	Resolução.
Mundicia.	Respeito.
Obsequio.	Retractação.
Ordem.	Retribuição.
Paciencia.	Reverencia.
Patriotismo.	Segredo.
Patrocínio.	Segurança.
Pêjo.	Silencio.
Penetração.	Senhorio de si.
Perseverança.	Singeleza.
Perspicacia.	Sensibilidade.
Philanthropia.	Serenidade.
Philarmonia.	Seriedade.
Placabilidade.	Serviço.
Piedade.	Sinceridade.
Polidez.	Sisudeza.
Ponderação.	Socego.
Pondonor.	Sobriedade.
Pontualidade.	Soffrimento.
Presença de espirito.	Suavidade.
Prestimo.	Subordinação.
Providencia.	Temperança.
Primor.	Ternura.
Probidade.	Tolerancia.
Protecção.	Tractabilidade.
Providencia.	Tranquillidade.
Prudencia.	Valor.
Pudor.	Veneração.
Pudicicia.	Veracidade.
Pureza.	Vergonha.
Quietação.	Vigilancia.
Recato.	Vigor.
Rectidão.	Virtude.
Reflexão.	Urbanidade.
Religiosidade.	Utilidade.
Resignação.	Zelo.

ARTIGO. II.

Do Bom Character.

A lma santa.	Carinhoso.
Aceiado.	Caritativo.
Acolhedor.	Casto.
Aconselhado.	Cauto.
Acreditado.	Cavalleiro.
Activo.	Cavalleresco.
Afagador.	Cauteloso.
Afamado.	Certo.
Affavel.	Circunspecto.
Affectuoso.	Civil.
Agasalhador.	Clemente.
Agradavel.	Comedido.
Agrahdecido.	Communicador.
Alegre.	Communicavel.
Alacre.	Compassivo.
Amavel.	Comprazedor.
Amigavel.	Conciliador.
Amigo.	Conciliavel.
Amoravel.	Confidente.
Amoroso.	Considerado.
Animoso.	Considerador.
Aprazivel.	Consolador.
Asizado.	Constante.
Avisado.	Continente.
Auxiliador.	Conversavel.
Benefico.	Convival.
Benevolo.	Corajoso.
Bom.	Cortez.
Brando.	Curioso.
Brioso.	Decente.
Calculador.	Decisivo.
Candido.	Decoroso.
Callado.	Delicado.

Desembaraçado.	Gracioso.
Desinteressado.	Heroico.
Desvelado.	Honesto.
Determinado.	Honrado.
Devoto.	Honrador.
Digno.	Hospitaleiro.
Diligente.	Humano.
Discreto.	Humilde.
Doce.	Igual.
Docil.	Imparcial.
Economico.	Impassivel.
Elevado.	Impavido.
Elogiador.	Imperturbavel.
Energico.	Inalteravel.
Engenhoso.	Incançavel.
Equitativo.	Incorrupto.
Esmoler.	Incorruptivel.
Espiritual.	Indulgente.
Espirituoso.	Industrioso.
Estimavel.	Inflexivel.
Exacto.	Ingenuo.
Exoravel.	Innocente.
Expedito.	Insinuante.
Fagueiro.	Insuspicaz.
Favoravel.	Instructor.
Favorecedor.	Instruido.
Fervoroso.	Inteiro.
Festivo.	Intrepido.
Fiel.	Judicioso.
Firme.	Justo.
Forte.	Lhanho.
Franco.	Leal.
Fragal.	Liberal.
Galante.	Limpo.
Generoso.	Liso.
Grato.	Magnanimo.
Grave.	Magnifico.

Manso.	Previdente.
Mavioso.	Primoroso.
Meigo.	Probo.
Mellifluo.	Proficiente.
Mereccdor.	Prompto.
Mimoso.	Protector.
Mimoseador.	Providente.
Misericordioso.	Prudente.
Moderado.	Pudico.
Modesto.	Puro.
Munifico.	Quieto.
Obediente.	Recto.
Obsequioso.	Recatado.
Officioso.	Reflexivo.
Ordenado.	Regrado.
Pacato.	Religioso.
Paciente.	Resignado.
Pacifico.	Resoluto.
Patriota.	Respeitador.
Penetrante.	Respeitavel.
Perseverante.	Retractador.
Perspicaz.	Retribuidor.
Philanthropo.	Reverente.
Philarmonico.	Reverenciador.
Pio.	Segredista.
Piedoso.	Seguro.
Placavel.	Senhor de si.
Placido.	Sensivel.
Polido.	Sereno.
Ponderado.	Serio.
Ponderador.	Serviçal.
Pondonoroso.	Silencioso.
Pontual.	Sincero.
Prazeiteiro.	Singelo.
Precatado.	Sizudo.
Prestadio.	Sobrio.
Prevaricador.	Socegado.

Soffrido.	Varonil.
Soffredor.	Veneravel.
Suave.	Verdadeiro.
Subordinado.	Vergonhoso.
Temperante.	Vigilante.
Terno.	Vigoroso.
Tolerante.	Virtuoso.
Trabalhador.	Urbano.
Tractavel.	Util.
Tranquillo.	Zeloza.
Valeroso.	

ARTIGO III.

Das Más Acções e Qualidades Moraes.

A Batimento.	Bulra.
Abjecção.	Cobardia.
Acrimonia.	Calote.
Adulação.	Calumnia.
Affectação.	Capricho.
Aleivosia.	Caturrice.
Ambição.	Cavillação.
Antipathia.	Censura.
Apathia.	Charlatanaria.
Apostasia.	Ciume.
Arrebatamento.	Colera.
Arrogancia.	Concussão.
Arrojo.	Contenda.
Atrevimento.	Contumacia.
Atrocidade.	Contumelia.
Avareza.	Contradição.
Barbaridade.	Corrupção.
Baixaça.	Crueldade.
Basofia.	Cubiça.
Blasphemia.	Depravação.
Brutalidade.	Desabrimento.
Bufoaria.	Desacato.

Desafio.	Discordia.
Desaforo.	Dissimulação.
Desalramento.	Dissipação.
Desamor.	Dissolução.
Desanimação.	Distracção.
Desatenção.	Dobreza.
Desbarato.	Dolo.
Descaramento.	Embuste.
Descaridade.	Espionagem.
Descompostura.	Espirito de contradicção.
Desconcerto.	Exaggeração.
Desconfiança.	Exasperação.
Descontentamento.	Extorsão.
Descorçoamento.	Extravagancia.
Descortezia.	Facção.
Descredito.	Falsidade.
Desenvoltura.	Fanfarrice.
Desestimação.	Fanatismo.
Desgoverno.	Farfalhada.
Deshonra.	Farfalharia.
Deshumanidade.	Fatalidade.
Desingenuidade.	Fatalismo.
Desinquietação.	Fatuidade.
Deslealdade.	Fereza.
Desleixo.	Ferocidade.
Desmancho.	Fraqueza.
Desmazelo.	Fraude.
Desordem.	Frivolidade.
Despêjo.	Frouxidão.
Despiedade.	Egoismo.
Destampamento.	Embriaguez.
Destemperamento.	Garrulidade.
Desunião.	Gritaria.
Detracção.	Grosseria.
Devassa.	Hyperbole.
Devassidão.	Hypocrisia.
Diffamação.	

Jactancia.	Inhabilidade.
Ignominia.	Inhospitalidade.
Illiberalidade.	Iniquidade.
Immanidade.	Inconstancia.
Immoralidade.	Incontinencia.
Immundicia.	Insensibilidade.
Impiedade.	Insinceridade.
Impolimento.	Insolencia.
Impostura.	Instabilidade.
Impertinencia.	Insuavidade.
Importunidade.	Insufficiencia.
Imprudencia.	Intemperança.
Impudencia.	Intriga.
Imprevidencia.	Inveja.
Improbidade.	Inurbanidade.
Improvidencia.	Inutilidade.
Impudicicia.	Ira.
Impureza.	Irascibilidade.
Inacção.	Irresolução.
Inactividade.	Irritabilidade.
Ineptidão.	Irritação.
Inepcia.	Lascivia.
Incapacidade.	Laxidão.
Incoherencia.	Leveza.
Inconfidencia.	Leviandade.
Inconsequencia.	Libertinagem.
Inconsideração.	Licenciosidade.
Incuria.	Ligeireza.
Indecencia.	Lisonja.
Indifferença.	Loquacidade.
Indiscrição.	Machavellice.
Iudolencia.	Maledicencia.
Inercia.	Maleficencia.
Infatuação.	Malevolencia.
Infidelidade.	Malicia.
Inflação.	Malignidade.
Ingenerosidade.	Malversação.

Manha.	Prodigalidade.
Medo.	Profanidade.
Mentira	Protervia.
Mesquinhez.	Provocação.
Mexeriquice.	Pusillanimidade.
Mordacidade.	Rabolice.
Misanthropia	Ralho.
Mudança.	Rancor.
Negligencia.	Relaxação.
Obscenidade.	Retrahimento.
Obstinação.	Rixa.
Ociosidade.	Rispidez.
Odio.	Ronha.
Omissão.	Rudeza.
Onzena.	Sedução.
Orgulho.	Servilidade.
Ostentação.	Singularidade.
Palavrada.	Soberba.
Palavrório.	Sordidez.
Parcialidade.	Superstição.
Patifaria.	Suspeita.
Pedintaria.	Taciturnidade.
Perfidia.	Tafularia.
Perjúrio.	Teima.
Personalidade.	Temeridade.
Pertinacia.	Temor.
Perversidade.	Tibieza.
Petulancia.	Timidez.
Phantasia.	Tontice.
Philaucia.	Torpeza.
Praga.	Traficancia.
Pravidade.	Trapaçaria.
Precipitação.	Turbulencia.
Preguiça.	Tyrannia.
Preocupação.	Usura.
Presumpção.	Vacillação.
Procacidade.	Vadiação.

Vaidade.	Vingança.
Valentia.	Vilania.
Vangloria.	Vileza.
Variiedade.	Violencia.
Velhacaria.	Virulencia.
Venalidade.	Vociferação.
Versatilidade.	Volubilidade.

ARTIGO. IV.

Do Máo Character.

A Barcador.	Antipathico.
Abelhudo.	Apathico.
Abocanhador.	Apostata.
Abominavel.	Apoucado.
Aborrecido.	Ardente.
Acre.	Ardido.
Adulador.	Ardiloso.
Adulterador.	Arrebatado.
Afeminado.	Arremedador.
Affectado.	Arremettedor.
Affrontoso.	Arripiado.
Afogueado.	Arrogante.
Agastado.	Arrojado.
Agoniado.	Arteiro.
Agoniador.	Aspero.
Agoreiro.	Assanhado.
Agro.	Astuto.
Aleivoso.	Atormentador.
Aloucado.	Atrabilario.
Altanado.	Atraçoado.
Altercador.	Atravessador.
Altisonande.	Atrevido.
Ambicioso.	Atroador.
Ameaçador.	Atropellador.
Amedrontador.	Atroz.

Avarento.	Corruptor.
Averso.	Cruel.
Azafamado.	Cubiçoso.
Baixo.	Ciumento.
Bajulador.	Decepado.
Barbaro.	Delator.
Blasphemo.	Demandista.
Basofiador.	Denunciante.
Blazonador.	Depravado.
Beberrão.	Desabrido.
Bobo.	Desabonador.
Brutal.	Desacreditado.
Bufão.	Desacatador.
Bulrão.	Desaccordado.
Cabeçudo.	Desacreditador.
Caloteiro.	Desafiador.
Calumniador.	Desaforado.
Camaleão.	Desalmado.
Caprichoso.	Desamoravel.
Carrancudó.	Desanimado.
Casquilhó.	Desapiedado.
Caturra.	Desaranjado.
Cavillozo.	Desarrazoado.
Censurador.	Desasisado.
Charlatão.	Desasocegado.
Chocarreiro.	Desattencioso.
Choramigas.	Desattentado.
Cioso.	Desattento.
Cobarde.	Desauthorisador.
Concussionario.	Desavergonhado.
Colerieo.	Desbaratador.
Contencioso.	Desbocado.
Contumaz.	Descarado.
Contumelioso.	Descomedido.
Contrabandista.	Desconcertado.
Contradictor.	Desconfiado.
Corrupto.	Descontente.

Descortez.	Dobre.
Descuidado.	Doloso.
Descurioso.	Duro.
Desdenhoso.	Egoista.
Desencaminhador.	Embaidor.
Desenvolto.	Embusteiro.
Desesperado.	Emperrado.
Desestimado.	Endiabrado.
Deshonesto.	Enfadonho.
Deshonrado.	Enfeitado.
Deshonrador.	Enfunado.
Deshumano.	Enredador.
Desigual.	Esbaforido.
Desingenuo.	Escarnecedor.
Desinquietao.	Espantadico.
Desleal.	Espião.
Desleixado.	Espinhado.
Desmanchado.	Esquecedico.
Desmazelado.	Estolido.
Desmemoriado.	Estouvado.
Desmerecedor.	Estimulador.
Desnatural.	Estafador.
Desobediente.	Exaggerador.
Desordenado.	Exasperado.
Despejado.	Extorquidor.
Desprimoroso.	Extravagante.
Despropositado.	Faccioso.
Desregrado.	Facinoroso.
Destemperado.	Fallador.
Detractor.	Fallaz.
Devassador.	Falso.
Diffamador.	Falsario.
Discorde.	Fanatico.
Disparatado.	Fanfarrão.
Dissimulado.	Farçante.
Dissipador.	Fatalista.
Dissoluto.	Fatuo.

Ferino.	Imprudente.
Fero.	Impudente.
Feroz.	Impuro.
Ferrenho.	Inactivo.
Fraco.	Incapaz.
Fraudulento.	Incendiario.
Frívolo.	Incerto.
Frouxo.	Incivil.
Furibundo.	Inclemente.
Furioso.	Incoherente.
Gritador.	Incommodador.
Grosseiro.	Incommunicavel.
Glotão.	Inconsequente.
Horriavel.	Inconstante.
Horrendo.	Inconsiderado.
Hyperbolico.	Incontinente.
Hypocrita.	Indecente.
Jactancioso.	Indeciso.
Ignominioso.	Indifferentista.
Ignorante.	Indigno.
Illiberal.	Indiscreto.
Imbecil.	Indocil.
Immane.	Indolente.
Immitte.	Inepto.
Immoderado.	Inerte.
Immodesto.	Inexoravel.
Immoral.	Infamado.
Immundo.	Infamador.
Impaciente.	Infame.
Imperioso.	Infatuado.
Impetuoso.	Infiel.
Impiedoso.	Inflamavel.
Impio.	Ingeneroso.
Inprobo.	Inhabil.
Impontual.	Inhospitaleiro.
Impostor.	Iniquo.
Imprevido.	Injuriador.

Injuriioso.	Ladrão.
Injusto.	Lambareiro.
Inofficioso.	Lambisqueiro.
Inquieto.	Lascivo.
Insano.	Laxo.
Insaciavel.	Leve.
Insensato.	Leviano.
Insocial.	Libertino.
Insensível.	Libidinoso.
Insidiosos.	Licencioso.
Insincero.	Linguarudo.
Insoffrido.	Lisongeiro.
Insolente.	Litigioso.
Instavel.	Loquaz.
Insubordinado.	Machiavellista.
Insuficiente.	Maldizente.
Insultante.	Malefico.
Interesseiro.	Malevolo.
Intolerante.	Malfazejo.
Intoleravel.	Malfeitor.
Intractavel.	Malicioso.
Intrigante.	Maligno.
Intromettido.	Malintencionado.
Inutil.	Malvado.
Invejoso.	Malversador.
Iracundo.	Manhoso.
Irascivel.	Maquinador.
Irozo.	Matreiro.
Irreligioso.	Medroso.
Irresoluto.	Mentecapto.
Irreconciliavel.	Mentirozo.
Irritante.	Mesquinho.
Irritavel.	Mexeriqueiro.
Jogador. *	Misanthropo.

* Jogador por officio, com excesso, ou em jogos de hazar.

Misero.	Perturbador.
Mofador.	Perverso.
Mofino.	Pervertedor.
Monopolista.	Petimetre.
Monstruoso.	Petulante.
Mordaz.	Phantastico.
Mortificador.	Picante.
Mudavel.	Plagiario.
Mulherengo.	Porfioso.
Murmurador.	Praguejador.
Nefario.	Precipitado.
Negligente.	Preguiçoso.
Novelleiro.	Presumpçoso.
Obstinado.	Procaz.
Ocioso.	Prodigo.
Obsceno.	Profanador.
Odiento.	Protervo.
Onzeneiro.	Provocador.
Opiniatico.	Pusillanime.
Opinoso.	Querulo.
Oppressor.	Rabola.
Orgulhoso.	Ralhador.
Ostentador.	Rancoroso.
Pantomimo.	Rasteiro.
Parasito.	Ratoneiro.
Parcial.	Refolhado.
Parleiro.	Relaxado.
Partidario.	Remisso.
Partidista.	Renegado.
Patife.	Retrabido.
Pavoroso.	Retrincado.
Pedinchão.	Ridiculo.
Perfido.	Ridiculisador.
Perigoso.	Rispido.
Perjuro.	Rixoso.
Perseguidor.	Rigoroso.
Pertinaz.	Roaz.

Ronhoso.	Tratante.
Rotineiro.	Truculento.
Roubador.	Tumultuoso.
Rufião.	Turbulento.
Rude.	Turrão.
Sanguinario.	Tyrannico.
Satyrico.	Usurario.
Sanhudo.	Vacillante.
Seductor.	Vadio.
Servil.	Vagabundo.
Soberbo.	Vaidoso.
Soffrego.	Valentão.
Severo.	Vanglorioso.
Sevicioso.	Variavel.
Sombrio.	Vario.
Sophistico.	Vão.
Sordido.	Velhaco.
Suggestor.	Venal.
Supersticioso.	Venefico.
Suspicaç.	Versatil.
Taful.	Vicioso.
Tardo.	Vil.
Temerario.	Vingativo.
Teimoso.	Violento.
Tergiversador.	Virulento.
Terrorista.	Visionario.
Tibio.	Vitando.
Timido.	Vituperador.
Tonto.	Vociferador.
Torvo.	Voluvel.
Traidor.	Voluptuoso.
Traficante.	Zombador.
Trapaceiro.	

ARTIGO V.

Das Accões e Qualidades Equivocas.

A bstinencia.	Finura.
Acanhamento.	Flexibilidade.
Afinco.	Graça.
Afoiteza.	Graciosidade.
Agudeza.	Graçola.
Altivez.	Indignação.
Ambição.	Intensidade.
Ardência.	Investigação.
Ardidez.	Jovialidade.
Ardil.	Melindre.
Ardileza.	Ousadia.
Arrependimento.	Pachorra.
Arrojo.	Phlegma.
Artificio.	Pirronismo.
Assiduidade.	Parcimonia.
Astucia.	Pesquisa.
Audacia.	Perscrutação.
Austeridade.	Prenda.
Condescendencia.	Pressa.
Contemporisação.	Presteza.
Cumprimento.	Prevenção.
Dogmatismo.	Recolhimento.
Elogio.	Regatia.
Emulação.	Resentimento.
Ensino.	Rigor.
Enthusiasmo.	Rivalidade.
Especulação.	Saguacidade.
Espirito d'empreza.	Scepticismo.
Esquivança.	Severidade.
Esperteza.	Singularidade.
Exame.	Subtileza.
Extremos.	Taciturnidade.
Facilidade.	Versucia.
Fineza.	

ARTIGO VI.

Do Character Equivoco.

A bstemio.	Engraçado.
Abstinente.	Enthusiasta.
Acanhado.	Esquivo.
Altivo.	Explorador.
Afoito.	Extremoso.
Agil.	Facil.
Agudo.	Fino.
Ambicioso.	Flexivel.
Apressado.	Gracejador
Afincado.	Gracioso.
Apresurado.	Independente.
Ardido.	Indignado.
Ardente.	Insistente.
Ardiloso.	Intenso.
Arrependido.	Investigador.
Arriscado.	Jovial.
Arrojado.	Justiceiro.
Artificioso.	Melindroso.
Assiduo.	Ousado.
Astuto.	Pachorrento.
Audaz.	Parco.
Austero.	Perscrutador.
Comprimenteiro.	Pesquisador.
Condescendente.	Pirronico.
Contemporizador.	Pleugmatico.
Curioso.	Pontinhoso.
Difficil.	Prendado.
Dilatorio.	Prestes.
Dogmatista.	Prevenido.
Duvidoso.	Projectista.
Elogiador.	Recluso.
Emulo.	Recolhido.
Emprehendedor.	Refinado.

Regatão.	Severo.
Retirado.	Singular.
Resentido.	Subtil.
Rigoroso.	Taciturno.
Rival.	Tardador.
Sagaz.	Versuto.
Sceptico.	

INDICE

DO

SUPPLEMENTO A' CONSTITUIÇÃO MORAL.

<i>CAP. I. Das Virtudes, e Paixões; e das Boas, Más, e Equivocas Qualidades Moraes.</i>	3
<i>CAP. II. Da Diferença entre Probidade e Virtude.</i>	4
<i>CAP. III. Classificação das Virtudes Humanas.</i>	6
<i>CAP. IV. Da Influencia da Constituição Physica do Homem na sua Constituição Moral.</i>	7
<i>CAP. V. Das Paixões.</i>	12
<i>CAP. VI. Das Paixões desordenadas.</i>	16
<i>CAP. VIII. Da Perversidade Moral.</i>	22
<i>CAP. IX. Das Virtudes Fundamentaes.</i>	23
<i>CAP. X. Da Piedade.</i>	24
<i>CAP. XI. Da Veracidade.</i>	27
<i>CAP. XII. Do Senhorio de si.</i>	30
<i>CAP. XIII. Da Tolerancia.</i>	32
<i>CAP. XIV. Da Excellencia Moral.</i>	37
<i>CAP. XV. Da Reforma dos Costumes.</i>	40
<i>CAP. XVI. Lóbo Moralista.</i>	43
<i>CAP. XVII. Dos Caracteres.</i>	44
<i>CAP. XVIII. Da Fidelidade.</i>	46
<i>CAP. XIX. Do Contentamento.</i>	51
<i>CAP. XX. Da Continencia.</i>	55
<i>CAP. XXI. Da Pudicicia.</i>	60
<i>CAP. XXII. Da Honestidade Publica.</i>	66
<i>CAP. XXIII. Do Reciproco Auxilio da Moral e Legislação.</i>	67
<i>CAP. XXIV. Do Regimen Moral dos Prezos.</i>	74
<i>CAP. XXV. Da Influencia da Industria na Moralidade.</i>	79

<i>CAP. XXV. Dos Sentimentos de Honra, e de sua influencia no Character Nacional.</i>	86
<i>CAP. XXVII. Da Ajuda da Literatura á Moralidade.</i>	89
<i>CAP. XXVIII. Indicação das Boas Qualidades Moraes.</i>	93
<i>CAP. XXVIII. Technologia Ethica.</i>	112
<i>CAP. XXIX. Da Candura.</i>	115
<i>CAP. XXX. Da Sinceridade.</i>	117
<i>CAP. XXXI. Da Integridade.</i>	120
<i>CAP. XXXII. Da Fortaleza.</i>	122
<i>CAP. XXXIII. Da Prudencia.</i>	123
<i>CAP. XXXIV. Da Moderação.</i>	130
<i>CAP. XXXV. Da Mentira.</i>	133
<i>CAP. XXXVI. Da Hypocrisia.</i>	138
<i>CAP. XXXVII. Da Inveja.</i>	145
<i>CAP. XXXVIII. Da Vaidade.</i>	148
<i>CAP. XXXIX. Da Soberba.</i>	152
<i>CAP. XL. Do Descontentamento.</i>	153
<i>CAP. XLI. Da Felicidade.</i>	161

NOMENCLATURA VULGAR &c.

<i>ART. I. Das Boas Acções e Qualidades Moraes.</i>	167
<i>ART. II. Do Bom Character.</i>	170
<i>ART. III. Das Más Acções e Qualidades Moraes.</i>	
<i>ART. IV. Do Mão Character.</i>	177
<i>ART. V. Das Acções e Qualidades Equivocas.</i>	184
<i>ART. VI. Do Character Equivoco,</i>	185

ERRATA.

Pag.	Linha	Errata	Emenda
14	9	de dôr	dôr
20	6	a alteza	e alteza
20	12	Epicureo	Epicuro
21	7	de Cabeça	do Cabeça
32	17	serenas	ás serenas
50	33	porfidia	perfidia
53	26	motias	motins
57	31	contrariar	contrariamos
65	22	Censura	Censora
71	36	seguirmosos	seguirmos os
102	35	submissai	submissão
103	2	Provideocia	Providencia
121	33	Ademira-se	Admira-se
127	29	inecluctavel	ineluctavel
142	Nota	Leictures	Lectures
153	9	phantassando	phantasiando
156	2	essaça	esçaça
—	21	ao mercado	no mercado
158	1	cargo	carga

APPENDICE

CONSTITUIÇÃO MORAL.

HAvendo, ainda que mui imperfeitamente, exposto a *Constituição Moral*, manifesta pelas luzes da razão, ajudado pelas Regras da Revelação, considerei, que não seria inutil accrescentar hum Epilogo da *Moral Mundana*, e da *Moral Christã*; a fim de que, pelo seu contraste, se conheça a necessidade de guardar-se no Império do Brasil (salva a *Tolercancia Política* concedida por imperiosas Razões de Estado) a Religião Catholica, Apostolica, e Romana, que mostrou a *Grande Luz* ás Nações que vivião nas trevas; perpetuando-se a Doutrina Evangelica, que tem subsistido por não interrompida serie de Successores do Principe dos Apostolos S. Pedro, o qual traspassou a *Cadeira da Verdade* da Capital da Judéa (cuja total destroição fôra prophetizada pelo Redemptor do Mundo) para Roma, a Capital do Império Romano, então o maior e mais civilizado Estado da Terra, donde em consequencia melhor se poderia propagar o Novo Codigo, que continha as Bases da verdadeira *Constituição das Constituições*.

Desejava tambem addir huma Dissertação sobre a *Verdade da Religião Christã*, tão contradicta e vilipendiada pelos impios, infieis, e libertinos, que tem produzido maiores males pelo *Furor Revolucionario*, que os que a Humanidade tem soffrido pelo *Erro Fanatico* de escuros tempos. O Apostolo das Gentes admoesta aos Christãos estar promptos para dar razão da *Fé* que professão. Porém essa tarefa, além de muito exceder as minhas faculdades, he mais digna e propria dos *Mestres da Lei*. Restringir-me-hei por tanto a hum *Resumo* das Regras Evangelicas, e das Razões Philosophicas,

que bastem a satisfazer a todo o espirito recto sobre a excellencia da Moralidade e Piedade, que o nosso Divino Salvador veio ensinar ao Mundo pervertido. Pelo paralelo dos capitulos seguintes, espero se evidencie o *critério da verdade*, para os bons cidadãos, que não reconhecem máos motivos das acções boas, se esconjurarem da Moral Mundana, que se funda no *amor-proprio*, e na cubiça de bens caducos, e seguirem a Moral Christãa, que se estabelece no Amor de Deos, e esperança da felicidade eterna.

CAPITULO I.

Moral Mundana.

O Credito que na Republica das letras adquirio o Duque de La *Roche-faucauld* pelo seu livro das *Reflexões Moraes*, em serie de 528 *Maximas* (algumas das quaes ja citei nesta obra); e o apreço, que se lhe deo na Europa, onde foi traduzido em varias linguas, principalmente depois que *Voltaire* lhe fez elogios na *Noticia* que deo dos Escriptores do seculo do Monarcha Francez Luiz XIV., dizendo ter sido hum dos que mais contribuiu a formar o gosto da Nação, e dar lhe espirito de justeza e concisão; obrigão-me a advertir a Modicidade, que ella só contem *Moral Mundana*; pois faz o quadro dos homens, como são no estado corrupto, e não como devião, e podião ser, se adoptassem a *Moral Christãa*.

Aquelle seu panegyrista, inimigo do Christianismo, approva o erroneo principio fundamental desta obra, afirmando ser *verdade*, que o *amor-proprio* he o *movel de tudo*, dizendo porém, que he a unica verdade nella conteuda, bem que o mesmo pensamento se apresente em aspectos variados.

O Author das *Maximas* foi com razão accusado de *culumniar a natureza humana*, e Mr. *Suard*, que deo nova edição dellas no corrente anno de 1825, só o excusa por haver elle escripto em tempo de facções, e intrigas politicas, - em que a hypocrisia predomina, faz-se continuo jogo das paixões violentas, e o *interesse pes-*

soal se intromette em tudo, governa tudo, e corrompe tudo.

O mesmo Author todavia reconheceo a supremazia de virtude, e a sua influencia na Humanidade, enunciando as seguintes Maximas (187 — 223 — 513.)

He preciso estar de accordo, *em honra da virtude*, que as maiores infelicidades dos homens são as em que elles cahem pelos seus crimes.

A hypocrisia he huma homenagem que o vicio rende á virtude.

Por máos que sejam os homens, não ousarião parecer inimigos da virtude; e quando a querem perseguir, fingem crer que ella he falsa, ou lhe imputão crimes.

Amor-proprio.

Não sentimos os nossos bens e os nossos males senão em proporção do nosso amor-proprio.

O amor-proprio soffre mais impacientemente a condemnação de nossos gostos, que de nossas opiniões.

O affecto, ou a indifferença, que os antigos philosophos tinham a vida, não era senão o gosto do seu amor-proprio.

O amor proprio nos augmenta ou nos diminue as boas qualidades dos nossos amigos, em proporção da satisfação que temos delles; e julgamos do seu merito pela maneira com que vivem com nosco.

Não ha paixão em que o amor de si mesmo reíne tão poderosamente como na do amor: o amante he muitas vezes disposto a sacrificar antes o descanso da pessoa amada, do que a perder o seu.

No ciume ha mais amor-proprio que amor do objecto que se ama.

Nenhuma cousa deve diminuir mais a satisfação que temos de nós mesmos, que o ver, que desapprovamos em hum tempo o que approvamos em outro.

Amizade.

O que os homens tem chamado *amizade*, não he senão parceria, ou manejo reciproco de interesses, hum cambio de bons officios, hum commercio em que o amor-proprio se propõe sempre algum ganho.

Não podemos amar cousa alguma se não com relação á nós mesmos, e não fazemos mais que seguir o nosso gosto, e o nosso prazer, quando preferimos os nossos amigos a nós mesmos: todavia he só por esta preferencia que a amizade póde ser verdadeira e perfeita.

Perdoamos facilmente aos nossos amigos os defeitos que não nos prejudicão.

O primeiro movimento de alegria que temos pela felicidade dos nossos amigos, não vem sempre da bondade da nossa indole, nem da amizade que lhe temos; ás mais das vezes he hum effeito do *amor-proprio*, que nos lisongea com a esperanza de sermos tambem felizes, ou de percebermos alguma utilidade da boa fortuna dos nossos amigos.

Muitas vezes nos persuadimos poder amar algumas pessoas mais poderosas que nós, e comtudo he só o *interesse* que produz a nossa amizade: não nos damos á ellas pelo bem que pretendemos fazer-lhes, mas pelo que desejamos receber das mesmas.

Arrependimento.

O arrependimento não he tanto hum pezar do mal que temos feito, como o temor do que nos pode acontecer.

Bondade.

Não ha cousa mais rara que a verdadeira bondade: as mesmas pessoas que imaginão tella, de ordinario a praticão por condescendencia, ou fraqueza.

Faz-se muitas vezes o bem, para se poder impunemente fazer mal.

Nenhum individuo merece ser louvado pela sua bondade, se não tem a força de ser máo; toda a outra bondade não he á maior parte das vezes mais que preguiça, ou impotencia da vontade.

O verdadeiro homem honesto he o que não se pica de cousa alguma.

A intenção de não enganar jamais, nos expõe a ser muitas vezes enganados.

Clemencia.

A clemencia dos Principes não he muitas vezes se não politica, para ganhar a affeição dos povos.

A clemencia que se qualifica de virtude, se pratica humas vezes por vaidade, outras vezes por preguiça, e muitas vezes por temor, e quasi sempre por todos estes motivos simultaneos.

Compaixão.

A compaixão he muitas vezes o sentimento de nossos propios males nos males dos outros: he huma previdencia habil das infelicidades em que podemos cahir. Damos soccorros aos outros para os empenhar a nos dar iguaes em occasiões semelhantes; e os serviços que lhes prestamos, á fallar propriamente, são hum bem que nós, por avanço, fazemos a nós mesmos,

Conselho.

Ha muitas vezes menos habilidade em saber aproveitar de hum bom conselho, que em bem aconselhar a si mesmo.

Nada se dá tão liberalmente como o conselho.

Dão-se conselhos, mas não se inspira a conducta.

Constancia.

A constancia dos sabios não he mais que a arte de encerrar a sua agitação no seu coração.

Creemos muitas vezes ter constancia nas infelicidades, quando não temos mais que abatimento de espirito; soffremo-las, sem ousar encarallas, como os cobardes se deixão matar por medo de se defenderem.

Os condemnados ao ultimo supplicio algumas vezes affectão constancia e desprezo da morte; o que não he se não o temor de olha-la; de sorte que se pode dizer, que tal constancia e desprezo são para o seu espirito, o que o lenço he para os seus olhos.

Dignidade.

Quando a fortuna nos surpreende dando-nos hum grande lugar, sem nos ter conduzido por grãos, ou sem que nos tenhamos á elle elevado por nossas esperanças, he quasi impossivel o sustentarmo-nos nelle bem, e parecermos dignos de occupallo.

Os grandes nomes abaixão, em lugar de elevar, aquelles que não os sabem sustentar.

Ha huma elevação que não depende da fortuna; he hum certo ar que nos distingue, e que parece destinar-nos á grandes cousas; he hum preço que damos imperceptivelmente á nós mesmos: por esta qualidade he que usurpamos as atenções dos outros homens; ella, de ordinario, he a que nos põe acima delles, mais do que o nascimento, dignidades, e até o mesmo merecimento.

Ha merecimento sem elevação; mas não ha elevação sem algum merecimento.

Felicidade.

A felicidade está no gosto, e não nas cousas: somos felizes por termos o que amamos, e não por ter o que outros achão amavel.

Fidelidade.

A felicidade que se manifesta na maior parte dos homens, não he senão huma invenção do amor-proprio para attrahir a confiança: he hum meio de nos elevar acima dos outros, e nos fazer depositarios das cousas as mais importantes.

Fortaleza.

Se resistimos ás nossas paixões, he mais pela sua fraqueza, do que pela nossa fortaleza.

A força e fraqueza de espirito são mal nomeadas: com effeito ellas não são mais que a boa ou má disposição dos órgãos do corpo.

A fraqueza he mais opposta á virtude que o vicio.

A fraqueza he o unico defeito que se não pode corrigir.

Só as pessoas que tem firmeza, podem ter verdadei-

ra doçura; as que parecem doces, de ordinario não tem senão fraqueza, que facilmente se muda em acrimonia.

A timidez he hum defeito, que he perigoso objectar á alguem que se pertende corrigir.

Quando os grandes homens se deixão abater pela extensão de seus infortunios, fazem ver, que só se sustentavão pela força de sua ambição, não pela de sua alma; e que os heróes são como os mais homens, só tendo mais vaidade.

Muitas vezes por fraqueza nos consolamos dos males, quando a razão não tem a força de nos consolar.

Todos temos assás força para supportar os males dos outros.

Temos mais força que vontade; muitas vezes, para desculparmos a nós mesmos, he que imaginamos que as cousas são impossiveis.

Vale mais empregar o nosso espirito em supportar os infortunios que nos sobrem, do que em prever os que nos podem acontecer.

Fortuna.

A fortuna e o temperamento governão o mundo.

Não obstante a differença que parece haver entre as fortunas, ha huma certa compensação de bens e males que as fazem iguaes.

Por maiores que seião as vantagens que a natureza dê, não he ella só, mas tambem a fortuna com ella, que faz os heróes.

A fortuna dirige tudo á vantagem das pessoas á quem favorece.

A felicidade ou infelicidade dos homens não depende menos do seu temperamento que da fortuna.

Os homens se lisongeão de suas grandes acções: ellas muitas vezes não são os effeitos de grandes desig-nios, mas os effeitos do hazar.

Parece que as nossas acções tem estrellas felizes ou infelizes, á que se devem em grande parte o louvor, ou o vituperio, que se lhes dá.

Não ha accidentes tão infelizes, de que as pessoas habéis não tirem alguma vantagem, nem tão felizes, que os imprudentes não possão converter em seu prejuizo.

O nosso merito nos attrahe a estima dos bons ho-
mens, e a nossa estrella a estima do Publico.

Gratidão.

Os que desempenhão os deveres da gratidão, não se podem lisongear por isso que são reconhecedores dos Beneficios.

He grande infelicidade fazer beneficios á ingratos; porém he mal insupportavel beneficiar a máo homem.

A gratidão he como a boa fé que os Negociantes guardão no commercio: muitas vezes pagamos as nossas dividas, não porque seja justo satisfazellas, mas só a fim de mais facilmente achar pessoas que nos fação empréstimos.

Não se achão ingratos, em quanto nos achamos em estado de fazer bem.

Os homens são sujeitos não somente a perder a lembrança dos beneficios, e das injurias, mas até a aborrecerem aquelles mesmos que os beneficiarão, e cessão de aborrecer aquelles que lhes tem feito ultrajes.

Ha homem ingrato, que he menos culpado de sua ingratiidão, que o que faz o bem.

O que faz desconto no reconhecimento, que se espera dos beneficios que se tem feito, he porque o orgulho de quem dá, e o orgulho de quem recebe, não se podem ajustar sobre o preço do beneficio.

O orgulho não quer dever, e o amor proprio não quer pagar.

O bem que temos recebido de alguém requer que hajamos respeito ao mal que este nos tem feito.

O reconhecimento dos beneficios na maior parte dos homens não he senão hum forte e secreto desejo de receber maiores.

Quasi todo o mundo tem prazer em se desempenhar de pequenas obrigações; muitas pessoas tem reconhecimento dos beneficios mediocres; mas quasi não ha pessoa alguma que não tenha ingratiidão pelos grandes.

Gravidade.

A gravidade he hum mysterio de corpo, inventado para occultar os defeitos do espirito.

Educação.

A educação que se dá de ordinario aos jovens, he hum segundo amor-proprio que se lhe inspira.

Generosidade.

O que parece generosidade, não he muitas vezes senão huma ambição disfarçada, que despreza pequenos interesses para ir aos maiores.

Gloria.

A gloria dos homens se deve sempre medir pelos meios de que se servirão para adquirilla.

Elevamos a gloria de huns para abaixar a de outros.

Humildade.

A humildade he a verdadeira prova das virtudes christãs: sem ella, conservariamos todos os nossos defeitos, os quaes só são encubertos pelo orgulho que os occulta aos outros homens, e ás vezes á nós mesmos.

A humildade não he muitas vezes senão huma submissão fingida de que os homens se servem para submeter os outros; he hum artificio de orgulho, que se abaixa para se elevar; e posto se transforme em mil maneiras, jámais se disfarca melhor, e he mais capaz de enganar, do que quando se occulta debaixo da figura da humanidade.

Hypocrisia.

Em todas as profissões cada qual affecta hum semblante e hum exterior especial, a fim de parecer o que elle quer que se creia. Assim pode-se dizer, que o mundo não he composto se não de farças.

Ha nas afflicções diversas sortes de hypocrisia: sob pretexto de chorar a perda de huma pessoa que nos he cara, não choramos senão a nós mesmos: nissò choramos a diminuição de nosso bem, de nosso prazer, de nossa conservação. Assim os mortos tem a honra das lagrimas que não correm senão para os vivos. Digo que

he huma especie de hypocrisia, porque nestas sortes de afflicções se faz engano á si mesmo. Ha outra hypocrisia que não he tão innocente, porque impõe á todo o mundo; he a afflicção de certas pessoas que aspirão á gloria de huma continua e immortal dor . . . chora-se para ter a reputação de ser terno; chora-se para ser chorado; chora-se para ser condoido, em fim chora-se para evitar a vergonha de não chorar.

Ha falsidades disfarçadas, que representam tão bem a verdade, que seria julgar mal não se deixar enganar.

A simplicidade affectada he huma impostura delicada.

Amamos sempre aquelles que nos admirão, e não amamos sempre aquelles que admiramos.

Promettemos conforme ás nossas esperanças, e cumprimos conforme aos nossos temores.

O desprezo das riquezas era nos philosophos hum desejo occulto de vingar o seu merecimento da injustiça da fortuna, desdenhando os bens de que ella os privava: era um segredo para se assegurarem contra o aviltamento da pobreza: era hum caminho extraviado para subirem á consideração que não podião ter pelas riquezas.

He difficil certificar, se hum procedimento sincero e honesto he o effeito da probidade, ou da habilidade.

O mundo recompensa ás mais das vezes antes as apparencias do merito, que o merito real.

Innocencia.

A innocencia não acha tanta protecção como o crime.

Ha crimes que vem a ser innocentes, e até gloriosos, pelo seu numero, e excesso. Porisso as *ladroeias publicas* se reputão *habilidades*, e tomar provincias injustamente, se chama *fazer conquistas*.

Interesse.

O interesse falla todas as sortes de lingoas, e representa todas as sortes de farças, até a do *desinteressado*.

As virtudes se perdem no interesse, como os rios no mar.

O interesse que cega a huns, faz a luz dos outros.

O interesse põe em obra todas as sortes de vícios e virtudes.

Hum homem habil deve regular o predicamento de seus interesses, e conduzir cada hum na sua ordem. A nossa avidéz muitas vezes a turba, fazendo-nos correr á tantas cousas ao mesmo tempo, que, por desejar demasiado as menos importantes, vimos a ter falta das mais consideraveis.

Os mais habeis affectão toda a sua vida condemnar a lisonja, para se servirem della em alguma grande occasião, e por algum grande interesse.

Não se gosta de louvar aos outros, e não se louva a pessoa alguma sem interesse. O louvor he huma lisonja habil, occulta, delicada, que satisfaz differentemente a quem o dá, e a quem o recebe; hum o toma, como premio de seu merito; e outro o dá para fazer que se reconheça a sua equidade, e o seu discernimento.

O bom natural, que se louva de ter tanta sensibilidade, he muitas vezes suffocado pelo menor interesse.

A razão de muitas vezes nos descontentarmos dos Negociantes, he que elles abandonão quasi sempre o interesse de seus amigos pelo interesse de seu negocio.

O interesse que se accusa como a causa de todos os nossos crimes, muitas vezes merece ser louvado em nossas boas acções.

Inveja.

O mais verdadeiro signal de ter nascido com grandes qualidades, he ter nascido sem inveja.

A nossa inveja dura sempre mais longo tempo que a felicidade daquelles que invejamos.

A jealousy he justa e racional de alguma maneira; pois que não tende senão a conservar o bem que nos pertence, ou que pensamos que nos pertence; a inveja porém he hum furor, que não pode supportar o bem dos outros.

Ha mais gentes sem interesse do que sem inveja.

A inveja he mais irreconciliavel que o odio.

Muitas vezes tem-se vaidade das paixões as mais criminosas; mas a inveja he huma paixão timida, e vergonhosa, que ninguem jamais se atreve a confessar.

O orgulho que nos inspira tanta inveja, muitas vezes tambem nos serve para moderalla.

Justiça.

O amor da justiça na maior parte dos homens he só o temor de soffrer injustiça.

A justiça não he muitas vezes se não hum vivo receio de que não se nos tire o que nos pertence: dahi provém a consideração e o respeito que temos por todos os interesses do proximo, e a escrupulosa attenção a não causar lhe prejuizo algum: este temor retém os homens nos limites dos bens, que o nascimento ou a fortuna lhes tem dado; e, sem este temor, farião continuos corsos huns sobre os outros.

A justiça nos juizes que são moderados, não he senão o amor de sua elevação.

Não obstante a disposição, que o mundo tem de julgar mal, todavia á maior parte das vezes antes se faz graça ao falso merecimento, que justiça ao verdadeiro.

Condemna-se a injustiça, não pela aversão que se tem por ella, mas pelo prejuizo que da mesma resultaria.

Liberalidade.

O que se chama liberalidade não he à mais das vezes senão a vaidade de dar, a qual estimamos mais do que o que deamos.

Louvor.

Ha pessoas que se approvão no mundo que não tem outro merecimento se não os vicios que servem ao Commercio da vida.

A repulsa do louvor he hum desejo de ser louvado duas vezes.

O desejo de merecer os louvores que se nos dão, *fortifeca a nossa virtude*: os que se dão ao espirito, ao valor, e a belleza, contribuem a augmentallos.

He de alguma sorte tomar parte nas bellas acções o louvallas de bom coração.

O signal de hum merecimento extraordinario he o ver, que os que mais o invejão, são constrangidos a louvallo.

Louvar os Principes por virtudes que não tem, he dizer-lhes impunemente injurias.

Ha censuras que louvão, e louvores que maldizem.

O odio aos validos dos Principes não he outra cousa mais do que o desejo do favor dos mesmos Principes. O despeito de não possuir o valimento se consola e suaviza pelo desprezo que se mostra a quem o possui.

A lisonja he huma moeda falsa, que só tem curso pela nossa vaidade.

Crê-se muitas vezes aborrecer a lisonja; mas só se aborrece pela maneira de lisonjear.

A galantaria de espirito consiste em dizer cousas lisonjeiras de maneira delicada.

Não se teria prazer, se nunca se fizesse lisonja.

Magnanimidade.

A magnanimidade he assaz bem definida pelo seu mesmo nome: comtudo poder se-hia dizer, que ella he o bom senso do orgulho, e a via mais nobre de receber louvores.

A magnanimidade despreza tudo para ter tudo.

Matrimonio.

Ha bons matrimonios, mas poucos deliciosos.

Moderação.

A moderação he como a sobriedade; desejar-se hia comer mais; porém teme-se que faça mal.

A moderação na boa fortuna não he de ordinario mais que o temor da vergonha, que segue ao arrebatamento, ou o medo de se perder o que já se possui.

A moderação das pessoas felizes vem da serenidade que a boa fortuna dá ao seu temperamento.

A moderação he hum temor de cahir na inveja, e no desprezo que merecem os que se embriagão de sua felicidade; he huma vã ostentação da força de nosso

espírito: em fim a moderação dos homens na sua maior elevação he o desejo de parecer maiores que a sua fortuna.

Orgulho.

O orgulho he igual em todos os homens; não ha differença se não nos meios, e nos modos de o manifestar.

O orgulho tem mais parte que a bondade nas representações que fazemos aos que commetterão faltas; não as fazemos tanto para se corrigirem, como para lhes mostrarmos que somos isentos dellas.

O mesmo orgulho que nos faz condemnar os defeitos de que nos julgamos isentos, nos instiga a desprezar as boas qualidades que não temos.

He mais por orgulho, do que por falta de luzes que os homens se expõe com tanta obstinação ás opiniões as mais seguidas: achão os primeiros lugares tomados no *bom partido*, e não querem os ultimos.

A promptidão em crer o mal sem o ter examinado, he effeito do orgulho, e da preguiça. Queremos achar culpado, e não queremos ter o trabalho de examinar os crimes.

Se não tivéssemos orgulho, não nos queixariamos do orgulho dos outros.

Parece que a natureza, que tão sabiamente dispoz todos os órgãos do nosso corpo para nos fazer felizes, tambem nos tem dado o orgulho para nos poupar a dor de conhecer as nossas imperfeições.

Perseverança.

A perseverança não he digna de louvor, nem de vituperio; porque não he senão a duração dos gostos e sentimentos, que não se tirão, nem se dão.

Ha huma inconstancia nos homens que vem da levezza do espirito, ou da sua fraqueza, que lhes faz receber todas as opiniões dos outros; ha huma especie de inconstancia que he mais desculpavel, e he a que provém do desgosto das cousas.

Preguiça.

He engano crer que só paixões violentas, como a

ambição, e o amor, podem triumphar das outras. A preguiça, não obstante toda a sua languidez, muitas vezes não deixa de ser a senhora: ella usurpa sobre todos os designios, e sobre todas as acções da vida; ella destroe, e consome insensivelmente, as paixões, e as virtudes.

Prudencia.

Não ha elogios que senão tenham dado á prudencia: comtudo, por maior que ella seja, não nos poderia assegurar do menor successo; porque ella se exerce sobre o homem, que he o ente o mais mudavel do mundo.

He mais facil ser prudente para os outros, do que o ser prudente para si.

Poucas pessoas são assaz prudentes para preferirem a censura que lhes he util, á lisonja que as atraiçoa.

A imprudencia nos acompanha em todos os tempos da vida: se alguem parece mais prudente, he porque as suas louvores sao proporcionados á sua idade, e á sua fortuna.

Qualidades.

O mal que fazemos não nos atrahie tantas perseguições, como as nossas boas qualidades.

Exaggeramos as boas qualidades dos outros, mais pela estima dos nossos proprios sentimentos, do que pela estima de seu merecimento: queremos attrahir louvores, quando parece que lh'os damos.

Ha más qualidades que fazem os grandes talentos.

Todas as nossas qualidades são incertas e duvidosas, tanto no bem, como no mal, e estão quasi todas à mercê das occasiões.

Não basta ter grandes qualidades; he preciso ter economia.

A avareza he mais opposta á economia que a liberalidade.

A arte de saber pôr em obra qualidades mediocres, tira-lhes a estimação; porém muitas vezes dá mais reputação que o verdadeiro merecimento.

Reconciliação.

A reconciliação com os nossos inimigos não he senão o desejo de fazer melhor a nossa condição, o cansaço da guerra, e o temor de algum máo successo.

Sinceridade.

A sinceridade he huma abertura de coração: achase em poucas pessoas; e a que se vê, de ordinario não he mais que huma fina dissimulação, para attrahir a confiança dos outros.

Nada he menos sincero que a maneira de pedir e dar conselhos: o que os pede, parece ter confiança respeitosa nos sentimentos de seu amigo, ainda que aliás só pertenda fazer-lhe approvar os seus, e constituillo fiador da propria conducta; e o que dá o conselho, paga a confiança, que o outro lhe testemunha, com zelo ardente e desinteressado, bem que ás mais das vezes nos conselhos que dá, não tem em vista senão o seu interesse, e a sua gloria.

As pessoas fracas não podem ser sincéras.

Somos tão accostumados a nos disfarçar aos outros, que por fim nos disfarçamos a nós mesmos.

Confessamos os nossos defeitos, para reparar pela nossa sinceridade o mal que temos feito no espirito dos outros.

O que faz ver que os homens conhecem os seus defeitos mais do que se pensa, he que, quando fallão de sua conducta, mostram que jamais tem obrado mal: o mesmo amor proprio que de ordinario os cega, os esclarece então, e lhes dá vistas tão justas, que lhes faz supprimir ou disfarçar as menores cousas que podem ser condemnadas.

Valor.

O amor da gloria, o temor da vergonha, o desejo de fazer fortuna, o desejo de fazer a nossa vida commoda e agradável, e a ancia de abaixar os outros, são muitas vezes as causas do *valor* tão celebrado entre os homens.

O valor nos soldados simples he hums mester peri-

goso, que só se tomou para ganhar a vida,

O perfeito valor e a cobardia são dous extremos á que raras vezes se chegam: o espaço que ha entre elles he vasto, e contém todas as outras especies de corajera. Entre elles não ha menos differenças que entre rostos e temperamentos.

O perfeito valor he o daquelle que faz sem testemunhas o que scria capaz de fazer diante de todo o mundo.

A intrepidez he huma força extraordinaria d'alma, que a eleva acima das perturbações, desordens, e angustias, que a vista de grandes perigos poderia excitar nella: por esta força he que os heróes se sustentão em estado sereno, e conservão o livre uso de sua razão nos accidentes os mais espantosos, e os mais terríveis.

A maior parte dos homens se expõem assaz na guerra para salvar a sua honra; mas poucos se querem sempre expor, quanto he necessario, para se conseguir bom effeito do designio para que elles se expõem.

Não se quer perder a vida, e quer-se adquirir gloria: isto faz que os homens bravos tem mais astucia de espirito para evitar a morte, do que os que vivem da trapaça para conservar os seus bens.

Velhice.

Os Velhos gostão de dar bons preceitos, para se consolarem de não se verem mais em estado de dar máos exemplos.

Verdade.

A verdade não faz tanto bem, como as suas apparencias forem mal no mundo.

A aversão á mentira he muitas vezes huma imperceptivel ambição de fazer os nossos testemunhos dignos de consideração, e attrahir ás nossas palavras hum respeito de religião.

A nossa disconfiança justifica a fraude dos outros.

Vergonha.

Teriamos muitas vezes vergonha das nossas mais bel-

las acções, se o mundo visse todos os motivos que as produzem.

Virtude.

A vaidade, a vergonha, e sobretudo o temperamento, constituem muitas vezes o valor dos homens, e a virtude das mulheres.

Os vícios entram na composição das virtudes, como os venenos entram na composição dos remedios. A prudencia os ajunta e tempera, e delles se serve utilmente contra os males da vida.

Não se despreza a todos que tem vícios; mas desprezão se a todos que não tem virtude alguma.

O nome da virtude serve ao interesse tão utilmente como os vícios.

A virtude não iria tão longe, se a vaidade não lhe fizesse companhia.

São precisas maiores virtudes para sustentar a boa fortuna, do que para sustentar a má.

Quando só a preguiça e a timidez nos retém em o nosso dever, muitas vezes faz-se disso toda a honra á nossa virtude.

O que nos impede muitas vezes de nos abandonarmos á hum só vicio, he o termos muitos vícios.

Ha certos defeitos, que, sendo bem modificados, brillão mais que a mesma virtude.

Só pertence aos grandes homens ter grandes defeitos.

As pessoas felizes não se corrigem jamais: ellas crêem sempre ter razão, quando a fortuna sustenta a má conducta.

Quando os vícios nos deixão, lisongeamo-nos que nós somos os que os deixamos.

Por maior cuidado que se tome para encubrir as paixões por apparencias de piedade, e de honra, ellas sempre apparecem ao travez destes véos.

Os homens não vivirão muito tempo na sociedade, se não fossem enganados huns pelos outros.

Parece que a Natureza tem prescripto á cada homem, desde o seu nascimento, limites para as virtudes, e para os vícios.

He ser verdadeiramente virtuoso querer sempre ser exposto á vista dos virtuosos.

Depois de ter fallado de tantas virtudes apparentes, he racionavel dizer alguma cousa da falsidade do desprezo da morte, que os pãgãos se jactão de tirar de suas proprias forças *sem a esperança de outra vida*. Ha differença entre soffrer a morte constantemente, e o desprezalla: o primeiro acto he assaz ordinario, mas o segundo não he jamais sincero. — A necessidade de morrer fazia toda a constancia dos philosophos antigos: elles crião que devião ir de boa vontade aonde não poderiam impedir que fossem; e não podendo eternizar a sua vida, não lhes restava outra cousa que eternisar a sua reputação. — A gloria de morrer com firmeza, a esperança de ser chorado, o desejo de deixar boa fama, o seguro de libertar-se das miserias da vida, e de não depender mais do capricho da fortuna, são remedios que não se devem rejeitar.

Apologia.

Transcrevi esta porção das *Maximas da Moral Mundana*, para que os que acolherem no coração a seguinte synopsis da *Moral Christãa*, saibão executar a Monitoria do seu Divino Mestre — *sêde candidos como as pombas, e prudentes como as serpentes*.

CAPITULO II.

Da Moral Christãa.

Reconhecendo, que, nos essenciaes dogmas da Moral, não se pôde dizer, que algum sabio e Legislador tenha feito *descubertas*, propriamente ditas, como se tem feito na Physica; com tudo não se pôde em boa fé contestar, que a Moral Christãa, ensinada no Evangelho pelo Salvador do Mundo para a Regeneração da corrupta Humanidade, tem hum *character privativo*, e he, em pontos cardeaes, contraria, não só á *Moral Mundana*, descripta no capitulo antecedente, mas tambem á *Moral Estoica*, tão afamada, e seguida pelos mais illustres heróes e philosophos do Imperio Grego e Romano, que mais se distinguirão em civilisação.

As differenças principaes da Moral Christãa á res-

peito da Moral de todos os Povos, consistem nos seguintes artigos.

I. Ordenar o cumprimento dos deveres da Sociedade e Religião, pura e simplesmente, para cordial observancia da manifesta vontade de Deos, e tendo se amor á Deos sobre todas as cousas, sem vistas de interesse mundano, nem de louvor, fama, e consideração dos homens; só requerendo o culto do coração, adoração de Deos em espirito, e verdade, e boas obras de justiça e caridade.

II. Dar *efficaz sanção* contra os vicios, e *motivo adequado* para as virtudes, certificando o Dogma da immortalidade d'alma, e da justa retribuição dos bons e máos no estado futuro e eterno, sobre que antes ainda os mais eminentes e pios escriptores vacillavão; ensinando a formula de oração mais breve e energica para propiciar a Divindade, e implorar a sua clemencia.

III. Reprovar as qualidades, que ordinariamente atrahem a estima e admiração do Genero Humano, como a altivez, vingança, implacabilidade, contenda, que, nos seus geraes effeitos, tem sido prejudiciaes á paz e felicidade das Nações.

IV. Recommendar a *passiva coragem* dos soffrimentos, paciencia das affrontas, perdão das injurias, humildade, mansidão, não-resistencia, reconciliação, concordia.

V. Determinar a geral benevolencia, e ainda o beneficio e amor dos inimigos, aconselhando orar a Deos pelos nossos perseguidores, e calumniadores.

VI. Reintegrar a primordial pureza, harmonia, e perpetuidade, do estado conjugal, dizendo, que, se Moisés concedera o *libello de repudio*, só fôra pela dureza do coração dos Israelistas, e que *ao principio não foi assim*.

VII. Prescrever a regulação dos pensamentos, para se impedir o desenvolvimento da força das tentações pelas *más cogitações*.

VIII. Não impôr austeridades desnecessarias, antes franquear, e até authorizar com o seu exemplo, complacencia e convivalidade nas companhias, e casas de ricos e pobres, ainda de publicanos e peccadores: condemnando affectada tristeza, e cerimoniaes da ambição, execrando toda a especie de hypocrisia, e arguindo ainda aos discipulos a *furia da intolerancia*.

IX. Universalizar a doutrina da Benevolencia, para se beneficiar toda a creatura, ainda no dia destinado a cessação dos trabalhos, exemplificando até com o caso da *ovelha cahida na cova*, á que se deve logo acudir; concluindo, que, em todo o tempo, *he licito bem-fazer*, e aconselhando o procurar aproximar-nos á Divina Perfeição.

X. Annunciar a necessidade de arrependimento das culpas, e de perseverança nas virtudes, não dando falsas expectativas de felicidade na vida eterna aos que morrerem impenitentes, só fiados na Misericordia Divina.

Eis os mais sustanciaes capitulos da Moral Christã! Que outra tão espiritual, e com tão maravilhosa originalidade, se tem escripto e pregado, mais conforme á Magestade de Deos, e á dignidade do homem?

Se os homens observassem estas *regras da vida*, he de viva evidencia, e racional esperança, que a Sociedade Civil seria da mais apurada moral, e toda a Especie Humana se mostraria huma Companhia de Irmãos.

C A P I T U L O . III.

Necessidade da Religião, e Excellencia da Moral Christã.

HE de cordial complacencia aos que desejão o progresso da Religião Catholica, o ver que no *Reino Christianissimo* da França, onde no seculo passado abor-tarão tantos Escriptores inimigos da Lei Evangelica, que até chegarão ao delirio de negar a existencia do Fundador da quella Religião *, nosso Senhor Jesus Christo, depois do Restabelecimento da Monarchia, e da Paz Geral; neste seculo tenham apparecido obras orthodoxas, com que se tem procurado reparar os males que a Revolução fez á Christandade, e á Civilisação. Entre

* *Volney* na sua obra sobre as *Ruinas dos Imperios* diz, que *Christo* he nome emblematico do culto do sol; e *Dupui* na sua obra sobre a *Origem dos cultos* diz, que os doze Apostolos são *symbolos* dos doze Signos do Zodiaco! Que impostores são taes Escriptores! Bastão os classicos Latinos *Suctonio* e *Tacito* para os desmentir.

elle se distingue a obra de Mr. *Massabiau*, dada á luz em Paris em 1821, com o titulo de — *Espirito das Instituições Politicas* — Ainda que o seu objecto principal he expor as bases da boa Organisação dos Governos Legitimos, contudo, indicando entre ellas a Moral e Religião, assim no tom. I. Liv. VI. cap. I. e IV. declara a sua opinião, bem digna de ser attendida, e decorada pela Mocidade Brasileira.

Religião he a Lei Natural, que, unindo o homem á Deos, como a seu soberano Senhor, Juiz, e Pai, ensina-lhe, que a sua alma não morre na dissolução do corpo, mas somente muda de vida, não sendo os dias que passa sobre a terra senão o crepusculo da sua immortalidade.

Quantos esforços deploraveis se tem feito para tirar a religião ao homem! Porém que tem resultado? Fez-se mal immenso; *abalarão-se os fundamentos da Moral*; mas o homem ficou religioso. Poder-se-ha ainda fazer muito mal: mas esse *projecto impio* se hade mallograr sempre; porque *o homem he religioso por natureza*.

He impossivel tirar ao homem a religião, como a esperança: pois que ambas são necessarias á sua felicidade. Quando se reflecte sobre os males de que está cheia esta triste vida, quera, a não ser defalmado, ou demente, poderá desejalla sem esperar por melhor vida?

A Religião anima os homens para o bem, os desvia do mal, e consola os infelizes. Só ella pede pagar os heroicos sacrificios, que a sociedade algumas vezes requer, e inspirar a retribuição do Reconhecimento Publico ás almas generosas: sendo amiga dos homens mantendo-lhes a existencia, e sendo amiga da sociedade mantendo os bons costumes, segura a paz, supprime as leis, e, não fazendo mal algum, opéra bens infinitos, que sem ella não gosariamos.

Athêos politicos desejão fazer concordata com a Religião. Reconhecendo a necessidade de Religião para os ignorantes, pensão ao mesmo tempo, que ella não he necessaria ás pessoas de luzes; como se estivesse no poder das luzes o mudarem a nossa natureza, e libertarnos da condição da Humanidade. A Religião he huma necessidade á todos os homens, porque todos tem necessidade de suas esperanças.

Não nos enganemos sobre a verdadeira influencia das luzes. Ainda que haja huma prudencia sublime na virtude, todavia nem tudo nella he prudencia, ao menos quanto ao interesse desta vida; pois que muitas vezes a virtude ordena o sacrificio do mesmo interesse. O effeito das luzes he unicamente o fazer os homens mais circumspectos, a fim de que aos conselhos erroneos das paixões prevaleça o talento de sua *felicidade temporal*; o que de certo he grande bem. Mas o effeito das luzes não he fazer que os homens desprezem essa felicidade, e conduzillos a virtude da *abnegação de si proprios*, abnegação alias, que á virtude pode exigir sem equivalente, ou sem alguma real compensação, até com sacrificio da vida, pois que não pode haver compensação para huma pessoa que se aniquila.

He logo preciso, que hum entusiasmo magnanimo, transpondo o homem alem de si, o desvie, na carreira da probidade, de todas as considerações do proprio interesse; ora, para tal effeito, as luzes são pouco favoraveis. Na verdade a experiencia prova, que, quanto mais o homem se illumina, tanto menos he susceptível de paixões irracionaes. Tendo-se grandes conhecimentos, e methodos aperfeiçoados, se forma o habito de circumspecção, e de duvida. Porém o *espirito de calculo*, posto que bom em si, sendo todavia tão capaz de acauhar as almas, quando concentra as suas vistas na vida presente, como de engrandecer as mesmas almas, quando comprehende a immortalidade na vida futura no seu plano de conducta, vem por grãos a apoderar-se inteiramente dos homens, e em consequencia, á esse mesmo espirito de calculo tambem faz a *honra dos seus deveres*.

Desde a epocha em que se inculca esse mal intitulado Projecto Philosophico, he que se pertendeo sujeitar a Moral ao calculo do interesse.

Ha naturalmente huma distancia immensa entre os pensamentos do ente que espera ser immortal, e os pensamentos do ente que não vê outra prespectiva que a *Terra*, e o *Nada*.

Leitor! Baste dizervos: se amais o genero Humano, o vosso Paiz, e a vós mesmo, bemdizei a Religião.

“Jesus foi o primeiro, que separou a Religião da Política, e que fez huma *Instituição de Moral Univer-*

sal, propria a se applicar á todos os tempos, á todos os lugares, á todos os Governos. Elle a reduzio á este preceito = *ama a Deos sobre tudo, e a teu proximo como a ti mesmo* = ; entendendo por *proximo* todos os homens, sem exceptuar hum só, e nem ainda os inimigos; e, quanto ao mais, deixando os negocios deste mundo no estado em que os havia achado; ordenando aos escravos obedecerem á seus senhores, aos senhores o serem justos e bons para os seus escravos; annunciando á todos os juizos de Deos, diante do qual grandes, pequenos, iguaes, confundidos em algum dia, não serão mais distinctos senão pelas suas obras.

“ Aniquilou realmente na prática de suas maximas o despotismo que elle parecia respeitar. Com effeito, a caridade, a humildade, que elle tanto recommendou aos seus discipulos, são igualmente incompativeis com a dureza da escravidão, e o orgulho da tyrannia. Desta maneira a sua admiravel Instituição, feita igualmente para o presente, e para o futuro, evitava todas as censuras, e conciliava todos os votos; e, sem turbar em cousa alguma a paz do mundo, preparou os homens para a liberdade.

“ Mas, ainda que fosse admiravel a Instituição Christã, ella tinha necessidade do soccorro das Leis: se a Religião vai até o coração, onde as leis não podem penetrar, as leis retém os braços, o que a Religião não póde fazer.

“ Isto mesmo ainda não basta: he preciso demais, que o homem seja esclarecido. Se o não for, elle se servirá, para authorizar as suas paixões, da mesma Religião que as condemna; e as suas leis terão o cunho de sua ignorancia e de seus erros. As leis não podem obter o seu fim, se não forem providentes e sabias. Emfim, sendo os homens sem luzes, e sendo a Religião mal entendida, ella não sustentará bem as leis; e sendo as leis barbaras, sustentarão mal a Religião. Em huma palavra: se o homem for ignorante, a Religião a mais admiravel corre risco de degenerar nas suas mãos; e, devendo ser o instrumento do bem, como o he por sua natureza, virá a ser hum instrumento do mal pelas nossas paixões.

“ De todas as doutrinas capazes de inspirar hu-

manidade, que outra a ensina melhor que o Christianismo, o qual nos representa o Genero Humano, como huma Familia, de que Deos he o Pai, e como hum só Corpo de que elle he a Cabeça; desorte que offender, ou separar os homens, he fazer dilacerar os membros de seu Pai commum? Hendo em fim toda a Moral no amor do proximo, e toda a Religião no amor de Deos, transforma em amor toda a existencia de seus dicipulos. Ora quem ama, como bem disse S. Paulo, *não busca mais o seu interesse*, mas o do objecto que elle ama. Huma sociedade de verdadeiros Christãos teria realizado a fabula da idade de ouro nesta infeliz Terra.

Se o Christianismo não tem produzido este effeito, he porque as nossas paixões são mais poderosas que as nossas doutrinas. Mas, ainda assim, em toda a parte onde os homens não se fizerão surdos á voz do Evangelho, que espantosas reformas esta voz não tem operado em todo o Universo? Os sacrificios humanos, os espectaculos dos gladiadores, a exposição á morte das crianças, e muitos outros costumes ferozes, desapparecerão para sempre.

C A P I T U L O . I V .

Das Evidencias da Divina Revelação Evangelica.

Deos virá manifestamente.

Psalm. XLIX. V. 2.

AS Sociedades da Biblia, que se achão estabelecidas em quasi todos os Estados da Europa, e dos Estados Unidos d'America do Norte, não só nas Capitães, mas tambem em muitas Grandes Cidades civilizadas, afim de fazerem traduzir, e propagar por todas as Nações da Terra, a Sagrada Escripura, distribuindo-se gratuitamente aos pobres, formão admiravel Confederação Religiosa, para, só com as luzes do Evangelho de Gloria á Deos, e paz aos homens benevolos, que revelou o *Salvador do Mundo*, se extinguir a idolatria, confundir a incredulidade, e communicar até os confins da Terra o Beneficio da Redempção do Genero Humano. Como podia, sem força, nem arte, formar-se esta *Liga Visivel* de Espiritos Rectos á bem da Humanidade, se a mais letrada gente

não tivesse a intima convicção da verdade da Divina Revelação, que por tantos modos se patenteia em o Velho, e Novo Testamento? Os Impios, Infieis, e Immoraes, presentemente, mal em clandestinos conciliabulos leem e communicão os livros dos Coryphêos da Irreligião e Anarchia, com que se tentou no seculo passado completar a desmoralisação, e corruptella dos *filhos da Perdição*.

Os Apologistas da Religião Christã se tem esmerado em demonstrar as *evidencias externas e internas da Missão Divina do Messias*, Mestre da Lei Evangelica, que em varios Livros Propheticos da Sagrada Escriptura havia si-lo annunciada com os Magestosos Titulos de — *Desjradado das Gentes, Justo, Filho do Altissimo, Principe da Paz, Dilecto, Redemptor, Libertador, Salvador do Mundo*&c.

As *evidencias externas* são os que se manifestão pelas provas da authenticidade das Sagradas Escripturas, e até pelos Testemunhos dos Escriptores Gentios. Isso exige volumes, e está fora do meu proposito.

Indicarei sómente algumas *evidencias internas*, quaes re-luzem em notaveis *passagens do Evangelho*, que não se encontram em livro algum de Religião das Nações mais civilisadas.

Confucio e Zoroastre n'Asia, *Zenão, e Socrates* na Europa, que, pela fama de sabedoria, e credito Nacional, estabelecerão Systemas Religiões, ou fundarão Escolas Moraes, não se proposerão a abolição da Idolatria, Polygamia, e Malicia, que predominavão no Mundo, e nem tiveram sensivel influencia em diminuir as enormes e sanguinarias praticas do Gentilismo.

Jesus Christo, pobre e simples paizano da Judéa, não constando onde adquirisse instrucção, projectou, e conseguiu, destruir em breve tempo a Religião Pagã no Imperio Romano, então o mais poderoso, e civilisado, estabelecido nas tres antes conhecidas partes do Globo, e isso sem a menor ajuda, antes com mortifera opposição dos Doutores, de seu proprio paiz, e de todos os Povos e Potentados da Terra. Elle disse: Em mim se verificão as prophcias; e repetio publicamente em Jerusalem perante a plebe, e Synagoga = Sou Filho de Deos; e venho annunciar aos homens penitencia, e remissão dos pecados, convertendo-se em tempo, e regenerando a sua vida, baptizando-se, e crendo no meu Evangelho: aqui fui mandado por meu Pai Divino para *Revelação ás Gentes*: o que crer e perse-

verar até o fim, procedendo com justiça e caridade, será salvo com gloria immortal no Ceo; o que obrar mal, será condemnado com pena eterna no Inferno. =

Jesus Christo, pobre e simples paizano da Judéa, fez assim o Projecto de derribar a Idolatria estabelecida na Europa, Asia, e Africa, e executar o Plano por todo o Mundo, e em seu lugar substituir huma *Religião Theistica*, e da mais *pura moral*, com excellencia nunca vista nos institutos e escriptos dos maiores Legisladores e Sabios. Para esse prodigioso effeito, não teve por cooperadores, senão doze discipulos, rudes pescadores, que chamou para igual missão, não lhes promettendo vantagem alguma mundana, antes predizendo-lhe incessante e tyrannica perseguição, e ignominiosa morte, pela furia do povo, e das Potencias de todas as Nações, só dando-lhes a expectativa de coroa de gloria no Céu.

Eis *Character Original!* Isto não tem paralelo na Historia dos seculos. Estas considerações por si só manifestão, que a promulgação e propagação da Lei Evangelica foi obra sobrehumana, e não se pode, em boa razão, attribuir á outra causa senão á misericordiosa providencia do seu Divino Author, que assim quiz reformar e salvar o Genero Humano.

Muitos pios e doutos Escriptores tem demonstrado as *Evidencias da Revelação Divina*, distinguindo as *evidencias externas* dos Testemunhos e Monumentos que certificão a verdade do Velho e Novo Testamento; das *evidencias internas*, que se deduzem da intuitiva sublimidade das doutrinas, especialmente dos Livros dos Evangelistas, e dos Actos, e Epistolas, dos Apostolos, que a Igreja Catholica sempre reconheceo por genuinos e canonicos. Aqui só apontarei algumas das mais obvias evidencias. Para os incredulos, ou duvidosos, farei as seguintes ponderações.

Que Methaphysico jámais declarou com tão decisiva these a Essencia Divina, como o nosso Salvador dizendo = *Deos he Espirito, e Pai de todos os homens?*

Que Theslogo melhor explicou a infinita esphera da Omnisciencia Divina do que como Elle dizendo = *Todos os cabellos da cabeça estão contados; nenhum delles cahs sem ordem do Pai celestes?*

Que Mathematico fez equação de valores, e equilibrio

de balança; como Elle dizendo = *Que aproveita ao homem lucrar todo o Mundo, e perder a sua alma?*

Que Philosopho deo melhor lição de *Tolerancia* do que Elle dizento aos discipulos que requeirão o fogo do Ceo contra os incredulos de sua doutrina = *não sabeis de que espirito sois = Deos faz nascer o seu Sol, e cahir a sua chuva, igualmente sobre os bons e sobre os máos?*

Que Philanthropo deo mais sublime norma de caridade desinteressada do que Elle, dizendo = quando deres esmolla, *não saiba a tua mão direita, o que faz a tua mão esquerda?*

Que Orador arguiu com maior vehemencia a hypocrisia (vicio tão dominante) como Elle dizendo — *Ay de vós Sribas e Phariséos, que só ostentaes pureza no exterior, e sois no interior cheios de hypocrisia e iniquidade, assemelham-to-vos á Sepulchros caiados por fora, só achando-se dentro ossida, e immundicia?*

Que Politico tão providentemente segurou a Ordem Publica, e a Concorria do Socerdocio e Imperio, contra a rebeldia, soberba, insubordinação, do que elle dizendo — *Dai á Deos o que he de Deos, e á Cezar o que he de Cezar — Quem se humilha, será exaltado; quem se exalta, será humilhado — ?*

CAPITULO. V.

Observações sobre a Doutrina do Evangelho.

O Ecclesiastico Escriptor Inglez, *William Paley*, na sua obra das *Evidencias da Religião Christã* — bem mostra a excellencia da Doutrina do Evangelho. Valer-me-hei de suas observações em quatro pontos cardeaes: Amor de Deos: Oração Dominical: Governo dos Pensamentos: Perdão das Offensas.

„ Amarás a teu Deos com todo o teu coração, com
 „ todo o teu espirito, com todo o esforço de tuas fa-
 „ culdades. Este he o primeiro e o Grande Mandamen-
 „ to: o segundo he semelhante á elle — amarás a teu
 „ proximo como a ti mesmo — nestes dous Mandamen-
 „ tos se encerra toda a Lei e Prophecia „

Hum philosopho moral não podia cifrar melhor todo o Symbolo Evangelico.

Este proceito cardeal fez tanta impressão nos Apóstolos, que S. Pedro, * S. Paulo, e S. João, o intimão, quasi pelos mesmos termos, nas respectivas Epistolas. Este Evangelista diz com a sua particular candura — *Quem ama a Deos, ama tamtem a seu irmão.* **

A Oração Dominical he hum modelo de supplicaa ao Creador, da maior brevidade, e profundeza, só propria de hum Enviado de Deos, que bem conhecia a fraqueza da nossa indole, tibieza de devção, e importunidade de requerimentos; por isso deo a regra de não presumirmos de pedir e obter de Deos com muitas arengas (multiloquio) o que necessitarmos; porque elle bem sabe as nossas precisões. Portanto ensinou a formula a mais compendiosa e solemne, que nunca occurro á algum Hierophanta, Mystico, ou Liturgico de qualquer Religião.

A *Regulação dos pensamentos* he necessaria á cura radical dos vicios e crimes, visto que diz o nosso Salvador — *do coração he que procedem as más cogitações, os homicídios, furtos, lascivias &c.; — o que ella para mulher com tenção libidinosa, ja violou a castidade.* —

O Systema Moral, que só prohibe as acções, e deixa em liberdade os pensamentos, não he efficaç para segurar a virtude. O conhecimento da constituição do homem, e a experiencia do seu proceder, confirmão esta verdade. O Grande Physiologista *Boerhave*, falando da dita Doutrina, diz, que até nella mostrou o nosso Salvador, que conhecia melhor que Socrates ao Genero Humano. — O insigne Medico *Haller*, commentando esta passagem de *Boerhave*, assim reflecte: “ não escapou a perspicacia do nosso Salvador, que a repulsa de todo o máo pensamento he a melhor sentinella contra o vicio; porque, quando entrão no espirito idéas licenciosas, estas estimulão os desejos desordenados em tal grão de violencia, que se não pode resistir — cada instante que se passa em meditar sobre algum peccado, augmenta o poder do objecto perigoso, que possui a nossa phantasia. ”

(*) I — 22 — Ad Rom. XIII. 9. — Gal. V 14.

(**) I Jean. 21

Se fosse universal a disposição dos homens em não perdoar as offensas, a sociedade civil seria huma scena de luita e guerra continua. Em qualquer grão que prevalecesse a observancia do preceito do perdão das offensas, na mesma proporção se mitigarião os resentimentos, multiplicarião as reconciliações, minorarião as querelas, vinganças, e hostilidades, que são os grandes perturbadores da felicidade humana, e as maiores fontes das misérias da sociedade. Sem a disposição dos homens á indulgencia e concórdia, as inimizades, huma vez começadas, serião perpetuas, cada *retaliação* exigiria novo *rebate*, e não se poderião assignar limites á *reciprocção de affrontas e calamidades*.

CAPITULO. VI.

Refutação de Objecções.

Os presumidos de *Espiritos Fortes*, tem feito a Religião Christãa tres capitaes objecções: 1.^a que exige huma pureza de Moral impraticavel á fraqueza do homem: 2.^a que tem sido causa de Intolerancia tyrannica, horridas crueldades, e Guerras Religiosas: 3.^a que tem contra si a incredibilidade de milagres.

Contra a 1.^a objecção bastará responder com o cidadão *Paley*: hum Plano de Regeneração da Humanidade não devia ser hum systema de *Excellencia Moral*?

Os que figurão no Theatro da vida, accostumados á laxidão da Moral Mundana, não se podem capacitar, de que, com habitos virtuosos, possa haver muita gente que observe a Lei Evangelica. Mas o nosso Salvador não deu Cartel á vicio algum; e no seu sermão do Monte entre os que enumera participantes da feliz immortalidade, diz ser — *os puros de coração, porque verão a Deos*. Nas classes inferiores dos povos de todos os paizes achão-se milhões e milhões de espiritos rectos, que são os perpetuadores da civilisação e paz dos Estados pela observancia dos *Deveres Christãos*.

Diz o mesmo Escriptor na referida obra Parte III. capitulo VII.

A influencia da Religião Christã não se deve procurar nos conselhos dos Principes, nas resoluções das Assembléas Populares, na conducta dos Governos a respeito de seus subditos, e dos Estados independentes, mas sim na silenciosa conducta da vida domestica. Nesta he que opéra incessante, e mais eficazmente, a sua influencia, reprimindo muito a dissolução pessoal, produzindo a geral probidade nos tratos do povo, adoçando as maneiras da communidade, e occasionando esforços de laboriosa e dispendiosa beneficencia nos individuos, de que alias não ha publica noticia. O reino de Deos está dentro de nós: o que he a essencia da religião, e que dia e noite inspira devoção do coração, freio aos appetites, e observancia da vontade de Deos, he necessariamente invisivel.

O Evangelho, não só não authoriza, mas reprova, perseguições em materias de crença. As que se tem feito, tem tido por causa, ou consciencia erronea, e pessima logica, ou machiavellica politica, e furor de dominação. O Gentilismo, que os pseudo-philosophos louvãõ por sua *Tolerancia absoluta de seitas*, por ventura não teve horridas guerras civis e estrangeiras? Ainda actualmente as Nações onde não entrou o christianismo, não se fazem as mais sanguinarias hostilidades? A Polonia foi destroida por Cruzada Christã? As calamidades da França e da Europa, começadas no fim do seculo passado, em que perigou a ordem civil, forão causadas pelos devotos da Religião Christã, ou pelos seus implacaveis inimigos? Quando faltassem para guerras pretextos religiosos, sempre os mortiferos elementos acharião *ново conductor*.

Entre as pavorosas Lições que a malicia e miseria do Genero Humano tem dado ás gerações presentes e futuras, huma he, que, para ser perseguidor, não he necessario ser devoto; e que, em crueza, e destroição, a Infidelidade leva a palma ao Fanatismo.

A incredulidade nos milagres referidos nos Evangelhos, e Actos dos Apostolos, com o pretexto de que a Natureza he immutavel nas suas Leis, e não se

mostra algum milagre feito em tempos modernos, e paizes illustrados, só se funda na, ainda mais absurda, incredulidade de todo o testemunho humano, quando se referem factos de monstros, e phenomenos extraordinarios, que antes não se tinham visto. Porventura regeitaríamos, com sombra de razão, escriptos de testemunhos dos que primeiro referirão os phenomenos da agulha de marear, da electricidade, do galvanismo, do eclipse do sol e lua, dos cometas? Que n, antes do descobrimento da polvora, poderia crer, que os homens seriam capazes, pela reunião de salitre, enxofre, carvão, formar (por assim dizer) hum *inferno*, para com elle se fazer os, ora tão sabidos, horrores dessa, antes nunca vista, arte pyrabolica, ou diabolica, que até faz terremotos na expolsão de minas?

O sobredito *Paley*, na conclusão de sua excellente obra das — Evidencias da Religião Christãa — tom. II. cap. VIII. assim recapitula a sua Demonstração.

„ A verdade do Christianismo depende de *tres factos*, incontestaveis, de que á Historia da Especie Humana não offerece semelhantes: 1.º Facto: Huma Pessoa particular, sem poder, sem auxilio, sem influencia, ou outra qualquer circumstancia favoravel á execução do mais arduo de todos os Projectos, fundou em Jerusalem huma Nova Religião, contra a estabelecida Religião Judaica e Pagã. Tal maravilha nunca aconteceu: 2.º Facto: os companheiros dessa Pessoa, depois de ter sido ella crucificada por sentença das Authoridades do Paiz, não obstante ficarem aterrados pelo fado de seu amigo e Mestre, com denodado valor sustentarão no publico, e perante as identicas Authoridades, o character sobrenatural do mesmo; affirmando, não só que em sua vida fizera muitos milagres, mas que elles mesmos o virão resuscitado, e havião comido e conversado com o mesmo por quarenta dias, até serem testemunhas de sua ascensão ao ceo. Isto não tem paralelo: 3.º Facto: á despeito de opposições, ameaças, perseguições, e mortes, sahirão a propagar a Nova Religião pelo Mundo. Isto não tem exemplo. Estes tres factos são certos; e o seriam sempre, ainda que não se tivesse escripto os Evangelhos. A Historia do Christianismo nunca variou nestes pontos: nenhuma outra foi escripta

contra elles: todas as cartas, controversias, e obras escriptas pelos sectarios desta Religião, desde o seu principio forão concordes em taes factos. — Estas tres proposições, por si só, estabelecem, os fundamentos da nossa fé.

O mesmo *Paley* * no tom. II. cap. II. bem diz: „ Todo o Novo Testamento está cheio de huma *piiedade*, que era desconhecida dos Moralistas do Genuilismo: esta *piiedade*, comprehende todas as *virtudes de devoção*, as quaes consistem; na mais profundo veneração á Deos; no habitual reconhecimento de sua bondade e protecção; na firme confiança no justo final resultado de seus conselhos e providencias; na constante disposição a recorrer em todas as occasiões á sua misericórdia para supprimento das necessidades humanas, auxilio nos perigos, allivio nas penas, perdão das culpas. „

Eu tambem concluirei notando, que tanto Christo, como os seus Apostolos e discipulos, não procurarão jamais a sua gloria, mas a gloria de Deos, expondo-se á certo sacrificio da sua vida. Este *facto*, tambem não menos incontestavel, nos deve fortificar na mesma fé, attendendo á Regra do criterio da verdade, que nos deo o mesmo Divino Mestre da Lei Evangelica, que S. João refere no seu Evangelho Cap. 17 v. 16 e seguintes.

„ A minha doutrina não he minha, mas daquelle „ que me enviou. — Se algum quizer fazer a vontade

(*) Tenho citado com especialidade a este Escriptor do corrente seculo pela originalidade de algumas das suas reflexões, e por se ter restricto aos pontos capitães da verdade da Religião Christã, sem se implicar nas controversias das varias actuaes Communhões da Christandade pelos infelizes schismas, que tem sobrevindo dos erros e paixões que motivaião a separação de alguns Estados da central União da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, Sêde da Orthodoxia. Os Leitores que desejarem aprofundar este assumpto, devem recorrer ás obras dos Apologistas do catholicismo, e com especialidade á *Demonstração Evangelica* do Bispo *Huecio* da França, e aos escriptos do Padre *Bergier*.

„ de Deos, reconhecerá, se a minha doutrina vem
 „ delle, ou se eu fallo de mim mesmo. — O que fal-
 „ la de si mesmo, busca a propria gloria; mas aquel-
 „ le que busca a gloria de quem o enviou, esse he
 „ verdadeiro, e não ha nelle injustiça. „

Parece por todo o contexto dos Evangelhos, que o nosso Salvador, que veio trazer paz ao Mundo, não querendo turbar a Ordem Politica estabelecida, conforme a qual havia extrema desigualdade de fortunas e condições dos homens, com summa sabedoria pregou a reforma dos costumes; requerendo dos discipulos a virtude da *Caridade* ou *Beneficencia Universal*, como o meio de obstar aos excessos daquelle desigualdade, e constituir ao Genero Humano hum corpo de Irmãos, e isto só com vista á Deos, e não dos homens, como era a ordinaria pratica, e fraca virtude do Gentilismo. Por isso claramente no Evangelho de S. Matheos cap. V. v. 20 deo á regra: “ Eu vos digo, que se a vossa justiça não for maior e mais perfeita de que a dos Escribas, e dos Fariseos, não entrareis no Reino dos Ceos „ : e no cap. VI. v. 5. § “ Guardai-vos não façais as vossas boas obras diante dos homens com o fim de serdes vistos por elles: d’outra sorte não tereis a recompensa da mão de vosso Pai que está nos Ceos. „

CAPITULO. VII.

Deveres Christãos.

Depois dos Evangelistas, que expuserão o principio e fundamento da Instituição do Christianismo, os Apostolos S. Pedro e S. Paulo forão os principaes Mestres dos Deveres Christãos nas suas Epistolas aos primeiros fieis da Igreja. Tendo mostrado a experiencia, quão fraca e incerta seja a virtude humana, praticada só pela luz da razão, sem o auxilio da Graça Divina; para mais se assegurar a observancia dos Deveres de Cidadão, convem aos que professão sinceramente a Religião Catholica, que sempre se regulem pela *Doutrina Apostolica*, que se acha alli exposta em conformidade á Lei Evangelica.

Por isso aqui offereço hum Extracto das ditas Epistolas, especialmente das suas *Regras Moraes*, que constituem huma *Ethica Pratica* para a boa ordem civil.

Extractos das Epistolas de S. Paulo.

Não vos conformeis com este seculo; mas reformai-vos em novidade do vosso espirito, para que experimenteis qual he a *vontade de Deos* boa, agradável, e perfeita.

Tudo quanto fizerdes, seja de palavra, ou de obra, fazei em nome do Senhor Jesus Christo, dando por elle graças a Deos e Padre. — Ou comais, ou bebais, ou façais outra cousa, fazei tudo para gloria de Deos.

Se alguém falla, seja com as palavras de Deos; se algum ministra, seja conforme á virtude que Deos dá, para que em todas as cousas seja Deos honrado por Jesus Christo; o qual tem a gloria, e o Imperio nos seculos dos seculos.

Nenhum opprima nem engane em nada a seu irmão; porque o Senhor he o vingador de todas estas cousas.

O que quer amar a vida, e *ver os dias bons*, refrêe a sua lingua do mal, e os seus labios não profirão engano. — Aparte-se do mal, e faça o bem; busque a paz, e vá apôs della.

Porque os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos attentos aos rogos delles. Mas o rosto do Senhor está sobre os que fazem mal.

Sêde todos de hum mesmo coração, compassivos, amadores da irmandade, misericordiosos, modestos, humildes.

Amai-vos reciprocamente com *amor fraternal*. — Adiantai-vos em honrar huns aos outros.

Pagai á todos o que lhe he devido: á quem tributo, tributo; á quem imposto, imposto; á quem temor, temor; á quem honra, honra.

A' ninguém devais cousa alguma, se não he o amor, com que vos ameis huns aos outros; porque aquelle que ama ao proximo, tem cumprido com a Lei.

Antes de todas as cousas tende entre vós mesmos humna *constante caridade*; porque a caridade cobre *multidão de peccados*.

Se eu tivesse o dom da prophesia, e conhecesse todos os mysterios, e quanto se pode saber; e se tivesse toda a fé até o ponto de transportar montes, e não *ttver caridade* — não sou nada.

A caridade he paciente, he benigna. A caridade não he invejosa, não obra temeraria, nem precipitadamente; não se ensuberebece; não *busca os seus proprios interesses*; não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas *folga com a verdade*.

A caridade tudo tolera, toda crê, tudo espera, tudo soffre — *A caridade he o complemento da Lei, e o vinculo da perfeição*.

Irmãos, não vos deixeis enganar: as *ruins conservações corrompem os bons costumes*.

Rogamos, Irmãos, que procureis viver quietos, e que trateis do vosso negocio; que trabalheis com as vossas mãos, e que andeis honestamente com os que estão de fora, e não cubiceis cousa alguma de alguém. — A cubiça he a raiz de todos os males.

Pedimos-vos tambem, que reprehendais os inquietos; que consoleis os pusillanimes; que supporteis os fracos; que sejais pacientes para todos.

Vêde que ninguem dê á outro mal por mal; antes segui sempre o que he bom para com todos.

Temos ouvido que ha entre vós inquietos, que *nada fazem, senão indagar o que lhes não pertence*. A estes que assim se portão, denunciemos, e rogamos no Senhor Jesus Christo, que comão o seu pão trabalhando em silencio.

Se poder ser, quanto estiver da nossa parte, tende paz com todos os homens.

Não vos vingueis a vós mesmos, ó carissimos, mas dai lugar á ira; porque está escripto — *A mim pertence a vingança: eu retribuerei*: diz o Senhor.

Antes pelo contrario, se o teu inimigo tiver fome, dai-lhe de comer; se tiver sede, dai-lhe de beber; porque, se isto fizerdes, amontuareis brazas vivas sobre a sua cabeça.

Não vos deixies vencer do mal, mas vencei o mal com o bem.

Os ricos do mundo não sejam altivos, nem esperem no incerto das riquezas, mas só no Deos vivo, que nos dá abundantemente todas as cousas para nosso gozo: que fação para si hum thesouro com fundamento solido para o futuro, a fim de alcançarem a verdadeira vida.

Não nos façamos cubiçosos da vangloria, provocando, e invejando huns aos outros. Se alguém tem presumpção de que he alguma cousa, sendo nada, seduz a si proprio.

Em quanto ha tempo, obremos o bem para com todos, e principalmente aos domesticos da fé. O que não cuida dos seus domesticos, já negou a fé, e he peor que o infiel.

Toda a pessoa seja sujeita ás Potestades superiores. Porque não ha Potestade que não venha de Deos; e as que ha, essas forão por Deos Ordenadas.

Aquelle pois que resiste á Potestade, resiste á ordenação de Deos; e os que lhe resistem, á si mesmos trazem a condemnação.

Porque os Príncipes não são para temer, quando se faz o que he bom, mas quando se faz o que he máo. Queres pois tu não temer a Postestade? obra bem, e terás louvor della mesma.

Porque o Principe he Ministro de Deos para bem teu: porque não he de balde, que elle traz a espada. Por quanto elle he Ministro de Deos, vingador em ira contra aquelle que obra mal.

He logo necessario que lhe estejais sujeitos, não sómente pelo temor do castigo, mas tambem por *obrigação da consciencia*.

Casadas, estai sujeitas á vossos maridos, como convem ao Senhor.

Maridos, amai as vossas mulheres, não as traiteis com amargura, mas com honra.

Filhos, obedeei em tudo aos vossos pais; pois isso he agradavel ao Senhor.

Pais, não provoqueis á indignação aos vossos filhos, para que não se fação de animo apoucado.

Servos, obedecí em todas as cousas á vossos Srs.; não servindo-os só na presença, como por agradecer aos homens, mas com sinceridade de coração, temendo a Deos. Tudo o que fizerdes, fazei de boa vontade, como quem o faz pelo Senhor, e não pelos homens, sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança.

Senhores prestai aos vossos escravos o que he de justiça e equidade: Sabendo todos, que cada hum, segundo o bem que fizer, assim o receberá do Senhor, seja escravo, seja livre.

E vós outros Senhores fazei isso mesmo com elles, deixando as ameaças; sabendo que o Senhor, tanto delles, como de vós, está nos Ceos; e que não ha acceção de pessoas para elle.

Os que soffrem segundo a vontade de Deos, encommendem as suas almas ao seu fiel Creador, fazendo boas obras.

Velhos e moços inspirai-vos todos a *humildade* huns aos outros; porque *Deos resiste aos soberbos, e dá a sua graça aos humildes.*

Não blazoneis de cousas altas, mas accomodai-vos ás humildes. — Não sejais sabios aos vossos olhos

Humilhai-vos pois debaixo da poderosa mão da Deos, para que elle vos exalte no tempo da sua visita, remettendo para elle todas as vossas tribulações, porque elle tem cuidado de vós.

O Deos de toda a graça, que nos chamou em Jesus Christo á sua eterna gloria, depois que tiverdes padecido hum pouco, elle vos aperfeiçoará, fortificará, e consolidará.

Sêde prudentes, e vigiai em oração.

Rogo que se fação supplicas, orações, preces, e acções de graças por todos os homens; pelos Reis, e por todos que estão elevados em dignidade; para que vivamos huma vida socegada, e tranquillã, em toda a sorte de piedade, e de honestidade.

Porque isto he bom e agradável diante de Deos nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem, e que cheguem a ter o conhecimento da verdade.

Porque só ha hum Deos , e só ha hum Mediadór entre Deos e os homens , que he Jesus Christo homem.

Os homens orem em todo o lugar , levantando as mãos puras , sem ira , e sem contenda.

As mulheres tambem do mesmo modo orem em traje honesto , ataviando-se com modestia , segundo convem ás mulheres que demonstrão piedade por boas obras.

A mulher se salvará pelos filhos que der ao mundo , se permanecer na fé , e caridade , e com santidade junta com a modestia.

Adverte , Tito , aos fieis , que sejam sujeitos aos Principes e aos Magistrados ; que lhes obedeção que estejam promptos para toda a boa obra : que não digão mal de ninguem , nem sejam questionadores , mas socegados , mostrando mansidão com todos.

Porque tambem nós algum tempo eramos insensatos , incredulos , mettidos no erro , escravos de varias paixões e deleites , vivendo em malicia , e em inveja , dignos de odio , aborrecendo-nos huns aos outros.

Mas quando appareceo a vontade do Salvador nosso Deos , e o seu amor para com os homens , não por obras de justificação que tivéssemos feito ; mas segundo a sua misericordia , nos salvou pelo baptismo da regeneração , e renovação do Espirito Santo : o qual elle diffundio ente nós abundantamente por Jesus Christo nosso Salvador : para que , justificados pela sua graça , sejamos herdeiros segundo a esperança da vida eterna.

Esta he huma verdade infallivel.

Irmãos , se alguem como homem for comprehendido em algum delicto , vós outros que sois espirituaes , admoestai-o com *espirito de mansidão*. Considere cada hum a si mesmo , que não seja tambem tentado.

Renunciando á mentira , falle cada hum á seu proximo a verdade ; pois *somos membros huns dos outros*.

Se vós irardes , seja sem peccar. Não se ponha o sol sobre a vossa ira.

Irmãos, nunca vos canceis de bem fazer.

Sêde imitadores de Deos, como filhos muito amados: e andai em caridade, assim com Christo nos amou, e se entregou a si mesmo por nós outros como offenda e hostia á Deos.

Se algum ensina doutrina differente desta, e não abraça as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Christo, e aquella doutrina que he conforme á piedade, he hum soberbo, que nada sabe, mas antes titubêa sobre questões e contendas de palavras, donde se originão invejas, bulhas, blasfemias, más suspeitas, altercações de homens corruptos de entendimento, e que estão privados da verdade, crendo que a piedade he cousa de mero interesse.

Mas a piedade he hum grande lucro, tendo-se o que basta para comer e vestir.

Estes, como animaes sem razão, naturalmente feitos para preza, e para a perdição, blasphemando das cousas que ignorão, parecerão na sua corrupção; como fontes sem agua, e nevoas agitadas de turbilhões, está-lhes reservada a obscuridade das trevas.

Porque, fallando palavras arrogantes de vaidade, atrahem aos desejos impuros da carne aos que pouco antes havião fugido dos que vivem em erro, promettendo-lhes liberdade, quando elles mesmos são escravos da corrupção.

Extractos da Epistola I. e II. de S. Pedro.

Caríssimos, eu vos rogo como a estrangeiros e peregrinos, que vos abstenhais dos desejos carnaes, que combatem contra a alma; tende bou conversação com os Gentios; para que, assim como agora murmurão de vós, como de malfeitos, considerando-vos por vossas boas obras, glorifiquem a Deos no dia da visitação.

Submettei-vos pois á toda a humana creatura por amor de Deos, quer seja ao Rei, como a soberano: quer aos Governadores, como enviados por elle para tomar vingança dos malfeitos, e para louvor dos bons.

Porque assim he a vontade de Deos, que, obran-

do bem, façais emmudecer a ignorancia dos homens imprudentes :

Como livres, e não tendo a liberdade como véo para encubrir a malicia, mas como servos de Deos.

Honrai a todos: amai a irmandade: temeí a Deos : respeitai ao Rei.

Servos, sêde obedientes aos vossos senhores com todo o temor, não sómente aos bons e moderados, mas tambem aos de dura condição.

Porque isto he huma graça, se alguém pelo conhecimento que deve á Deos, soffre molestias, padecendo injustamente.

Porque que gloria he, se, peccando vós, tendes soffrimento, ainda sendo esbofeteados? Mas, se, fazendo bem, soffreis com paciencia, isto he que he agradável diante de Deos.

Porque para isto he que vós fostes chamados: pois que Christo tambem padeceo por nós, deixando-vos exemplo, para que sigaes as suas pizadas: o qual não commetteo peccado, nem foi achado enganado na sua boca: o qual, quando o amaldiçoavão, não amaldiçoava; padecendo, não ameaçava; mas se entregava áquelle que o julgava injustamente.

Appropriando-vos para a vinda do dia do Senhor, esperamos, segundo as suas promessas, novos Céos, e nova Terra, nos quaes habita a justiça.

Portanto, carissimos, esperando estas cousas, procurai com diligencia que sejais delle achados em paz immaculados, e irreprehensíveis.

E tende por salvação a larga paciencia de nosso Senhor, assim como tambem nosso Irmão carissimo Paulo vos escreveu, *segundo a sabedoria que lhe foi dada.*

C A P I T U L O . V I I I .

Progresso da Religião Catholica n'America.

Ainda que o Governo dos Estados Unidos d'America Septemtrional adoptasse na sua Constituição Politica a Tolerancia absoluta dos Credos e Cultos; seja por Especulativo principio philosophico de liberdade das consciencias, e impossibilidade de forçar os espiritos á hum

sentimento unanime em dogmas de Religião positiva; seja pelo motivo interesseiro, e de effeitos experimentados, de atrahir á seu vasto, e ainda mui deserto, paiz população estrangeira; contudo he de complacencia á Humanidade lo vèr-se alli, não só mui predominante a Religião Christã em suas varias Communhões, mas tambem progressivamente recrescente a Igreja Catholica, não obstante manter-se unicamente por contribuições voluntarias dos fieis; o que constitue novo e solido argumento da sincera convicção da sua verdade. Espero que seja agradavel aos Leitores aqui transcrever os seguintes extractos de duas Orações impressas, feitas nos annos de 1823 e 1824 em Philadelphia perante huma *Sociedade Philosophica* por C. J. *Jugersoll*.

“ He politica, ou preocupação, dos Governos, que usão da Igreja como *Machina de Estado*, desacreditar o nosso Systema, que deixa á Religião o regular-se por si mesma: elles o accusão de infidelidade, e immoralidade: mas não poderão supportar a luz da razão e verdade.

“ Os homens intelligentes nos Estados Unidos, com superior unanimidade e sinceridade do que os da Europa, crêem, que, sem religião, o Genero Humano seria barbaro, e desesperaria de melhora. Em nenhum paiz mais do que alli se tem feito melhores Estabelecimentos Ecclesiasticos... A condição da religião he hum dos melhores criterios para se conhecer o estado intellectual dos povos. Os Ecclesiasticos, além de sua cura d'almas, tem prestado sempre os mais importantes serviços ao espirito humano. A Literatura e Sciencia estiverão, por seculos, entregues exclusivamente á sua tutela. Nos periodos em que o espirito humano esteve mais opprimido, a Igreja foi a Chancellaria da sua preservação. A ella devemos todas as melhores reliquias da antiga sabedoria: della ainda recebemos muito da nossa educação; pois ainda agora a maior parte dos nossos Mestres são Ecclesiasticos.

Dizemos com satisfação; nos Estados Unidos d'America, (do Norte) sob o poder da Religião Americana, floresce a Igreja Anglicana e Romana.

A Igreja Catholica Romana, ali cresce tão vigorosamente como em qualquer outra terra e atmosphera d'America. Desde a Missão de 1790, a Igreja Catholica

Romana se tem espalhado nos Estados Unidos em extensa e respeitavel Hierarchia: esta consiste de huma Sé Metropolitana, dez Bispados, contendo perto de cem Igrejas, sendo algumas de edificios ricos e esplendidos.

O Collegio Catholico, fundado logo depois da Revolução Americana pelo clero do *Estado de Maryland*, capaz de conter duzentos Estudantes, e achando-se com cadeiras de Bellas Letras e Sciencias Philosophicas, foi por hum Acto do Congresso dos Estados Unidos elevado a Universidade. Seminarios Catholicos, Mosteiros, e Retiros Religiosos, se tem introduzido em varios Estados sem força do Governo, e estão lançando seus ramos e perfumes pelos desertos da America. E que bens se não podem esperar de sua sagração e extensão? Até já se tem estabelecido Conventos de Freiras Carmelitas, Urselinas, Apostolinas, do Coração de Jesus, e Irmãs de Caridade de S. Josè. — Em fim não ha nos Estados Unidos menos de oito mil Igrejas. ,,

Ha poucos annos os Membros do Parlamento Britannico se opposerão acerrimamente á abolição do *Trafico da Escravatura d' Africa*, como destructivo do commercio do Paiz, e da agricultura das Colonias: alguns dos Ministros do Gabinete a execrarão com as mais damnadas esconjurações, como abortos dos principios democraticos a desorganizadores. Mas presentemente já o nosso Congresso, e dito Parlamento, tem não só abolido esse Trafico, mas atè declarado-o *pirataria*: e já se preparão melhoramentos circumspectos, e graduas expedientes para Educação e Emancipação dos escravos sem convulsão do Paiz.

O *Ponto de apoio* dos Melhoramentos da Humanidade está seguro n' America: não só pela sua situação e força, mas tambem por tacito consenso da SANTA ALLIANÇA: pois a recente Convenção entre os Estados Unidos e a Russia, manifesta, que o Imperador *Alexandre* não tomou por Offensa a *Declaração* que o nosso Governo fez da Independencia e Protecção dos Estados do Sul d' America.

“ O Original Americano só se dezluz com a mixtura da imitação Europea: aliás, já poderia cantar UNIVERSAL HALLELUIAH de paz e prosperidade, cuja Musica he cheia da mais PURA MORAL. ”

CAPITULO IX.

Reflexões sobre o Exposto.

REspeitando, quanto he congruo, o Estabelecimento Politico d'America Septemtrional, reconhecido pelas Potencias da Christandade; mas execrando a Tentativa da *Confederação do Equador*, com que alguns cabalistas de Pernambuco, sectarios da Revolução de 1817, capitanaedos por hum artilhoso transfuga da Justiça nessa epocha *, que se acoitou nos Estados Unidos, recentemente se embandeirarão com traidor *Manifesto*, pertendendo quebrar a Integridade do Imperio do Brasil, á despeito da vontade Brasileira, tão fortemente declarada desde o Rio Negro até o da Prata; considero do meu dever o propor as seguintes reflexões contra os entusiastas, que desejão se uniformem as Constituições de todos os Povos deste Continente á da Matriarchia da Independencia Colonial contra a Supremazia das Metropoles, sem calculo de prudencia, nem identidade de circumstancias. Esse desejo (ou delirio) he tão absurdo, como se pertendessem, que a superficie immensa do Territorio Americano tivesse a mesma physiognomia geologica, com o uniforme e deforme prospecto de unicamente se avistarem Varzeas, ou Cordilheiras. A Natureza se apraz da variedade, e brilha por contrastes. Porque a Politica não fará tambem o *Experimento* neste Hemispherio do *comparativo progresso* de prosperidade em diferentes Estabelecimentos Constitucionaes, proporcionados aos seus habitos, costumes, e recursos?

Na Constituição do Imperio do Brasil se declarou, que a *Unica Religião* mantida pelo Governo he a *Religião Catholica, Apostolica, e Romana*; com a *liberdade* todavia de não excluir a dos Sectarios das *varias Communkões do Christianismo*.

O Congresso dos Estados Unidos nada mais em sua Constituição fez do que o continuar o *Direito Consuetudinario* da estabelecida *liberdade religiosa*; porque os originarios colonos, sendo de variadas seitas de Inglaterra.

(*) Manoel de Carvalho.

ra, acoçados de perseguições de escuros tempos, procurarão asylo nos desertos Transatlanticos; os quaes depois se cultivarão extensamente pela confluencia de povos de outros paizes, e diferentes Estados cultos. Em quanto se está com o machado na mão a derribar matarias, e exercer as industrias ordinarias, he facil a concordia civil, ainda entre dissidentes e heterodoxos. Tambem a sua *transição* de forma de regimen, foi muito menos difficil, pela analogia com o do Estado-Pai; por ser, na maior parte, a sua população de gente livre, e porque teve auxilio de Potencias rivaes do Governo Britannico.

O Brasil porém sempre esteve em circumstancias diametralmente oppostas; e, depois da retirada da Corte á Portugal, se achou em situação singularissima, e *única* no seu genero; ficando as Provincias convulsas, e divididas com discordias intestinas, e phantasias excetricas, com o vertiginoso abalo do notorio Movimento Maçonico de Escuro Oriente, que no seu especial Astrolabio só olhava a Constituição de *Whashington* como a Estrella Polar dos aventureiros argonautas no Oceano Politico.

Se nello, por Divina Mercê, não prevalecesse a Constituição Imperial, nada menos se podia esperar, que o precipicio ao cháos da Anarchia, com os horrores que sobrevierão á *Ethiopia do Occidente*. *

Para desabuso de illusões mal faldadas, bastaria attender, que a sociedade civil foi testemunha assombreada do, mais que portentoso, *Prodigio*, comque, na horrida crise da Europa, o Governo dos Estados Unidos, ainda na infancia do Reconhecimento de sua Independencia, se conjurou contra a Gram. Bretanha, Defensora das Liberdades do Mundo, contractando Alliança com o commum Inimigo do Genero Humano, o Dragão Corso, Liberticida, que tentou pôr o *pé firme* na America. A' este Phenomeno Moral ora alludio o actual Presidente do Congresso Representativo dos ditos Estados, o Sr. *Quincy Adams*, na *Falla* de 10 de Março do corrente anno de 1825, sobre o *estado da Nação*, onde fez a seguinte *Confissão Publica*: **

(*) Ilha do Haity.

(**) Veja-se o Diario Fluminense de 10 de Maio do mesmo anno.

„ As guerras revolucionarias da Europa excitarão
 „ huma collisão de sentimentos, e de sympathya, que
 „ atearão as paixões, e azedarão o conflicto de Par-
 „ tidos, até que a Nação se involveo em guerra, e a
 „ UNIAO FOI ABALADA ATE' O SEU CEN-
 „ TRO... Ainda resta hum esforço de magnanimida-
 „ de, hum sacrificio de prejuizo e paixão, que devem
 „ fazer os individuos, ou *Toda a Nação*, que seguiu o
 „ Estandarte do *Partido Politico*. &c.

Por ventura esta Parenetica de tantas flores rheto-
 ricas, em que transluz a verdade pelo véo do decoro
 politico, dá a Garantia do Tempo, que assegure a Vir-
 tude e Sabedoria Nacional, e com ella a estabilidade da
 Organização Representativa, que previna a reincidencia ao
 descripto estado precario e perigoso, e realize o exterminio
 de *espírito de partido*, que sempre infestou as Com-
 munitades Populares, e Estados Federativos?

Os Fastos Sociaes tem assaz mostrado o fado das
 Ligas Achaicas, Amphityonicas, Hanseaticas, Batavas, Hel-
 veticas &c. Quando mais floreceo a, que se presumia de
 superlativamente liberal, Republica Atheniense, senão
 quando Homens Extraordinarios, como Pericles, Pisis-
 trato, e Demetrio Phalarêo, concentrarão em si o Po-
 der do Estado, com acquiescencia do povo, que, can-
 sado com discordias civis, e arruinado com guerras es-
 trangeiras, sempre em continuas hostilidades internecinas
 entre as Republicas circumvizinhas, se enthusiasmo ao
 excesso de (como refere *Plutarcho*) até de levantar á
 este Dictador trezentas e secenta Estatuas?

A Republica Militar de Roma destruiu odienta a ri-
 val Republica commerciante de Carthago, que alias
 tinha a melhor Constituição, conforme o juizo do an-
 tigo Mestre da Sciencia Estadistica, que no seu Livro
 d'ouro da Politica diz ter examinado mais de duzentas
 Constituições de varios Estados. A final as guerras civis
 da mesma Roma occasionarão, ou necessitarão, o Es-
 tabelecimento do Imperio de Augusto. Todo o Corpo
 da Historia confirma a opinião de *Tacito*, que o *sys-
 tema da igualdade* apenas dura em Estado de mediocri-
 dade de bens, e não depois que, com a accumulção
 de riquezas e conquistas, recresce progressivamente a
 desigualdade das condições, e a insaciavel cubica de

poder, que em fim fazem prevalecer a ambição e violência dos Magnates do paiz, não se tratando dahi em diante mais do que do alcance do Principado. *

He reconhecido que os maiores avanços da Civilização se tem feito nas Monarchias moderadas, e de boas leis, quando as Nações tem a fortuna de serem governadas por Legitimos, Sabios, e Pios Regedores, que o Ceo illumina, e que merecem o Titulo de *Pai da Patria*.

Onde se acha arraigado o cancro do cativeiro, só nas Monarchias, pela Authoridade Suprema, e Protectora de todas as clases, se podem mitigar os males da escravidão, e gradualmente preparar-se a geral Emancipação. Os melhores Imperadores de Roma concorrerão mais do que os Dictadores e Tribunos da antecedente Republica Aristocratica, a dar patrocínio aos servos contra as sevicias dos senhores, authorizando o seu refugio ás **ESTATUAS DE CESAR**. As leis Imperiaes: em tal caso, e não havendo calumnia na queixa, ordenarão a sua *alforria*, ou *venta com boas condições*. **

Adam Smith, novo Pai da gente civilisada, no seu

(*) Ainda que os antigos não tinham a idéa ou prática das constituições modernas de plausivel *Governo representativo e mixto*, com tudo, como, apezar do pertendido progresso da intelligencia dos povos, ainda a natureza humana se não mudou, o mais seguro parece ser o juizo do citado Politico, não obstante as vicissitudes dos tempos, e especiosas phases na regencia de alguns Estados. Elle, prescindindo de theoricas, e fundado nas experiencias do mundo, fez as seguintes notas, que os prudentes não devem jamais perder de vista:

Postquam regum pertesum, leges maluere. — Successerunt potius alii homines quam alii mores. — Delecta ex iis et consociata reipublicæ forma laudari facilius quam evenire; et si eveniat, nec diuturna esse potest. — Vetus et jam priorem *insita mortalibus potentia cupido*, cum imperii magnitudine adolevit. *Num rebus modicis, æqualitas facile habebatur*: sed ubi, subacto orbe, et æmulis urbibus, regibus que excisis, securas opes concupiscere vacuum fuit, et, modo turbulenti tribuni, modo consules prævalidi — victam armis libertatem in dominationem verterunt — et nunquam postea nisi de principatu quæsitum. — Tact. Hist. lib. II. cap. 38.

(**) Codice. — De his qui ad Statuas confugiunt.

Liberal Systema economico bem nota, que o Soberano pode dar mais segura e efficaz protecção aos escravos opprimidos, do que os Estados de Republicas, onde os senhores considerão tyrannia o intrometterem-se os Magistrados com a que entendem ser — sua propriedade. *

CAPITULO. X.

Da Influencia da Religião Catholica na Civilisação de Povos Barbaros.

Gibbon, escriptor da *Historia da Decademia do Imperio Romano*, ainda que Apostata do Catholicismo, e Sectario do *Deismo*, não pôde todavia deixar de confessar a saudavel influencia, que a Religião Catholica (cujo centro era a Igreja de Roma) teve em civilisar os Barbaros do Norte da Italia, e até os salvages idolatras das mais frias regiões da Europa. Descrevendo os beneficies de sua conversão, assim diz:

„ O Christianismo, que abrio as portas do Ceo aos Barbaros, introduzio importante mudança de sua condição moral e politica. Elles receberão o uso das letras, tão essencial á huma Religião, cujas doutrinas se encerravão nos Livros sagrados; e, em quanto elles estudavão a verdade divina, os seus espiritos erão insensivelmente alargados pela distante vista da historia, da natureza, das artes, da sociedade. A versão da Escriptura na linguagem patria, que facilitou a sua conversão, tambem excitou no seu clero alguma curiosidade para ler o texto original, entender a liturgia da Igreja, e examinar nos escriptos dos Santos Padres a Tradição Apostolica. Estes bens espirituaes forão perservados nas linguagens Grega e Latina, que transmittirão os preciosos monumentos da antiga Literatura. A emulação do Genero Humano foi animada pela expectativa de estado mais perfeito, e a chama da sciencia foi secretamente avivada para dar calor e luz á madura idade do Mundo Occidental. No mais corrupto seculo do Christianismo os Barbaros aprenderão a justiça pela Lei Romana, e a

(*) Wealth of Nation — Book IV. cap. VIII.

misericórdia pelo Evangelho; e se o conhecimento de seu dever era insufficiente para guiar as suas acções, ou reger as suas paixões, comtudo algumas vezes forão retidos pela consciencia, e frequentemente punidos pelo remorso. „

„ Porém a directa authoridade da Religião foi menos efficaz do que a *Santa Communião*, que os unio com os seus irmãos christãos em espirital amizade. A influencia destes sentimentos contribuiu a assegurar a sua fidelidade ao serviço ou alliança dos Romanos, a alliviar os horrores da guerra, a moderar a insolencia das conquistas, e a preservar na queda do Imperio o permanente respeito ao nome e ás Instituições de Roma. „

„ Nos tempos do Paganismo os padres da Gallia e Germania reinavão sobre o povo, e restringião a jurisdicção dos Magistrados: os seus proselytos transferirão igual, ou mais ampla, medida de obediencia devota aos Pontifices da Fé Christãa... A recrescente authoridade dos Papas fortificou a União da Republica Christãa, e gradualmente produziu semelhança de maneiras, e commn jurisprudencia, que distinguirão do resto do Genero Humano as independentes, e ainda inimigas, Nações da moderna Europa. „

Contra este facto tão decisivo nada valcm as ironicas e insidiosas reflexões deste Historiador sobre os enthusiasmos e abusos, que desluzirão a christãos heterodoxos, Synodos Ecclesiasticos, Institutos Monasticos, e o Conclave de Roma, que, no andar dos tempos, se elevou sobre as ruinas do capitolio. Na verdade, nem Christo, nem os discipulos que escolheo dos *fracos de espiritos para confundir os fortes do mundo*, jamais por palavra, escriptura, ou tradição apostolica, ensinarão ou ordenarão austeridades mortíferas, e as praticas antisociaes, fanaticas, e ambiciosas, que aquelle Escripitor com ignominioso escrutinio se desvelou em descobrir e manifestar na Historia Ecclesiastica.

CAPITULO. XI.

Dos pretextos dos Infiéis para a incredulidade na Religião Revelada.

Sendo notoria a existencia de huma *Sociedade Secreta*, e extensa, que se inaugura por *Sociedade Philosophica de Filhos da Luz*, ramificada em hum e outro Hemisferio, já tendo *Congregações* no Brasil; e sendo ella mui suspeita de ser Anti-christã, quando mais não fosse, porque, affectando ter só em vista o Bem da Humanidade, sustenta, como fundamental lei, o obrigar com juramento aos seus membros, a nunca revelarem o segredo do seu real objecto, quando alias o Divino Mestre da Lei Evangelica deo aos discipulos o positivo preceito de ensinarem publicamente a sua doutrina*, a fim de que *todos os homens vejam as suas obras boas*, declarando que *quem odia a luz, ama as trevas, porque as suas obras são más*; convem expor e discutir os mais especiosos *pretextos*, com que os *infiéis* e renegados do Christianismo e Catholicismo, tem procurado escusar a sua infidelidade, e apostazia.

Os implacaveis inimigos do altar e Throno não cessão de invectivas contra a Religião Catholica, com os pretextos de que: 1.º Legitima o Despotismo e Fanatismo, com a que dizem ser *doutrina servil da divina origem* da Authoridade, e da obediencia aos estabelecidos Poderes, sejam bons ou dyscolos: 2.º Occasionou escandalosa variedade e contrariedade de schismas e symbolos: 3.º Justifica a Intolerancia, Perseguição, e Guerra, por opiniões e crenças discordes da Igreja de Roma; havendo por isso os catholicos, e especialmente os Ecclesiasticos, commettido enormes excessos, passando de perseguidos á perseguidores, logo que tiverão protecção de Despotas, porfiando o clero secular e regular em adquirir excessivas riquezas por illusões dos povos, pregando alias renuncia ás pompas do Mundo: 4.º Sustenta o *Primado* dos Summos Pontifices, que aspirarão á Supremazia Universal, até desligando os povos do Juramen-

(*) S. Math. cap. V. vers. 16 — S. João cap. III. vers. 19.

to de fidelidade, á seus Monarchas, santificando usurpações de Reinos, estabelecendo Instituições de crueza, como as *Cruzadas*, e *Ordens Militares*, contra os infieis, e o Tribunal do (mal dito) *Santo Officio*; o que só foi proprio para desmoralisar as Nações, e deshumanar, a Humanidade: 5.º O *Deismo*, que he a Religião da Natureza, nada tendo de *sobrenatural*, he dictado pela razão culta dos Illuminados do seculo.

CAPITULO XII.

Repulsa des Invectivas contra a Religião Catholica.

Quanto ao 1.º Pretexto.

Quem em boa fé contestará a origem divina da Primeira Authoridade, qual a do Pai sobre seus filhos e a familia? Como se pode negar o influxo da Providencia no Governo civil, que, ainda sendo imperfecto, sempre assegura grandes bens á Humanidade, e muito mais se desempenha o character de Governo Paternal? A Doutrina Apostolica recommendou a subordinação necessaria á Ordem Publica; nem authorisou a anarchia, nem a tyrannia; antes, pelo, contrario, declarou a tremenda responsabilidade perante o Juiz Eterno de todo o abuso, tanto de Liberdade, como de Authoridade.

Cousa admiravel! Tendo havido tantas conspirações e revoluções no Império Romano, hum só Christão não foi o auctor, ou complice, desses attentados. Nero foi o primeiro calumniador dos Christãos de Roma; e, não lhe achando crime de estado, lembrou-se de levantar-lhes o aleive de os arguir do incendio da capital, de que só elle fora o ordenador para dar-se o spectaculo do abraçamento de Troia, e ter a vaidade da reedificação da intitulada *Cidade Eterna*. Mas Tacito refere, que o povo romano reconheceo a calumnia, e se compadeceo da *grande multidão* de christãos innocentes, que foram mortos com os mais cruezs supplicios. *

Plinio, celebrado Panegyrista do Imperador Traja-

(*) Tacitus — Annal. Lib. XV. cap. 44.

no, fazendo a mais exacta Inquirição dos Ajuntamentos dos Christãos da Provincia da Bytínia, de que era Proconsul, para executar os cruezs Edictos dos Imperadores, chegando ao extremo de até expor á tormentos a duas mulheres christãs, na impia esperança de que trabissem a causa de Deos, por fim certificou-se, de que não tinham outra culpa mais do que a de não seguirem a religião do Imperio; e que unicamente se congregavão antes de amanhecer o dia, e no seu conventiculo fazião hymnos á Christo, e se obrigavão com juramento a não commetterem *maldade alguma*; e findo este acto, hião comer em *meza commun*, *mas innocente*. **

Seja qual for a forma do Governo, assentida, ou assentada, he intoleravel, e deve ser proscripta, em todo o paiz, que quer ordem, consideração, industria, e riqueza, as *Maximas* democraticas dos Regeneradoies do seculo. Os Anarchistas ainda não estão escarmentados dos nefandos horrores, que resultarão da Revolução Franceza, especialmente depois que o Monstro *Robespierre* propoz, e com o seu *reino de terror* fez approvar, no Pandemonio de Paris a Constituição de 1793, em que se consagrou o Diabolico Artigo de que, em abuso de poder, *a Insurreição he o mais santo dos deveres*.

Quanto ao 2.º Pretexto.

Variedade de seitas tem havido não menos em todas as Religiões, que na Philosophia e Política, pela natural tendencia dos homens á desunião, divergencia, discordia em opiniões especulativas; até sendo impossivel unanimidade, quando he livre dar carreira á imaginação. O Apostolo das Gentes bem prevenio aos primitivos christãos contra o malino *espírito de dissidencia e contenda*, aconselhando evitarem as *profanas novidades* contra o Padrão do Evangelho.

Quanto ao 3.º Pretexto.

He calumnia attribuir ao Catholicismo espirito de in-

(**) Plinius Lib. X. Epist. 97.

tolerancia e perseguição. Ao contrario, o nosso Mestre da Lei Evangelica bem declarou o indulgente espirito da Revelação, dizendo, que a sua Missão Divina fôra destinada para salvar, e não para perder, aos homens. Elle deo aos discipulos a expressa *Lição Moral*: — Aprendei de mim, que sou manso, e humilde de coração. — Ninguém pôde vir á mim, sem que o Pai celeste o atraia. —

Tito Livio na sua Historia Romana refere a Lei intolerante da Republica, que prohibia cultos diversos do *Costume Patrio*, e mandava queimar os livros contrarios. * *Gibbón*, Historiador da *Decadencia do Imperio Romano* refere, que o Imperador Marco Aurelio (que alias tanto foi louvado pela sua sabedoria e virtude) desprezou os christãos como *philosopho*, e os castigou como *Soberano*. — Eis a rectidão Estoica, e a clemencia Gentilica!

Além de que a maior parte das perseguições e crueldades, que a Humanidade lamenta na Historia Ecclesiastica e civil, forão obras da *malicia e ignorancia*, dos povos, e de falsa *Razão de Estado* dos Poderosos do Mundo, e de seus pessimos conselheiros. A arrogancia dos homens, que não reconhecem o *seu nada*, e que a sua *sufficiencia só vem de Deus*, lhes fez imaginar, que tinham o privilegio da infallibilidade e omnisciencia, e até da omnipotencia de forçar entendimentos, e ajustar idéas de espiritos differentes, quando alias nem o mais habil artista pode uniformar relogios.

Até *Mahomet*, não negando ter sido Christo Propheta, para se constituir o Fundador de Nova Religião, bem reconhecendo, que o espirito da doutrina christã era doçura, caridade, misericordia, a fim de fa-

(*) Quoties hoc patrum avorum que ætate negotium est magistratibus datum, ut sacra externa fieri vetarent? Vaticinos libros comburerent? Omnem disciplinam sacrificandi, præterquam more Romano, abolerent? Judicabant enim prudentissimi viri omnes divini humani que juris, nihil requere dissolvendæ religionis esse, quam ubi non patrio, sed externo, ritu sacrificarentur — Tit. Liv. Lib. I. XXXIX. c. XVI.

zer o contraste, e formar partido com os seus Arabes violentos, declarou, que a sua Missão do Ceo era pela *Espanha*. Só por isso, (bem diz o escriptor do *Espirito das Leis*), se deve abraçar a Religião Christã, e execrar a Mahometana.

Nada pois concluem os cavillosos arengueiros, em quanto não mostrarem, (o que lhos he impossivel á face da *Synopse dos Deveres Christãos*, ensinados por S. Pedro e S. Paulo, constantes do cap. VII.) que a Lei da Graça authorisa as enormidades de que ha justa censura.

Quanto ao 4.º Pretexto.

(O Poder das Chaves, que Christo deo á S. Pedro, e á seus successores, não conferio o dom da *infallibilidade*, e *impeccabilidade*.)

Todavia o Titulo de *Santidade*, que, no decurso dos tempos se deo aos Summos Pontifices da Igreja Catholica, se mostra merecido por quasi todos os Prelados que se elevarão canonicamente á Cadeira do Principe dos Apostolos.

Na verdade, parece que a Providencia tem dado especial protecção a Sé Apostolica; visto que, sobrevindo, ha mais de desoito seculos, tantas ruinas de Imperios, Reinos, e Estados, até perdendo-se a geneologia, memoria, e o nome de varios soberanos, todavia ha certeza da serie não interrompida de todos os Papas, sempre, depois de muitos contratempos, e combates, mostrando se firme e immovel a Pedra Angular da Igreja Catholica.

Aos Summos Pontifices, que sempre forão zelozos em expedirem Missionarios aos paizes barbaros, se deve o progresso da Christandade. Em todas as Partes da Terra a sua Instituição da *Propaganda* tem feito incomensuraveis serviços á causa da Humanidade e Religião.

O Pontificado tem, por assim dizer, sido o *Conseratorio* das Sciencias e Artes mais illustres, e uteis á sociedade. Depois da ruina do Imperio Romano e Grego, e invasão dos Barbaros na Europa, o Restabelecimento das Letras he Beneficio da Santa Sé, e á esse respeito sempre serão de Perpetua Memoria os Papas Nicoláo V. e Leão X. que acolherão os litteratos refugiados, expulsos de Constantinopla. Especialmente este

Chefe da Igreja catholica, não obstante as arguições dos heterodoxos sobre as suas Bullas da Indulgencia, he digno da cordial estima de todo o philanthropo, pelo seu Grande Estabelecimento Literario de huma Universidade em Roma de mais de cem cadeiras de differentes ramos de Literatura, com que se deo tamanho impulso ao ascenso do espirito humano. *

Não ha duvida que alguns Papas se prevalecerão de sua superioridade mental para Conveniencias do Mundo, e ingerencias em contendas dos Reis entre si, e com seus povos. Porém quasi sempre ostentarão paternal sollicitude para Concordia do Sacerdocio e Imperio, de que são Monumentos as *Concordatas* com as Testas Coroadas. E quem pôde dizer até onde hiria o Despotismo de Potentados não instruidos, se não achassem encontro, e saudavel influxo, no Poder Espiritual?

Quanto as Bullas das Cruzadas, e Ordens de Cavalleiros Militares, com que animarão aos Principes da Christandade a resistir ao espirito de Conquista dos Mahometanos, implacaveis inimigos da Cruz do Redemptor, he innegavel, que nisso occasionarão bens incalculaveis, virtualmente executando o Plano da Providencia.

Do Contrario, o *Crescenté Ottomano* com o seu Alcorão e Alfange se teria extendido á todos os *Reinos Europeos*, exterminando o catholicismo, como o praticou, com lagrimas da Humanidade, por todo o Maritimo d'Asia e Africa adjacente ao Meditarreneo, onde antes houverão tantos Estados Christãos, e Luminares da Igreja. A conquista da Hespanha pelos Sarracenos devia causar terror, e induzir aos Fieis a reunirem corações e braços para se opporem aos Sectarios do *Islamismo*, que, reputando-se os verdadeiros crentes, projectarão extirpar o Culto Christão.

Além de que habeis Politicos tem notado, que o enthusiasmo dos *Cruzados*, muito concorreo para a Liberdade civil, e progresso do Commercio; pois que muitos dos grandes senhores, que abarçavão as terras

(*) Leão-se as curiosas particularidades na obra Inglesa de *Roscoe* — Vida de Leão X., onde, sendo alias Protestante, faz justiça á este Grande Homem.

des, vendião os seus patrimonios para hirem á Terra Santa; donde resultou multiplicar-se a classe dos proprietarios, haver menor desigualdade de condições, e com os transportes maritimos extender-se a Navegação. Quando depois o Imperador Carlos V. se mostrou aspirante á Monarchia Universal, e accendeo os archotes de guerras de Religião, a sabedoria da Sé Apostolica muito contribuiu á *Balança do Poder*. Por isso depois o Epico da *Henriada* com razão disse que — *no fundo de Vaticano reinava a Politica* —.

Hum Ecclesiastico Irlandez Catholico fez neste seculo vigorosa refutação das invectivas dos Protestantes Inglozes contra a Santa Sé, que alias reconhecem ter sido a Mãe de que o seu Rei Henrique VIII. tão impudentemente se rebellou, porque o Summo Pontifice não condescendeo com o seu impio desejo de Dispensa da indissolubilidade do matrimonio de sua legitima Esposa, para se cazar com Anna Boléna. Assim diz:

„ Arguir do abuso do poder para negar o mesmo poder, he copiar o exemplo dos Revolucionarios da Franca. Elles prepararão a destruição de sua Monarchia pela multidão de escriptos em que se fazião catalogos dos crimes dos Reis, sem reflectirem (o que alias era evidente á todo o espirito pensador,) que, ainda quando taes crimes fossem mais numerosos e atrozes, do que são figurados, com tudo sempre erão infinitamente contrabalançados pela simples vantagem de servirem esses Soberanos de *Pedras Angulares* de todo o Edificio dos Estados de que erão Cabeças; prevenindo-se assim os indiziveis males de interminaveis divisões e mudanças. „

„ O beneficio da Supremazia Pontificia neste ponto de vista, isto he, para prevenir schismas, servir de *Centro de União*, e de *Faról da Ortho-doxia*, tem sido reconhecido, não só pelos Padres da Igreja, mas tambem pelos modernos Protestantes. „

„ Mas este beneficio não he o unico que a Sociedade deve aos Summos Pontifices. Elles, além de sua ansiosa vigilancia na propagação do Evangelho, tambem com vigor e bom successo protegerão a Christandade, em varios periodos contra a furia e oppressão dos Sarracenos, Tartaros, Turcos, e outros Gentios, á cuja dominação seria sujeita sem a sua protecção. A necessi-

dade das Cruzadas se manifestou pelas consequencias da victoria da Batalha Naval de *Lepanto*, que destruiu a Potencia Maritima dos Mussulmanos na Europa. ,,

„ Os Papas organisarão os Estados Christãos em huma *Grande Communidade*, e por muitos seculos preseruarão as Liberdades da Europa, perservando o Equilibrio das Potencias. Se forão accusados de excitar algumas guerras, certamente prevenirão, ou fizerão cessar, muitas outras maiores. Pela suas Instituições da *Tregoa de Deos*, *Redempção de cativos*, e outras Pias Fundações, muito diminuirão as hostilidades no tempo do Governo Feudal dos violentos Barões, e extensamente servirão á Causa da Humanidade. ,,

Quanto ao 5.º Prelexto.

A Religião Revelada contém *mysterios*: E a Religião Natural, tambem não contém *mysterios*? Toda a visivel Natureza está cheia de *mysterios*. Cada bichinho da terra, cada musgo das agoas, he hum aggregado de *mysterios*. O mais presumido philosopho he tão ignorante, como o mais rude idiota, sobre os *mysterios* dos orgãos da vista, falla, canto, digestão, concepção, transubstanciação da comida e bebida em sangue, e mais fluídos do corpo humano, e de qualquer animal. Quasi toda a Historia Natural he *mysteriosa*. E que mais assombroso *mysterio* he o existirem neste Globo innumeraveis cousas, de cujo conhecimento o homem he capaz, e com tudo as ignorarmos por tantos seculos, apenas actualmente adquirindo tenues e imperfeitas noções das mesmas? Que *mysterios* physicos encerra o seio da Terra, de que mal conhecemos vislumbres da superficie, e o conteúdo á pouca distancia a baixo della? Que *mysterios* dos *mysterios* são occultos aos Astronomas (ainda aos *Newtons* e *La Places*), que, tendo capacidade para entenderem a *theoria das fluxões*, e as Leis do Systema Planetario, e até as que regulão as excetricas orbitas de mais de trezentos cometas que tem apparecido, ou sido observados, com tudo, não obstante o auxilio do telescopio de *Herschel*, ignorão absolutamente, ou não sabem discernir, a infinidade de estrellas da *Via Lactea*, e a immensidade dos ceos dos ceos, cheios de

obras maravilhosas do Creador, e que evidentemente só são destinadas á comprehensão de *Superiores Intelligencias*? Em fim conhecemos por ventura o como co-existem em nossos espiritos tantas distinctas faculdades, e a indizível aggregação de idéas? Os Deistas não crêem no *peccado original*! E como explicão o ter o homem o sentimento da compaixão das dores e miserias de seus semelhantes, e o amor da virtude, e todavia haver tanta gente deshumana, que se apraz da tortura alheia, e tem delicia na malicia com que intriga, diffama, assassina, guerrêa?

Hum dos Escriptores *, que mais habilmente tem refutado os sophismas de *Gibbon* e *Paine*, faz as seguintes ponderações :

„ Ainda as *Mathematicas*, á que se dá o título de *Sciencia de Demonstração*, se fundão em principios e theoremas incomprehensíveis; taes como ponto sem partes, linha sem latitude, superficie sem profundidade; approximação continua de linhas que nunca se encontram. Aquella sciencia contém a theoria dos *incommensuraveis*, e dos *infinitos*, cada hum dos quaes he infinitamente maior, ou infinitamente menor, do que o outro. „

„ Na *Physica* não podemos comprehender a primaria causa de cousa alguma, e nem ainda da luz, pela qual vemos, nem do fogo, pelo qual nos acalentamos, nem da elasticidade do ar, pela qual ouvimos. „

„ Na *Physiologia* não podemos dizer o que primeiro deo movimento ao coração, nem e que o continúa; nem porque o seu movimento he menos voluntario que o do bofe; nem porque podemos mover o nosso braço á direita, e á esquerda, pelo simples acto da vontade; não podemos explanar a causa do calor animal; nem comprehender o elemento pelo qual o nosso corpo se formou, e porque principio vital se sustenta a sua organisação, e como se reduz á terra. „

„ Na *Religião Natural* não podemos comprehender a eternidade e a omnipresença de Deos; nem facilmente entendemos como a sua providencia seja compativel com a nossa liberdade, nem a sua immutabilidade

(*) *Watson* — *Apologias da Biblia* — Septima Edição de Loudres pag, 134 e 400,

com o seu governo dos agentes moraes; nem porque não fez as suas creaturas igualmente perfectas; nem porque as creou mais cedo: em huma palavra: não podemos olhar para qualquer ramo de conhecimento, em que não encontremos objectos sobre a nossa comprehensão. A queda e a redempção do Genero Humano não são mais incomprehensíveis, do que a criação e conservação do Universo. O infinito Author das obras da Providencia, e da Natureza, he igualmente inscrutavel, e incomprehensivel á capacidade humana. „

„ A impia febre de espirito, e paralytia de entendimento, que originou na França, espalhou o seu contagio na Christandade, sendo o virus industriosamente introduzido por malinos: he dever de todos que se interessão pelo bem da Humanidade o esforçar-se em todas as partes por obstar ao seu progresso. Estejamos certos, de que, logo que a Religião deixar de ter imperio nas consciencias dos homens, tambem o Governo perderá a sua authoridade, e dahi resultará hum estado de anarchia barbara, que porá em perigo até a existencia da Sociedade civil: sem ella, as restricções e penas humanas são incapazes de enfrear as egoisticas, e licenciosas paixões do Genero Humano. Quem remove do espirito do povo as esperanças e os terrores do futuro estado, abre os diques da immoralidade, e occasiona diluvio de vicios e crimes, igualmente destructivos da dignidade da natureza do homem, e da tranquillidade do mundo. „

„ Não tem havido, nem pode haver Estado, sem Religião. Se o Christianismo for abolido, em seu lugar se introduzirá o paganismo, ou o mahometismo, ou outra impostura, ou a sociedade civil será dissolvida. „

„ Bacon (philosopho com quem os nossos modernos philosophos não se podem comparar) notou, que em nenhum seculo se tem descoberto philosophia, opinião, religião, lei, disciplina, que tão grandemente exalte o *Bem commum*, e diminua o *interesse particular*, como a Religião Christãa. Por isso he de admirar, e deplorar, a malicia dos homens, e a fraqueza dos Estadistas, que fazem a tentativa de governar o Genero Humano sem religião positiva, e estabelecer *Sociedade Philosophica sobre as ruinas do Christianismo*. „

„ A religião Christãa não se intromette em organi-

zar **CONSTITUIÇÕES POLITICAS**: ella dirige toda a sua influencia aos corações ; e (como o antigo Padre da Igreja , *Origenes* , disse contra Celso , sophista calumniador do Christianismo) se cada individuo de todas as Nações guardasse a pureza dos preceitos do Evangelho , não haveria injustiça interna , nem guerra estrangeira , e cessarião as paixões que produzem tanta acrimonia no commercio da vida , e assolão a Terra. Que arguições pois fundadas se podem fazer áquella Religião , que , se fosse universalmente observada , introduziria universal harmonia , e a mais exaltada felicidade do Genero Humano ? ,,

CAPITULO XIII.

Doutrina do Santo Padre Clemente XIV. condemnando a Intolerancia e Perseguição por Dissidencia de Seitas.

A Causa da Religião Catholica, Apostolica, Romana, foi victoriosamente advogada pelo Summo Pontifice Clemente XIV, cujo Nome, se pode, em pia crença, considerar escripto no *Livro da Vida*, como S. Paulo,* diz de S. Clemente I., o immediato Successor dos Principes dos Apostolos. Esta, a mais Alta Authoridade da Igreja de Deos, fez o Manifesto do verdadeiro Espirito do Christianismo, mostrando a iniquidade dos Detractores, que o tem arguido de *espírito de Intolerancia e Perseguição*. Aqui offereço alguns *Extractos* dos *Discursos* daquelle Cabeça da Christandade, que vem no principio do *Apendice* das suas obras, tão acreditadas na Republica das Letras, e que tem o titulo de *Cartas de Ganganelli*, Tradução Portugueza impressa em Lisboa em 1783.

“ Quem julga de hum painel pelas suas sombras, mostra que o não quer conhecer bem. A Religião he como o Firmamento; quanto mais se examina, tantas mais estrellas nelle se descobrem; como o mar, que, quanto mais se observa, tanto parece mais immenso; como o ouro, que, quantas mais vezes vai ao fogo, tanto mais brilhante vai ficando.

(*) Epist. aos Philippenses cap. IV. vers. 3.

Ah! Como seria ella apaixonada, se ella *proscreeve todas as paixões*? Como usaria de mentiras, se ella condemna até os mais leves equívocos? Como seria, finalmente, perseguidora, se o seu caracter distinctivo he o ser sempre perseguida? JESU CHRISTO, quando a estabeleceu, não lhe annunciou mais que cruces, contradicções, e revezes. Não lhe disse: Declarareis guerra aos peccadores, aos herejes, aos impios; porém disse-lhe na pessoa dos seus Apostolos: *Eu vos mando como cardsiros pelo meio dos lobos: quando vos não quizerem ouvir, passai para outra Cidade, sacudindo o pó dos vossos çapatos.*

Eis-aqui como a Religião se annunciou no mundo; e eis-aqui como ella se ha de sempre annunciar por aquelles seus Ministros, que a conhecerem bem, e que a quizerem fazer amar.

Abrí os seus livros, entrai nos seus Templos, escutai as suas instrucções, e vereis que a sua linguagem he a mesma da caridade; e que não tem outra authoridade mais que a persuasão. Não foi em tempo alguma a Religião, mas sim o falso zelo, que, pretendendo imitalla, tomou na mão o ferro, e o fogo, para forçar herjes a abjurarem os seus erros, ou Judeos a fazerem-se Christãos.

A Religião lança anathema contra todos aquelles que tem hum espirito de perseguição, e de partido. Inimiga das cabalas, da violencia, das delações, ama somente a paz; e se acaso tropeja contra os erros, perdoa com tudo áquelles, que os defendem, * e solicita o seu perdão para com os Principes, e para com Deos. O seu zelo consiste em nunca jamais capitular com o erro; quer antes soffrer tudo, do que tirar hum só jota da sua crença; porque não ensina como artigo de fé, se não aquillo que Deos tem revelado; e então se vêem sahir do seu luminoso e fecundo seio multidões de Martyres, que se precipitão á travès do ferro, e do fogo, antes do que consentir em que se altere o testamento de JESUS CHRISTO.

(*) S. Agostinho, que conheceu bem claramente o espirito da Religião, tambem recommenda o mesmo: *Diligite homines, interficite errores.*

Os archivos da Religião, meus Irmãos, subsistem entre nós: e se nelles achardes outros vestigios de sangue, mais do que aquelle que seus discipulos derramaram para defensa das verdades santas, sem razão vos estaria eu aqui exaltando a sua doçura, e a sua caridade. Porém vós não haveis de ver da sua parte mais que effusões de caridade, actos solemníssimos da beneficencia mais assignalada, e exemplos de paciencia, doçura, e longanimidade.

Se ha falsos devotos, que a desfigurão, vós sois por isso mesmo mais culpaveis em vos fiar nos retratos que vos fazem della, quando o Supremo Legislador vos tem premunido contra aquelles homens, que querem impor aos outros pezos que elles não quererão tocar com a ponta do dedo; contra aquelles homens que temem engulir hum moquisto, e que engolem hum camelo; contra aquelles homens, que se apresentam eubertos com pelle de ovelhas, sendo interiormente lobos vorazes, e arrebatadores; contra aquelles homens, que affectão extenuar os seus semblantes, para mostrar que jejuão; contra aquelles homens, que se crêem mais perfeitos que os outros, e que imaginão ser preciso pronunciar muitas palavras para serem ouvidos.

Longe da Religião o hypocrita, o fanatico, o supersticioso; pois ella, tão sincera, doce, e paciente, como o seu divino Chefe, não conhece outras armas mais que a persuasão; trazendo continuamente estampadas na memoria estas palavras do seu divino Mestre: *Não haveis de ser como os Principes das Nações.*

Se alguma vez, meus Irmãos, tendes dado credito ás calumnias, com que se tem denegrido esta divina Religião; se tendes tido nellas alguma parte, reconhecei hoje os vossos desvarios á face dos seus Altares, e ide abraçallos, como signal da nova alliança, que com ella quereis firmar para todo sempre. Pensai, que esta Religião he quem vos fez Christãos, e que he tambem ella quem deve introduzir-vos no Ceo, se fordes fieis em cumprir as suas obrigações. Pensai, que ella se hade no ultimo dia levantar contra vós, como huma testemunha, que vos ha de opprimir, se não tiverdes sido fieis em praticar os seus preceitos. Então será aquella Rainha de que falla a Escriptura, assentada á direita de Deos

em todo o seu esplendor: *Regina à dextris tuis, in vestitu deaurato, circumdata varietate.*

No seu seio he que devemos repousar cá na terra, para não ter nada que temer no ultimo dia. Ah! Que pode temer, quem marcha debaixo dos seus estandartes? Os Martyres, que seguirão os seus vestigios, se creirão invulneraveis no meio dos maiores tormentos; tanto minorava as suas dores o ardor da sua caridade! Com a Religião, tudo quanto se faz he sublime; e, sem ella, as acções mais brilhantes não podem ter algum merecimento.

Se a antiga Lei ferio muitas vezes de morte os prevaricadores, he porque era huma Lei de terror, dada entre relampagos, e trovões, feita para intimidar; e porque o Povo Judaico tinha necessidade de ser excitado por castigos extraordinarios. Porém a nova Lei, abroilhando no Calvario pelo Sangue do Homem Deos, que roga pelos seus mesmos algozes, e que morre pelos seus inimigos, ensina a todos os homens, que o Christianismo he verdadeiramente a obra da paz, da doçura, da caridade; que se não pode pertencer á JESUS CHRISTO, se acaso nos anima hum espirito de odio, e de perseguição; que para ser zeloso, segundo as regras do Evangelho, não se devem pôr ao mesmo nivel a verdade e o erro; mas que he necessario reduzir com o exemplo, e com a instrução, aquelles que combattem a moral, e os dogmas.

Tudo prova, que hum falso zelo he muitas vezes mais perigoso, que a mesma incredulidade. Não se pôde esperar humanidade alguma da parte de hum fanatico, que julga fazer huma obra agradavel á Deos, quando vos sacrifica á sua raiva: *Putat se obsequium præstare Deo.*

S. Paulo, antes da sua conversão, respirava contra os Christãos o sangue, e a carnagem, porque era impellido por hum zelo falso. Tinha consentido na morte de Estevão, e tinha-se feito o mais ardente perseguidor da Igreja nascente, por causa do fanatismo, que o animava.

Se todos os Ministros do Evangelho tivessem tido cuidado de tomar a JESUS CHRISTO por seu modelo; se tivessem bem considerado, que este divino Salvador

recebia com bondade os peccadores, e soffria com paciencia os Samaritanos, e os Saduceos, não se teria visto excesso algum no seio da Igreja, e os inimigos da Religião Catholica não terião jamais achado caminho para lhe formarem a injusta accusação de ser perseguidora.

Todo o mal procede das disputas, de que o orgulho he quasi sempre a origem, e o principio. Sob pretexto de defender os interesses de Deos, e da Igreja, contempla-se cada hum a si proprio, e toma-se por verdadeiro zelo a effervescencia de hum sangue, que ferve, ou de huma imaginação, que se exalta.

Os prejuizos são outra causa do fanatismo. Se não fazemos caso delles, arraigão-se de tal modo em nós mesmos, que passão a ser natureza; e se, por desgraça, nos persuadirão, que huma simples opinião da Escola he hum artigo de fé, somos capazes de sacrificar a nossa vida para a sustentar. Eisaqui o que nós vimos nos seculos da ignorancia, em que huns aos outros se anathematizavão, ou se degollavão, para defender sentimentos particulares, que não erão os da Igreja Universal.

O espirito de intolerancia, e perseguição, nasce muitas vezes de huma perfeita ignorancia; deixamo nos conduzir por cégos, e cahimos com elles. Este defeito não tem desculpa nos Ministros de hum Dcos, que recommenda áquelles, que hão de ser os conductores do seu povo, que sejão a luz do mundo. Deve haver muita differença entre a ignorancia e a simplicidade. A ignorancia arrasta após si huma multidão de males; principalmente quando se não dá ouvidos mais que á si mesmo: como se ignora tudo, faz-se o mal, sem saber que se faz.

Qualquer que seja a origem do falso zelo, sempre elle he feio aos olhos de Deos; ainda que hajão diferentes grãos, que augmentão, ou que diminuem a sua enormidade. Não se teria conhecido este falso zelo, se tivesse sabido distinguir a tolerancia, que supporta as pessoas, daquella que tolera os erros. Nunca he permitido á hum Christão, qualquer que elle seja, pôr a verdade ao nivel do erro, e confundir o heretico, o incredulo, e o pagão, com os fieis, que estão marcados com o signal da Fé; porém o procedimento de JESUS CHRISTO nos obriga a supportar os homens, de qual

quer communhão que sejam, a viver com elles em socego, e a não vexallos, qualquer que seja a crença que hajão adoptado.

O verdadeiro zelo não tem outro caminho para se annunciar, mais do que a doçura, e a persuasão. Todas as vezes que se tomar hum ar sevêro para com os incredulos, mais de pressa se irritão, do que se convencem. O Salvador do mundo, nosso modelo, e chefe, quer que hum verdadeiro Pastor vá em busca da ovelha desgarrada, que a traga sobre as suas costas, e que não lhe venha ao pensamento querer apagar o pavio, que inda fumea, ou quebrar a canna já rachada. Bem sabida he a reposta, que deu este Homem Deos aos Apostolos, quando, pouco instruidos, querião fazer descer fogo do Ceo sobre Samaria; *Vos não sabeis de que espirito sois*, lhes disse elle; *eu não vim para perder os peccadores, mas para salvallos.*

Nós vemos encherem-se de ira, e tomarem hum semblante, e hum tom exterminante, as pessoas a quem anima hum falso zelo, quando vem hum homem, que tem a infelicidade de não caminhar pelo verdadeiro caminho, ou quando delle ouvem fallar; o verdadeiro zelo, que he segundo a sciencia de Deos, não se inflama, se não com a caridade, não se mostra senão debarxo dos exteriores da doçura, e não se exprime senão com bondade.

Quando S. João Evangelista, o mais doce de todos os homens, nos recommenda, que nem ao menos saudemos hum inimigo de JESUS CHRISTO, quer por estas palavras fazer-nos sómente entender, que devemos absolutamente renunciar á sociedade de todo o homem, que conhecermos ser capaz de nos perverter.

Em vez de se tomar exemplo Ja mesma Roma, Metropoli do mundo Christão, que permite aos Judeos o exercicio publico da sua Religião, em vez de se tomar por modelo os Summos Pontífices, que recebem os Protestantes com as maiores demonstrações de amizade, nunca se falla nos incredulos senão para os carregar de imprecações. Este não era o modo de obrar dos Padres da Igreja, que não pregavão nos seus escriptos mais que a concordia, e a caridade; que se fazião media-

dores dos culpados, para obterem o seu perdão da parte dos Juizes, e dos Imperadores.

O Senhor mesmo, orando pelos seus algozes, nos ensina, como se deve vingar a sua causa. Não haverão tantos clamores contra a Igreja Catholica, e tanto rancor entre as differentes Communhões, se o Espirito Evangelico tivesse sido o norte dos corações, e dos espiritos.

He cousa incontestavel, que cada hum deve fazer, quanto está da sua parte, para contribuir á salvação de seus irmãos, ou seja instruindo-os, ou edificando-os; porém não he a violeacia, nem a authoridade, quem os deve constringer.

A fé, do mesmo modo que a obra, não he agradavel á Deos, senão em quanto he voluntaria. Se acaso se obrigar hum homem a fazer penitencia, *do mesmo modo que a orar a Deos*, e a adoptar finalmente huma Religião que elle rejeita, far-se-ha quem tal obrar, culpavel aos olhos do Senhor, porque nunca he permittido vexar as consciencias: *Não haveis de ser*, disse JESUS CHISTO aos seus Apostolos, *como aquelles que dominão sobre as Nações*. Quer que aquelles que o escutarem, o escutem de boa vontade; e nunca foi visto, durante os dias da sua vida mortal, obrigar pessoa alguma á que o viesse ouvir. Deixou até ir-se embora aquelle mancebo, que parecia ter desejos de o seguir; porque a Religião não he senão para aquelles, que são de *boa vontade*: — *Hominibus bonæ voluntatis*.

Não se formarião mais que prevaricadores, e hypocritas, se se alistassem á força no seio da Igreja todos aquelles que não querem entrar nella. Estas palavras: *Compelle intrare* (obriga-os a entrar) são tiradas de huma parábola, e nunca significarão, que se devessem obrigar os homens a ser Catholicos, ou Christãos á seu pezar; querem sómente dizer, que se deve com a pregação fazer-lhes as mais vivas instancias para que entrem no caminho da salvação; representando-lhes principalmente que disso depende a sua felicidade, ou infelicidade eterna.

Mas o espirito de partido he tanto mais perigoso, porque, tomando todas as formas, e até mesmo o exterior da piedade, exercita assim a sua tyrannia. Aquelles,

a quem elle possui, não procurão realmente mais que dominar. O que os anima, quando encontrão resistencia, não he o interesse da Religião, que pouco os toca; mas he o seu orgulho, que se vê ferido. Ora isto he hum principio falso: he só espirito de partido, quem faz que humens illuminados se queirão vender por inspirados, e que fanaticos se annunciem por martyres. Assim forão os Chefes das Seitas; assim forão n'outro tempo, e no seio mesmo da Igreja, pessoas animadas por hum falso zelo, a respeito de cousas que nada interessavão a fé. A Historia Ecclesiastica nos offerece disto muitos exemplos, o que nos deve fazer tremer: porque, que cousa ha mais terrivel, que ver homens excellentes virem a ser victimas de hum zelo, que não he agradavel á Deos, e que a Igreja condemna como hum excesso, tão pernicioso á Religião, como á Sociedade?

Não ha cousa mais admiravel que o verdadeiro zelo. Se algumas vezes rompe, como o de JESUS CHRISTO, contra os profanadores do Templo, he porque o homem que vem insultar a Deos, até ao pé dos Altares, merece ser reprimido; e não se deve confundir o amor da verdade com o espirito de partido. Foi este amor que animou os Apostolos, os Martyres, os Padres da Igreja, e todos aquelles, que combaterão com vehemencia os erros, sem com tudo perseguirem aquelles, que erão delles os authores.

Hum Monarcha, verdadeiramente Christão, deve, sem duvida, pôr nos seus Estados barreiras á torrente da impiedade; mas não deve, para sustentar a honra de huma Religião, que he toda caridade, punir de morte todos aquelles que tiverão a desgraça de a combater, senão quando elles excitão motins, e sedições, e quando alterão o Culto Divino. Porque, que cousa he a Religião Christã, senão a effusão do amor Divino, daquelle amor, que perdoa na Cruz áquelles mesmos que o blasfemão; daquelle amor, que ama ternamente a todos os homens; daquelle amor, que excita a hospitalidade para com o Turco, do mesmo modo que para com o Indio; daquelle amor finalmente, que, fazendo se tudo para todos, nunca jamais pedio a morte do peccador, mas a sua conversão?

Que felizes mudanças se não terião visto acontecer-se, se, em lugar de vexar os herejes, os tivéssemos conjurado com toda a ternura possível, que se não separas, sem do Centro de Unidade! Se se tivessem aclarado as suas duvidas com bondade, escutado com paciencia as suas objecções, e se lhes tivessem finalmente fallado como a mesma Religião, que não faz acceção de pessoas, e que não conhece a amargura, nem a alivez?

C A P I T U L O . X I V .

Juízos Imparciaes de Escriptores Protestantés sobre a Religião Catholica.

H *Uma* na sua Historia de Inglaterra, havendo descrito os infaustos effeitos das perseguições reciprocas dos Governos e Povos da Christandade por crenças e liturgias, e particularmente a horrenda matança dos *Huguenots* na França por ordem do Rei, e dos *Protestantes* na Irlanda por furia do povo, com o pretexto de se purificar a Religião Catholica, e destruir a heretica pravidade, diz na vida do Rei James II, que as crueldades dos fanaticos e supersticiosos têm sido causa de eminentes Literatos apostatarem do Christianismo, e seguirem o Deismo: mas condemna tal desvario, e assim pondera:

„ O sophisma de arguir do abuso de alguma coisa contra o uso della, he o mais grosseiro, e ao mesmo tempo o mais commum á que os homens estão sujeitos: porém deduzir dahi inferencia em desvantagem da Religião em geral, seria arguir temeraria e erroneamente. „

„ O proprio Officio da Religião he reformar a vida dos homens, purificar os seus corações, e segurar obediencia ás Leis, e áos Magistrados. Quando ella inspira e effectua estes saudaveis propositos, as suas operações, bem que de valor immenso, são secretas e silenciosas, e raras vezes entrão no conhecimento da Historia: esta somente refere os grandes crimes, que avultão no Theatro do Mundo, e que são os grandes mananciaes das facções, revoluções, e convulsões publicas. „

„ Toda a Instituição, por divina que seja, ainda que os homens sinceramente a adoptem, degenera de sua primitiva pureza, pelas enfermidades da nossa natureza, a não ser guardada com extremosa vigilância. Que especie de devoção ha tão pura, que não participe dos sentidos, e da imaginação? Dahi se tem originado as extravagancias do fanatismo, e as cruezas da superstição. „

Burke nas suas *Reflexões sobre a Revolução da França*, em que Athêos exercerão contra os catholicos, e especialmente contra os Ecclesiasticos, a mais satanica intolerancia, carnificina, e infernalidade, qual nunca se viu em povo culto ou barbaro, assim esconjura os impios:

„ A lição da historia não deve servir para corromper os nossos espiritos, e destruir a nossa felicidade. A historia abre hum grande volume para nossa instrucção, contendo os materiaes de futura sabedoria, pelo util exame dos nossos passados erros, e enfermidades do genero humano. Se for pervertido o seu ensino, ella unicamente servirá de almazem de punhaes, para os partidistas contra a Igreja e o Estado suppirem com os máos exemplos os meios de terem sempre vivas, ou de fazerem reviver, as nossas dissensões e animosidades, acrescentando maior fomento de incendio para a furia civil.

„ A historia, na maior parte, consiste na collecção das misérias que tem vindo ao mundo pela soberba, ambição, avareza, vingança, lascivia, sedição, fanatismo, e por todo o mais trem de paixões desordenadas. Estes vicios são as causas das tempestades politicas. Religião, moral, leis, prerogativas, privilegios, liberdades, *direitos do homem*, são meros pretextos dellas: e sempre forão pretextos com apparencia de bem real. Os grandes actores e instrumentos nos grandes males publicos, são Reis, Padres, Magistrados, Senados, Juizes, Capitães. Porém não se cura o mal tomando-se a resolução politica de que não hajão Soberanos, Ecclesiasticos, Ministros de Estado, Conselhos, Tribunaes, e Generaes. Só podemos mudar os nomes, mas as cousas permanecerão sempre as mesmas, e unicamente em figura diversa.

„ Sempre algum poder se deve confiar á algumas mãos; dê-se-lhe o titulo que se quizer. Os verdadeiros Sabios só applicão os seus remedios aos viciss, e não

aos nomes ; ás causas que os occasionão , e não aos modos transitorios em que elles apparecem. Do contrario , os pertendidos reformadores só se mostrão intelligentes em theoria , mas fatuos na pratica. A malicia he mais inventora do que a sciencia humana. O mesmo vicio muda de modo , e toma novo corpo : mas o seu máo espirito transmigra ; e , longe de perder , pela mudança da apparencia , o seu malefico principio de vida , antes renova os seus novos orgãos com fresco vigor , e actividade juvenil.

„ A historia no seculo decimo nono deve ser melhor entendida , e melhor empregada. Confio que ella ensinará á posteridade civilisada aborrecer os attentados desses seculos barbaros. Ella ensinará aos futuros ecclesiasticos e magistrados não se despiciarem , por vingança , contra os especulativos quietos athêos dos futuros tempos , das enormidades commettidas pelos athêos praticos , e furiosos entusiastas dos nossos dias. Ella ensinará á posteridade a não fazer guerra contra a *religião e philosophia* , pelo abuso que hypocritas tem feito destes dous preciosos donativos , que nos são conferidos pelo Pai Universal.

„ Talvez alguns Ecclesiasticos , pelos seus partidos , e alguns excessos , se tinhão mostrado viciosos além los limites em que se deve ter indulgencia com as fraquezas humanas. Concedo tudo isto : mas sou homem , e tenho a tratar com homens ; e , reprovando a falta da racionavel tolerancia de opiniões religiosas , não desejo correr ao extremo da maior de todos as intolerancias. Supporto as fragilidades , em quanto não degenerão em crimes. Sem duvida o natural progresso das paixões , pela inclinação dos homens aos vicios , deve ser prevenida por olhos vigilantes , e mãos firmes.

Conclusão.

S. Paulo á quem a Igreja primitiva deo o título de Apostolo e Mestre das Gentes , cuja miraculosa conversão se refere nos *Actos dos Apostolos* , subitamente convertendo-se de Israelita perseguidor em o mais zeloso progador do Evangelho , nos transmittio a seguinte *Lição Moral* sobre o Espirito da Tolerancia , Una-

nimidade na Fé, inscrutabilidade da Providencia. *

„ Deos cegou os entendimentos dos infieis, para que lhes não resplandeça o faról do Evangelho.

Todos os que são elevados pelo Espirito de Deos, são filhos de Deos: — não recebestes o *espirito de escravidão*, para estardes outra vez com temor: mas recebestes o *espirito de adopção* de filhos, segundo o qual clamamos dizendo — PAI — PAI.

Lançamos fóra de nós as paixões, que por ignominiosas se occultão, não nos conduzindo com artificio adulterando a palavra de Deos; mas recommendando-nos á toda a consciencia dos homens diante de Deos na manifestação da verdade.

Sabemos que os que amão a Deos, todas as cousas lhes contribuem para seu bem.

Os dons e a vocação de Deos são immutaveis.

Tambem vós em algum tempo não crestes em Deos, e agora haveis alcançado misericordia.

Deos a todos encerrou na incredulidade, para usar com todos de misericordia.

O' profundidade das riquezas da sabedoria de Deos! Quão incompreensíveis são os seus juizos, e quão inscrutaveis os seus caminhos! Quem conhece a mente do Senhor! Ou quem foi o seu conselheiro!

Ao que he fraco na fé, ajudaio-o, não com debates de opiniões.

Quem és tu que julgas o servo alheio? Para seu Senhor está em pé, ou cahe: mas elle estará firme; porque *Poderoso he Deos para o segurar*. — *cada hum abunde em seu sentido*.

E tu porque julgas a teu irmão? Ou porque desprezas tu a teu irmão? Todos compareceremos ante o Tribunal de CHRISTO. Porque está escrito — Eu vivo, diz o Senhor: todo o joelho se me dobrará, e toda a lingua dará louvor á Deos — *cada hum dará conta á Deos de si mesmo*. —

Não nos julguemos mais huns aos outros, antes cuidai bem em não pôrdes tropeço e escandalo ao vosso irmão: — *sigamos as cousas que são de paz*.

(*) Epist. aos Romanos cap. VIII, XI, XIV, XV. Epist. aos Corinthios cap. II, IV, X, XI, XIV. Epist. II. cap. I.

Nós que somos mais valentes, devemos supportar as fraquezas dos que são debeis, e não buscar a nossa propria satisfação. Tudo quanto está escripto, para nosso ensino está escripto; a fim de que pela paciencia e consolação das Escripturas tenhamos esperança. — Mas o *Deos de paciencia e de consolação nos conceda uniformidade de sentimentos*, segundo o *espirito de JESUS CHRISTO*, para que UNANIMES á huma boca glorifiquéis a Deos e Pai de nosso Senhor JESUS CHISTO. — Por cuja causa mostrai accollimento huns aos outros, como tambem CHRISTO no-lo mostrou para gloria de Deos. —

Irmãos, rogo-vos que *todos sejaes huma mesma cousa*, e que não haja entre vós schismas; antes sejais perfeitos em hum mesmo sentimento, e em hum mesmo parecer. A vossa fé não se funde na sabedoria dos homens, mas na virtude de Deos. — Entre os perfeitos fallamos da sabedoria, mas não da sabedoria deste seculo, nem dos principes deste seculo, que são destruidos.

Não julgueis antes de tempo, até que venha o Senhor, o qual não só porá às claras o que se acha escondido nas mais profundas trevas, mas tambem descobrirá o que ha de mais secreto nos corações: e erão cada hum receberá de Deos o louvor. — Deos nao he Deos de dissenção, mas de paz.

O *Deos de esperança* vos encha de todo o gozo, e de paz na vossa crença; para que abundeis na esperança, e na virtude do Espirito Santo. — Estou certo, irmãos, que tambem vós mesmos estais cheios de caridade, cheios de saber: de maneira que podeis admoestar huns aos outros.

Todos vós sois *filhos da luz*, e filhos do dia: nós não somos *filhos da noite, nem das trevas.* „

CAPITULO. XV.

Dos Estabelecimentos de Caridade.

Sêde misericordiosos como tambem o vosso Pai Celeste he misericordioso. — Tereis copiosa recompensa, e sereis filhos do Altissimo, que faz bem aos mesmos que lhe são ingratos e mãos. — Ev. S. Luc. cap. VI. 35. e 36.

NO *Diario Fluminense* N.º 37 de 13 de Agosto do corrente anno de 1825, se acha inserta instructiva Doutrina Philanthropica, que ali se diz — *Huma Palavra aos Brasileiros* —, de hum Literato Portuguez, o qual em Londres tem estrenuamente advogado a Causa da Independencia do Imperio do Brasil. Como o objecto á que me propuz, não he fazer *obra minha*, mas *obra util*, communicando á Mocidade em substancia o que tenho achado de proveito publico na lição dos escriptos de credito; aqui transcrevo alguns paragraphos daquella excellente Exhortação.

As boas Leis são como as boas sementes, que não podem prosperar nos terrenos aridos, magros, e desprovidos. Povo sem costumes não pôde ser bem contido pelas providencias do Legislador; as leis são vãs, e nada aproveitão sem costumes: *quid leges sine moribus vanæ proficient?*

Não só os Apostolos da *democracia*, mas toda a especie de theorista, toda a casta de *republico*, faria maior serviço á sua patria, se, em vez de systemas sobre a combinação dos poderes, ensinasse methodos practicos de estender a Instrucção Pnblica, de estabelecer a educação elementar das classes inferiores, e, sobre tudo, de infundir no espirito dos Povos a *moral practica*, e a *caridade Christã*. Só assim he que se dispõe huma Nação á observancia das leis, e á cultura da benevolencia reciproca.

Por mais bem governado que seja hum Imperio; por mais fertil que seja o seu terreno: por mais suave que seja o seu clima; por mais activa que seja a

industria de seus habitantes; nunca os beneficios podem estender-se á todas as classes da sociedade: forçosamente ha de haver huma classe indigente, maior ou menor, que causará grandes inquietações com crimes, e com violencias, se a mão benfeitora do rico não velar constantemente na sua manutenção. As leis não podem fornecer empregos á todos; a população dos Imperios cresce n' huma grande desproporção com os meios da subsistencia; e daqui resulta a miseria de hum grande numero de individuos. As leis o que podem fazer he reprimir os habitos da ociosidade; mas não podem achar capitaes sufficientes para empregar nos trabalhos productivos do Campo, ou da Cidade, huma população superabundante, excessiva; e menos alimentar a velhice caduca, e amparar todos os enfermos, e achacados, que nem tem meios de viver, nem os podem ganhar pelo seu trabalho. A' este grande transtorno da Ordem Social he preciso que acuda a *Benefolencia Publica*: alias o cumulo da miseria trará bem depressa com sigo o cumulo da depravação, e do crime.

Em Inglaterra mesmo, onde a grande industria tem accumulado huma incalculavel massa de capitaes, não pode supprir-se este grande defeito. A população excede todas as medidas; e o espirito o mais industrioso, auxiliado por capitaes immensos, não pode achar trabalho para todos; e que seria se o espirito de benefolencia não prestasse hum prompto soccorro á miseria? Sem este soccorro á Moral Publica, de que serviria o seu bom Governo Mixto? De que serviria o *habeas corpus*? De que serviria a *liberdade da Imprensa*? De que serviria o processo por *Jury*? As ruas cheias de pobres, os campos cheios de gente faminta, e as estradas cheias de ladrões, seião o necessario effeito, apezar de tão uteis Instituições. Mas a Moral Publica, fructo da educação, e da instrucção, vai aqui tanto de accordo com as leis, e com o Governo, que suppre os seus defeitos respectivos, e trabalhão em commum no aperfeiçoamento da civilisação.

Quando se olha para o grande numero de Estabelecimentos de Caridade, e Beneficencia, que comprehende só a capital de Inglaterra, e quando se reflecte nas molas porque esta Grande Maquina se conduz, nenhum

exemplo de civilização pôde ser offerecido á hum Imperio nascente como este da Benevolencia Publica. — Há em Londres :

117 Casas pias, que sustentão pobres, velhos de ambos os sexos, á que se chama "*Alms houses.*", (Casas de Esmolas.)

30 Hospitaes, para pobres enfermos, coxos, invalidos, mulheres peçadas, mulheres de parto, meninos desamparados, moços seduzidos &c.

16 Boticas publicas (*Dispensatorio*) onde os medicamentos se distribuem de graça, pela gente pobre de qual quer sexo, idade, religião, ou nação.

31 Sociedades, destinadas (segundo os seus diferentes titulos) a educar orfãos de ambos os sexos, casar donzellas pobres, livrar prezos por dividas, proteger viúvas desamparadas, acudir aos afogados, tractar dos doudos, &c. &c. D'entre estas he digna do maior elogio huma chamada a *Samaritana*, que tem por fim cuidar dos convalescentes que sahem dos Hospitaes: duas outras se occupão exclusivamente — ou em assistir aos partos das mulheres casadas, — ou em visitar os enfermos nas suas proprias casas.

91 Companhias, que tem por objecto dar esmolas á gente necessitada: e monta a 800 mil cruzados por anno o capital de taes esmolas!

1600 Sociedades de artistas mechanicos, e gente de trabalho, o objecto das quaes he socorrer os seus socios enfermos, e cuidar de seus enterros.

122 Bancos economicos (*saving banks*) onde a pobreza deposita o dinheiro, que pode forrar ás suas necessidades, e percebe hum jaro de 4 por cento: de sorte que o pobre, que depositar n'hum de taes bancos *dois tostões* cada semana, receberá no fim de 20 annos 310 mil réis, proveniente do capital, e juro composto.

Em summa, não menos de *dois mil, e sete* vem a ser os Estabelecimentos de Caridade, e beneficencia dentro da Capital da Grã Bretanha! Nenhum delles he sustentado ou dirigido pelo Governo. Subscrições voluntarias, legados, e doações de individuos particulares, são o patrimonio destes Estabelecimentos; e deste modo os Cidadãos ricos, e philanthropicos procurão a perfeição a moral, e remir as necessidades de seus com-

patriotas. Este he sem duvida o acrisolado patriotismo, que póde fazer, tem feito, e fará sempre, o melhor ornamento do homem social, ou do Cidadão honesto.

Eis-aqui os exemplos dignos de imitar: todas estas Instituições de Caridade suppreem os defeitos da legislação; os ricos tomão conta daquella pobreza inevitavel, que encheria de crimes outra qualquer sociedade, e causaria o maior transtorno, por mais fortes que fossem as garantias da liberdade, e por mais copiosas que fossem as fontes da prosperidade publica.

CAPITULO. XVI.

Exemplos de Caridade, Contra Horrida Deshumanidade.

Meu pai e minha mãe me desampararam, mas o Senhor me tomou no seu patrocinio. — (Psalm. XXVI. ver. 10.)

Sua Magestade Imperial, em Resolução de Consulta do Desembargo do Paço sobre Representação dos Mordomos da Santa Casa da Misericordia desta Corte, Deo Providencia na Provisão de 22 de Fevereiro de 1823 contra o abuso dos máos senhores, que, mandando levar á Roda dos Engeitados *crianças de côr preta*, depois de serem estes alli criados, os reclamavão como seus escravos; Declarando, *em favor da Liberdade*, que *seria cousa deshumana*, e inteiramente opposta ao bem entendido liberalismo, que os *Expostos de côr*, entregues ao abandono por seu senhor, e tratados e educados pelo Publico, devessem ainda ser chamados ao captivoiro; Ordenando, que taes Expostos ficassem sob a Inspeção do Juiz dos Orfãos, e Recommendando á este Magistrado o mais zelozo cuidado em lhes procurar accomodação convinavel, e fazer-lhes aprender officio da sua inclinação; Mantendo-lhes os *privilegios da ingenuidade e habilitação pessoal*, que lhes pertencem pelo § 7 do Alvará de 30 de Janeiro de 1775.

No *Diario do Rio de Janeiro* N.º 12 de 13 de Agosto do corrente anno de 1825 se fez o seguinte *Annuncio*.

“ Na casa da rua detraz do Hospicio N.º 174 se
 ,, acha desde a noite de 8 do corrente *hum criança*
 ,, *preta de hum anno*, que por commiserção e huma-
 ,, nidade alli foi recolhida, sendo encontrada no bêco
 ,, do Fisco — *chorando, em miseravel estado de aband-*
 ,, *no* — Cortada de Açoites —. No caso de escapar da
 ,, morte á que fora lançada, poderá reclama-la quem di-
 ,, ceito tiver, *apresentando-se essa boa creatura ao Añ-*
 ,, *nunciante, que muito dezeja conhece-la.* ,,

Não consta que até agora algum *Herodes*, eu al-
 guma *Jesabel*, se apresentasse para reclamar direito de
 dominio sobre a *criança preta de hum anno, cortada*
de açoites, e exposta na rua em miseravel estado.

Este exemplo de Caridade, e de Deshumanidade,
 he bem que fique manifesto neste escripto, para *Horror*
do Brasil, e Lição Moral.

Elle demonstra, que, não obstante os pessimos e
 notorios exemplos de crueldade impunida, que se fre-
 quentão pelo systema de cativoiro, ainda ha almas com-
 passivas, que denuncião taes attentados para a Execra-
 ção do Povo; e que os malvados, temendo o odio do
 Genero Humano, e respeitando a Moral Publica, não
 ousão comparecer, ainda instigados da avareza, para re-
 clamações que o convencerião de sua malfetoria. Con-
 cluirei com o Moralista *Hume*:

“ No commum dos homens educados em regulares
 e civilsadas sociedades, os sentimentos de vergonha, de-
 ver, honra, sempre tem consideravel authoridade, e ser-
 vem a contrabalançar e dirigir os motivos do interesse
 particular. — Eis viva prova do quanto he impossivel,
 ainda aos espiritos mais corruptos, o despirem-se de to-
 do o respeito á *Moralidade, e ao Dever Social.* ,,

CAPITULO. XVII.

Do Preceito da Honra.

Honrai a todos: amai a Irmandade: temeí a Deos: acatai o Rei — S. Pedro I, Epist. cap. II, vers. 17.

Espirito de Honra he dictado aqui pelo Principe dos Apostolos, como preceito da Religião Christãa. Mas he evidente, que nessa manifesta ampliação do Mandamento do Decalogo, que ordena *honrar ao pai e mãe*, decretando o acatamento ao Rei, prescreve a summa Honra ao Soberano, como *Pai da Patria*.

He comtudo não menos evidente, que esse preceito só teve por objecto a *honra civil*, qual se deve mostrar nos sinais externos de reverencia á todas as pessoas, e na habitual equidade de não descobrir seus defeitos, para não se lhes tolher a estima do Publico, e do Governo, que he huma propriedade de summo preço.

A *honra natural*, e que só merece o titulo de *verdadeira honra*, he a que se funda na *genuina e constante virtude*: só esta he a que attrahe justa estima, e cordial reverencia. Sobre esta importantissima parte da Sciencia Moral convem dar noções exactas, e expor as opiniões dos Moralistas, e Politicos.

Recordando aos Leitores o que ja explanei sobre este assumpto no *Supplemento* cap. XXVII., addirei o seguinte.

Blair * diz “ O amor da honra he huma das mais fortes paixões do peito humano: elle se mostra ainda nos mais tenros annos, e nos accompanha por todas as idades da vida. Porém os homens varião nas suas idéas do que constitue *honra*. Todos desejão distincção e preeminencia: todos aspirão a adquirir respeito entre as pessoas com quem vivem: ninguem he insensível ao desprezo e á infamia. A Escriptura sagrada frequentemen-

(*) Serm, tom. III. S. I.

se menciona e recommenda a honra, como derivada da sabedoria, e da observancia da Religião.

A verdadeira honra do homem não consiste meramente no que reclama respeito externo, mas no que inspira reverencia do coração. Sem duvida não consiste na mera posse da riqueza; pois que esta se pode achar nas mãos das pessoas as mais vis. Parece que a Providencia assim o permite, para mostrar quantô a riqueza he de nenhuma valia na vista de Deos, sendo desacompanhada da virtude. A experiencia mostra, que a posse da riqueza he compativel com o mais geral desprezo da pessoa.

Tambem a verdadeira honra não consiste na mera dignidade e preeminencia de Empregos. Se taes distincções sempre se alcançassem por merito não commum, darião real honra ao character da pessoa que dellas fosse revestido: mas, no presente estado da sociedade, he bem sabido, que em grande, se não na maior, parte se adquirem só pelo nascimento e patrocínio; e não poucas vezes são o premio de lisonja, intriga, servilismo, importunidade. Quantas vezes as pessoas á que se prestão externas honras, como as mimosas da fortuna, são geralmente desestimadas, e despreziveis, pela vileza de character, e indignidade reconhecida! Sem duvida he devida a honra ás pessoas de illustre nascimento, e Empregos no Estado: a subordinação da sociedade assim o requer, e cada bom cidadão deve espontaneamente prestalla. Mas, quantas vezes taes pessoas assim condecoradas, e as mais externamente respeitadas, são desprezadas pelos homens em seus corações, e até execradas pelo Publico? A sua elevação só serve para fazer mais conspicua e manifesta a sua incapacidade e infamia. Atrahindo assim mais a attenção dos homens á sua conducta, patenteão em mais viva luz o quão pouco merecem a honra que possuem.

Igualmente a verdadeira honra não provém das esplendidas habilidades e façanhas, que excitão a admiração. Coragem, proeza, gloria militar, conquistas, podem fazer famoso o nome de alguem, sem constituir o seu character honorífico. A sus eminencia pode não conciliar-lhes estima e reverencia interna. A sua gloria pode ter sido manchada com injustiça, rapina, deshumana-

nidade, e outros vícios do seu character, que o fazem odioso, e detestavel.

Finalmente a verdadeira honra tambem não resulta só de transcendente politica, e literatura de Estadistas, e sabios de genio e erudição fóra do commum, se não são intencionalmente empregados os seus talentos em promover o Bem do Genero Humano, e pelo motivo de virtude, em obediencia á Divina vontade. A verdadeira honra só recabe no real merito, e *Bom Character* de taes pessoas, que as fazem dignas da affeição e veneração dos sabios e virtuosos, contemporaneos, e vindouros.

A pessoa credora do tributo da verdadeira honra he quem mostra hum espirito superior ao medo, egoismo, e corrupção do seculo; que só he governado por principios de uniforme rectidão e integridade; que he igual na prosperidade, e na adversidade; que nenhuma peita seduz; nenhum terror assombra; nenhum prazer afemina; nenhuma tribulação abate; que em qualquer situação da vida não se envergonha ou teme de fazer o seu dever com firmeza: que he verdadeiro á Deos que adora; sincero á fé, que professa; cheio de caridade á todos os seus irmãos do Genero Humano; fiel aos amigos, generoso aos inimigos; compassivo aos infelizes; abstemio nos proprios interesses, e prazeres; zeloso da conveniencia e felicidade publica; magnanimo sem ser altivo; humilde sem ser baixo; justo sem ser aspero; singelo nas suas maneiras, mas varonil nos seus sentimentos; em cuja palavra se possa inteiramente confiar; cuja physionomia não engana; cujas profissões de benignidade são effusões do coração; pessoa em fim, que toda a gente, independente de quaesquer vistas de vantagem pessoal, escolheria para superior, confiaria como amigo, e amaria como irmão. — Eis o homem, á quem em nossos corações deveriamos dar honra! ,,

Ainda que a *Verdadeira Honra* consista na *Virtude*, com tudo esse termo he applicado para exprimir qualidade moral, ou civil, distincta da *Virtude*, ou subalterna á mesma.

O Escriptor da *Moral Universal* * define a *Honra*

(*) Barão d'Holbach. Liv. I. Secc. III. cap. II.

verdadeira o direito que adquirimos pela nossa boa conducta á estima dos outros homens. *Honra das pessoas* he não menos a dignidade propria, que a reverencia alheia.

Honra das Coroas he expressão usual na Diplomacia para designar a magestade das Potencias, e a pratica de acções dignas dos Principes, que lhes attrahem a estima e Consideração das Nações. Diz se *Homem de honra*, o que não faz, nem presume-se capaz de fazer, acção que todos os homens bons condemnão, ou censurão, e que lhe faria perder o credito. *Mulher de honra* se diz com especialidade a que he pudica, e observante da fé conjugal.

Entre as que se presumem ou intitulação *gentes de bem*, he recebida a regra, que a *honra vale mais que a vida*, e que nenhuma pessoa que aspira a ter credito, deve jamais *vacillar de sacrificar a vida á honra*.

Porém não só o vulgo, mais ainda as classes superiores, affectão *pondonor*, ou *ponto d'honra*, em cousas de mero capricho, e orgulho.

Montesquieu no seu *Espirito das Leis* Liv IV., Cap. II. e seguintes assim doutrina:

“ O Mundo he a escola do que se chama *Honra*, a qual he a Mestra Universal, que nos deve conduzir em todas as cousas. Alli he que se vê e ouve sempre dizer tres cousas: que se deve pôr nas virtudes huma certa nobreza; nos costumes huma certa franqueza; e nas maneiras huma certa polidez.

“ Sendo os homens nascidos para viver em sociedade, devem considerar-se nascidos para se comprazerem. A pessoa que não observasse as decencias estabelecidas, desagradando á todos com quem vivesse, desacreditar-se-hia á ponto de ser incapaz de fazer algum bem. „

Este Escriptor aqui considera *Honra* a delicadeza em bem conviver e tratar com os nossos semelhantes, evitando o seu desagrado.

Affirma o paradoxo, que só a *Honra*, e não a *Virtude*, he o principio do Governo Monarchico; e de fine a virtude o *amor da patria*, que diz consistir na *renuncia á si proprio*. Diz mais:

“ Na Monarchia não ha cousa que as *Leis*, a *Religião*, a *Honra*, tanto ordenem, como a *obediencia á vontade do Principe*: mas esta *Honra* nos dicta, que o

Príncipe não deve jamais ordenar huma acção que des-honre ao cidadão ; pois que tal ordem nos tornaria incapazes de lhe fazer bom serviço.

“ *Crillon* recusou assassinar ao Duque de Guisa ; mas se offereceo á Henrique III. o bater-se com elle em duello. Tendo Carlos IX. expedido ordem para no dia de S. Bartholomeo os Governadores das Provincias da França effectuarem a matança dos Huguenots , o Visconde de Horta , Commandante de Bayonna, escreveu ao Rei nestes termos : Senhor , entre os habitantes e militares desta Praça não tenho achado senão *bons cidadãos*, mas não achei hum só carrasco : assim elles e eu supplicamos á Vossa Magestade , que empregue os nossos braços em *cousas que se possão fazer*. — Esta grande e generosa coragem considerava a huma vilania como *cousa impossivel*.

Sem duvida os ditos Reis da França nas ordens que derão , não obrarão por dictame nem de Virtude , nem de Honra , nem de Principio da Monarchia ; mas por espirito de despotismo e fanatismo , que nunca forão principios da Constituição Monarchica , e menos nas Monarchias da Christandade , e muito menos das Monarchias Constitucionaes. Os exemplos indicados mostrão , que ainda em seculos escuros da Monarchia Franceza , á pezar do terror desses Despotas , havião na França *bons cidadãos de virtude heroica e de honra acrisolada*. A pezar da tyrannia de alguns Reis da França , não foi sempre o povo Francez hum dos mais distinctos no amor da patria , e na lealdade ao Governo ? Antes da Revolução em Festas Publicas era Geral e Cordial o Grito da Nação = VIVA O REI.

Montesquieu diz mais no Liv. XXIV. Cap. VI.

“ A Religião Christãa he afastada do Despotismo. Sendo a deçura tão recommendada no Evangelho , ella se oppõe á colera despotica , com que o Príncipe quizesse fazer justiça á si proprio , e exercer crueldades. „

“ Mr. *Boyle*, depois de ter insultado todas as religiões , deprime a Religião Christãa. Elle ousa affirmar , que verdadeiros Christãos não formarião hum Estado que possesse subsistir. Porque não ? Serião cidadãos infinitamente *esclarecidos sobre os seus deveres* , e que terião mui grande zelo em sua observancia : elles sentirião

mui bem os *direitos da defensão natural*: quanto mais cressem dever á Religião, tanto *melhor pensarião dever á patria*. Os principios do Christianismo, bem gravados no coração, serão infinitamente mais fortes, que as *falsas honras das Monarchias*, as *virtudes humanas* das republicas, e o temor servil dos Estados despoticos. ,,

No Liv. III. Cap. VI. diz: que “ a *Honra representa a Virtude Politica*, e que ella *pôde inspirar as mais bellas acções*, e junta á força das leis, conduzir ao fim do Governo Monarchico, como a mesma Virtude. Assim nas Monarchias bem reguladas, quasi toda a pessoa será *bom cidadão*, mas raramente se achará *homem de bem*; porque, para ser homem de bem, he preciso ter intenção de o ser, e amar o Estado, menos por amor de si, que por amor do mesmo Estado. ,,

“ A Honra faz mover todas as partes do Corpo Politico; ella as liga pela sua propria acção; e acha-se, que cada qual vai ao Bem-Commum, crendo ir á seus interesses particulares. He verdade, que he huma honra falsa a que conduz todas as partes do Estado; mas esta mesma honra falsa he tão util no publico, como a verdadeira o seria aos particulares, que a podessem ter. Não he muito obrigar os homens a fazer todas as acções arduas que exigem força de espirito, *sem outra recompensa que a fama dessas acções?* ,,

“ Nos Estados Monarchicos, e moderados, o poder do Soberano he limitado pelo principio de Honra, a qual reina como Rainha, tanto sobre o Principe, como sobre o Povo.

No Liv. IV. Cap. II. estabelece como principaes regras da Honra; “ *júmais se fazer caso da fortuna e da vida em caso de conflicto dellas com a Honra*; e, depois de sermos elevados á alguma distincção, não fazer, nem soffrer, que sejamos considerados indignos de tal distincção. ,,

He incontestavel que o principio da Honra he Grande Auxiliar da Virtude, e, depois da Religião, he a mais solida garantia da fidelidade dos cidadãos, e da Probidade dos Monarchas, e da mutua confiança entre os Governos e os governados.

O moderno direito das Gentes, para mitigar os horrores da guerra, e promover a reconciliação e paz,

se tem valido do *principio da honra* *, introduzido o estylo de dar quartel e a liberdade aos inimigos vencidos, ou que requererão capitulação, sob sua *palavra de honra* de não tomarem armas contra o vencedor, considerando se summa deshonra o faltar-se á convenção. Os bons effectos são notorios.

Em Inglaterra os Lords tem o privilegio de não serem obrigados á qualquer juramento requerido pela Lei aos mais cidadãos; na justa confiança publica, de que pessoas de alta nobreza não se deshonrarão jámais faltando á verdade, bastando dar sua *palavra de honra*.

Bem disse *Burke*: “ Quando no espirito dos homens se extinguir o antigo cavalleiro *espirito de lealdade*, que, livrando os Reis do medo, livra tambem os Soberanos e cidadãos das precauções contra a traição e tyrannia, ver-se-ha a longa lista das crueis e sanguinarias maximas, que formão o codigo politico de todo o *Poder*, que não se funda na propria honra, e na honra dos que devem obedecer. „

O nosso Imperador, depois que Declarou a Independencia do Brasil, e Ordenou na Proclamação de 8 de Janeiro de 1823, que todos os naturaes do Novo Imperio que residissem em Portugal se recolhessem á Patria, assim Apellou para a Honra do Povo Brasileiro “ O Vosso Imperador, o Vosso Perpetuo Defensor, o Vosso Amigo, não deve duvidar hum só momento da vossa Honra, e Patriotismo. — Brasileiros Estou certo, que a vossa resolução será o que Dicta a Honra, e o Brio Nacional. Em vós Confio. „

No Decreto de 8 de Maio de 1822, dando providencias para se prehencher o numero sufficiente de Tropas da Brigada da Marinha Brasileira por concurso de

(*) Tal he o poder, ainda da *falsa honra*, que se funda na idéa de primazia, nobreza, e distincção, e dá estima e fama, no juizo dos homens de bem, de não ser capaz de obrar acção indigna, e infame, que até o jogador arrojado, que viola as leis de seu paiz em jogos de hazar, e de grande paradas, no risco de total ruina sua, e da familia, sendo impontual, esquivo, e caloteiro em satisfazer os seus legaes empenhos, paga, dentro de vinte quatro horas, a *perda enorme*, que intitula — *divida de honra*.

voluntarios, Reconhece o quanto importa á Disciplina Militar que essa Brigada seja formada de homens bem educados, e com *principios de honra*.

Na Proclamação aos Brasileiros, quando nesse anno e Governo de Portugal ameaçou nova invasão ao Brasil, assim bem conceitua o Brio de seus Naturaes.

“ O Brasil não abraça se não a honra, unico al-
vo á que atira, e unico distinctivo, que distingue
a seus filhos. — Contai com o Vosso Perpetuo De-
fensor, que ha de, em desempenho de sua *Palavra*
d' Honra, dar a sua vida, para que o Brasil nun-
ca mais torne a ser Colonia e Escravo. „

Tambem, quando a Gratidão e Honra Brasileira O Acclamou Imperador do Brasil, Elle pelo Decreto do 1.º de Dezembro Creou hum Corpo Militar com o Titulo de — Guarda de Honra da Imperial Pessoa.

Finalmente, quando Facciosos Anarchistas proclamaram em Pernambuco a Confederação do Equador, o mesmo Imperador, Magnanimo e Impavido, na *Proclamação ao Exercito*, assim exalta o Valor Militar “ A Honra Nacional e a Minha se achão offendidas. „ O resultado foi prompta Victoria, e Aniquilação da Anarchia.

CAPITULO. XVIII.

Causa da Justiça e Humanidade.

Deos de hum só fez todo o Genero Humano — assignando a ordem dos tempos, e os limites de sua habitação. Act. Apost. cap. XVII. vers. 26.

Convencido, que a Constituição Moral presuppõe a homogeneidade da Especie Humana, e que não pôde haver Melhoramento, e menos complemento dos Bons Costumes, sem a praticavel reforma de Leis relativas ao commercio de sangue Humano, terrivel resto do extincto Systema Colonial, não posso concluir a emprehendida tarefa sem aqui deixar (permitta-se me dizer,) o meu *Testamento Philanthropico*.

A Honra do Brasil se acha desluzida e compro-

mettida nos Periodicos de Inglaterra, e Relatorios da *Sociedade Africana* de Londres, por se terem no Imperio do Cruzeiro continuado os horrores do Trafico de Escravatura, contra a Fé dos Tratados, e Honestidade Publica. A cubiça dos contrabandistas, e infractores dos Regulamentos, tem motivado as ignominiosas capituladas. Porém o que mais deshonra, he que em cartas insertas no *Diario Fluminense* do corrente anno, se tenha pertendido hallucinar os espiritos, procrastinando para a indefinida epocha das Kalendas Gregas a final Abolição do Horrido Trafico, quando a Humanidade está clamando por Herculeo Golpe ao pavoroso Dragão.

Até as Potencias da Santa Alliança já fizeram em Declaração Diplomatica o Manifesto do seu Juizo sobre essa *Culpa Social*; e já, em parte, mostrarão attender ao voto do insigne Politico da Europa o Presidente de Montesquieu, que no seu classico livro do — *Espirito das Leis* — Primeiro advogou a *Causa Liberal* á bem dos Africanos, assim dizendo no Liv. XV. Cap. V., ainda que com ironia, pelo receio de ser — *voz clamante em deserto*. —

“ Os povos da Europa, depois de exterminarem os
 „ da America; tem devido reduzir á escravidão os de
 „ Africa, a fim de servirem-se delles para a cultura de
 „ tão extensas terras. — Suppondo-se que os Negros são
 „ homens, começar-se-hia a crer que não somos chris-
 „ tãos. — Os Principes da Europa, que tem feito tantas
 „ Convenções inuteis, não farão huma *Convenção Ge-
 „ ral* em favor da misericordia e da piedade? „

Já deo contas á Deos o Bispo de Pernambuco (por desdita Brasileiro) que neste seculo, ostentando-se Antagonista de tantos insignes Literatos e Estadistas Benemeritos da Humanidade, se erigio em Apologista do Trafico negregado, animando-se a publicar huma obra, em que o justifica, com o systema de cativoiro, por necessario e conveniente ao Brasil, sem previsão das consequencias, como se tivesse em vista concentrar a Ethiopia na Terra da Santa Cruz, onde no seu descobrimento só se acharão homens brancos e de cor.

Em 1818 dei á luz huma *Memoria dos Beneficios Politicos* de Sua Magestade Fidellissima, ElRei D. João VI., enumerando entre elles a Sua Convenção,

com Sua Magestade Britanica ElRei Jorge III., em que se comprometterão a cooperar para a *Causa da Justiça e Humanidade*, a fim da gradual Abolição do Mal de tres seculos. Alli mostrei assaz o Interesse Nacional, que regularia desse Expediente.

Mas, como tem sido notorias as reclamações do Governo Inglez contra recrescentes abusos dos Armadores, e não falta quem ostente pertinacia, escudando-se com a authoridade do dito Prelado, he dever moral addir ponderações sobre tal obra.

Limitar-me-hei a refutar a triste Homilia quanto aos exemplos que elle allega da Escripura Sagrada. Para provar que o Trafico e o cativoeiro são de immemorial origem, cita o miserando caso do moço *José*, filho do Patriarcha *Jacob*, que foi vendido por seus Irmãos aos Traficantes Madianitas, os quaes o forão revender no Egypto. Cita tambem o caso de *Mardocheo*, quando *Assuero* Rei da Persia deo, por conselho de seu ímpio valido *Aman*, o fatal Decreto de exterminação dos Israelitas, e estes supplicarão, por mercê, a escravidão, como menor mal que a morte. Tambem se funda na Permissão Pontificia do Trafico, como o unico meio de trazer o gentio d' Africa ao Gremio da Religião n' America.

A antiguidade dos costumes barbaros só prova a original corrupção da Especie Humana. Ainda mais antigo he o fraticidio de Caim á Abel. Pode-se com tal aresto justificar fraticidas? Tem sido notado por Philosophos, que a arte de destruir cidades, e cativar os prisioneiros de guerra, he quasi coeva á constituição dos Estados. Prova isso a justiça dos Destruidores da Terra, e dos oppressores da Humanidade, e ainda menos a necessidade e conveniencia das guerras e tyrannias nos paizes onde se continuão por antiquissimo estilo? O direito consuetudinario só he allegavel no que não repugna aos *Sentimentos da Natureza*, que não se exterminão com erroneas policias, e mortíferas ameaças. * Brados da Humanidade não se suffocão nas Feiras de Escravatura. †

(*) *Naturam expellat furcá, tamen usque recurret. Hor.*

(†) Na Obra Ingleza — *Diario de Viagem ao Brasil* de

Sem duvida o nosso Governo, que bem aprecia os sentimentos da Humanidade, não pode emendar abusos inveterados sem prudencial cautela. Mas ficar *Estacionario*, quando todos os Governos d' America tem abtido o Inimigo da Civilisação, he impolitico, he improprio.

Reconheço que a maior difficuldade está na falta do mais extensos conhecimentos do povo para mudança de opinião sobre o presente assumpto. Não permita Deos que as luzes das Potencias que se tem declarado contra o mortifero Trafico, e o sagrado fogo da Humanidade, se apaguem sob o Hemispherio das Brillhantes Constellações d' America Meridional. Bem diz o acima citado Montesquieu no seu — *Espirito das Leis* — Liv. XV. Cap. III.

“ Os conhecimentos fazem os homens doces; a razão os inclina á humanidade; só os prejuizos fazem renunciar á ella. ”

Só quem for inteiramente ignorante da Biblia, poderá recusar o testemunho da propria consciencia no caso de que se trata.

Quem ignora que Deos salvou ao innocente joven José sendo revendido no Egypto; e que, depois de ser Liberto, até o elevava á Dignidade de ser o Segundo ao Soberano; a final dizendo elle aos prostrados Irmãos — *Vós cogitastes de mim o Mal, mas Deos o converteo em Bem.* (Genesis Cap. L. vers 20.)

Quem ignora, que, cahindo em duro cativo os descendentes da familia do Patriarcha Jacob, Deos suscitara hum Libertador em Moises, mandando-lhe que os fizesse sair, em corpo de povo, da *Casa da Escravidão*, dizendo — *Vi a sua afflicção, e Ouvi o seu clamor.* (Exodo Cap. III.;) E depois, entre as Leis da Theocracia, estabeleceo — quem furtar homem, e o vender, sendo convencido, terá pena de morte. (Exodo Cap. XXI. vers. 16.)

Maria Graham, vê se no Frontispicio a horrida (mas veridica) Estampa do Mercado de Negros no *Valongo*, no Rio de Janeiro; e na pag. 117 outro igual á porta de huma Igreja em Pernambuco.

Quem ignora, que Deos castigara a deshumanidade e calúnia de *Aman*, derribando-o n'hum instante do alto do seu valimento, perdendo esse impio a vida em altíssima Força, como circunstanciadamente se refere no Livro de Esther? O Historiador agiographo, para Instrucção á *Posteridade*, transcreveo ahí a Satisfação, que o Monarcha deo ás *Provincias do Imperio*.

Assim se lê no cap. XVI. "Muitos, abusando da bondade dos Principes, e da honra que lhes he conferida, para opprimirem os povos; não se contentando com *violar os direitos da humanidade*, chegam á demencia de presumirem, que podem escapar da sentença de Deos, que tudo vê, calumniando os servidores do Estado dignos de honra, porfiando com suggestões enganar aos candidos Soberanos, que julgão os mais homens por si, não lhes suppondo sinistras intenções; o que he constante das historias. &c.,"

Prescindo do resto da infeliz Memoria, que seria ignominia da Literatura controverter; sendo de triste experiencia, que o nefando Tráfico impossibilita o gradual preparatorio de mitigação do systema do cativoiro.

Ainda que o assumpto esteja exaurido pelos oradores do Parlamento Britannico, á que se tem dado com razão o Titulo da *Tribuna da Europa*, com tudo farei as seguintes reflexões.

O Propheta Rei no Psalmo LXXI. Vers. 9, vaticinou, que tambem *os Ethiopes adorarião a Deos*. Começou-se a realisar a prophacia mais ostensivamente, depois que de Portugal em 1450 se expedio huma Missão ao Principe da Abyssinia, de que resultarão optimos effeitos.

Montesquieu no *Espirito das Leis* — Liv. XXIV. Cap. III. attribue ao Christianismo, que se introduzio na Ethiopia, o não se estabelecer ahí o despotismo, não obstante a vastidão do Imperio.

Gibbon na *Historia da Decadencia do Imperio Romano* Cap. XLVII., refere, que o Principe negro da Abyssinia mandou solicitar por seus Embaixadores á Roma e Lisboa huma *Colonia de Artistas, Cirurgiões, e Medicos*, ambicionando a importação das industrias e artes da Europa: cujos bens os Jesuitas estragarão por sua ambição, occasionando o relapso do povo e governo no antigo barbarismo.

O mesmo *Gibbon* no cap. XLII. refere, que o Impe ador Justiniano foi arguido pela sua aliança com os Ethiopios, como se tentasse introduzir hum povo selvagem de negros no systema da Sociedade civilisada.

Aquelle Escriptor já no cap. XXV. havia feito o seguinte juizo. “ A inacção dos negros d’ Africa não parece ser o effeito de sua virtude, ou de sua pussillanidade. Elles satisfazem, como os mais homens, as suas paixões, e os seus appetites, e as tribas circunvizinhas se empenhão em frequentes actos de hostilidade. Porém a sua rude ignorancia não tem jamais inventado alguns efficazes instrumentos de defeza, ou de destruição: elles parecem incapazes de algum extenso plano de governo, ou de conquista; e a manifesta inferioridade de suas faculdades mentaes tem sido descoberta e abusada pelas Nações da Zona temperada. Secenta mil negros são annualmente embarcados da Costa de Guiné para não mais voltarem á seu paiz natal; mas são embarcados em grilhões: e esta constante emigração, que no espaço de dous seculos teria formado exercitos para se invadir o Globo, accusa a culpa da Europa, e a fraqueza d’ Africa. ”

Sem duvida era decisiva a superioridade, em intelligencia e força, dos Europeos no descobrimento d’ Africa occidental: mas só a mostrarão no abuso de sua civilização, manifestando á Sociedade, que unicamente sabião *destruir*, mas não *instruir*, os povos incultos; e que nêo attenderão á propria honra, a qual reclamava, que estab lecessem Colonias em o Novo Mundo com a população suprenumeraria de seus descobridores, e e não com gente inerte, repugnante ao trabalho regular, cheia de vicios do paganismo, e sendo até composta de malvados, e cannibaes. Era não menos evidente a impiedade de arrancar com violencias, vilanias, e toda a sorte de más artes notorias, tantos milhares de barbaros, deslocando os de sua patria; havendo necessariamente de serem muitos innocentes victimas da tyrannia de seus Principes, centuplicada com a promoção do nefando trafico de escravatura. E como não virão os Europeos nisso a mais enorme violação da Ordem Cosmologica, tendo o Regedor do Universo separado os Continentes Africano e Americano por quasi ou mais de mil legoas?

Como no horizonte politico não divisarão o perigo da extincção da progenie puritana, necessario effeito de progressiva accumulacão de carvões ardentes, quaes depois se afoguearão na Rainha das Antilhas?

Os Defensores do Trafico dão para a sua *Continuação* as, quasi identicas, razões, (costume immemorial e interesse do Governo e Povo) que os Barbarescos das intituladas *Regencias* e *Republicas* d' Argel e Tripoli, tem até agora dado para a continuacão da sua *pirataria* contra os Europeos. *Por incognitos Juizos de Deos*, tem por seculos durado essa *pirataria*, como *retaliação*, sem que o Grão Poder de suas Magestades Apostolica, Christianíssima, Catholica, e Fidellíssima, Separadas ou Confederadas, tenham podido effectuar a Abolição desse Mal.

Tenda-se começado a fundar o Imperio do Brasil em Bases de hum Systema Liberal, seria desairoso, que nelle prevalecesse sobre o Trafico de Escravatura modo de pensar menos humano e equitativo, do que ora predomina na Terra Matriarcha da Liberdade e Independencia do Continente Americano, que Primeira se emancipou da Servidão, Despotismo, e Monopolio da respectiva Metropole, a qual, sobre outros males, lhe introduzio o Cancro do Barbarismo dos Africanos.

He tempo de despertar do lethargo, não se correndo á olhos cegos ao invisivel, mas certo, precipicio, e não se preparando desde já a reforma dos costumes com o legal Corte do Trafico, e Pio Indulto de Resgate, effectivo, e não illusorio, dos que ainda estão em condição servil. A Policia, com as cautellas necessarias para a occupação dos braços livres, e geral subordinação, bem pode prevenir as desordens que se notão nos fôrros, que, accustomedos a viver da sustentação e protecção dos senhores, depois se achão em desabrigo, e sem meios de industria util.

Não he de admirar, que ainda os espiritos estejam tão erradios da verdade, e hajão pessoas tão desentendidas dos seus genuinos interesses sobre taes objectos, quando, até nos Estados Unidos d' America do Norte, a força dos habitos e prejuizos ainda não se eliminou completamente dos Lares Patrios, como se manifesta do seguinte monumento, que se acha na Obra de Econo-

nia Política do egregio Escripior daquelle Paiz, *Daniel Raymond*, publicada em *Baltimore* no anno de 1823. Assim diz no tom. II. Cap. 13. — *Influencia da Escravidão na Riqueza Nacional.*

“ Ainda ha poucos annos, homens que se chamavão *Christãos*, tiveram a audacia de defenderem o Trafico de Escravatura, não só no Parlamento de Inglaterra, mas tambem no Congresso Americano: e os Annaes do nosso paiz resguardão a Ementa do facto ignominioso, que dous Estados Americanos recusarão entrar na União Federativa, sem se lhes dar o privilegio de continuarem esse Trafico por vinte annos. Porém nestes vinte annos tal revolução se fez na Opinião Pnblica, que presentemente a pessoa que ousasse justificar o Trafico, seria olhado como hum *Monstro de depravação.* „

“ Tem-se porfiado em persuadir ao povo, que he peccado forrar os escravos, e que os senhores que lhes dão a liberdade, não só causão damno aos mesmos escravos, mas tambem ao paiz. — Quando os Apostolos da Escravidão pregão a *divina origem* da mesma, e tem a ousadia de citar em prova a Sagrada Escripura no Pentateucho, e até *as puras e santas doutrinas do nosso Salvador e de seus Apostolos*, como authorisados que justificão a escravidão, não advertem no mal que fazem á Patria e á Pasteridade, impedindo multiplicarem-se taes actos de justiça aos servos opprimidos.

“ Quem crê no governo moral de Deos neste mundo, e que elle tem estabelecido certas naturaes leis da justiça, que não permite serem violadas com impunidade, pode facilmente discernir o *Braço Vingador*, que faz recahir sobre o oppressor os muitos males resultantes do Systema de captiveiro; e *convem á hum povo christão purificar-se de tal abominação.*

“ Quem crê no moral Governo de Deos no mundo, facilmente perceberá os signaes de seu alto desagrado contra o captiveiro, na diminuida população que elle causa; na comparativa inferioridade de producção de terra em consequencia de sua imperfeita cultura; — nos habitos de preguiça, ociosidade, e consequente moral degradação, que sempre caracteriza á huma porção dos habitantes dos paizes de escravos. He facto constante

que nós Estados da Confederação em que não ha escravos, ou mui poucos, não obstante serem menos férteis, e extensos, a riqueza e moralidade he superior, e a população dobrada. ,,

“ A geração actual não he responsavel pelos males da escravidão de que não foi causa ; pois essa iniquidade e praga foi obra e agencia dos Introductores originarios : porém he responsavel , se desattende, e se oppõe , aos meios praticaveis de mitigação dos mesmos males , e ainda mais se aconselha e promove a sua perpetuidade. ,,

“ Felizmente he quasi geralmente reconhecida a enormidade do mal politico e moral do Trafico de Negros d' Africa , e do systema de captiveiro perpetuo : os que ainda opinão em seu favor , temendo o Juizo Publico , são cunctosos em manifestar os seus sentimentos. ,,

“ Os Regedores das Nações não devem ter a mesma *carra-vista* das causas e consequencias politicas , como os particulares , que só considerão os seus interesses presentes. Elles são elevados á Estância superior: e de sua alta esphera podem bem ver os *mal entendidos* interesses egoisticos dos individuos , olhando ao futuro , e não atraçoando a confiança da Nação , cujo vgrdadeiro interesse he o Permanente Bem Commum. ,,

“ No desempenho desta confiança he que se constituem os vice-gerantes de Deos na Terra. Como Deos governa o mundo por leis de eterna justiça e sabedoria , exercendo a sua providencia tanto no prezente como no futuro , os Regedores das Nações devião assim proceder. Até *conforme as mesmas leis do interesse particular* , a *distancia* dos interesses das gerações futuras se deve contrabalançar pela *grandiza dos mesmos interesses*. ,,

“ He do dever dos Legisladores considerar a Nação como immortal , e fazer Leis para ella , como se devesse existir para sempre : mas , por desgracia , a maior parte dos Legi-ladores pensão , que a Nação he de tão curta vida como a sua ; e , em lugar de olharem prospectivamente as vindouras gerações , e os futuros seculos , só parecem ter em vista a geração actual , e até os transitorios interesses de certas classes da Comunidade , e não os perpetuos interesses da Nação. ,,

“ Se os Governos que authorisarão o Trafico de negros d’Africa previssem as suas horribéis consequências, deverião tello, quanto antes, abolido, e a sua memoria seria abençoada pela Humanidade. Mas, ao contrario, se mostrarão complices dos mais atrozes crimes contra Deos, e contra os homens. ,,

Não ha pessoa cordata, que hoje não reconheça a grandeza do mal politico da incessante importação de cafraria no Brasil; e não se horrorize dos rigores, que commettem os mãos senhores contra os escravos, que estão inteiramente sem patrocínio das leis, vendo-se, até na capital do Imperio, o barbaro espectáculo de impudico abuso de authoridade domestica, quasi sendo cada casa hum cadêa e patibulo, onde se praticão flagellações e torturas, com insulto á religião e humanidade dos cidadãos honestos; até havendo desalmados, que defendem como necessarias as tyrannias dos despotas, que dizem, tendo *Nações nas familias*, só se podem reger servos com *reino de terror* *. Com tal systema he impossivel, não só progresso de moralidade, mas até de civilisação. Por isso he entre nós mui notada a violencia de character, e a falta de urbanidade, e de maneiras polidas, por habituados os individuos á actos de insolencia, crueza e contrastes de soberba e servilidade.

Cousa espantosa! Quando o Governo Britannico e o dos Estados Unidos d’America do Norte (bons Juizes em causa propria) tem reconhecido a *Culpa Nacional*, e o mal e perigo, physico e politico, da continuação do Trafico de Escravidura, e procurado com Tratados e Regulamentos promover a Civilisação d’Africa e preparar á melhora de condição, e circumspecta Emancipação dos servos em o Novo Mundo; a fim de remover de si a *Praga* do Delicto de seus Predecessores; hum Projectista de Novo Codigo para o Imperio do Brasil, que tomou o modesto nome de *Epaminondas Americano*, em hum Opusculo impresso no Mara-

(*) Essa era a infernal regra dos Romanos, destruidores de homens. Por isso em fim cahio o seu Imperio.

— Postquam nalesones in familiis habemus, collivium illam non nisi metu coercueris — Tacitus.

não no corrente anno de 1825, ostenta a sua Jurisprudencia com especialidade nos Titulos XXIII. e XXIV. — *Do Commercio de Escravos — Dos Escravos e Alforrias*, em que se oppõe á Opinião Publica dos mais sabios Governos, e das mais illustradas Nações; affirmando denodadamente na pag. 193, que, sem haver escravos, não pode haver no Brasil riqueza propria, e commercio duravel. Não admite obrigação de alforria senão no caso de *sevicias provadas* (o que na pratica sempre foi illusorio). Propõe para a Policia do Captiveiro hum *Codigo Negro* ainda mais crú, que o do Governo Francez antes da Revolução, e que alias muito contribuiu para a horrida scena do *Haity*.

Seria contaminação a refutação de tal Projecto. Baste indicar aos Leitores, que o Author poz por bases do seu systema as duas terribéis Proposições — “Com boas leis, e a sua vigorosa execução, todas as formas de governo são boas”, — Eis o indifferentista de Constituições, que iguala *cousas desiguaes*, e que lança na mesma linha de conta os mais contradictorios Governos, Despotico, Democratico, Ochlocratico, *Monarchico* ou *Mixto*, qual a do Constituição do Imperio do Brasil: elle suppõe o absurdo de poderem haver *boas leis*, e (o que he mais caprichoso) a *recta observancia dellas*, em Estado, em que, ou o Tyranno ou o Povo atarabilario faz e desfaz os Codigos e Regulamentos, só pela omnipotencia de sua vontade.

“Vale muito prevenir os crimes; mas muito melhor he saber punilos.”, Eis a *mão de ferro* alçada com o Alfange do Crescente Ottomano. Como se podem prevenir crimes em Estado onde prevalece a Lei do captiveiro, e onde por isso mesmo boa educação geral he impossivel, sendo as paixões mais vis e violentas predominantes pelo *systema da força*. Siinto dizer a dureza do coração do Author o faz figurar, como *Draco* resuscitado, só proprio para Legislador na costa d’Africa confirmando o systema de Escravatura no Imperio de Monotapa.

Muito havia que dizer em tão vasta materia. Mas não posso preterir aqui a Exemplar Legislação do Libertador dos Indios do Brasil, e dos servos de Portugal, ElRei D. José de gloriosa memoria, que, no Al-

vará de 16 de Janeiro de 1773, immortalisou o seu Nome com a seguinte Determinação, “ Os servos, cuja escravidão vier de Visavós, fiquem livres e desembarcados, posto que as Mães e Avós tenham vivido em captivo — “ Os que nascerem do dia da publicação desta Lei em diante, nascão por beneficio desta inteiramente livres, posto que as Mães e Avós hajão sido escravas — “ Todos os sobreditos, por effeito da Minha Paternal e Pia Providencia libertados, fiquem habeis para todos os Officios. Honras, e Dignidades sem a Nota distinctiva de *Libertos*, que a superstição dos Romanos estabeleceo nos seus costumes, e que a UNIAO CHRISTAA, e a Sociedade civil, *faz hoje intoleravel* no meu Reino, como o tem sido em todos os outros da Europa. „

A TERRA DA SANTA CRUZ reclama analogia Pia Providencia; e que se realize o Vaticinio do Cantor Lusitano :

Dar-se-hão na Terra Leis melhores.

Entretanto que não chega á Epocha da suspirada Melhora da Perfeita Igualdade dos Direitos, cuja Base já se achia na Constituição do Imperio, que communicou aos *Libertos* nascidos no Brasil, sem distincção dos *Ingenuos*, os Direitos de Cidadão, só concluirei lembrando a todos os máos ou negligentes Senhores a Sentença do Apostolo das Gentes — *Quem não cuida dos seus domesticos, negou a fé, e he peor que o infiel*, (S. Paul. I. Epist. a Timot. cap. V. vers. 8.)

Os Defensores do Trafico pretextão a falta de braços, livres * ; a vantagem do Thesouro, pela paga dos Direitos da importada Escravatura ; a melhora dos Africanos, pela libertação da tyrannia dos respectivos Governos, e

(*) Assim bradavão os lavradores das colonias Inglezas quando o Parlamento deliberava sobre a Abolição do Trafico : Mas o Governo obrou como Ulysses tapando os ouvidos. Dizião os Negreiros : Eis — *Crise das Colonias* —, pretextando falta de braços, quando gritavão ser baixo o preço dos Generos Coloniaes, evidente *signal dos tempos* de não haver *alta* demanda de productos, que reclamasse mais augmento do trabalho :

pelos beneficios, que á elles, e á seus oriundos, resultão da religião, e á muitos da alforria.

O Trafico tem sido a principal Causa da falta de braços livres; porque tem impedido formar-se *Corpo de Nação*, composto de classes de trabalhadores voluntarios nos principaes ramos da Geral Industria, estando estes preocupados por escravos; e tambem porque o Governo nunca adoptou a justa *Lei das Indias* das Colonias de Hespanha, que facilitou a *gradual Emancipação da gente servil*, facultando aos servos o Indulto de poderem obrigar aos senhores a manumittillos, logo que lhes offerecessem o seu valor á *arbitrio de bom varão*. A falta de igual lei tem sido causa de desesperações e desastinos dos escravos, e de mingoa de numero de libertos, que poderião servir por estipendio.

O Trafico he tão mortifero, que, só no transporte maritimo, todos os annos morrem, de horridas mortes, milhares de negros, sendo muitos delles *suicidas*; bem se podendo dizer, que as Embarcações Negreiras são Tumbas ondeantes, e Arcas de Catões e Brutos.

Tambem milhares de escravos e livres, com especialidade crianças, brancas, e de côr, annual e prematuramente, morrem de pestilencias introduzidas pelo Trafico. Muitos outros milhares, particularmente no campo, definhão e fenecem, sem jamais se aclimatarem, e isto á força de fome, crueza, e pessimo trato, vivendo alias na *Terra da Abundancia*, em que o Creador reunio os cereaes do Mundo; ali vendo-se milhares de mirrados esquelêtos, e sepulchros ambulantes; não podendo os viajantes ter as illusões da poesia sobre a innocencia e amenidade das scenas ruraes.

Que miseravel he o Systema de Finanças, que tem por base tão mortal policia, que desfaz o seu proposito? Que tão estupificante he a Policia do captiveiro, que tira o entendimento á grande (se não á maior parte) dos Senhores rusticos, que imaginão poder tirar grandes serviços dos escravos, tirando-lhes as forças physicas, dando-lhes máo, pouco, ou nenhum alimento, e confortos da vida!

Parece que a Providencia reservara Grande Honra para lavar a Deshonra dos soffredores do infame Trafico, e desafrontar a Humanidade, ao Governo Britan-

nico, que Primeiro em seu Corpo Legislativo discutio a Questão da Justiça, e que, desta convencido, á despeito dos clamores dos Traficantes Negreiros, e Lavradores de suas Colonias, vio bem com Telescopio Politico as futuras catastrophes, que resultarião da perpetuidade da Injustica, e persiste no Glorioso Projecto de Abolir por Todo o Mundo tal Immoralidade, e Ignominia do Nome Christão.

O Dia em que as Potencias da Christandade firmarem o Tratado da Universal Abolição do Trafico de Escravatura Africana, e Declararem, como Lei de Conventional Direito das Gentes, Pirataria a Violação desse Tratado, será (no meu humilde entender e voto) hum *Dia de Jubilão* da Humanidade, que, por si só, virtualmente dobrará a saude, robustez, e vida dos miseros negros, e de côr: será (se he licito dizer) Novo Dia de *Ressurreição Civil* * dos naturaes d' Africa, e de seus oriandos n' America, e fóra della, e preparará melhor futura progeñie dos mesmos.

Os Potentados Africanos, desenganados de não poderem tirar partido das guerras, para venda de escravos aos Europeos, despertando-se nelles o natural *espírito de imitação*, pelo bom exemplo dos que já sob a influencia do Governo Inglez se estão adiantando nas arts da civilisação, reconhecerão as vantagens de novo modo de regimem.

Os Senhores d' America, que até agora não achavão interesse em cazar os seus servos, ou os descavão com tanta arbitrariedade e iniquidade, com injuria não menos da Humanidade, que da Religião, verão com intuitiva evidencia a necessidade de bem tratar os seus escravos pretos, ou de côr, e serem vigilantes em promover seus cazamentos, criação, e educação, para conservarem os seus patrimonios com doce regimem patriarchal.

Sobre este assumpto offereço as seguintes reflexões

(*) Em Lingua Commercial se chama *Ressurreição Civil a Vida Mercantil* do Negociante Fallido, que ou por Concordata de Creditores, ou por Sentença Judicial, foi restaurado em credito da Praça.

de *Henrique Storch*, *Conselheiro de Estado* do Imperador Alexandre, Autocrator de todas as Russias, que tem gradualmente promovido á este respeito saudaveis reformas no seu vastissimo Imperio, onde ainda ha *servidão domestica, da gleba, e censitaria*, resto do systema de cativoiro de antigos povos salvagens, nomades, barbaros, e conquistadores. Aquelle illustre sabio, no seu excellente Curso de Economia Politica, dado á luz em S. Petresburgo neste seculo, por ordem e á custa do dito Soberano, e que he a colleção das *Lições*, que sobre essa sciencia o mesmo Conselheiro deo aos Principes Imperiaes, como seu Preceptor; depois de mostrar as decisivas vantagens do trabalho dos livres sobre o trabalho dos escravos, e as acertadas experiencias, que sobre a differença fizerão o Principe Chancellor do Imperio, e outros Grandes Senhores nas respectivas terras, com progressivo augmento de suas rendas, e melhora-mento physico e moral dos numerosos servos que possu-íam; assim conclue no Liv. VIII. Cap. VII:

“ A’ medida que se torna mais difficil procurar escravos pela guerra, e commercio, os senhores são obrigados a tratar melhor aos escravos que possuem, e a animar a sua multiplicação, favorecendo os seus casamentos. Então a sua sorte se adoça insensivelmente: os crioulos nascidos na mesma caza, accostumados desde a infancia ao seu estado, são menos insubordinados, e tambem os senhores tem menos precisão de usar de rigor para os reprimirem. Pouco á pouco a terra que cultivão, vem a ser a sua patria. Ellas não tem outra lingua, e outra religião mais que a de seus senhores. Em consequencia se estabelece o habito de familia, e com elle a confiança e a humanidade da parte do Senhor &c. ,

RESGATE do Barbarismo para o Christianismo foi o Titulo originario, justificativo, ou palliativo, da tolerancia do Trafico, á que os naturaes sentimentos repugnão. Tal he o *Nome*, que ainda agora se lhe dá nas Expedições para a Africa. Sem duvida, muitos Africanos, e seus oriundos, tem recebido por esse meio o beneficio da Religião, e da Liberdade. Mas, occasionando tanta malfetoria, miseria, e mortandade; como podé ser compativel com o espirito da *Lei da Graça*, perpetuar males certos, para que venhão bens incertos?!

A *Iniquidade mentio á si mesma*: mas a *Consciencia* dicia que se desempenhe a verdade do *Titulo imprescriptivel* do Resgate; e que, em consequencia, se considere a *authoridade senhoreal*, não pelo rigor do *direito do dominio*, mas sim pela regra do *direito do senhor*.

Portanto a Causa da Justiça e da Humanidade reclama, que o servo fiel seja protegido eficazmente pela Magistratura, não só contra a sevicia do Senhor, adoptando-se, com melhoramento, as Leis imperiaes de Antonino Pio, e de outros mais distinctos Imperadores Romanos *; mas tambem, que em todo o caso, que qualquer servo offerte ao *Juiz de paz* indemnisação equitativa, a Lei lhe assista para compellir o Senhor a dar-lhe a alforria, quer a offerecida indemnisação proceda de *peculio* da licita industria propria, quer de donativo alheio.

Na Ordenação do Reino Livro III. Tit. 65 se determina, que, em falta de Legislação Patria, os Juizes julguem pelas *Leis Imperiaes*, que se achão nas *Pandectas* do Imperio Romano, pela *boa razão* em que se fundem. Esta *boa razão* se acha nas Leis de seus melhores Imperadores em favor dos escravos realmente opprimidos, para a sua obrigatoria alforria, ou venda com *boas condições*: mas o Fôro Portuguez nunca teve em regra taes Leis. O Governo Inglez proximamente adoptou o *espírito de taes Leis* para as suas colonias; e entre os doze capitulos do Novo Regulamento, hum he não haver castigo de flagellação para as negras, e não se poderem vender sem os seus filhos.

Por este expediente, e animando-se a vinda de industriosos Europeos, he natural, que se extenda a fidelidade e activa industria dos servos, e cresça com rapidez o numero dos braços livres. Só assim he que se pode esperar que desapareça o mortificante espectaculo de tão enorme inferioridade e desproporção da *gente puritana*, que estreita o circulo dos casamentos con-

(*) Dir-se-hão Christãos, e *Santificadores do sabbado*, os que dão só o *Sabbado* livre, sem mais nada, ao escravo para adquirir o seu sustento?

vinhaveis , e estende as desigualdades das condições, e as antipathias das côres †, que assoberbão as classes superiores, e irritão as subalternas, impossibilitando homogeneidade de GRANDE FAMILIA, com Unanime Espirito Patriotico.

(†) Côres são effeitos da reflectida, ou absorvida, luz do sol nos corpos, conforme as latitudes, superficies, e outras circumstancias locaes: he iniquo vilipendiar alguém só pela côr.

A natureza espalhou com profusa mão o *variegado* nos tres reinos da criação. A preeminencia dada á côr branca na Especie humana, não pode excluir, nem desappreciar as outras variedades ainda nessa mesma côr. Deos criou tambem *diamantes negros*, e ainda não se deo preferencia á prata, e platina branquissima sobre o ouro de côr loura. A boa Educação he a que dá valor politico aos povos. A Igreja Catholica a todos accolhe em seu gremio, como ordenou o seu Divino Fundador, que não tem *accepção de pessoas*. Ella dá o exemplo da *Igualdade Moral* do Genero Humano, pondo os christãos de todas as côres na *Mesa da Communhão*, como reconciliados *filhos de Deos*.

I N D I C E

Do Apendice a Constituição Moral.

<i>CAP. I. Moral Mundana.</i>	2
<i>CAP. II. Da Moral Christãa.</i>	19
<i>CAP. III. Necessidade da Religião, e Excellencia da Moral Christãa.</i>	21
<i>CAP. IV. Das Evidencias da Divina Revelação Evangelica.</i>	
<i>CAP. V. Observações sobre a Doutrina do Evangelho.</i>	28
<i>CAP. VI. Refutação de Objecções.</i>	30
<i>CAP. VII. Deveres Christãos.</i>	34
<i>CAP. VIII. Progresso da Religião Ca- tholica n'America.</i>	41
<i>CAP. IX. Reflexões sobre o Exposto.</i>	45
<i>CAP. X. Da Influencia da Religião Catho- lica na Civilisação de Povos Barbaros.</i>	48
<i>CAP. XI. Dos Pretextos dos infieis para a incredulidade na Religião Revelada.</i>	50
<i>CAP. XII. Repulsa das Invectivas con- tra a Religião Catholica.</i>	51
<i>CAP. XIII. Doutrina do Santo Padre Cle- mente XIV. condemnando a Intolerancia e Perseguição por Dissidencia de Seitas.</i>	60
<i>CAP. XIV. Juizos Imparciaes de Es- criptores Protestantes sobre a Religião Catholica.</i>	68
<i>CAP. XV. Dos Estabelecimentos de Ca- ridade.</i>	73
<i>CAP. XVI. Exemplos de Caridade, Cen- tra Honrrida Deshumanidade.</i>	76
<i>CAP. XVII. Do Preceito da Honra.</i>	78
<i>CAP. XVIII. Causa da Justiça e Hu- manidade.</i>	85

I N D E X

1	Cap. I. Das Principes da Grammatica
13	Cap. II. Das Alphabet
21	Cap. III. Das Verbum
27	Cap. IV. Das Substantivum
33	Cap. V. Das Adjectivum
39	Cap. VI. Das Pronomen
45	Cap. VII. Das Particivium
51	Cap. VIII. Das Infinitivum
57	Cap. IX. Das Imperativum
63	Cap. X. Das Interjectionum
69	Cap. XI. Das Verbum in der Declination
75	Cap. XII. Das Verbum in der Conjugation
81	Cap. XIII. Das Substantivum in der Declination
87	Cap. XIV. Das Adjectivum in der Declination
93	Cap. XV. Das Pronomen in der Declination
99	Cap. XVI. Das Particivium in der Declination
105	Cap. XVII. Das Infinitivum in der Declination
111	Cap. XVIII. Das Imperativum in der Declination
117	Cap. XIX. Das Interjectionum in der Declination
123	Cap. XX. Das Verbum in der Declination
129	Cap. XXI. Das Substantivum in der Declination
135	Cap. XXII. Das Adjectivum in der Declination
141	Cap. XXIII. Das Pronomen in der Declination
147	Cap. XXIV. Das Particivium in der Declination
153	Cap. XXV. Das Infinitivum in der Declination
159	Cap. XXVI. Das Imperativum in der Declination
165	Cap. XXVII. Das Interjectionum in der Declination
171	Cap. XXVIII. Das Verbum in der Declination
177	Cap. XXIX. Das Substantivum in der Declination
183	Cap. XXX. Das Adjectivum in der Declination
189	Cap. XXXI. Das Pronomen in der Declination
195	Cap. XXXII. Das Particivium in der Declination
201	Cap. XXXIII. Das Infinitivum in der Declination
207	Cap. XXXIV. Das Imperativum in der Declination
213	Cap. XXXV. Das Interjectionum in der Declination
219	Cap. XXXVI. Das Verbum in der Declination
225	Cap. XXXVII. Das Substantivum in der Declination
231	Cap. XXXVIII. Das Adjectivum in der Declination
237	Cap. XXXIX. Das Pronomen in der Declination
243	Cap. XL. Das Particivium in der Declination
249	Cap. XLI. Das Infinitivum in der Declination
255	Cap. XLII. Das Imperativum in der Declination
261	Cap. XLIII. Das Interjectionum in der Declination
267	Cap. XLIV. Das Verbum in der Declination
273	Cap. XLV. Das Substantivum in der Declination
279	Cap. XLVI. Das Adjectivum in der Declination
285	Cap. XLVII. Das Pronomen in der Declination
291	Cap. XLVIII. Das Particivium in der Declination
297	Cap. XLIX. Das Infinitivum in der Declination
303	Cap. L. Das Imperativum in der Declination
309	Cap. LI. Das Interjectionum in der Declination
315	Cap. LII. Das Verbum in der Declination
321	Cap. LIII. Das Substantivum in der Declination
327	Cap. LIV. Das Adjectivum in der Declination
333	Cap. LV. Das Pronomen in der Declination
339	Cap. LVI. Das Particivium in der Declination
345	Cap. LVII. Das Infinitivum in der Declination
351	Cap. LVIII. Das Imperativum in der Declination
357	Cap. LIX. Das Interjectionum in der Declination
363	Cap. LX. Das Verbum in der Declination
369	Cap. LXI. Das Substantivum in der Declination
375	Cap. LXII. Das Adjectivum in der Declination
381	Cap. LXIII. Das Pronomen in der Declination
387	Cap. LXIV. Das Particivium in der Declination
393	Cap. LXV. Das Infinitivum in der Declination
399	Cap. LXVI. Das Imperativum in der Declination
405	Cap. LXVII. Das Interjectionum in der Declination
411	Cap. LXVIII. Das Verbum in der Declination
417	Cap. LXIX. Das Substantivum in der Declination
423	Cap. LXX. Das Adjectivum in der Declination
429	Cap. LXXI. Das Pronomen in der Declination
435	Cap. LXXII. Das Particivium in der Declination
441	Cap. LXXIII. Das Infinitivum in der Declination
447	Cap. LXXIV. Das Imperativum in der Declination
453	Cap. LXXV. Das Interjectionum in der Declination
459	Cap. LXXVI. Das Verbum in der Declination
465	Cap. LXXVII. Das Substantivum in der Declination
471	Cap. LXXVIII. Das Adjectivum in der Declination
477	Cap. LXXIX. Das Pronomen in der Declination
483	Cap. LXXX. Das Particivium in der Declination
489	Cap. LXXXI. Das Infinitivum in der Declination
495	Cap. LXXXII. Das Imperativum in der Declination
501	Cap. LXXXIII. Das Interjectionum in der Declination
507	Cap. LXXXIV. Das Verbum in der Declination
513	Cap. LXXXV. Das Substantivum in der Declination
519	Cap. LXXXVI. Das Adjectivum in der Declination
525	Cap. LXXXVII. Das Pronomen in der Declination
531	Cap. LXXXVIII. Das Particivium in der Declination
537	Cap. LXXXIX. Das Infinitivum in der Declination
543	Cap. LXXXX. Das Imperativum in der Declination
549	Cap. LXXXXI. Das Interjectionum in der Declination
555	Cap. LXXXXII. Das Verbum in der Declination
561	Cap. LXXXXIII. Das Substantivum in der Declination
567	Cap. LXXXXIV. Das Adjectivum in der Declination
573	Cap. LXXXXV. Das Pronomen in der Declination
579	Cap. LXXXXVI. Das Particivium in der Declination
585	Cap. LXXXXVII. Das Infinitivum in der Declination
591	Cap. LXXXXVIII. Das Imperativum in der Declination
597	Cap. LXXXXIX. Das Interjectionum in der Declination
603	Cap. LXXXXX. Das Verbum in der Declination
609	Cap. LXXXXXI. Das Substantivum in der Declination
615	Cap. LXXXXXII. Das Adjectivum in der Declination
621	Cap. LXXXXXIII. Das Pronomen in der Declination
627	Cap. LXXXXXIV. Das Particivium in der Declination
633	Cap. LXXXXXV. Das Infinitivum in der Declination
639	Cap. LXXXXXVI. Das Imperativum in der Declination
645	Cap. LXXXXXVII. Das Interjectionum in der Declination
651	Cap. LXXXXXVIII. Das Verbum in der Declination
657	Cap. LXXXXXIX. Das Substantivum in der Declination
663	Cap. LXXXXXX. Das Adjectivum in der Declination
669	Cap. LXXXXXXI. Das Pronomen in der Declination
675	Cap. LXXXXXXII. Das Particivium in der Declination
681	Cap. LXXXXXXIII. Das Infinitivum in der Declination
687	Cap. LXXXXXXIV. Das Imperativum in der Declination
693	Cap. LXXXXXXV. Das Interjectionum in der Declination
699	Cap. LXXXXXXVI. Das Verbum in der Declination
705	Cap. LXXXXXXVII. Das Substantivum in der Declination
711	Cap. LXXXXXXVIII. Das Adjectivum in der Declination
717	Cap. LXXXXXXIX. Das Pronomen in der Declination
723	Cap. LXXXXXXX. Das Particivium in der Declination
729	Cap. LXXXXXXXI. Das Infinitivum in der Declination
735	Cap. LXXXXXXXII. Das Imperativum in der Declination
741	Cap. LXXXXXXXIII. Das Interjectionum in der Declination
747	Cap. LXXXXXXXIV. Das Verbum in der Declination
753	Cap. LXXXXXXXV. Das Substantivum in der Declination
759	Cap. LXXXXXXXVI. Das Adjectivum in der Declination
765	Cap. LXXXXXXXVII. Das Pronomen in der Declination
771	Cap. LXXXXXXXVIII. Das Particivium in der Declination
777	Cap. LXXXXXXXIX. Das Infinitivum in der Declination
783	Cap. LXXXXXXXX. Das Imperativum in der Declination
789	Cap. LXXXXXXXXI. Das Interjectionum in der Declination
795	Cap. LXXXXXXXII. Das Verbum in der Declination
801	Cap. LXXXXXXXIII. Das Substantivum in der Declination
807	Cap. LXXXXXXXIV. Das Adjectivum in der Declination
813	Cap. LXXXXXXXV. Das Pronomen in der Declination
819	Cap. LXXXXXXXVI. Das Particivium in der Declination
825	Cap. LXXXXXXXVII. Das Infinitivum in der Declination
831	Cap. LXXXXXXXVIII. Das Imperativum in der Declination
837	Cap. LXXXXXXXIX. Das Interjectionum in der Declination
843	Cap. LXXXXXXXX. Das Verbum in der Declination
849	Cap. LXXXXXXXXI. Das Substantivum in der Declination
855	Cap. LXXXXXXXII. Das Adjectivum in der Declination
861	Cap. LXXXXXXXIII. Das Pronomen in der Declination
867	Cap. LXXXXXXXIV. Das Particivium in der Declination
873	Cap. LXXXXXXXV. Das Infinitivum in der Declination
879	Cap. LXXXXXXXVI. Das Imperativum in der Declination
885	Cap. LXXXXXXXVII. Das Interjectionum in der Declination
891	Cap. LXXXXXXXVIII. Das Verbum in der Declination
897	Cap. LXXXXXXXIX. Das Substantivum in der Declination
903	Cap. LXXXXXXXX. Das Adjectivum in der Declination
909	Cap. LXXXXXXXXI. Das Pronomen in der Declination
915	Cap. LXXXXXXXII. Das Particivium in der Declination
921	Cap. LXXXXXXXIII. Das Infinitivum in der Declination
927	Cap. LXXXXXXXIV. Das Imperativum in der Declination
933	Cap. LXXXXXXXV. Das Interjectionum in der Declination
939	Cap. LXXXXXXXVI. Das Verbum in der Declination
945	Cap. LXXXXXXXVII. Das Substantivum in der Declination
951	Cap. LXXXXXXXVIII. Das Adjectivum in der Declination
957	Cap. LXXXXXXXIX. Das Pronomen in der Declination
963	Cap. LXXXXXXXX. Das Particivium in der Declination
969	Cap. LXXXXXXXXI. Das Infinitivum in der Declination
975	Cap. LXXXXXXXII. Das Imperativum in der Declination
981	Cap. LXXXXXXXIII. Das Interjectionum in der Declination
987	Cap. LXXXXXXXIV. Das Verbum in der Declination
993	Cap. LXXXXXXXV. Das Substantivum in der Declination
999	Cap. LXXXXXXXVI. Das Adjectivum in der Declination

